UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

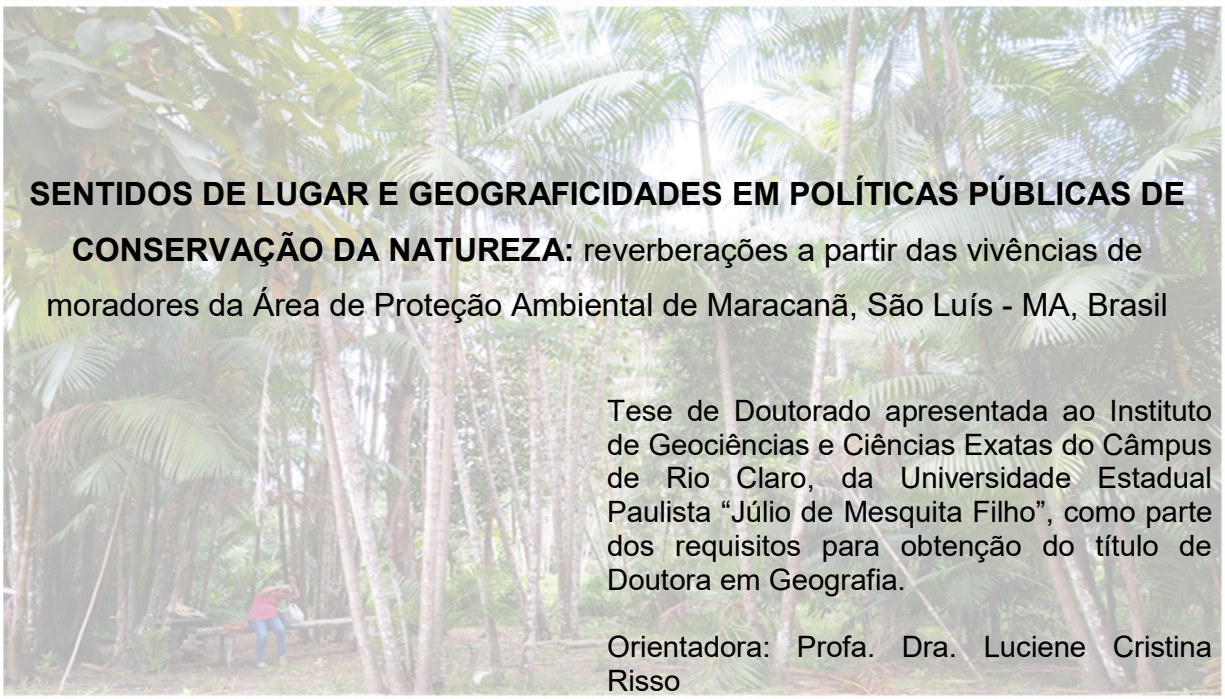
SENTIDOS DE LUGAR E GEOGRAFICIDADES EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA: reverberações a partir das vivências de moradores da Área de Proteção Ambiental de Maracanã, São Luís - MA, Brasil

FABIANA PEREIRA CORREIA

Rio Claro - SP
2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

FABIANA PEREIRA CORREIA



SENTIDOS DE LUGAR E GEOGRAFICIDADES EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA: reverberações a partir das vivências de moradores da Área de Proteção Ambiental de Maracanã, São Luís - MA, Brasil

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Luciene Cristina Risso



Rio Claro - SP
2020

C824

Correia, Fabiana Pereira
Sentidos de lugar e geograficidades em políticas públicas de conservação da natureza : reverberações a partir das vivências de moradores da Área de Proteção Ambiental de Maracanã, São Luís - MA, Brasil / Fabiana Pereira Correia. -- Rio Claro, 2020
311 p. : il., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro
Orientadora: Luciene Cristina Risso

1. Lugar. 2. Geograficidades. 3. Políticas públicas. 4. APA de Maracanã. 5. São Luís - MA. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

FABIANA PEREIRA CORREIA

SENTIDOS DE LUGAR E GEOGRAFICIDADES EM POLÍTICAS PÚBLICAS DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA: reverberações a partir das vivências de moradores da Área de Proteção Ambiental de Maracanã, São Luís - MA, Brasil

Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Câmpus de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Luciene Cristina Risso

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciene Cristina Risso (UNESP)

Profa. Dra. Zulimar Márita Ribeiro Rodrigues (UFMA)

Prof. Dr. Antonio Cordeiro Feitosa (UFMA)

Prof. Dr. Eduardo José Marandola Júnior (UNICAMP)

Profa. Dra. Jeani Delgado Paschoal Moura (UEL)

Conceito: Aprovada.

Rio Claro - SP, 21 de outubro de 2020.

Dedico esta tese aos seres que animam o
espírito de Maracanã.

AGRADECIMENTOS

Convicta de que a realização desta tese jamais seria possível sem auxílio, colaboração e apoio de diversos seres, expresso minha gratidão. Agradeço sobretudo à Santíssima Trindade, às divindades e às forças que delas emanam, fontes de vida, sabedoria, inspiração, proteção e coragem. Delas se nutrem e se fortalecem minhas lutas por transformação positiva da realidade. Agradeço às santidades de minha devoção, especialmente Santa Maria, Santa Clara, São Francisco de Assis, São Benedito e São João.

Gratidão aos orixás, às entidades e aos seres da encantaria das matas, em especial àqueles que protegem a natureza de Maracanã, na figura de Seu Manezinho Légua Boji Buá, encantado do Palácio de Encantaria de José Tupinambá, vinculado à Casa Remanescente da Luz. Gratidão à Ordem Franciscana Secular (OFS)/ Fraternidade Nossa Senhora da Conceição do Anil.

À minha esposa, Rachel Lages, pelo amor, cuidado, respeito, pela dedicação, pelo esforço da compreensão. Obrigada por suportar os desafios do cotidiano ao meu lado, por me apoiar. Obrigada por compartilhar a vida comigo e me ensinar a ser uma pessoa melhor. Sem sua ajuda com certeza o processo de doutoramento teria sido mais difícil. Ao nosso filhote Murilo Valente Pereira Lages, felino cuja excelente companhia ajudou a aliviar tensões do processo de doutoramento. À família Lages, especialmente à matriarca Ignez Lages (*in memoriam*), Maria Filomena Lages, Igor Leonardo Lages, Arlene Lages, Pedro Gilberto Lages, Luis Gustavo Lages e Carlos Eduardo Lages.

À minha mãe, Fátima Pereira Correia, e às minhas irmãs, Adriana Pereira Correia e Patrícia Pereira Correia, pelo carinho. Às minhas sobrinhas Luna Silva e Eloá Braga – nascidas à época em que eu me dedicava quase exclusivamente às atividades do doutorado –, por amenizarem as durezas da vida com a alegria de seus sorrisos e o brilho de seus olhares.

Agradeço a todas as pessoas que gentilmente me ajudaram a concluir essa etapa de estudos. E não foram poucas! Agradeço à sociedade brasileira, haja vista que minha formação acadêmica ocorrera integralmente em instituições públicas de ensino: Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Universidade Estadual do

Maranhão (UEMA) e Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP).

À minha orientadora, Profa. Dra. Luciene Cristina Risso, pela aceitação em me orientar e pela relação de confiança e respeito que nos vinculou desde o princípio. Aos membros da banca, por aceitarem compô-la e pelas contribuições ao aprimoramento da tese.

À Flávia Maria do Nascimento de Sá, pelo apoio constante, pela amizade, pelo acolhimento, pela alegria, gentileza e disponibilidade, por acreditar na capacidade transformadora do conhecimento. Ao seu esposo, o sacerdote espiritual Fábio Marlos Goes de Sá – líder da Casa Remanescente da Luz –, sobretudo pelo acolhimento, partilha de conhecimento e permissão do acesso às atividades do centro umbandista.

À Odelina Lima Ferraz e sua irmã, Raimunda da Silva Ferraz Neta, por não pouparem esforços na tarefa de me ajudar a conhecer parte significativa da realidade de Maracanã. À Maria Carminda Arruda Guimarães, que desde os tempos de mestrado tem se colocado à disposição para colaborar com as pesquisas.

Às conselheiras e aos conselheiros do Conselho Consultivo da APA de Maracanã (CONAM), com quem aprendi muito sobre gestão participativa de territórios protegidos. Ao corpo técnico da Superintendência de Biodiversidade e Áreas Protegidas (SBAP) da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais do Maranhão (SEMA). À Rafaela Brito, Supervisora de Gestão de Unidades de Conservação à época em que comecei a participar das reuniões do conselho, pelo apoio e gentileza nos momentos em que precisei resolver assuntos relacionados à gestão da Área de Proteção Ambiental (APA) de Maracanã.

Sou extremamente grata às pessoas que prestaram auxílio na execução de procedimentos da pesquisa nas comunidades: Joidinaldo dos Prazeres Ferreira, Daylon Silva Sousa, Iraelson Ferreira, Elenilde Antonia Costa, Marlene Jansen Pereira, Zeneide Algarves Gonçalves, Andrelina da Paixão Serra Paiva, Matilde das Neves do Nascimento Mendes, Joana da Silva Bernardes (*in memoriam*), Ivanete Baldez de Castro, Malvino José de Alencar Maia (*in memoriam*), Conceição de Maria das Chagas Neves, Rute Regina das Chagas Neves, Antonio José Pinheiro Baldez, Raimundo Nonato Teixeira, Johnatan Oliveira, Adriano Silva Algarves, Rosa Maria

Pereira, João Batista Teixeira, José Eduardo Freitas de Oliveira, Ailton de Jesus Aguiar.

Agradeço ao apoio de dirigentes e membros das seguintes instituições localizadas nas comunidades: Casa Remanescente da Luz, Garagem Eventos da Ferraz, União de Moradores do Bairro Alegria Maracanã, Centro Educacional “Sagrados Corações” (CESCO), Associação dos Veteranos de Alegria Maracanã (AVAMA), Centro Comunitário Rio Grande, Reis das Nuvens, Reis da Sempre Viva, Reis do Alecrim, Associação Recreativa e Beneficente Folclórica e Cultural de Maracanã (Bumba-meu-Boi de Maracanã), Associação Comunitária Maracanã Turismo (ACOMTUR), LL Eventos, Associação dos Amigos do Parque da Juçara (AAPJ).

Aos companheiros de vida e de profissão: Sérgio Lopes Serra, Luiz Jorge Dias e Ulisses Denache Vieira Souza. Ao amigo Edivan Silva Almeida Júnior, companheiro da época do mestrado. À Laiane Rabelo, amiga do tempo da graduação. Obrigada por sempre me encorajarem a prosseguir nos estudos, acreditarem no meu potencial e prestarem apoio nos momentos que precisei.

Às instituições que fomentaram ou apoiaram a pesquisa: Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA), UFMA, UNESP, SEMA, CONAM. Agradeço à comunidade acadêmica do Câmpus VII da UFMA (Codó), especialmente ao Colegiado do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas e aos meus alunos, dentre os quais Alexsandra Morais Ideriba Correia e Lindson de Sousa da Silva. À Dona Zenir, cuja ternura se expressa nos sabores da cantina da UFMA/ Codó. À família Miranda, de Codó, especialmente à Dona Raimunda, encarnação do acolhimento, do cuidado, da partilha, enfim, do amor.

Ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPA), em especial ao Prof. Dr. Antonio Cordeiro Feitosa, à Profa. Dra. Zulimar Márita Ribeiro Rodrigues, à Raissa Santos, Nayane Carneiro e Igor de Luccas Santos. Devo às experiências vivenciadas no NEPA o impulso para prosseguir na carreira acadêmica e parte da inspiração para enveredar pelos caminhos que me direcionaram ao exercício da docência no ensino superior.

Às pessoas que facilitaram o processo de adaptação em Rio Claro - SP durante o ano 2017, período que precisei residir no lugar por ocasião do cumprimento dos créditos em disciplinas do doutorado: Prof. Dr. Diego Corrêa Maia, Luzia Tereza Pachiano, Vanessa Farias da Silva, Letícia de Quadros, Débora Lopes Francisco, Débora Ferreira e Yume Kikuda Silveira. À Juliana Serzedello, psicóloga que ajudou minha esposa a lidar com as tensões decorrentes da saudade da família e do nosso lugar.

Às professoras e aos professores que colaboraram com minha formação no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia, na pessoa do Prof. Dr. José Gilberto de Souza, coordenador do programa à época em que ingressei (primeiro semestre de 2017). Às mestras e aos mestres que colaboraram com minha formação no contexto do Programa de Pós-Graduação em Educação, na pessoa da Profa. Dra. Rosa Maria Feitero Cavalari. A todas as pessoas que trabalham na UNESP de Rio Claro, por sua valiosa contribuição à manutenção do funcionamento da universidade.

Voa Maracanã, pelas mangueiras, pelos buritizais
Cantinho do céu que Rosa Mochel se encantou
Joia rara da nação, juçara da minha cor
Canta Humberto, desperta teu amanhã
Que hoje é o tempo certo de se ouvir Maracanã.
(Luis Bulcão/ Companhia Barrica)

RESUMO

Esta tese resulta de pesquisa qualitativa cujo foco incidiu sobre dois fenômenos basilares da Geografia Humanista Cultural: sentidos de lugar e geograficidades. Argumenta-se sobre a relevância de ambos no contexto de políticas públicas de conservação da natureza, partindo da realidade da Área de Proteção Ambiental (APA) de Maracanã. A abordagem justifica-se sobretudo pela contribuição à redução da lacuna científica gerada pela desconsideração de aspectos humanistas geográficos na gestão ambiental. O principal objetivo foi apreender os fenômenos para que reverberem enquanto possibilidades de fortalecimento da gestão participativa de territórios protegidos, o que foi alcançado por meio da fenomenologia e de procedimentos como realização de entrevistas semiestruturadas, participação em eventos comunitários e em reuniões do conselho consultivo da APA, bem como da realização de workshop baseado em cartografias não convencionais. Os resultados sustentam a tese de que sentidos de lugar e geograficidades são fundamentais à condução de políticas públicas direcionadas à conservação da natureza. Portanto foi possível concluir que desvendar sentidos de lugar como o de qualidade ambiental e o de devastação, bem como sentimentos inerentes aos elos intrínsecos entre quem vive na APA e seus lugares, representa valiosa contribuição à gestão pública de territórios protegidos e à ampliação dos horizontes da Geografia, sobretudo de sua vertente humanista cultural.

Palavras-chave: Lugar. Geograficidades. Políticas públicas. APA de Maracanã. São Luís - MA.

ABSTRACT

This thesis is the result of qualitative research whose focus concerned two pivotal phenomena of Humanistic Cultural Geography: senses of place and geograficities. It is argued that both are relevant in the context of public policy of environmental conservation which stems from the reality of the Environmental Protection Area (APA) of Maracanã. This approach is justified predominantly by the contribution of reducing the scientific gap produced by the disregard of the humanistic aspects of geography on environmental management. The main goal was to apprehend the phenomena in order to reverberate as possibilities of strengthening the participative management of protected territories, which was reached through phenomenology and procedures such as, the conduct of semi-structured interviews, the participation in community events and APA's council meetings, as well as holding a workshop based on non-conventional cartographies. The results support the proposition that the senses of place and geograficities are fundamental to the conduct of public policies directed to the conservation of nature. Therefore it was possible to conclude that unraveling the senses of place such as the environmental quality and devastation, as well as the inherent feelings to the intrinsic link between those who live on APA and their places, represents valuable contribution to public management of protected territories and to the widening of the horizons of Geography, especially of its humanistic cultural branch.

Keywords: Place. Geograficities. Public Policies. APA of Maracanã. São Luís- MA.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 01 – Realização de procedimentos do *Workshop Sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã* 44

Figura 02 – Batizado do Bumba-meu-Boi de Maracanã (temporada junina 2018), na comunidade Maracanã. (A) Altar da celebração; (B) Bênção da fogueira; (C) Aquecimento dos pandeirões 95

Figura 03 – Significados atribuídos aos símbolos no primeiro dia do workshop (11/01/2020) 259

Figura 04 – Significados atribuídos aos símbolos no segundo dia do workshop (25/01/2020) 265

Figura 05 – Significados atribuídos aos símbolos no terceiro dia do workshop (08/02/2020) 270

FOTOGRAFIAS

Fotografia 01 – Camiseta do workshop 42

Fotografia 02 – Participantes do *Workshop Sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã* (11/01/2020) 45

Fotografia 03 – Participantes do *Workshop Sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã* (25/01/2020) 46

Fotografia 04 – Participantes do *Workshop Sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã* (08/02/2020) 46

Fotografia 05 – Pássaros Maracanã 64

Fotografia 06 – Festejo de Santos Reis na comunidade Alegria (ano 2018) 86

Fotografia 07 – Festejo de Santos Reis na comunidade Alegria (ano 2019) 88

Fotografia 08 – Cortejo de Reis Pobre do Ambude, na comunidade Alegria (ano 2020) 90

Fotografia 09 – Apresentação do Bumba-meu-Boi de Maracanã (temporada 2019) 92

Fotografia 10 – Mestre Humberto de Maracanã 93

Fotografia 11 – Dimensão religiosa do Bumba-meu-Boi de Maracanã (temporada 2018) 97

Fotografia 12 – Largo de São Sebastião ornamentado para a temporada junina (2018) 98

Fotografia 13 – Visita ao barracão do Bumba-meu-Boi de Maracanã (23/03/2019) 100

Fotografia 14 – Ladainha de encerramento do mês mariano na comunidade Alegria 101

Fotografia 15 – Festa umbandista em homenagem ao encantado Manezinho 106

Légua Boji Buá, na Casa Remanescente da Luz, comunidade Alegria

Fotografia 16 – Festa em homenagem à encantada Chica Baiana, na Casa Remanescente da Luz, comunidade Alegria 108

Fotografia 17 – Ação social na Casa Remanescente da Luz, comunidade Alegria 109

Fotografia 18 – Festa em homenagem à encantada Maria Padilha, na Casa Remanescente da Luz, comunidade Alegria 110

Fotografia 19 – Entrada do Parque da Juçara durante a 49ª Festa da Juçara 112

Fotografia 20 – Rosa Mochel Martins 113

Fotografia 21 – Casa de Rosa Mochel em ruínas (ano 2019) 115

Fotografia 22 – Altar em homenagem a São Benedito, no contexto do tradicional Tambor de Crioula organizado por Dona Matilde Mendes no sítio Reis das Nuvens 119

Fotografia 23 – Presépio de Dona Elenilde Costa (comunidade Maracanã) 122

Fotografia 24 – Detalhes do presépio de Dona Enilde Costa (comunidade Vila Sarney) 122

Fotografia 25 – Presépio de Dona Matilde Mendes (comunidade Alegria) 123

Fotografia 26 – Detalhes do presépio de Dona Matilde Mendes (comunidade Alegria) 123

Fotografia 27 – 17ª Queimação de Palhinhas do presépio da família Ferraz (edição 2019) 125

Fotografia 28 – Reforço da segurança em propriedade localizada na comunidade Alegria 158

Fotografia 29 – Juçaral em processo de degradação ambiental na comunidade Alegria 162

Fotografia 30 – Placa indicadora do restaurante Delícias do Brejo 164

Fotografia 31 – Degustação de juçara na barraca Chapa Quente (49ª edição da Festa da Juçara) 166

Fotografia 32 – Reunião do CONAM no Parque da Juçara 167

Fotografia 33 – Presépio de Dona Maria Ferraz (comunidade Alegria) 170

Fotografia 34 – Nascentes do rio Ambude soterradas por sedimentos provenientes das obras de construção de empreendimentos imobiliários vinculados ao programa MCMV 177

Fotografia 35 – Juçaral soterrado por sedimentos provenientes das obras de construção dos empreendimentos imobiliários vinculados ao programa MCMV 179

Fotografia 36 – Apresentação do Bumba-meu-Boi de Maracanã 188

Fotografia 37 – Anúncio da venda de juçara no Maracanã 189

Fotografia 38 – Vegetação indicadora da presença de brejo na paisagem da entrada do Maracanã 190

Fotografia 39 – Reforço da segurança em casas e sítios do Maracanã por meio de muros e grades 193
Fotografia 40 – Fachada do Barracão do Bumba-meu-Boi de Maracanã, com destaque para a placa de informação turística 197
Fotografia 41 – Largo da Igreja de Santo Antonio adornado com o mastro do festejo de São Benedito 199
Fotografia 42 – Fachada do Barracão do Reis do Alecrim, com destaque para o estandarte do festejo 200
Fotografia 43 – Entrada do Viva Maracanã 201
Fotografia 44 – Ambiente de brejo no Maracanã 202
Fotografia 45 – Paisagem da Vila Sarney 213
Fotografia 46 – Paisagem do sítio de Seu Ivan Souza, na Vila Sarney 216
Fotografia 47 – Juçaral na comunidade Vila Sarney 218
Fotografia 48 – Paisagem dos buritizais em Rio Grande 225
Fotografia 49 – Paisagem agrícola no Assentamento Rio Grande 227
Fotografia 50 – Paisagem agropecuária no Assentamento Rio Grande 228

GRÁFICOS

Gráfico 01 – Naturalidade das pessoas entrevistadas na comunidade Alegria 130
Gráfico 02 – Profissão ou ocupação das pessoas entrevistadas na comunidade Alegria 131
Gráfico 03 – Renda familiar mensal das pessoas entrevistadas na comunidade Alegria 132
Gráfico 04 – Principal fonte de renda familiar das pessoas entrevistadas na comunidade Alegria 132
Gráfico 05 – Profissão ou ocupação das pessoas entrevistadas na comunidade Maracanã 134
Gráfico 06 – Renda familiar mensal das pessoas entrevistadas na comunidade Maracanã 134
Gráfico 07 – Principal fonte de renda familiar das pessoas entrevistadas na comunidade Maracanã 135
Gráfico 08 – Profissão ou ocupação das pessoas entrevistadas na comunidade Vila Sarney 136
Gráfico 09 – Renda familiar mensal das pessoas entrevistadas na comunidade Vila Sarney 136
Gráfico 10 – Motivos da mudança para a comunidade Rio Grande 137
Gráfico 11 – Profissão ou ocupação das pessoas entrevistadas na comunidade Rio Grande 138
Gráfico 12 – Renda familiar mensal das pessoas entrevistadas na comunidade Rio Grande 138

MAPAS

Mapa 01 – Localização da APA de Maracanã em relação à Ilha do Maranhão 62

Mapa 02 – Localização de lugares situados na APA de Maracanã 68

Mapa 03 – Ambiente de Maracanã. Autor: Joidinaldo dos Prazeres Ferreira 273

Mapa 04 – Maracanã: berço de cultura e riquezas naturais. Autora: Raimunda da Silva Ferraz Neta 274

QUADROS

Quadro 01 – Versão de Mestre Humberto de Maracanã para a origem do Bumba-meu-Boi 94

Quadro 02 – Frutas citadas nas entrevistas (comunidade Alegria) 160

Quadro 03 – Matriz de significados atribuídos aos símbolos no primeiro dia do workshop (11/01/2020) 255

Quadro 04 – Matriz de significados atribuídos aos símbolos no segundo dia do workshop (25/01/2020) 260

Quadro 05 – Matriz de significados atribuídos aos símbolos no terceiro dia do workshop (08/02/2020) 266

LISTA DE SIGLAS

AAPJ – Associação dos Amigos do Parque da Juçara

ACOMTUR – Associação Comunitária Maracanã Turismo

AGEM – Agência Executiva Metropolitana

APA – Área de Proteção Ambiental

AVAMA – Associação dos Veteranos de Alegria Maracanã

CAEMA – Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDB – Convenção sobre Diversidade Biológica

CESCO – Centro Educacional “Sagrados Corações”

CF/ 1988 – Constituição Federal de 1988

CNUC – Cadastro Nacional de Unidades de Conservação

CONAM – Conselho Consultivo da APA de Maracanã

EPI – Equipamento de Proteção Individual

ETE – Estação de Tratamento de Esgoto

FEUC – Fundo Estadual de Unidades de Conservação

GED – Gerenciador Eletrônico de Documentos

GEPEPE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Edafologia e Pedologia

GPEAMA – Grupo de Pesquisa em Educação Ambiental em Unidades de Conservação

GPS – *Global Position Systems*

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IEMA – Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

IFMA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

INCID – Instituto da Cidade, Pesquisa e Planejamento Urbano e Rural

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

ITERMA – Instituto de Colonização e Terras do Maranhão

IUCN – *International Union for Conservation of Nature*

MARATUR – Empresa Maranhense de Turismo

MCMV – Minha Casa Minha Vida

METT – *Management Effectiveness Tracking Tool*

NEPA – Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais

OLACEFS – Organização Latino-Americana e do Caribe de Entidades Fiscalizadoras Superiores

ONU – Organização das Nações Unidas

PEA – Projeto Estadual de Assentamento

PE – Parque Estadual

RAPPAM – *Rapid Assessment and Prioritization of Protected Areas*

Rio-92 – Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento

SEINC – Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Energia

SEMA – Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Recursos Naturais do Maranhão

SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza

TCU – Tribunal de Contas da União

UC – Unidade de Conservação

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

US – Uso Sustentável

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	21
2	**ENTREOLHARES: descobrindo caminhos para começar a trilhar**	32
2.1	**O limiar de um geografar fenomenológico**	32
2.2	**Em busca de galhos fortes e raízes profundas**	41
3	**ENTRANDO NA TRILHA: o encontro com sentidos de lugar, geograficidades e Maracanã**	47
3.1	**Na trama das geografias, a emergência do lugar enquanto ente fenomenológico**	48
3.2	**Sentidos de lugar: impressões e expressões do ser no mundo vivido**	51
3.3	**Geograficidades, relações essenciais entre humanos e realidades geográficas**	54
3.4	**Sentido político de lugar, campo fértil à gestão de territórios protegidos?**	57
3.5	**Natureza geográfica de Maracanã**	61
3.6	**Panorama da gestão ambiental em Maracanã**	73
4	**NO ATALHO DAS TRADIÇÕES, FESTAS E DEVOÇÕES: o encantar-se com sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã**	84
4.1	**Festejo de Santos Reis, sinal de que o ano começou em Maracanã**	85
4.2	**Bumba-meu-Boi de Maracanã, (en)cantos do terreiro ao altar**	91
4.3	**Ladainhas de maio, faces da devoção maracanaense à Santa Maria**	101
4.4	**Umbanda, uma face do sagrado em Maracanã**	104
4.5	**Festa da Juçara, legado de uma Rosa chamada Mochel**	112
4.6	**Tambor de Crioula, a alegria de saudar São Benedito em Maracanã**	118
4.7	**Presépios e Queimação de Palhinhas, esperança por um ano abençoado pelo Menino Jesus**	121
5	**TRILHANDO: o impregnar-se de sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã**	128

5.1 Caminhando junto: perfil socioeconômico das pessoas entrevistadas 129

5.2 Uma trilha, diversos caminhos: sentidos de lugar e geograficidades maracanaenses 139

5.2.1 Alegria é logo ali! 140

5.2.2 No rumo do Maracanã 185

5.2.3 Aqui é Vila Sarney de Maracanã 211

5.2.4 Uma parada em Rio Grande 224

5.3 Desbravando sentidos de lugar e geograficidades nas entrelinhas da gestão participativa da APA 244

6 FORTALECENDO A TRILHA, PLANTANDO SEMENTES: potencialidades da Cartografia Humanista Cultural na gestão da APA de Maracanã 252

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 276

REFERÊNCIAS 283

APÊNDICES 299

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista aplicada junto a moradores(as) das comunidades 299

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista aplicada junto a conselheiros(as) do CONAM 305

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista aplicada junto à gestora da APA de Maracanã 306

APÊNDICE D – Roteiro da atividade aplicada durante o workshop 307

ANEXO 308

ANEXO A – Cópias das autorizações para realização de pesquisa científica em Unidade de Conservação 308

1 INTRODUÇÃO

Esta tese foi concebida no afã de inquietações e interrogações sobre a inexpressiva consideração de aspectos humanistas geográficos em políticas públicas de conservação da natureza, constatação advinda sobretudo da minha experiência pregressa enquanto técnica ambiental da Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Naturais do Maranhão (SEMA), onde iniciei minha vida profissional. Durante os cinco anos (2013 - 2018) que trabalhei na instituição, estive imersa no universo da gestão das Unidades de Conservação (UC) estaduais, período em que tive oportunidade de conhecer parte da realidade e da conjuntura administrativa desses territórios juridicamente protegidos.

Sem dúvida o trabalho na SEMA, no âmbito da Superintendência de Biodiversidade e Áreas Protegidas (SBAP), foi extremamente positivo para meu amadurecimento profissional e pessoal, porém sempre me inquietou o caráter tecnicista dos processos atinentes à gestão das UCs estaduais. A situação impulsionou a busca de respostas e proposição de alternativas, visto que em minha trajetória laboral, assim como na acadêmica, jamais fui indiferente às implicações do estabelecimento de políticas públicas de conservação da natureza sobre espaços habitados, portanto sobre existências humanas.

À procura de respostas, revisitei textos do geógrafo Yi-Fu Tuan, um dos primeiros humanistas com os quais tive contato praticamente no final da graduação em Geografia Bacharelado, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Lembro que o encontro com aqueles escritos, intermediado pelo Prof. Dr. Antonio Cordeiro Feitosa, tocou profundamente meu espírito, estimulando minha sensibilidade e aguçando minha curiosidade. A partir de Tuan fui descobrindo o campo fértil da Geografia Humanista Cultural, o que ampliou meu olhar sobre questões ambientais.

A problemática da gestão das UCs estaduais do Maranhão – marcada por uma série de entraves à efetividade, como o quadro reduzido de pessoal, a baixa capacidade técnico-operacional e a descontinuidade de programas exitosos devido a artimanhas politiqueiras – articulada ao meu interesse por

estudos de Geografia Humanista Cultural engendrou o desejo de apontar caminhos para a ampliação dos horizontes de políticas públicas de conservação da natureza, tendo em vista a relevância das relações viscerais entre as pessoas e os lugares onde vivem (geograficidades), essências geográficas existenciais.

Políticas públicas ambientais integram o conjunto de ações governamentais concebidas enquanto mecanismos direcionados à resolução de problemas cujos fundamentos se encontram no âmago da crise socioambiental. Trata-se de políticas cujas origens evocam lutas empreendidas por movimentos sociais ambientalistas em diversos lugares do planeta.

Radicalmente vinculada a modos humanos de existência, a crise mencionada pode ser entendida como consequência de visões de mundo, valores e atitudes nocivas à manutenção da vida na Terra. Sob esse viés, é possível enxergar potencialidades da Geografia Humanista Cultural no que se refere à produção de conhecimentos relevantes à urgente necessidade de combater as causas e encontrar soluções para as gravíssimas consequências ambientais e sociais da problemática.

Na história das políticas ambientais destaca-se que a partir de discussões e deliberações de eventos internacionais como os promovidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), presidentes de várias nações assinaram acordos cujos principais objetivos são orientados para a instituição de políticas públicas voltadas à criação e gestão de territórios protegidos. Ao instituírem tais políticas, os governos assumem o compromisso de assegurar meios para que a apropriação e utilização dos elementos presentes nesses territórios estejam em conformidade com instrumentos jurídicos alicerçados em princípios de sustentabilidade socioambiental.

Dentre os compromissos firmados pelos países signatários, destacam-se os atinentes à Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB), um dos acordos vinculados às negociações realizadas durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio-92). Ao aderirem à CDB, os governantes se comprometeram, dentre outros, a destinar parcelas dos territórios nacionais à conservação da natureza, bem como possibilitar o

alcance efetivo dos objetivos previstos nos instrumentos jurídicos que os instituem e regulamentam.

No contexto brasileiro, cujo território é internacionalmente reconhecido pela expressiva variedade de ambientes naturais e pela riqueza em termos de diversidade biológica, fato que lhe confere o *status* de país megadiverso, a CDB foi implementada por meio de legislação específica, caso da lei federal nº 9.985/2000, que regulamentou partes do artigo 225 da Constituição Federal de 1988 (CF/1988) – § 1º, incisos I, II, III e VII – e instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC).

Ao estudar o SNUC, depreende-se que seu ponto-chave diz respeito à criação e gestão de UCs, territórios especialmente protegidos instituídos por ato do poder público, tendo em vista a consecução das metas previstas pela CDB. Apesar dos avanços em relação à administração pública da biodiversidade brasileira, extremamente ameaçada por pressões antrópicas ligadas aos imperativos da economia capitalista de mercado, políticas públicas para conservação da natureza são marcadas por diversos entraves, fatores que dificultam de forma substancial a efetividade da gestão.

Assim, alcançar os objetivos da CDB e de outros acordos internacionais focados na questão ambiental constitui desafio de alta complexidade para os países signatários, situação evidenciada nas conferências que a ONU tem realizado para discutir e avaliar avanços e retrocessos, bem como ampliar possibilidades inerentes às políticas ambientais. Nesse contexto, foi concebida, em 2015, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, onde constam 17 (dezessete) objetivos e suas 169 (cento e sessenta e nove) metas.

Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, se destaca o décimo quinto (ODS 15), diretamente relacionado à conservação da natureza. Nele são descritas 12 (doze) metas voltadas à articulação entre conservação ambiental e subsistência de comunidades, visando integrá-las em políticas públicas desse segmento. O ODS 15 não prevê apenas a destinação de parcelas dos territórios nacionais à conservação, mas a garantia, por parte do poder público, dos meios necessários à consecução efetiva do objetivo e de suas metas.

Sob a óptica dos desafios afetos às políticas públicas em tela, em que pese a gestão de UCs, situa-se a desconsideração da imensão das geograficidades, ou seja, daquilo que Dardel ([1952] 2015) concebe enquanto vínculos existenciais entre o homem e a Terra. No caso da gestão de UCs, grandes dificuldades orbitam em torno dos elos entre as pessoas e os lugares situados nos territórios submetidos à conservação ambiental, haja vista, por exemplo, ser comum a ocorrência de conflitos pelo uso da terra e de outros componentes do espaço geográfico. A desconsideração de geograficidades também possui raízes na falta de bons estudos prévios em processos de delimitação de territórios protegidos.

A complexidade da questão deve-se, nesse contexto, ao fato de tais lugares integrarem, de forma intrínseca, o cotidiano de comunidades, sendo, portanto, partes essenciais da identidade de cada ser humano que vive naquele ente geográfico. Nestes termos, articulações entre lugares e comunidades reportam a sentidos políticos de lugar, já que delas emergem entrelaçamentos amalgamados em coletividades cujas existências jamais poderão ser entendidas sem que sejam considerados aspectos de geografias vividas.

Nesse direcionamento, depreende-se a existência de teias de significados implicadas nas geograficidades, as quais reportam a sentidos de lugar, fenômenos interpretados por Oliveira (2012) enquanto elementos da dimensão simbólica da essência geográfica lugar, ou seja, trata-se dos significados atribuídos pelas pessoas aos lugares com os quais se relacionam.

Assim, apreendendo lugar como eixo estruturante da tese, sentidos de lugar e geograficidades são investigados à luz da Geografia Humanista Cultural enquanto fenômenos humanos extremamente significativos na busca pela efetividade de políticas públicas de conservação da natureza, considerando a realidade da APA de Maracanã, UC instituída pelo estado do Maranhão no início da década de 1990.

A APA em questão foi criada por meio do decreto estadual nº 12.103/1991, considerando-se, entre outros fatores, a relevância de seus atributos culturais, históricos e paisagísticos, bem como a necessidade de conservação dos remanescentes florestais e dos recursos hídricos situados em

Maracanã, elementos extremamente ameaçados por pressões decorrentes de processos de expansão urbana e industrial.

Cumpre notar que as características geográficas da APA são diretamente ligadas ao fato dela se situar em região costeira, influenciada tanto pela dinâmica de rios que fluem sobre seu território, quanto por fatores oceanográficos. Nesse sentido, cabe mencionar que o município de São Luís assenta-se sobre a porção oeste da Ilha do Maranhão[1], feição sedimentar resultante de processos geológico-geomorfológicos diretamente relacionados à configuração do Golfão Maranhense, composto pelas baías de São Marcos e de São José, onde deságuam os principais rios do Maranhão.

Apesar da APA ter sido instituída há vinte e nove anos, marcas de ações humanas predatórias são expressivas no território. Parte significativa dos problemas prejudiciais à qualidade ambiental da UC foi engendrada por expansão urbana desordenada, como pode ser observado em Correia (2012), que chama atenção para situações denotativas de gestão ambiental precária, assim como de mazelas sociais estruturais.

Não se pode negar a relevância ambiental e social de políticas públicas de conservação da natureza, tampouco o imperativo de efetividade da gestão de territórios institucionalizados por meio dessas políticas, entretanto, considerando a realidade da APA de Maracanã, questiona-se:

1) Em políticas públicas de conservação da natureza são considerados aspectos humanistas geográficos das relações existenciais entre as pessoas e os lugares submetidos a regimes especiais de administração?

2) Como conhecimentos de Geografia Humanista Cultural poderiam contribuir para o fortalecimento de processos de planejamento e gestão participativa de territórios protegidos?

3) Quais sentidos de lugar e geograficidades são expressos por meio das vivências de moradores da APA de Maracanã?

4) Na gestão pública da APA de Maracanã são reconhecidos e considerados sentidos de lugar e geograficidades?

[1] Toponímia utilizada por Feitosa (1987) para se referir à ilha onde se localizam os municípios de São Luís, Paço do Lumiar, São José de Ribamar e Raposa.

5) Na APA de Maracanã existem ações do poder público orientadas à valorização e ao fortalecimento de sentidos de lugar e geograficidades positivas que vinculam as pessoas aos lugares onde vivem?

6) Como mobilizar os sentidos de lugar e as geograficidades apreendidas em prol da gestão participativa da APA de Maracanã?

Essas e outras questões integram o âmago da tese, cujas reverberações se movimentam em torno da seguinte pergunta central: se sentidos de lugar e geograficidades são relevantes à condução de políticas públicas de conservação da natureza, como tais aspectos poderiam ser articulados em prol da gestão participativa de territórios protegidos como a APA de Maracanã? Supondo que a Cartografia Humanista Cultural apresente potencialidades significativas em relação a processos participativos de planejamento, execução e avaliação desse tipo de política pública, como mobilizá-las para a consecução de objetivos estabelecidos na legislação que institui e regulamenta territórios protegidos?

Em busca de respostas, parte-se do seguinte argumento: sentidos de lugar e geograficidades são fundamentais à implementação de políticas públicas de conservação da natureza, haja vista envolverem aspectos humanos capazes de revelar fatos e situações relevantes à gestão ambiental participativa. Portanto tais fenômenos representam excelentes indicadores para decisões do poder público no que tange à administração de territórios protegidos.

Na realidade inquietante do mundo contemporâneo – marcada sobretudo por desastres ambientais decorrentes da ganância de elites político-econômicas, pelo predomínio de valores como individualismo, pela exploração extenuante de ambientes e seres humanos em função da reprodução do capital supranacional, pelo culto às tecnologias, pela produtividade obsessiva em busca de lucro a qualquer custo, por desigualdades sociais, preconceitos e discriminações de toda ordem – considera-se fundamental estudar políticas públicas sob a perspectiva da Geografia Humanista Cultural.

Enveredar por esse caminho justifica-se principalmente pela escassa e limitada produção científica de estudos atinentes à articulação entre a referida

vertente da Geografia e a gestão pública de territórios protegidos no Brasil, situação evidenciada tão logo se recorra ao repositório de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Políticas públicas com foco em sustentabilidade socioambiental não devem se restringir à esfera de procedimentos e pesquisas essencialmente técnicas, geralmente fundamentadas em visões fragmentadas da realidade. Nesse sentido, considero que estudos sobre geografias da existência, ancorados na fenomenologia, tendem a fortalecer a gestão de territórios juridicamente destinados à conservação ambiental por atos do poder público. Abordagens como as de Bley (1990), Machado (2011) e Oliveira (2013), por exemplo, ajudam a entender a importância de valores, percepções e sentidos de lugar nas relações entre seres humanos e ambientes.

Existem vários trabalhos científicos sobre conservação da natureza e UCs, entretanto há dificuldade em encontrar abordagens cuja ênfase recaia sobre aspectos referentes à essência geográfica lugar, o que é problemático, visto que as “pessoas têm uma reação emotiva diante dos lugares em que vivem, que percorrem regularmente ou que visitam eventualmente” (CLAVAL, 2010b**,** p. 39). Diante do fato mencionado, depreende-se a profunda ligação entre conservação ambiental e espaço vivido.

Destaca-se a potencialidade da tese em contribuir com o reconhecimento e a valorização de sentidos de lugar e geograficidades enquanto fatores fundamentais a políticas públicas de conservação da natureza, o que constitui fator propositivo e inovador no que tange tanto à gestão da APA de Maracanã quanto à de outros territórios protegidos.

No contexto da indiscutível e urgente necessidade de efetivação de políticas públicas voltadas à conservação ambiental, abordagens como esta podem ser interpretadas como subsídios valiosos a ações do poder público, especialmente às focadas em gestão participativa de territórios protegidos.

Relações que envolvem lugares não podem ser ignoradas quando se busca efetividade de políticas públicas de conservação da natureza. Nesse caso, quando se fala em gestão de UCs como as APAs, é primordial que seja

dada a devida atenção a vínculos intrínsecos entre pessoas e os lugares onde vivem.

Diante da explicitação de que “na extensa literatura sobre qualidade ambiental, relativamente poucas obras tentam compreender o que as pessoas sentem [...] sobre lugar” (TUAN, 2013, p. 15), pesquisas como a que subsidia esta tese tendem a diminuir as carências detectadas por Tuan e suscitar a realização de outros trabalhos de investigação sobre a temática. Na seara do vasto universo de possibilidades, situa-se a dimensão política de lugar, cuja identidade evoca articulações sociais, inclusive conflitos, em torno de questões ambientais.

Apreender a dimensão política de lugar conduz o pensamento a políticas públicas. Giovanni e Nogueira (2015) chamam atenção para o fato de que, em nível nacional, existem importantes experiências institucionalizadas, entretanto o estudo dessas ações pode ser considerado incipiente. Perante essa situação, é possível imaginar que pesquisas sobre políticas públicas de conservação da natureza no Brasil são extremamente pertinentes para suprir parte da carência apontada, sobretudo quando se considera a essência geográfica lugar sob a perspectiva epistemológica adotada.

Abordar a problemática significa contribuir para modificar a situação relatada por WWF-Brasil (2008) ao afirmar que a falta de pesquisa científica representa um dos obstáculos à efetiva proteção da biodiversidade. Destarte, pesquisar sobre políticas públicas mediante orientações da Geografia Humanista Cultural representa excelente oportunidade de ampliar conhecimentos relevantes à consecução de metas pautadas pela urgente necessidade de concretizar aquilo que se concebe enquanto sustentabilidade ambiental da vida em sociedade.

Dentre as motivações para realização da pesquisa, se inclui o fato de que os valores predominantes em nosso tempo são aqueles “que fazem máquinas, *commodities*, movimentos e a habilidade de vender mais importantes que encontros humanos ou do que deixar a natureza ter algum espaço para respirar” (BUTTIMER, 2015, p. 13). Para a autora, valores constituem elementos-chave em qualquer cultura, o que facilita a percepção de que estudos ambientais jamais devem prescindir da consideração de aspectos

vinculados ao domínio desses fenômenos, onde se incluem, por exemplo, crenças, sentimentos, emoções, significados e atitudes.

O desejo de investigar a problemática também parte do fato de que “a geograficidade está, como uma relação com o mundo-vivido e como o mundo-vivido, constantemente sendo obscurecida por conceitos, ideias e explicações” (RELPH, 1979, p. 21). Assim, estudar a APA a partir de geografias vividas significa estender o olhar para um campo fértil, horizonte repleto de possibilidades alicerçadas em experiências profícuas como as de cartografias não convencionais.

Por meio de polissemias do cotidiano, apresento pistas para potencializar elementos de geografias do mundo vivido como pontos-chave no complexo e problemático universo das políticas públicas de conservação da natureza. Ao tecer a trama do texto, tomou forma o desejo de reafirmar o compromisso ético e, por que não, amoroso perante a vivacidade do espírito e do corpo de Maracanã, cuja aura reflete faces do amálgama humanidade-Terra, desvelando relações e sentidos plenos de geograficidades.

Depreende-se que, ao correlacionar a essência geográfica lugar com políticas públicas de conservação da natureza, ampliam-se caminhos teóricos e práticos em relação à gestão participativa de territórios protegidos. Ademais, trata-se de contribuir com o fortalecimento da Geografia Humanista Cultural. Nestes termos, o principal objetivo da investigação que sustenta esta tese foi apreender sentidos de lugar e geograficidades para que reverberem enquanto possibilidades de fortalecimento da gestão participativa de territórios protegidos.

Como desdobramentos do objetivo geral, buscou-se: evidenciar a necessidade de consideração de sentidos de lugar e geograficidades em políticas públicas de conservação da natureza; facilitar interpretações da APA a partir dos sentidos de lugar e das geograficidades apreendidas; subsidiar a elaboração ou atualização de documentos atinentes à gestão da APA, tendo em vista a inclusão de aspectos relacionados a sentidos de lugar e geograficidades; propor ações voltadas ao fortalecimento da gestão participativa da APA a partir dos sentidos de lugar e das geograficidades apreendidas.

Quanto à metodologia, a tese resulta de pesquisa qualitativa filiada à Geografia Humanista Cultural, perspectiva detalhada no item dois. O primeiro subitem (2.1) versa sobre o método, o diálogo valioso entre Geografia e Fenomenologia, bem como sobre os procedimentos metodológicos. O segundo (2.2) é dedicado à explanação sobre concepção, metodologia e execução do workshop realizado durante a pesquisa, cujas bases foram ancoradas em direcionamentos de Cartografia Humanista Cultural. Cumpre notar que os títulos dos itens três a seis representam metáforas alusivas às trilhas de Maracanã, entes de grande valor afetivo e simbólico naquela realidade geográfica.

Frente à necessidade de expandir os horizontes da gestão participativa de territórios protegidos, o item três foi estruturado em seis partes que consistem em apanhado teórico e discussão sobre lugar, sentidos de lugar, geograficidades, sentido político de lugar, natureza geográfica de Maracanã e panorama da gestão ambiental em Maracanã.

Ressalto que no subitem 3.4 chamo atenção, mediante questionamento, para o sentido político de lugar, sugerindo tratar-se de campo fértil ao fortalecimento de políticas públicas de conservação da natureza e à ampliação do potencial da Geografia Humanista Cultural em se posicionar concreta e criticamente perante problemas socioambientais que assolam geografias do mundo vivido.

Tendo em vista a força com que tradições da cultura popular e das religiosidades de Maracanã se expressam, senti necessidade de elaborar item específico sobre esses fenômenos cujo poder simbólico não deve ser ignorado, haja vista sua expressividade em termos de sentidos de lugar e geograficidades. Assim foi concebido o item quatro, onde são reveladas conexões intrínsecas entre tradição, fé, sentidos de lugar, geograficidades e conservação da natureza.

Os demais itens concentram o que arrisco chamar de coração da tese. No item cinco, o foco incide sobre especificidades dos lugares e das pessoas com quem convivi por ocasião da realização de entrevistas, participação em eventos nas comunidades e reuniões do Conselho Consultivo da APA de Maracanã (CONAM). Além de contemplar parte do espírito de Maracanã, o

item inclui considerações sobre a gestão participativa da APA. No texto sobressaem nuances de geografias vividas em quatro comunidades: Alegria, Maracanã, Vila Sarney e Rio Grande.

O item seis possui caráter propositivo, focado em cartografias não convencionais, dentre as quais destaco a Cartografia Humanista Cultural enquanto possibilidade na efetivação de políticas públicas de conservação da natureza encarnadas em lugares.

Por acreditar que esta tese constitui instrumento de transformação da realidade – ainda que esteja em curso violento processo de desmonte do que se conquistou no Brasil em termos de políticas públicas voltadas à gestão ambiental participativa – coloco à disposição da sociedade o que fora produzido ao longo do doutoramento em universidade pública. Espero que as reflexões, os questionamentos, as tensões e proposições reverberem com tanta intensidade e amor quanto os tambores, as ladainhas, as matracas e os pandeirões de Maracanã.

2 ENTREOLHARES: descobrindo caminhos para começar a trilhar

Este item está estruturado em duas partes e concerne aos fundamentos metodológicos da tese. Na primeira parte (subitem 2.1) o foco incide sobre método e procedimentos metodológicos, considerando a articulação profícua entre Fenomenologia e Geografia. O subitem 2.2 versa especificamente sobre a metodologia utilizada na concepção, estruturação e condução dos procedimentos inerentes ao *Workshop Sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã.*

2.1 O limiar de um geografar fenomenológico

No intuito de ampliar os horizontes do conhecimento sobre sentidos de lugar e geograficidades no contexto da gestão pública de territórios protegidos, optou-se por um direcionamento metodológico essencialmente qualitativo, ancorado nos referenciais teóricos da Geografia Humanista Cultural de base fenomenológica. Conduzir a pesquisa sob a perspectiva dessa matriz epistemológica abriu caminhos à percepção ambiental, fenômeno por meio do qual as pessoas vivenciam o mundo, formando a unidade indissociável ser-aí ou ser-mundo. Nesse sentido, Mello (1999) nos ajuda a revelar o alicerce da investigação:

> A geografia humanista, uma alternativa ao cientificismo e ao positivismo, buscando entender os sentimentos e os símbolos humanos, apropriou-se de elementos da noção fenomenológica do mundo vivido (*lebenswelt*) reconsiderando e vestindo à sua maneira os conceitos de espaço e lugar (MELLO, 1999, p. 06).

Ao trilhar por caminhos do mundo vivido, encontramos em Tuan (2012, p. 30) essa noção cara ao universo geográfico humanista, a de percepção. Para o geógrafo sino-americano, trata-se de um estender-se para o mundo. Schiff (1973) sublinha a articulação profícua entre abordagem qualitativa, questões socioambientais e percepção ambiental. À medida que nos lançamos com mais intensidade sobre a trilha, encontramos posicionamentos que nos

ajudam a avançar no desafio que nos propomos, como os de Lowenthal (1982), subsídios à compreensão do significado de percepção essencial do mundo:

> A percepção essencial do mundo, em resumo, abrange toda maneira de olhá-lo: consciente e inconsciente, nublado e distintamente, objetivo e subjetivo, inadvertido e deliberado, literal e esquemático [...]. A própria percepção nunca é pura: sensoriar, pensar, sentir e acreditar são processos simultâneos, interdependentes. Uma visão puramente perceptiva do mundo seria defeituosa e falsa tanto como a baseada somente na lógica, compreensão e ideologia (LOWENTHAL, 1982, p. 123).

Falar em percepção reporta à ideia de intencionalidade, um dos fundamentos da Fenomenologia. Dartigues (2008) ratifica que nessa matriz teórica de bases associadas ao pensamento do filósofo Edmund Husserl, encontram-se ideias de Franz Brentano, para quem os fenômenos psíquicos caracterizam-se por sua intencionalidade e são distintos dos fenômenos físicos, que podem ser percebidos. Por meio da percepção se constitui o conhecimento fundamental sobre esses fenômenos.

Na mesma obra, o autor comenta que intencionalidade ocupa posição central na Fenomenologia, visto que nos ajuda a perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido. Ademais, ela consiste no fundamento da compreensão, sendo seu sentido exemplificado no excerto:

> Não diremos de um geólogo que ele procura compreender uma pedra; sua tarefa será somente a de analisar sua composição e determinar a época de sua formação, investigar sua proveniência etc. Bem diferente será, ao contrário, a atitude de um arqueólogo ao encontrar um sílex lascado da idade paleolítica: o sílex não remete somente às leis físico-químicas e geológicas, como todas as pedras, mas à *intenção* do homem pré-histórico a que servia a ferramenta (DARTIGUES, 2008, p. 48).

Dialogar com Tuan (1979) permite perceber que o estudo de lugar sob a perspectiva da Geografia Humanista Cultural considera os sentimentos e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir do fenômeno experiência. Corrêa (2000) esclarece que abordagens dessa natureza baseiam-se nas filosofias do significado, especialmente na Fenomenologia e no Existencialismo.

Na esteira das geografias existenciais, a referida vertente da Geografia emerge, conforme Mello (1993, p. 32), como uma corrente holística onde são enfocadas questões acerca do ambiente transformado pelo ser humano, além daquelas pertinentes às alegrias, celebrações, amarguras, lutas e lendas. Outrossim, cumpre sublinhar a relevância dessa corrente de pensamento para a inclusão de outros aspectos da coexistência humana sobre a Terra, a exemplo dos valores norteadores das atitudes.

Tuan (1982) deixa claro que abordagens baseadas na vertente humanista da Geografia não negam as perspectivas científicas sobre o homem, mas trabalham sobre elas. Tampouco se nega a materialidade “mas se escolhe compreender, também, a subjetividade presente no espaço” (RISSO, 2014, p. 318). Ao se posicionar sobre o mesmo assunto, Rosendahl (1996, p. 23) é enfática ao lembrar o seguinte: “a crítica à visão reducionista do homem, principalmente após 1970, favoreceu aos geógrafos humanistas a interpretação do sentimento e a compreensão das relações entre os homens e seu mundo”.

No que concerne às influências da Geografia Cultural, bem como às possibilidades de apreensão da realidade, Claval (2010a) enumera três eixos complementares, os quais também nortearam a investigação, quais sejam: sensações/ percepções, comunicação e construção de identidades. Nesse sentido, o autor indica que tais eixos devem ser mobilizados de forma integrada, o que possibilitará a compreensão do papel do indivíduo e das dimensões simbólicas da coletividade em relação aos lugares.

Optar pela Fenomenologia como fundamento metodológico significa assumir a posição de que o objetivo “não é responder às nossas questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que os outros deram” (GEERTZ, 1989, p. 40). Ademais,

> Por que todo conhecimento é necessariamente subjetivo tanto como objetivo, os delineamentos do mundo que são puramente materiais e fatuais ordinariamente parecem muito áridos e inanimados para assimilar; somente a cor e o sentimento conduzem à verossimilhança (LOWENTHAL, 1982, p. 137).

Acerca da Fenomenologia, Penha (2004) explica que ela objetiva captar a essência mesma das coisas, descrevendo a experiência para que se

depreenda a realidade exatamente como ela é. Assume-se, consoante Meleau-Ponty (2011), que o espaço não é apenas o meio no qual as coisas são dispostas, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível, sendo o *locus* das conexões das quais depende a vida humana.

Pelas lentes da Fenomenologia – via redução fenomenológica – se vislumbra um olhar reflexivo sobre as geografias mais íntimas dos seres humanos, que possibilitam interpretar a realidade através da redução da mesma pela consciência do sujeito. Desse modo, é possível se reportar àquilo que diz respeito a sentidos de lugar e geograficidades subjacentes, ou seja, ao mundo da vida e das intersubjetividades que a dinamizam.

Heidegger (2000, p. 57) esclarece que a Fenomenologia exprime a máxima contida na expressão “as coisas em si mesmas”, que se opõe às descobertas acidentais ou às ideias soltas no ar. Assim, resume “o que os gregos identificavam, algumas vezes, simplesmente com [...] os entes [...], a totalidade de tudo que é” (HEIDEGGER, 2000, p. 58). Na mesma obra, o filósofo afirma que a interpretação consiste no sentido metódico da descrição fenomenológica.

Sob o mesmo direcionamento, Merleau-Ponty (1994, p. 03) deixa claro que a atitude fenomenológica concebida por Husserl não consiste em explicar ou analisar os fenômenos, mas em descrevê-los.

> Trata-se de reencontrar [...] não uma lei do tipo físico-matemático, acessível ao pensamento objetivo, mas a fórmula de um pensamento único em relação ao outro, à natureza, ao tempo e à morte, uma certa maneira de pôr forma no mundo (MERLEAU-PONTY,1994, p. 16). O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (MERLEAU-PONTY,1994, p. 18).

A Fenomenologia prima pela compreensão dos fenômenos e não por sua explicação objetiva; sob esse prisma, lançam-se olhares cuidadosos sobre as dimensões intersubjetivas que traduzem faces expressivas dos elos entre os

seres humanos e a Terra. Acerca de um dos preceitos da atitude fenomenológica, Dartigues (2008, p. 54) salienta: “trata-se de descobrir, além dos dados objetivos, e com sua ajuda, qual é a fundamental dimensão do ser homem ou do estar no mundo, pela qual é definido o existente humano”.

De acordo com Vergez e Huisman (1984), na Fenomenologia o fenômeno não significa a simples aparência que se opõe à verdade do ser, ele é sobretudo aparição, manifestação plena de sentido. Portanto é necessário intuir o fenômeno. No sentido husserliano, como assevera Dartigues (2008, p. 56), intuição não se refere à pura descrição subjetiva do fenômeno em sua particularidade empírica, e sim à intuição da essência do fenômeno, o que transcende suas manifestações particulares. Visando tornar mais claro esse viés metodológico, o autor lembra que à Fenomenologia cabem duas tarefas: explicitar o componente vivido do fenômeno investigado e compreender, em sua essência, o fenômeno vivido.

Como transparece em Merleau-Ponty (2011), na *epoché* fenomenológica o acesso a outrem encontra-se como dado primordial. Sob esse ponto de vista, tal dado não se manifesta como reconstrução das vivências dos outros na representação científica, mas como elemento fundamental à compreensão da realidade.

Reportando-se à perspectiva humanista da Geografia, Christofoletti (1982, p. 22) pontua que ao propor a apreensão das essências por meio da percepção e intuição das pessoas, a Fenomenologia privilegia a experiência vivida e adquirida pelo indivíduo, favorecendo a interpretação de lugar como contexto experienciado que contém certa espessura, “em oposição aos pontos adimensionais do espaço mensurável”. Nestes termos, buscar sentidos de lugar significa intuir as essências desses fenômenos geográficos.

Como elementos diretamente implicados na percepção, aspectos culturais não podem ser negligenciados na apreensão fenomenológica do mundo vivido. Nesse sentido, Risso (2014, p. 311) lembra que a percepção se baseia na cognição, sendo os filtros culturais essenciais ao processo, “já que selecionam as informações recebidas, conferindo-lhes significados diferenciados”. Tais considerações conduzem à fenomenologia da percepção,

que para Merleau-Ponty (2011) diz respeito à consciência de algo, revelando os objetos tal qual uma luz que os ilumina à noite.

Sob o viés da Fenomenologia, considera-se “o ser humano não como objeto da pesquisa, mas sujeito da pesquisa” (RISSO, 2014, p. 311). No cerne do diálogo profícuo entre Geografia e Fenomenologia, reside a tarefa de descrever experiências geográficas, as quais abrangem sentidos vivenciais arraigados nos lugares. Acerca da descrição fenomenológica, Relph (1979, p. 04) ressalta: “a intenção é descrever, não explicar, fenômenos da experiência imediata e estes incluem literalmente qualquer coisa experimentada – lugar, silêncio, existência, contato interpessoal”.

Cumpre notar que o fio condutor de estudos sobre o fenômeno geograficidade, síntese do pensamento de Dardel ([1952] 2015), um dos precursores da Geografia Humanista Cultural, possui relação direta com a Fenomenologia, já que envolve o que o geógrafo francês chama de relações intrínsecas entre os seres humanos e os componentes dos lugares onde realizam suas existências.

Acerca da abordagem qualitativa, Godoy (1995) indica que o fenômeno é compreendido de forma mais adequada no contexto em que ocorre e do qual faz parte, devendo ser estudado de forma integrada. Em posicionamento similar, Machado (1989, p. 138) afirma que o foco é centrado nas especificidades, peculiaridades e individualidades, buscando-se sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos. A autora destaca que a abordagem qualitativa é entendida como “um empreendimento mais abrangente, multidimensional e que permite uma variedade de procedimentos metodológicos e de concepções”.

Apreender sentidos de lugar e geograficidades da APA de Maracanã por intermédio das “lentes” intuitivas de moradores de lugares que a integram constitui algo que se considera relevante ao contexto da gestão efetiva desse território protegido. Nesse sentido, depreende-se a importância da memória, sublinhando-se que “as geografias memoráveis não são textos de compêndios, mas estudos interpretativos incorporando um acentuado ponto de vista pessoal” (LOWENTHAL, 1982, p. 137).

Experiências advindas de relações duradouras com o lugar, de certa forma facilitam a difícil tarefa de ampliar possibilidades no âmbito de políticas públicas voltadas à conservação da natureza, cujas existências se justificam pela inquestionável necessidade de proteger a qualidade dos ambientes que sustentam a vida na Terra.

No que tange aos procedimentos metodológicos, lançou-se mão de:

- Revisão bibliográfica, análise documental, observação participante.

- Realização de entrevistas semiestruturadas (Apêndice A) junto a pessoas que vivem no território da APA há pelo menos 50 anos e a pessoas reconhecidas em suas comunidades por sua atuação em prol da qualidade ambiental. Essa etapa fora executada entre janeiro e junho de 2018. A quantidade de pessoas entrevistadas (total de 89, dentre as quais 64 mulheres) foi sendo definida à medida que a pesquisa avançava; para identifica-las e localizá-las foi fundamental o apoio de lideranças comunitárias, com as quais mantive contato a partir da participação em reuniões do Conselho Consultivo da APA de Maracanã (CONAM). O contato com as lideranças direcionou a pesquisa para as quatro comunidades estudadas (Alegria, Maracanã, Vila Sarney e Rio Grande), o que considero positivo, visto que abarcar todas as comunidades da APA exigiria maior tempo de pesquisa.

- Realização de entrevistas semiestruturadas junto a conselheiros(as) e gestores(as) da APA (Apêndices B e C).

- Atividades de campo, tendo em vista a necessidade de conhecer melhor a realidade da APA, ocasiões em que foi possível fotografar cenas do cotidiano e registrar coordenadas geográficas de lugares cujos significados auxiliam na apreensão de sentidos de lugar e geograficidades, a exemplo do Parque da Juçara, da sede do Bumba-meu-Boi de Maracanã, dos lugares onde ocorrem os festejos de Santos Reis, da Igreja de Santo Antonio, da Casa Remanescente da Luz e de outros lugares onde se manifestam fenômenos significativos de geografias vividas em Maracanã. Foi utilizado aparelho receptor de *Global Position System* (GPS) para auxiliar no processo de mapeamento dos lugares estudados. As fotografias foram utilizadas como documentos geográficos.

- Análise de conteúdo, procedimento extremamente relevante para a interpretação dos resultados obtidos por meio das entrevistas.

- Participação em reuniões do CONAM. Ao longo do ano 2018, ocorreram oito reuniões (seis ordinárias e duas extraordinárias), sete delas realizadas na barraca nº 20 do Parque da Juçara. Já em 2019 ocorreram seis reuniões (cinco ordinárias e uma extraordinária), sendo a maioria realizada no mesmo lugar onde ocorreram as do ano anterior. No final do ano 2019 foi iniciado o processo de eleição para renovação do conselho, porém o mesmo teve que ser interrompido provisoriamente em março de 2020 em função da pandemia de COVID-19.

- Comunicações virtuais e contatos presenciais com a equipe gestora da APA. No projeto da tese foi prevista a ida presencial ao órgão gestor da UC, entretanto como na SEMA os processos estão sendo informatizados e o contato com gestores fluiu de forma satisfatória via internet, optou-se por comunicações virtuais para a obtenção de documentos e informações relevantes à pesquisa.

Assim, as atas das reuniões do CONAM foram solicitadas por e-mail, a renovação da autorização para realização da pesquisa na APA (Anexo A) foi feita por meio da abertura de processo no sistema Gerenciador Eletrônico de Documentos (GED) da SEMA e o envio da entrevista direcionada à gestora da UC foi realizada via e-mail, sendo o documento respondido encaminhado pelo mesmo canal de comunicação. Além dos contatos virtuais, ao longo da pesquisa se manteve contato presencial com a equipe gestora da APA, principalmente nas ocasiões em que foram realizadas reuniões do CONAM.

- Realização do *Workshop Sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã* junto às pessoas entrevistadas, evento que possibilitou a ampliação de conhecimentos sobre a APA a partir de diretrizes do que se concebe enquanto Cartografia Humanista Cultural. Esse procedimento – realizado nos dias 11/01/2020, 25/01/2020 e 08/02/2020 – foi extremamente relevante, tendo em vista ter se constituído, como disseram alguns participantes, em *feedback* da pesquisa para as comunidades. Ao longo dos três dias em que fora realizado, surgiram mais detalhes sobre sentidos de lugar e geograficidades de lugares que integram o território protegido, o que indica a

pertinência da inclusão da dimensão humanista cultural em ações voltadas ao fortalecimento da gestão participativa da APA. Dentre os produtos gerados se destacam os mapas humanistas culturais e os quadros de significados atribuídos aos lugares considerados relevantes à conservação ambiental.

- Elaboração do mapa utilizado no workshop. Durante o processo de elaboração do mapa, impresso em escala de 1:200.000, foi importante o uso dos softwares QGIS®, GPS Trackmaker®, Google Earth Pro® e CorelDRAW®, de dados vetoriais obtidos nos sítios eletrônicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Cadastro Nacional de Unidades de Conservação (CNUC), e de coordenadas coletadas em campo por meio do equipamento Etrex 10 da Garmin®, bem como do documento cartográfico “São Luís: mapa de bairros e povoados”, elaborado em 2019 pelo Instituto da Cidade, Pesquisa e Planejamento Urbano e Rural (INCID), disponível no sítio eletrônico da instituição.

Alguns desafios e dificuldades sugiram ao longo do percurso metodológico, principalmente no âmbito dos procedimentos de campo, todavia com paciência, dedicação, criatividade e auxílio de pessoas e instituições os obstáculos foram superados. Uma das dificuldades surgiu no início das idas aos lugares e estava relacionada à falta de contato com pessoas das comunidades. A partir do momento que comecei a participar de reuniões do CONAM essa situação começou a mudar, visto que naquelas ocasiões conheci lideranças comunitárias dispostas a me auxiliar.

Outra tarefa difícil foi acessar alguns lugares na época chuvosa, considerando que muitas vias públicas em Maracanã, sobretudo as que não são pavimentadas, tornam-se praticamente intrafegáveis durante e após as chuvas. Na tentativa de minimizar transtornos causados pela situação, sempre que possível evitei ir a campo em dias chuvosos.

Ainda no que se refere aos desafios em campo, cumpre lembrar que a maioria dos eventos ligados à cultura popular e à religiosidade é realizada à noite e de madrugada nas comunidades, o que gerou certa insegurança ao decidir participar. O apoio das pessoas que gentilmente me acolheram em Maracanã foi fundamental para superar o medo.

2.2 Em busca de galhos fortes e raízes profundas

Face à necessidade de ampliar os horizontes da apreensão de sentidos de lugar e geograficidades da APA, bem como contribuir com processos educacionais direcionados à conservação da UC, foi concebido o workshop, cujo público compôs-se das pessoas entrevistadas. A organização do evento para cem pessoas, concentrada nos últimos quatro meses do ano 2019, constituiu a síntese do que inicialmente se pensou enquanto oficinas ligadas à pesquisa.

Cada detalhe da atividade foi pensado com cuidado e atenção, especialmente pelo fato dela representar muito mais que uma simples etapa da pesquisa: significou a oportunidade de compartilhar os resultados preliminares, algo como um *feedback* às pessoas que gentilmente colaboraram com a investigação científica. Ademais, a iniciativa foi vivenciada enquanto contribuição à educação ambiental, um dos pilares da gestão participativa de territórios protegidos.

Cabe destacar a concepção de educação ambiental pensada como meio para o alcance dos objetivos do workshop: aquela em que educação constitui ato político que visa possibilitar reflexões sobre a realidade, desvendamento de elementos opressores da sociedade e condições de atuação na transformação social (FREIRE, 2005).

A concepção do workshop – impregnada de reflexões sobre o papel daquelas pessoas na gestão da APA sobreposta aos lugares onde realizam suas existências – suscitou a necessidade de destacar algum elemento significativo para o público, algo que estivesse presente durante o evento. Então surgiu a ideia de estampar em camiseta uma das frases mais expressivas dos sentidos de lugar apreendidos: “Eu amo meu Maracanã!”. Abaixo da frase foi estampada a ilustração de uma juçareira com suas raízes conectadas a fotografias de momentos representativos de geograficidades vivenciadas em Maracanã (Fotografia 01).

Fotografia 01 – Camiseta do workshop



Fonte: Registro da autora

Além das camisetas, foi disponibilizado lanche e água mineral às pessoas. O lanche foi encomendado a uma pessoa da comunidade Alegria, que também esteve presente na condição de participante do workshop. Convém mencionar que em função da quantidade de pessoas convidadas, o evento foi realizado em três dias (11/01/2020, 25/01/2020 e 08/02/2020).

Para os dois primeiros dias do workshop, cada um preparado para um público de quarenta pessoas, foram convidados(as) moradores(as) das comunidades Alegria, Maracanã e Vila Sarney. O terceiro dia envolveu moradores da comunidade Rio Grande.

O lugar onde seria realizada cada parte do evento também constituiu preocupação prévia. Sobre essa questão, Dona Flávia e Dona Odelina sugeriram a União de Moradores do Bairro Alegria Maracanã para a realização das duas primeiras partes do workshop, o que foi considerado adequado, visto que a sede da instituição situa-se em local de fácil acesso. Estava tudo acertado para que o evento acontecesse ali, porém um imprevisto (interrupção do fornecimento de energia elétrica) gerou a necessidade de alterar o local.

Merece destaque o empenho e gentileza de Seu Antonio José Pinheiro Baldez, mais conhecido como “Zequinha”, representante daquela união de moradores, em resolver o problema da interrupção de energia, a quem jamais poderia deixar de expressar minha gratidão. Em virtude da situação, nos dois primeiros dias o workshop fora realizado na sede da Associação dos Veteranos de Alegria Maracanã (AVAMA), gentilmente cedida por seus associados.

No que tange à realização da terceira parte do workshop, optou-se pelo Centro Comunitário Rio Grande, considerando a centralidade da instituição em relação à comunidade homônima, bem como à pronta disponibilização da estrutura por Seu João Batista Teixeira, presidente do centro comunitário.

Cumpre mencionar que algumas pessoas foram convidadas a compor a equipe de monitoria do evento; estas aceitaram gentilmente e colaboraram com a efetivação das atividades previstas na programação. No intuito de convidar formalmente os(as) participantes, convites foram impressos e entregues em suas residências com um mês de antecedência. Dois dias antes do evento, foi feito contato telefônico com cada convidado(a) a fim de lembrá-lo(a) sobre a proximidade da data de realização do workshop.

Com foco na indicação de lugares considerados significativos para conservação da natureza de Maracanã, os procedimentos metodológicos se concentraram em torno das seguintes atividades:

1) Palestra sobre os resultados preliminares da pesquisa, em que foram enfatizados aspectos básicos sobre a APA, haja vista o expressivo desconhecimento das pessoas entrevistadas sobre os significados e implicações da existência jurídica do território protegido em questão. Durante e após a palestra as pessoas manifestaram seus posicionamentos em relação ao tema e expuseram suas dúvidas e questionamentos, o que dinamizou e enriqueceu a atividade;

2) Indicação dos lugares considerados relevantes para conservação ambiental na APA: nessa etapa, cada participante indicou um lugar, o qual foi identificado no mapa do território, recurso didático impresso em lona cujas dimensões medem 1,5m largura por 2m de comprimento, onde foi plotada uma imagem de satélite extraída do software Google Earth Pro® (ano 2019).

No processo de elaboração do mapa, impresso em escala de 1:200.000, também foi importante o uso dos softwares QGIS® e CorelDRAW® (versão de avaliação), de dados vetoriais obtidos nos sítios eletrônicos do IBGE e do CNUC, do software GPS Trackmaker® e de coordenadas coletadas em campo por meio de equipamento Etrex 10 da Garmin®.

No mapa foram inseridos pontos de referência, a fim de facilitar sua interpretação e o trabalho de identificação dos lugares indicados. Cumpre notar que os pontos de referência correspondem a lugares citados nas entrevistas. A indicação dos lugares considerados significativos para conservação foi realizada por meio da fixação de símbolos – desenhos feitos à mão ou no computador (software Microsoft Word®), plotados em película plástica autocolante quadrada, com dimensões variando entre três e quatro centímetros de lado – no mapa.

Dentre os símbolos utilizados, alguns foram desenhados previamente pela pesquisadora e os demais por participantes ao longo do evento. Para complementar a identificação dos lugares indicados, lançou-se mão de uma atividade escrita, onde cada participante escreveu o nome do lugar, fixou uma cópia do símbolo utilizado para indicação no mapa e respondeu a algumas questões acerca do lugar (Apêndice D). Ao término do tempo destinado à atividade escrita, cada participante teve oportunidade de falar sobre o lugar que indicou (Figura 01).

Figura 01 – Realização de procedimentos do *Workshop Sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã*



Fonte: Registro da autora

3) Recomendação de atividade extra: em função da limitação do tempo destinado à realização do workshop, sobretudo por conta do respeito à disponibilidade das pessoas convidadas, recomendei que quem desejasse poderia elaborar, posteriormente, um mapa para representar lugares considerados relevantes para inclusão em políticas públicas de conservação da natureza de Maracanã. A arte de cartografar foi pensada enquanto possibilidade de experiência promissora no desafio de envolver, efetivamente, aspectos humanistas na gestão participativa de territórios protegidos.

Apreender sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã por meio da pesquisa que levou à concepção e realização do workshop, partindo do princípio democrático de participação popular, foi uma experiência fantástica! Ao longo do processo foi possível perceber com clareza a necessidade de envolver de forma direta as pessoas em políticas públicas capazes de afetar suas existências, como é o caso das relacionadas à conservação da natureza. Ademais, muita gente que vive na APA está disposta a colaborar com a gestão ambiental participativa do território, como as que participaram do evento. Seus semblantes falam por si (Fotografias 02, 03 e 04).

Fotografia 02 – Participantes do *Workshop Sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã* (11/01/2020)



Fonte: Registro da autora

Fotografia 03 – Participantes do *Workshop Sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã* (25/01/2020)



Fonte: Registro da autora

Fotografia 04 – Participantes do *Workshop Sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã* (08/02/2020)



Fonte: Registro da autora

3 ENTRANDO NA TRILHA: o encontro com sentidos de lugar, geograficidades e Maracanã

Adentrar o mundo de sentidos de lugar e geograficidades gera sensações como a de se aventurar em terras incógnitas, sobretudo em quem decidiu seguir novos rumos, respirar novos ares, percorrer caminhos diferentes. É como se embrenhar nas matas de Maracanã e se deparar com as trilhas ecológicas, entes notáveis daquelas geografias. São tantas direções! Qual itinerário seguir? Qual a melhor rota para chegar onde se pretende? Qual a mais segura? Ao longo da jornada, inúmeras questões, incontáveis desafios como árvores bloqueando a passagem. Mesmo assim, persistem convicções: é necessário avançar, superar obstáculos, vencer barreiras. Enfim, é indispensável entrar na trilha e trilhar!

Trilhando, teço a trama do que se pode chamar de fundamento teórico central da tese. No primeiro subitem abordo lugar enquanto ente fenomenológico à luz da Geografia Humanista Cultural e de teorias que a sustentam. Em seguida o foco incide sobre sentidos de lugar como impressões e expressões do mundo vivido. Chegando ao terceiro subitem, volto o olhar para geograficidades, essências das relações entre seres humanos e realidades geográficas. No que tange ao subitem 3.4, destaca-se abordagem acerca do sentido político de lugar, tendo em vista sua articulação com a perspectiva geográfica adotada e com a gestão participativa de territórios protegidos.

Apreender sentidos de lugar e geograficidades da APA requer conhecimentos sobre a essência geográfica de Maracanã, contexto ao qual está vinculada a UC em tela. Assim, no subitem *Natureza geográfica de Maracanã* são abordados assuntos referentes aos seguintes aspectos: localização e situação geográfica da APA, processo de ocupação, comunidades, histórico dos lugares mais antigos, curiosidades referentes à toponímia da comunidade que nomeia Maracanã, contexto geológico-geomorfológico, características climáticas, rede hidrográfica, uso do solo, vegetação e principais problemas ambientais.

No subitem *Panorama da gestão ambiental em Maracanã* o foco recai sobre nuances da gestão ambiental do território protegido, onde estão implicados os seguintes fatores: contexto de políticas públicas inerentes à conservação da natureza, gestão ambiental, contexto da gestão pública de territórios protegidos no Brasil e no Maranhão, bem como a situação da gestão da APA.

3.1 Na trama das geografias, a emergência do lugar enquanto ente fenomenológico

Dentre as essências geográficas situa-se lugar, que diferente do que se observa nas abordagens tradicionais, ocupa posição central nos estudos epistemologicamente vinculados à Geografia Humanista Cultural. Assim como espaço e paisagem, consoante afirmação de Relph (1979, p. 18), lugar constitui um dos pilares fenomenológicos da realidade geográfica, visto ser experienciado como atributo do mundo vivido.

Em termos etimológicos, a palavra lugar deriva do latim *lôgar*. Existem diversos significados para o vocábulo, entretanto a maioria vai de encontro à interpretação humanista, a exemplo dos citados por Bueno (1996):

> Espaço ocupado; espaço; localidade; cargo; ordem; posição; classe; ponto de observação; circunstâncias especiais; trecho ou passo de livro; – geométrico: conjunto dos pontos (do plano ou do espaço) que têm a mesma propriedade (BUENO, 1996, p. 403).

Consoante Relph (2012), lugar integrou a preocupação de filósofos da Antiguidade clássica até por volta do ano 1600. Com o passar do tempo, no âmbito filosófico e científico, seus significados foram alterados, conforme se depreende a partir do excerto:

> Platão considerou lugar como “alimento do ser”, enquanto outros o aproximaram de um sentido geográfico como um contexto em que os seres estão reunidos, juntos. No entanto, no século XVII, as concepções cartesiana e newtoniana de

> espaço, como dimensão mensurável, deixaram lugar de fora da filosofia e das ciências físicas (RELPH, 2012, p. 18 -19).

Sobre a evolução da noção de lugar, cabe mencionar a observação de Buttimer (2015, p. 07): antes da II Guerra Mundial, os escritos sobre lugar inscreviam-se numa lógica predominantemente newtoniana, em que tal ente geográfico era interpretado como "recipiente para pessoas e atividades, na realidade, domínios circunscritos pela autoridade política e administrativa".

Na histórica reação da ciência geográfica ao predomínio da visão mecanicista acerca de lugar, há indícios de um esforço interdisciplinar profícuo na abertura da Geografia à busca por novos rumos para suas investigações. Buttimer (2015) facilita o entendimento daquele contexto ao falar sobre a importância da literatura para a ampliação dos olhares da Geografia para fenômenos como lugar.

> A literatura romântica sobre lugar do final do século dezoito e início do dezenove, por exemplo, corresponde aproximadamente com a reação contra a visão newtoniana de mundo. Parecia escandaloso impor uma grade "científica" à natureza – reduzir a beleza, melodia e fragrância à estéril métrica da matemática ou da física (BUTTIMER, 2015, p. 05).

Sob esse olhar, lugar não é concebido enquanto localização, mas como fenômeno humanista diretamente relacionado à ideia de mundo vivido. Relph (1979, p. 03) o entende como "mundo de ambiguidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo". No mesmo artigo o autor chama atenção para o fato de que essa compreensão de mundo diverge das explicações da ciência tradicional, na qual padrões e relações sistematicamente observadas e ordenadas apreendem uma rua como um espaço vazio entre duas linhas num mapa.

Teorias sobre lugar, na perspectiva da Geografia Humanista, ganharam maior visibilidade a partir da década de 1970, sendo especialmente impulsionadas pelas abordagens do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Nesse contexto, se destacam duas de suas obras, consideradas clássicos da literatura geográfica: *Topofilia* (TUAN, 2012) e *Espaço e Lugar: a perspectiva*

da experiência (TUAN, 2013); nesta o autor define lugar como centro ao qual se atribui valor e onde são satisfeitas necessidades biológicas humanas básicas, como alimentação, descanso e procriação.

Nas obras supracitadas de Tuan, é possível perceber um ponto em comum: a preocupação com o espaço vivido, ou seja, com o lugar, parcela do espaço geográfico associada ao cotidiano, às experiências, atitudes, valores e demais elementos denotativos dos vínculos mais significativos entre os seres humanos e o meio geográfico.

Está explícita em Tuan (1975) a concepção de lugar como centro de significado construído pela experiência. Na mesma linha de raciocínio, Tuan (2013) esclarece a noção de lugar ao correlacioná-la com a de espaço, seu par dialético: a familiaridade com dada porção do espaço, por meio da experiência, transforma-a em lugar.

> Place incarnates the experiences and aspirations of a people. Places is not only a fact to be explained in the broader frame of space, but it is also a reality to be clarified and understood from the perspectives of the people who have given it meaning (TUAN, 1974, p. 387).

Para Tuan (1979), a noção de lugar, assim como a de espaço, define a natureza da Geografia. Em Dardel ([1952] 2015) fica claro que lugar é o ponto de partida da experiência geográfica, pois nele são estabelecidas as bases da existência e da condição humana.

Conforme Bachelard (2008), lugar constitui a primeira qualidade existencial do ser. Considerar esse ponto de vista permite reconhecer a importância vital do lugar e, ao mesmo tempo, conduz à reflexão de que a inexistência de lugar pressupõe a inexistência do ser. Esse entendimento fica ainda mais nítido quando se recorre à noção de lugar defendida por Tuan (2013), onde familiaridade ocupa posição central.

Oliveira (2012, p. 05) esclarece que “a concepção atual de lugar é de tempo em espaço, ou seja, lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o lugar, o movimento, a matéria”. Concepções como essa vão ao encontro das ideias de Tuan (1975) no tocante à forte ligação entre a noção de lugar e de experiência. Na mesma linha de pensamento, Holzer (2001, p. 106)

afirma que “lugar seria um modo particular de relacionar as diversas experiências de espaço”.

Marandola Jr. (2012) apreende lugar enquanto circunstancialidade, ou seja, essência geográfica ligada às relações cotidianas entre o homem e a Terra. Com base no posicionamento de Heidegger (2002), o autor sublinha o sentido ontológico de lugar, concebido como parte essencial do “ser aí”, do “ser-no-mundo”, da “pré-sença”.

Prefaciando Tuan (2013), Marandola Jr. (2013) se refere a lugar como microcosmo que confere sentido à existência. A ideia de microcosmo pode ser interpretada à luz de diferentes escalas geográficas, podendo ser tanto a casa quanto a rua, o bairro, a cidade, o estado, ou mesmo uma área institucionalmente protegida, tendo em vista seu significado subjetivo.

Muntañola (1973) reforça que a ideia de envolvimento é essencial à compreensão da noção de lugar, assim como o campo das emoções. Sob essa óptica, percebe-se que a gênese de lugar está associada às relações íntimas entre as pessoas e as parcelas do espaço geográfico com as quais elas se relacionam significativamente ao longo de suas vivências. No mesmo sentido convergem assertivas de Lynch (1972), para quem as representações de lugar são ligadas ao tempo, aos ritmos da vida.

Silva (1986) chama atenção para dois aspectos de lugar: ele não se dá de forma objetiva e pode ser entendido como algo construído pelo sujeito no decorrer de sua experiência. Observações como essas evidenciam que subjetividade e experiência ocupam posição privilegiada em interpretações geográficas humanistas onde a noção de lugar constitui a base da investigação científica. Conforme apontamentos de Risso (2014, p. 312), “lugares remetem aos sonhos, conforto, devoção”, ademais “as sociedades inspiram significados e sentimentos em relação aos lugares”.

3.2 Sentidos de lugar: impressões e expressões do ser no mundo vivido

Entender geografias existenciais requer dedicação ao estudo do que se concebe enquanto sentido de lugar, dimensão permeada por significados,

valores, atitudes, sentimentos, emoções e outros fatores que unem os seres humanos à realidade geográfica. Para Relph (1979, p. 02), sentido de lugar envolve a combinação entre qualidades e aparências do lugar com nossos modos e atitudes.

Claval (2014) lembra que na década de 1970 Yi-Fu Tuan insistiu sobre a importância de incluir sentidos de lugar nos estudos geográficos, sob a justificativa de que conhecer as nuances do espaço vivido é fundamental para entender os fundamentos das experiências geográficas e suas influências sobre as atitudes humanas frente ao mundo.

A noção de sentido de lugar possui vinculação direta com significado de lugar e experiência de lugar, conforme explicitado por Buttimer (2015). As conjecturas dessa geógrafa irlandesa se reportam a lugar enquanto lar, espaço íntimo da vida, do habitar humano, ao mesmo tempo em que recorrem, para esclarecer o sentido de lugar, à ideia de horizonte de alcance, ou seja, à dimensão exterior ao lar para a qual o ser humano se projeta, vivenciada como possibilidade.

Buttimer (2015) faz questão de enfatizar: significados de lugar remetem a sentimentos e emoções. Além disso, sentido de lugar reporta à experiência do lugar, que, por sua vez, inclui as vivências. Outro ponto para o qual a autora chama atenção repousa na ideia de que “sentido de lugar é um centro de interesse da vida do indivíduo” (BUTTIMER, 2015, p. 09). Para Relph (1979, p. 01- 02), esses sentidos são diretamente ligados à consciência e traduzem “experiências de lugares [...] que todos têm, embora não conheçam nada de geografia como ciência formal”.

Existem muitas dimensões de significados atribuídos a lugar, a exemplo da simbólica, da emocional, da cultural, da política e da biológica. Segundo Buttimer, (2015, p. 06), as pessoas não têm apenas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas de lugar, mas também associações pessoais e sociais com redes baseadas em lugares de interação e ligação.

Sentidos de lugar são originários de percepções decorrentes das relações essenciais entre as pessoas e a Terra (geograficidades), portanto os significados atribuídos a ambos subjazem essencialmente sob a mesma

realidade geográfica. Corrêa (2010) afirma que significados, assim como ideias, habilidades, linguagem, relações em geral e propósitos comuns a determinado grupo social são elaborados e reelaborados a partir da experiência, dos contatos e das descobertas.

Sentidos de lugar se relacionam aos significados das vivências na porção terrestre com a qual o ser humano estabelece vínculos mais estreitos de intimidade, logo, se depreende a implicação dos sentimentos, das emoções, dos valores e das atitudes em relação às dimensões mais significativas dos espaços aos quais se associa o desenrolar da vida. São os sentidos da existência, impregnados de significados, representações, culturas. Assim, é possível notar que no sentido de lugar reside a ideia do que Norberg-Schulz (1980) chama de *genius loci* (espírito de lugar), ou seja, da essência que anima esse ente do espaço geográfico (essência de lugar).

Ao observar concepções presentes em Buttimer (1982, p. 179), depreende-se que sentido de lugar está intimamente ligado à ideia de que “o espaço torna-se um horizonte da própria existência”, o que vai ao encontro do pensamento de Bachelard (2008). No mesmo direcionamento, Muntañola (1973) ajuda na compreensão de sentido de lugar ao exemplificar a relação dos nativos australianos com a terra onde vivem. Para eles, não é o povo que possui a terra, mas a terra que possui o povo. Subjacente a esse pensamento, reside um fundamento constituído pela ideia de respeito à terra, ente que sustenta a vida.

Tuan (1979) também auxilia na compreensão de sentido de lugar ao observar que o mesmo diz respeito a espírito de lugar, que se manifesta através dos sentidos a partir de uma longa vivência. Ao se reportar ao termo espírito, o autor possibilita interpretar sentido como aquilo que dá vida ao lugar.

Oliveira (2012, p. 03) enfatiza que sempre há necessidade de conhecer os sentidos atribuídos aos lugares, visto que “o sentido de lugar implica o sentido vida e, por sua vez, o sentido do tempo”. Conforme a autora, a palavra sentido funciona como sinônimo de significado, acepção, o que as coisas querem dizer. Assim, “conhecer um lugar é desenvolver um sentimento topofílico ou topofóbico” (OLIVEIRA, 2012, p. 12). Ao pontuar essa questão, a

autora sinaliza que sentido de lugar pode estar ligado tanto a experiências positivas quanto a experiências negativas.

Apreender sentidos de lugar representa uma tentativa de entender aquilo que para Wright (1947) constitui a mais fascinante *terrae incognitae* entre todas: a que se encontra no interior da alma e do coração humano. Nessa "terra desconhecida" certamente se encontram elementos capazes de responder às questões mais inquietantes e problemáticas da contemporaneidade, como é o caso das que se referem à situação crítica em que se encontram os sistemas ambientais.

3.3 Geograficidades, relações essenciais entre humanos e realidades geográficas

Atribui-se a Eric Dardel o limiar de abordagens científicas ocidentais sobre o que ele concebeu, no início da década de 1950, enquanto geograficidade. Holzer (2015) assevera que o interesse pela obra de Dardel ficou mais evidente na década de 1970, por meio dos estudos de três jovens professores da Universidade de Toronto: Edward Relph, Yi-Fu Tuan e Leonard Guelke.

Geograficidade pode ser entendida, conforme Dardel ([1952] 2015, p. 01 - 02), como "relação concreta que liga o homem à Terra", que se expressa como "modo de sua existência e seu destino". A noção de irrealização, uma das principais contribuições de Jean-Paul Sartre à Fenomenologia, auxilia na compreensão do fenômeno geograficidade. Para o filósofo francês, processos imaginários situam-se na base da irrealização, visto que o objeto imaginado é um irreal e que "para agir sobre esses objetos irreais, é preciso que eu mesmo me desmembre, que eu me irrealize" (SARTRE, 1996, p. 240).

Conforme explicitado por Dardel (2015), irrealização vincula-se à consciência imaginante; no processo de imaginação é necessário transcender o mundo e colocá-lo à distância, visto que imaginar significa irrealizar, ou seja, presentificar algo ou alguém ausente. Nestes termos, a realidade toma forma em uma irrealidade "que a ultrapassa e a simboliza. Sua 'objetividade' se estabelece em uma subjetividade" (DARDEL, [1952] 2015, p. 34).

> A geografia autoriza uma fenomenologia do espaço. Nesse sentido, podemos dizer que o espaço concreto da geografia nos libera do espaço, do espaço infinito, desumano do geômetra ou do astrônomo. Ele nos coloca no espaço em nossa dimensão, em um espaço que se dá e que responde, espaço generoso e vivo aberto diante de nós (DARDEL, [1952] 2015, p. 25 - 26).

Falar sobre geograficidades significa descortinar relações intrínsecas entre os seres humanos e os lugares onde seu cotidiano se expressa como fenômeno de natureza geográfica. Claval (2010a, p. 89 - 90) propõe uma "reflexão sobre a geograficidade [...], sobre o papel que o espaço e o meio têm na vida dos homens, sobre o sentido que eles lhe dão e sobre a maneira pela qual eles os utilizam para melhor se compreenderem e construírem seu ser". Geograficidades consistem, portanto, nas relações fundamentais entre humanos e a Terra.

No pensamento de Tuan (2012; 2013), é possível perceber um ponto central que converge para a noção de geograficidade: a preocupação com o espaço vivido, ou seja, com a parcela do espaço geográfico associada ao cotidiano, às experiências, às atitudes, aos valores e aos demais elementos denotativos dos vínculos entre os seres humanos e o espaço geográfico.

A essência do espaço vivido é apreendida por meio das geograficidades, cujo arcabouço, segundo Dardel ([1952] 2015), é delineado pela noção de situação. Para o autor, em Geografia situação inclui os domínios diversos e variados da experiência do mundo e supõe um espaço onde o ser humano se movimenta, onde está implicado um conjunto de relações, trocas, direções e distâncias que, de alguma forma, fixam o lugar de sua existência.

Segundo Oliveira (2012, p. 12), "a pessoa se liga ao lugar quando este adquire um significado mais profundo ou mais íntimo". Essa ligação se expressa de várias formas, sendo influenciada pelas especificidades dos lugares, e pode ser entendida como geograficidade.

Ao se reportar às principais contribuições da obra de Eric Dardel para a Geografia, Holzer (2015) afirma que aquilo que o referido geógrafo denominou geograficidade seria a essência dessa ciência. Nestes termos, "a

geograficidade enquanto essência define uma relação – a relação do ser-no-mundo" (HOLZER, 2015, p. 151).

Geograficidade constitui algo intrinsecamente ligado às experiências do ser humano em relação à Terra. Para Dardel ([1952] 2015, p 15), trata-se de experiências telúricas que envolvem, além da materialidade da superfície, a estética, os desejos, os sonhos:

> O espaço geográfico não é somente superfície. Sendo matéria, ele implica numa profundidade, numa espessura, numa solidez ou numa plasticidade que não são dados pela percepção interpretada pelo intelecto, mas encontrados numa experiência primitiva: resposta da realidade geográfica a uma imaginação criativa que, por instinto, procura algo como uma substância terrestre ou que, se concretizando, a "irrealiza" em símbolos, em movimentos, em prolongamentos, em profundidades (DARDEL, 2015, p. 14 - 15).

Holzer (2015, p. 141) é enfático ao interpretar a noção de geograficidade emanada do pensamento de Eric Dardel: "relação visceral que o homem mantém com a Terra". Em Dardel ([1952] 2015) fica claro que geograficidade não pode ser confundida com uma ligação romântica entre os humanos e a natureza, haja vista que envolve todas as experiências geográficas que unem o ser humano à Terra.

Geograficidade se refere "às várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos ambientes em todas as suas formas, e [...] ao relacionamento com os espaços e as paisagens, construídas e naturais" (RELPH, 1979, p. 18). No mesmo artigo, Relph insiste na elucidação da noção de geograficidade reforçando sua relevância no contexto da estruturação de uma geografia essencialmente fenomenológica.

Para Relph (1979, p. 18), o termo geograficidade encerra todas as respostas e experiências que temos dos ambientes onde vivemos, cuja gênese ocorre antes de qualquer análise e atribuição de conceitos a essas experiências. O referido pesquisador enfatiza que geograficidade constitui a base fenomenológica mais completa da geografia formal.

É importante ter em mente que geograficidade não diz respeito apenas a aspectos positivos das relações geográficas. Assim como se observa nos

sentidos de lugar, ela se manifesta tanto em experiências agradáveis, expressando-se por meio de elos afetivos entre humanos e lugares (topofilia), quanto nas desagradáveis, caracterizadas por medo, repulsa e outros sentimentos negativos em relação aos lugares (topofobia).

Ao se reportar à topofilia, Bachelard (2008, p. 19) deixa claro que o significado do termo se relaciona aos valores humanos envolvidos, por exemplo, na defesa dos espaços amados contra forças adversas. No que tange à topofobia, considerações de Relph (1979) possibilitam imaginar que o sentimento causa sensações de medo em relação a certos lugares e paisagens.

3.4 Sentido político de lugar, campo fértil à gestão de territórios protegidos?

Lugar sempre esteve entre as preocupações centrais da Geografia Humanista Cultural, todavia seu sentido político figura entre os temas dignos de maior atenção nas pesquisas filiadas a esse campo do conhecimento geográfico. Segundo Marandola Jr. e Mello (2009), seu viés político tem sido pouco expressivo nos textos sobre planejamento e participação, onde as outras categorias geográficas são enfatizadas com maior frequência. Diante do cenário, emergem oportunidades, pois “é justamente este caráter ‘menos político’ que pode revelar a riqueza do lugar como conceito e categoria de análise para pensar o planejamento e, sobretudo, a participação” (MARANDOLA JR. e MELLO, 2009, p. 64).

Há, portanto, uma gama extensa e variada de agendas à espera de cientistas com disposição para se lançar nessa senda. Em meio às temáticas com as quais a perspectiva humanista cultural da Geografia tem muito a contribuir, encontramos as referentes às políticas públicas de conservação da natureza. No panorama das primeiras pesquisas humanistas afins à gestão de territórios protegidos se destaca a tese do geógrafo norte-americano David Lowenthal, orientada por Carl Sauer, cujo tema gira em torno de George Perkins Marsh e de sua atuação pioneira na conservação da natureza dos Estados Unidos.

Discutir sentido político de lugar em contexto ligado à gestão de territórios protegidos alude à noção de território, que segundo Bonnemaison (2002) é indissociável da de cultura. Laraia (2006) afirma que a noção de cultura assumida por Edward Taylor no final do século XIX auxilia na compreensão do fenômeno a partir da articulação essencial entre as dimensões materiais e imateriais que o constituem. Assim, cultura pode ser interpretada como conjunto complexo de saberes, crenças, leis, moral, artes, costumes ou quaisquer outras capacidades ou hábitos que o ser humano adquire enquanto membro de uma sociedade.

Do sentido em tela afloram reflexos da ideia de territorialidade, “relação culturalmente vivida entre um grupo humano e uma trama de lugares interdependentes” (BONNEMAISON, 2002, p. 97). O autor destaca que quando essa relação é traçada no solo, constitui um sistema espacial conhecido como território. Tal pensamento reporta às considerações de Arendt (2007, p. 15) acerca da humanidade: “todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política”, isto porque toda ação humana ocorre entre seres humanos, não em isolamento.

Sentido político de lugar no cenário da gestão pública de territórios protegidos remete ao engajamento das pessoas nos movimentos comunitários de luta em prol da qualidade ambiental dos lugares aos quais suas existências estão essencialmente entrelaçadas. No sentido político de lugar residem sentimentos capazes de mobilizar grupos em torno de problemas que transcendem a esfera individual, como é o caso das questões ambientais.

O amor ao lugar onde se vive possui alta capacidade de impulsionar atitudes políticas em defesa dele frente a fatos que ameaçam danificar ou que estão danificando características que o fazem ser sentido enquanto lugar bom para viver. Reportando-se ao sentido de topofilia, Yory (2001) propõe sua requalificação para que possa se tornar instrumento de planejamento e participação popular.

Articulações políticas em torno da conservação ambiental dos lugares não devem ser confundidas com politicagem ou com partidarismo, visto que nascem e se nutrem do desejo das pessoas em participar ativamente de

políticas cujos desdobramentos afetam seus lugares, portanto suas próprias vidas.

Considera-se sentido político de lugar enquanto possibilidade de avançar na gestão ambiental participativa, tendo como ponto de partida referenciais epistemológicos e metodológicos em que inclusão constitui fator-chave, especialmente quando se busca incluir pessoas que historicamente sempre estiveram à margem de decisões potencialmente capazes de afetar o curso de suas vidas, haja vista as implicações sobre configurações e dinamismo dos lugares.

Lemon (1978) reflete sobre a intrínseca relação entre lugar e comunidade. Neste sentido, o lugar precisa de uma comunidade para se firmar e tornar-se foco de ação e participação, ao mesmo tempo, sem esse envolvimento com o lugar, não há comunidade.

A dimensão política de lugar emerge da obra de Dardel ([1952] 2015) quando ele esclarece que a geograficidade pode ser estabelecida tanto pelo indivíduo quanto pela comunidade em relação aos lugares. Ela também está implícita nas considerações de Buttimer (1980) inerentes às visões dos de dentro (*insiders)* e dos de fora (*outsiders)* acerca dos lugares, algo relevante quando se pensa sobre gestão pública de territórios protegidos.

Partindo do princípio de que gestores geralmente são *outsiders*, suas visões sempre serão limitadas, tendendo a erros e levando a interpretações equivocadas da realidade. Ademais, essa lógica nos leva a refletir sobre o que assevera Jacobs (2003): o planejamento predominante na contemporaneidade caracteriza-se por ser onipotente, rígido, controlador e o pior, por propor antes de perguntar e agir “de cima para baixo”!

Estudos sobre sentido político de lugar podem ser apreendidos como “um tipo de ‘dever de casa’ que qualquer estudioso que acredita na objetividade deveria estar disposto a enfrentar: desenterrar o elemento ‘subjetivo’ e reconhecer suas influências” (BUTTIMER, 2015, p. 10). Tuan (2012, p. 15) adverte que “os problemas humanos, quer sejam econômicos, políticos ou sociais, dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos”.

O pensamento de Tuan (2012, p. 16) aponta para o sentido político dos lugares ao lembrar que naqueles onde as condições ambientais comprometem a saúde há necessidade de ação imediata, sendo indispensável considerar que "atitudes e crenças não podem ser excluídas nem mesmo da abordagem prática, pois é prático reconhecer as paixões humanas em qualquer cálculo ambiental". Na mesma obra, o autor define atitude enquanto "posição que se toma frente ao mundo" (TUAN, 2012, p. 18), formada a partir de longa sequência de percepções, ou seja, de experiências. Atitude, portanto, situa-se entre os elementos centrais do sentido político de lugar.

Sob o mesmo ponto de vista, em que se vislumbra lugar como ente cujo sentido não pode ser desvinculado da dimensão política da vida em sociedade, Buttimer (2015) recomenda:

> Antes de uma pessoa encarar questões da política de planejamento, me parece que seria vital entender os processos fundamentais da vida que estão em jogo e que são vulneráveis a mudanças na identidade física e política de lugar (BUTTIMER, 2015, p. 09).

Quando se fala em sentido político de lugar é importante perceber que a ênfase incide sobre o papel do lugar enquanto entidade geográfica cuja essência pode fomentar processos de gestão ambiental participativa, articulados por uma coletividade que compartilha laços de identidade em relação aos lugares. Enfim, ao questionamento forjado no título deste subitem, a resposta é sim. O sentido político de lugar constitui campo fértil à gestão de territórios protegidos.

Compreender que a gestão pública de UCs – especialmente quando esta diz respeito à administração das que se incluem no grupo das de Uso Sustentável – se fundamenta sobre a imprescindível necessidade de concretizar os princípios da sustentabilidade socioambiental, possibilita enxergar com maior nitidez que lugares, assim como territórios, possuem sentidos políticos e que estes são extremamente positivos no cenário de iniciativas voltadas ao enfrentamento de problemas ambientais.

É possível perceber potencialidades relacionadas ao sentido político de lugar na APA ao observar, por exemplo, a existência de instituições

comunitárias como a União de Moradores do Bairro Alegria Maracanã, Associação Recreativa e Beneficente Folclórica e Cultural de Maracanã (Boi de Maracanã), Associação dos Moradores da Vila Sarney, Centro Comunitário Rio Grande, União de Moradores do Residencial Amendoeiras, União dos Moradores da Vila Nova República, Associação Sociocultural Zona Rural Maracanã e União das Famílias Moradoras da Vila Esperança.

3.5 Natureza geográfica de Maracanã

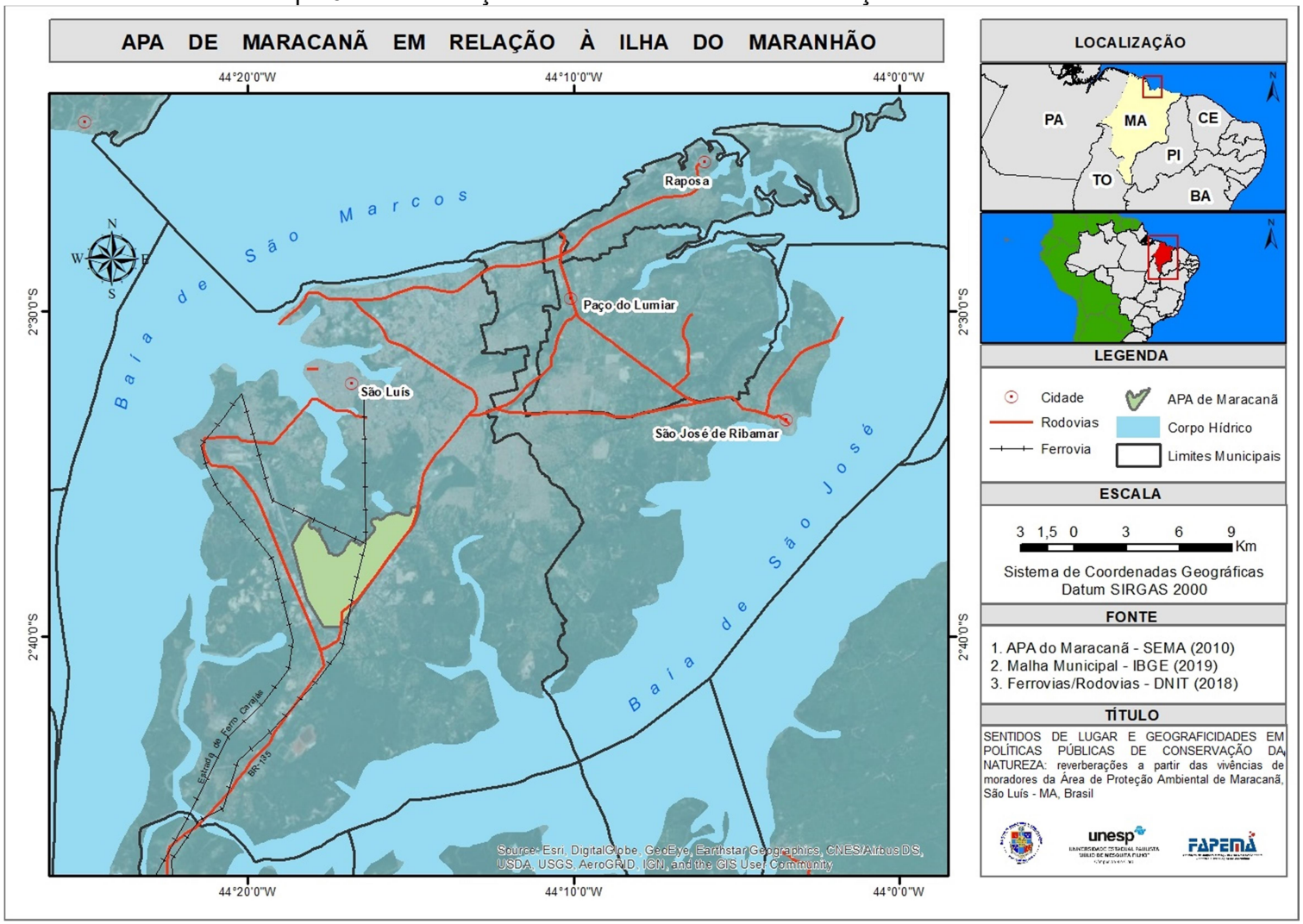
Falar sobre a natureza geográfica de Maracanã requer situá-la no âmbito de aspectos humanos e não humanos de sua essência, portanto do que anima geografias vividas. Sobre rochas e formas sedimentares é tecido aquele existir. Ali se revelam caminhos alaranjados, enlameados por ocasião de chuvas que encharcam trilhas, ruas, mentes, sentimentos. Como diria Dardel ([1952] 2015), Maracanã "é um texto a decifrar". O excerto da poesia Querido Maracanã nos inspira a começar:

> Tinha rios com água cristalina, Ainda tem matas que verde igual não há, Tem palmeiras do fruto da juçara, onde cantam alegres sabiás. Tem cultura, amor e tradição, Tu és mesmo o coração do Maranhão. Tem um povo que tem garra e tem vigor [...] ouvimos aqui lindas toadas, é que nasceu aqui um guriatã, Estou falando de Humberto Maracanã, O poeta que a terra consagrou [...] Tem um reggae pra dançar até de manhã, É o famoso Recorda Maracanã. Em outubro tem a Festa da Juçara, [...] meio século de gostosura e tradição, Gerando renda e promovendo diversão. [...] Se festeja o Divino, Santo Antônio e Sebastião, E ainda acha garra e harmonia, Pra pular no Arrastão da Alegria. Temos uma, Temos duas, Temos três, Estou falando das festas de Santos Reis. Se lutamos pra mudar o amanhã, É por ti, querido Maracanã (MORAIS, 2019).

A APA se localiza na porção central de São Luís (Mapa 01), município assentado sobre a Ilha do Maranhão, ente geográfico cuja natureza relaciona-se à expressiva trama de rios e águas do mar. Dentre os rios que drenam *Upaon-Açu*[2], destacam-se o Maracanã, principal rio da UC.

[2] Nome pelo qual a Ilha do Maranhão era chamada pelos povos originários que a habitavam quando da chegada dos invasores (colonizadores) europeus.

Mapa 01 – Localização da APA de Maracanã em relação à Ilha do Maranhão



Fonte: Elaborado pela autora

No que concerne ao processo de ocupação de Maracanã, é interessante notar os apontamentos de Bandeira e Brandi (2014), os quais indicam que os primeiros grupos humanos chegaram há cerca de 13.000 anos no Brasil, 9.000 anos no Maranhão e há aproximadamente 6.600 anos na Ilha do Maranhão. Na mesma obra, os autores informam que os primeiros moradores da ilha construíram suas moradias às margens do rio Bacanga e teriam vindo "da região norte do Brasil, de um local próximo ao litoral do Pará, caminhando e navegando entre as florestas de mangues" (BANDEIRA e BRANDI, 2014, p. 28).

No início do século XVII (1612), quando da chegada dos franceses à Ilha do Maranhão, convém destacar que o lugar em que desembarcaram era chamado de *Upaon-Açu* (Ilha Grande) pelos Tupinambás, "últimos povos nativos que viveram na Ilha de São Luís. Após a chegada dos colonizadores muitas aldeias foram transformadas em vilas" (idem, p. 47). Os autores lembram ainda que naquela época havia 27 aldeias na ilha, situadas nas proximidades de rios, estuários e praias, dentre as quais a aldeia *Maracana Pisip*.

Acerca do limiar da ocupação de Maracanã, Silva e Martins (2011) nos ajudam a perceber elos com o extinto Distrito de São Joaquim do Bacanga. O excerto a seguir acrescenta informações relevantes à compreensão do histórico desse processo:

> Segundo a senhora Naide Mendes (2010), moradora antiga do lugar (já falecida), a chegada dos primeiros moradores começou com negros fugitivos do Bacanga que, por serem barulhentos, foram expulsos e se aglomeraram no local, formando uma nova comunidade batizada de Maracanã, nome de um pássaro barulhento e que destruía as lavouras. As famílias Barbosa, Algarves, Pereira, Costa e Coutinho são consideradas como as primeiras a chegarem ao lugar. Araújo (2012) cita, ainda, as famílias Garcez, Santos e Meireles como participantes deste momento inicial (REIS, 2014, p. 89).

Com base nos depoimentos de antigos moradores do Maracanã, Silva (2004, p. 15) afirma que a comunidade fora estabelecida no século XIX, "a partir do rio Bacanga, por onde desciam canoas e barcos da elite branca de

São Luís, para os sítios e engenhos localizados próximo às margens" onde atualmente se localiza a comunidade Alegria.

Acerca da comunidade Maracanã, uma das mais antigas da APA, Costa (1998) observa que após a abolição da escravidão, ex-escravizados ocuparam regiões mais distantes do rio Bacanga, alcançando as proximidades da área onde se localiza a sede do Bumba-meu-Boi de Maracanã. Em conversas com moradores de mais idade sobre os primeiros habitantes de Maracanã, é comum a narrativa de que a origem da comunidade possui raiz africana.

Existem curiosidades referentes à toponímia de Maracanã: "Por causa de seus batuques e festividades, os negros foram comparados aos papagaios maracanãs, aves bastante barulhentas" (SILVA, 2004, p. 15). Conforme Pereira et al. (2011), dentre as características mais expressivas do pássaro (Fotografia 05) que inspirou o nome da região estão a cor (verde) e o canto, que ressoa como chocalho. Os autores chamam atenção para o significado da palavra: na língua tupi *Marakanã*, significa ararinha.

Fotografia 05 – Pássaros Maracanã (*Primolius maracana*)



Fonte: OLIVEIRA (2017)

A partir de dados de contagem da população, realizada pelo IBGE (2016), estima-se que residem 1.082.935 pessoas no município de São Luís, cuja área territorial para o mesmo ano é de 834,785 km^2. Dados do último censo (IBGE, 2010) indicam que aproximadamente 5,5 % da população desse município vivem na zona rural, onde se encontra o território da APA conforme a lei nº 4.669/ 2006, que dispõe sobre o Plano Diretor de São Luís.

Controvérsias caracterizam o cenário da APA quanto à situação de domicílio, já que parte significativa do território apresenta alta densidade de construções. Um exemplo das contradições mais evidentes diz respeito à implantação dos condomínios ligados ao programa Minha Casa Minha Vida (MCMV) na UC. Por mais que a lei nº 4.669/ 2006 esteja vigente e classifique o território da APA como rural, o poder público licenciou as obras como atinentes ao solo urbano.

Quando questionado sobre a situação relatada acima, o órgão ambiental do município argumenta que os condomínios foram construídos com base no Plano Diretor de 1992 (lei nº 3.253/ 1992). Ademais, há indícios de que a existência jurídica da APA foi desconsiderada no processo de licenciamento e construção dos residenciais.

Frente às contradições jurídicas, à fisionomia da APA, ao fato das pessoas com quem coversei geralmente se referirem a Maracanã enquanto parte da zona rural de São Luís, recorri a pesquisas sobre bairros rurais. A partir da leitura reflexiva de textos e daquela realidade geográfica, julgo pertinente apreender lugares como Alegria, Maracanã, Vila Sarney e Rio Grande sob a perspectiva de bairros rurais. Segundo Halley (2014), a associação do termo bairro à dimensão rural suscitou os primeiros estudos focados nos bairros “caipiras” de São Paulo:

> Até os anos 1970, autores oriundos tanto da geografia quanto da sociologia tomaram como foco de análise os bairros “caipiras” [...], percebendo-os como organizações rurais dispersas, estruturadas por grupos de vizinhança e marcadas por uma consciência coletiva de pertencimento, emanada na convivência diária do homem do campo com seus parentes, vizinhos e parceiros (HALLEY, 2014, p. 578).

Percorrer caminhos de Maracanã e conversar com gente que vive ali reporta às observações de Sousa (1964) no que tange à noção de bairro tradicional, base da sociabilidade caipira. No excerto se percebe certa semelhança entre a noção de bairro rural e a de bairro tradicional, o que auxilia na compreensão da natureza geográfica de lugares da APA de Maracanã.

> Agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas (SOUSA, 1964, p. 44).

O pensamento expresso no excerto acima traz à memória momentos em que foram notados traços de ruralidades em relações de parentesco e vizinhança. Em Maracanã ainda são mantidos elos de intimidade e solidariedade entre famílias, independente de vínculos consanguíneos. Por ocasião da vivência de tradições religiosas como a Páscoa, é comum presentear vizinhos(as) com comidas muito apreciadas por maranhenses, a exemplo de bolos de tapioca e de macaxeira. Sociabilidades de bairros rurais também são percebidas em rezas e outras manifestações do sagrado naqueles lugares cujas identidades são permeadas pela expressão de afetividade e ajuda mútua entre vizinhos(as), especialmente entre pessoas que se relacionam há décadas.

Distante cerca de 23 Km do centro administrativo do município, o território da APA tem como principal via de acesso a rodovia BR-135. Existem sérios problemas inerentes à mobilidade nas comunidades, a exemplo da precariedade dos serviços de transporte público. Conforme o decreto nº 12.103, de 1º de outubro de 1991, que instituiu essa UC estadual, seu território limita-se ao Norte pelo rio Maracanã (limite Sul do Parque Estadual do Bacanga), ao Leste pela rodovia BR-135, a Oeste pelo módulo 9 do Distrito Industrial de São Luís e ao Sul pela localidade Rio Grande. Observa-se que o próprio decreto explicita que o Distrito Industrial faz fronteira com praticamente todos os limites da APA, situação denotativa de pressões intensas sobre a qualidade ambiental do território “protegido”.

Cumpre notar que, para além da vulnerabilidade ambiental do território em relação ao Distrito Industrial, a implantação de grandes condomínios

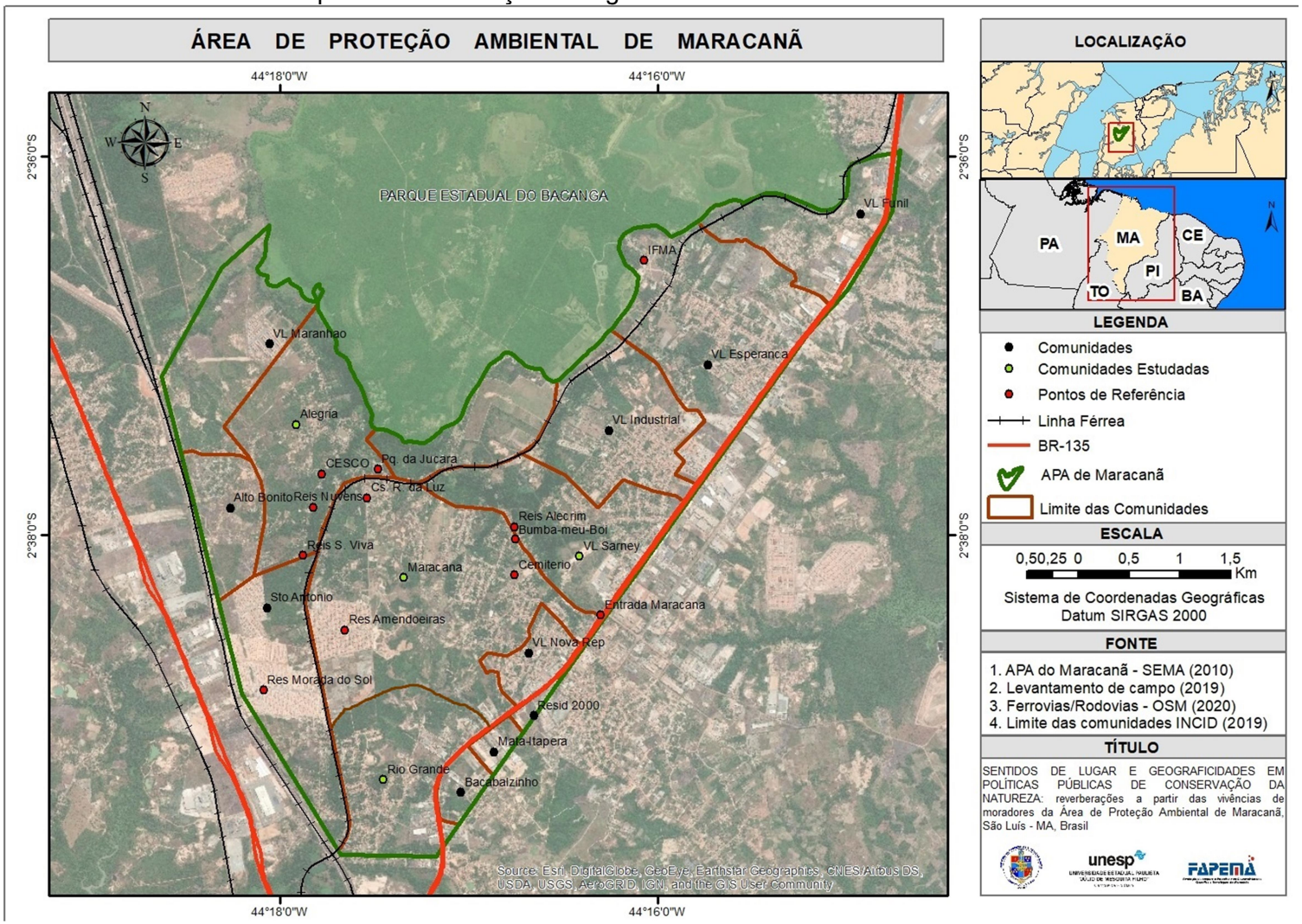
destinados à moradia popular, vinculados ao programa MCMV (residenciais Amendoeiras, Santo Antonio, Morada do Sol e Vila Maranhão), é uma das causas do violento e acelerado “inchaço” populacional no território ao longo da última década, fato que aumenta o grau de dificuldade dos processos primordiais à efetividade da gestão ambiental.

Destaca-se a indiscutível relevância social dos residenciais vinculados ao programa MCMV, entretanto não se pode negar que o modo como eles foram implantados naquela realidade geográfica reflete profundas contradições e incoerências, dentre estas as que denotam negligência do poder público em relação às determinações do decreto de criação da APA.

Informações constantes de AACP e UFMA (2018) indicam que o quantitativo populacional estimado para a APA em 2018 (taxa de crescimento fixada em 3,5% ao ano a partir de dados censitários) foi de 41.127 pessoas. Acrescentando-se a estimativa do incremento devido à implantação dos residenciais do MCMV, esse número aumenta para o total de 58.627 pessoas.

Entre os lugares situados na APA (Mapa 02), se destacam os seguintes: Alegria, Maracanã, Vila Sarney, Rio Grande, Alto Bonito, Vila Esperança, Vila Industrial, Vila Nova República, Vila Funil, Vila Maranhão, Santo Antonio, Bacabalzinho, Mata-Itapera e alguns residenciais, inclusive os ligados ao programa MCMV (Amendoeiras, Morada do Sol, Santo Antonio, Vila Maranhão, 21 de Abril e 2000).

Mapa 02 – Localização de lugares situados na APA de Maracanã



Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à natureza estrutural e fisionômica, o território da APA assenta-se sobre a Ilha do Maranhão, situada entre a baía de São Marcos e a baía de São José. Feitosa (2006) destaca que tais entes do relevo são considerados os mais importantes da zona costeira maranhense, o que se deve às características fisiográficas – constituem desaguadouros dos maiores rios genuinamente maranhenses – e à densidade de atividades humanas e circulação de riquezas, pois nessa realidade se encontra o Complexo Portuário do Itaqui[3].

Convém sublinhar que *Upaon-Açu* situa-se no centro da unidade geológico-geomorfológica denominada Golfão Maranhense. Segundo Teixeira e Souza Filho (2009, p.701),

> o Golfão está inserido no contexto das regiões tropicais úmidas, as quais se estendem entre as latitudes de 15º N e 15º S. Tais regiões são de grande importância ambiental, pois contêm metade da água doce, partículas e solutos descarregados nos oceanos.

Outros aspectos que auxiliam na compreensão da natureza de Maracanã relacionam-se diretamente ao fato das águas do golfão serem, conforme Macedo (1989), tipicamente estuarinas, resultado do contato entre a água salgada do oceano Atlântico Sul e as águas continentais dos rios Itapecuru, Mearim e Pindaré, que formam as baías de São José e São Marcos.

No que tange à identidade geológica, o IBGE (2013) indica que o embasamento da área é sedimentar, composto por unidades de dois grupos, o Barreiras e o Itapecuru. O primeiro grupo foi formado entre os períodos Mioceno e Pleistoceno, sendo as unidades litológicas constituídas de sedimentos argilosos, arenosos e conglomeráticos. Correia e Feitosa (2017) relatam que concreções ferruginosas (lateritas), argilas e areias do grupo Barreiras são elementos importantes na socioeconomia da mineração manual realizada na APA.

[3] De acordo com MTPA et al (2018), o Complexo Portuário do Itaqui é composto pelo Porto Organizado do Itaqui, pelo Terminal Marítimo da Ponta da Madeira, pelo Terminal de Uso Privado da ALUMAR e por dois terminais que estão em fase de projeto: Terminal Portuário de São Luís e Terminal Portuário do Mearim.

Acerca do grupo Itapecuru, o IBGE (2013) indica que sua origem ocorreu no período Cretáceo, entre as épocas Superior e Inferior. A estrutura é formada por arenitos, argilitos, folhelhos e siltitos. Em relação às características geomorfológicas, segundo o IBGE (2012) a área faz parte dos Tabuleiros Costeiros Maranhenses, integrante do domínio morfoestrutural das Bacias e Coberturas Sedimentares Fanerozoicas.

Ao discorrer sobre as unidades de relevo do Maranhão, Feitosa (2006, p.05) indica que *Upaon-Açu* integra a Planície do Norte Maranhense, onde as amplitudes altimétricas são inferiores a 200m. Considerando um nível de detalhamento mais específico, o autor afirma que essa ilha situa-se na subunidade geomorfológica classificada como Planície Litorânea, cuja dinâmica da paisagem “é facilitada pela fragilidade das estruturas geológicas, por sua exposição aos agentes modeladores do relevo como as de origem climática, hidrológica e oceanográfica [...], eólica, marinha e fluviomarinha”.

No mesmo artigo o autor informa que na região central do Golfão Maranhense se destacam as formas de relevo denominadas tabuleiros, que em geral não ultrapassam 100m de altitude. Na ilha, essas feições geomorfológicas são modeladas em rochas sedimentares das formações Barreiras e Itapecuru, conformando superfícies tabulares e subtabulares “em bordas dissecadas em colinas [...] resultantes de processos erosivos, que deram origem a vales pouco profundos” (FEITOSA, 2006, p.07). Sobre esse relevo sedimentar de altitudes sutis e formas suavizadas, se realizam as existências em Maracanã.

Em relação às características climáticas, Farias Filho (2010) indica que a APA se encontra sob influência do clima tropical quente e úmido, com duas estações definidas, uma seca (julho a novembro) e uma chuvosa (dezembro a junho), com chuvas concentradas no mês de abril e pluviosidade superior a 2.000 milímetros por ano. Essa característica ambiental de Maracanã, associada à estrutura litológica e ao relevo, facilita a ocorrência de processos erosivos acelerados, sobretudo quando os solos ficam diretamente expostos às intempéries ou são revolvidos.

No que tange à rede fluvial, a área de estudo é drenada por rios integrantes da bacia do Bacanga, onde se destacam os rios Maracanã, Ambude e Grande. Santiago et al. (2010) afirmam que dois por cento do abastecimento de água de São Luís provêm dos mananciais de Maracanã. Para Beydoun (2017), essas águas fazem parte de “um dos poucos remanescentes do manancial de água pura de São Luís e que é a alma do Maracanã”.

Rios, entes-caminhos para as águas. Veias. Artérias da Terra. Rio é movimento, evoca vida, comunhão, entrelaçamento. Em Maracanã, os rios resistem à insensatez, à ganância, ao descaso. Seus leitos agora abrigam águas impróprias à vida. Contradição! Em vez de peixes, como outrora, agora um amontoado de coisas descartadas por gente! Mesmo assim vivem, resistem! Presença constante, reflexo da indiferença! Correntezas à espera de vida, (re)vida.

Rio Maracanã e seus afluentes, entes amados daquela realidade geográfica. Fluxos de contradições. Sentimentos expressos nos nomes: rio Ambude, rio de Colega, rio da Passagem, rio Bacanguinha, rio Mirinzal, rio Pontilhão. Rios e riachos representam parte significativa das geografias vividas de Maracanã. Pereira et al. (2011) auxiliam na compreensão da importância desses entes geográficos no contexto da Ilha do Maranhão:

> A sub-bacia hidrográfica do rio Maracanã, com uma área de 21 km^2, está localizada no centro-sul do município de São Luís. O rio Maracanã é um importante afluente da margem direita do rio Bacanga, cuja bacia hidrográfica apresenta 106 km^2 constituindo uma das maiores bacias da Ilha do Maranhão onde se encontram os principais mananciais da capital do Estado (PEREIRA et al., 2011, p. 09).

Águas cujos significados transcendem a esfera do que pode ser visto, do que pode ser tocado. São águas ligadas ao domínio das sacralidades vividas em Maracanã. Moradas de seres imaginados, encantados. Centros de força para rituais sagrados de cura, da mística dos entes das matas, das entidades coabitantes naquele recanto da ilha. Águas que inspiram poetas, cantadores, rezadeiras, enfim, entes que animam o espírito e o corpo de Maracanã.

Além dos rios e riachos, em Maracanã se destacam áreas alagadiças conhecidas como brejos, cujas dinâmicas estão diretamente ligadas aos corpos hídricos e às diversas expressões existenciais maracanaenses. Segundo Guerra e Guerra (2005, p. 95-96), em geral brejo consiste num “terreno plano, encharcado, que aparece nas regiões de cabeceira ou em zonas de transbordamento de rios”. Para quem vive ali, significados de brejo compõem a essência da natureza de Maracanã, o que transcende conceitos científicos tradicionais. Nessa perspectiva, como será visto no próximo item, os brejos de Maracanã aparecem no rol de elementos centrais do universo de sentidos de lugar e geograficidades da APA.

Conforme Silva et al. (2015), “os rios da Ilha estão em acelerado processo de degradação ambiental, que compromete o abastecimento de água da capital”. Infelizmente essa realidade tem sido percebida no rio Ambude e em todos os rios de Maracanã, fato frequentemente denunciado pelo CONAM às autoridades competentes, na tentativa de que sejam tomadas as devidas providências. Sempre que as conversas giram em torno das águas correntes de Maracanã, quem vive ali geralmente reclama que entre as fontes mais evidentes de contaminação, poluição e “entupimento” dos rios estão os condomínios do programa MCMV e empreendimentos localizados na BR-135.

Acerca do uso da terra e da composição florística, Lopes (1996) considera tratar-se de área rural onde a vegetação de várzea se destaca na paisagem. Nas áreas de contato entre várzea e terra firme é comum a existência de babaçu (*Attalea speciosa*). Já na terra firme se encontram árvores frutíferas como “pés” de bacuri (*Platonia insignis*), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), abricó (*Mammea americana*), caju (*Anacardium occidentale*), jaca (*Artocarpus heterophyllus*), pitomba (*Talisia esculenta*), entre outras.

Uma das características mais importantes do território refere-se à presença de vegetação nativa típica de ambientes úmidos. Segundo Farias Filho et al. (2015, p. 106), a flora constitui-se predominantemente de juçarais e buritizais, mata secundária e árvores frutíferas de sítios e chácaras. Dentre as espécies nativas se destacam: paparaúba (*Simarouba amara*), andiroba (*Carapa guianenses*), angelim vermelho (*Dinizia excelsa*), pau-d’arco amarelo

(*Tecoma serratifolia*), guanandi (*Symphoni globulifera*), açoita-cavalo (*Luhea grandifólia*) e pau-ferro (*Caesalpinia paraguariensis*). Essas e outras espécies podem ser encontradas nas trilhas ecológicas e nos sítios de Maracanã.

Ao percorrer a APA não é difícil perceber que lá ainda existe riqueza em termos de diversidade florística, contudo a existência da vegetação originária tem sido frequentemente ameaçada por pressões de toda ordem, a exemplo das queimadas e do desmatamento. Farias Filho et al. (2015, p. 107) alertam para algumas dificuldades inerentes à manutenção das matas de Maracanã: as poucas manchas de vegetação que ainda possuem certo grau de conservação são mantidas a muito custo por moradores que as detêm sob seu domínio.

No mesmo artigo, os autores supracitados indicam que os principais problemas ambientais da APA são ligados à especulação imobiliária, contiguidade com o Distrito Industrial, invasão de terras públicas, ocupação de margens de rios, agricultura tipo corte-e-queima, extração madeireira e de laterita, criação de espécies não nativas, caça e pesca, poluição sonora e extração exagerada de juçara. Acerca do histórico de degradação da qualidade ambiental da UC, na década de 1990 Lopes (1996) já chamava atenção para alguns fatores:

> A extração de pedra e areia e o desmatamento para assentamento de roças e residências, provocam erosão e o assoreamento de igarapés e riachos da região [...] a atividade que mais preocupa é a extração mineral (retirada de pedra, areia, barro e piçarra) [...] acarretando modificações do solo e alterações microclimáticas [...]. Outro impacto frequente é o aterro de igarapés, riachos, nascentes, para a construção de moradias" (LOPES, 1996, p.60).

3.6 Panorama da gestão ambiental em Maracanã

O panorama da gestão ambiental da APA de Maracanã se insere no rol das políticas públicas atinentes à conservação da natureza. Para Giovanni e Nogueira (2015, p. 18), políticas públicas podem ser concebidas como "intervenções planejadas do poder público com a finalidade de resolver situações sociais problemáticas". Questões ambientais figuram entre essas situações, em que consta a gestão de territórios protegidos e suas implicações.

Cumpre notar que por ambiente se entende o “espaço em que a natureza humana vive e interage em sociedade, de modo harmônico ou conflituoso, com a natureza naturata (biótica ou abiótica) ou com a natureza tecnificada” (NUNES, 2014, p. 40).

Atentos às especificidades de políticas públicas relacionadas à problemática ambiental, Carvalho e Scotto (1995) se referem a elas enquanto ações governamentais que dizem respeito à gestão ambiental, expressas principalmente através de planos, programas, convênios, medidas jurídicas e administrativas. Políticas públicas focadas em questões ambientais são essencialmente ligadas às problemáticas decorrentes do que se convencionou chamar de crise ambiental, cujas raízes profundas se nutrem das consequências dos modos de vida humana predominantes na Terra.

Gestão ambiental pode ser entendida, conforme Quintas (2006, p. 35), como “processo de mediação de interesses e conflitos [...] entre atores sociais que agem sobre os meios físico-natural e construído, objetivando garantir o direito ao [...] ambiente ecologicamente equilibrado”. Nesse processo está implicado o alcance de metas concernentes aos princípios da sustentabilidade socioambiental.

No Brasil, políticas focadas em conservação ambiental começaram a receber atenção do poder público na década de 1930, sendo inspiradas em discussões e ações internacionais em prol da institucionalização de territórios destinados à proteção da biodiversidade. Em séculos anteriores havia movimentação política em torno da questão, entretanto no século XX ela ganhou maior visibilidade e impulso em virtude da atuação de movimentos ambientalistas em nível internacional. Acerca do histórico desse tipo de política no país, Dias (2004) tece uma crítica ao asseverar que em 1891, ano da promulgação da primeira Constituição Federal,

> já se havia iniciado uma das práticas mais demagógicas utilizadas pelos políticos brasileiros, no que tange à gestão ambiental, comuns até hoje: anunciar a criação de unidades de conservação [...] sem efetivá-las posteriormente, ou seja, sem dar a estrutura para o seu funcionamento, deixando-as apenas no papel (DIAS, 2004, p. 76).

Convém sublinhar: com base no modelo norte-americano, cujo principal objetivo consiste em preservar áreas “virgens” de relevante beleza cênica e com alto potencial turístico, mantendo-as livres do uso humano direto, o governo brasileiro procedeu à criação dos primeiros parques nacionais, como o de Itatiaia (1937), o de Foz do Iguaçu (1939) e o da Serra dos Órgãos (1939). Diegues (2000, p. 35) enfatiza que “o modelo de parques nacionais sem moradores para a preservação da vida selvagem sofreu críticas tanto dentro quanto fora dos Estados Unidos”.

Além de expressar ideias que defendem o distanciamento das pessoas em relação aos parques, originalmente as políticas públicas de conservação da natureza do Brasil são marcadas por uma visão desenvolvimentista, visto que “a grande motivação para defender o ambiente natural era sua importância para a construção nacional” (ARAUJO, 2007, p. 53), sendo as áreas submetidas ao regime de preservação vistas como recursos estratégicos para o progresso do país.

Um dos principais instrumentos jurídicos atinentes à gestão de territórios protegidos no Brasil consiste da lei nº 9.985/2000, onde UC consta como elemento-chave. Sua definição legal equivale ao conceito internacional de área protegida, conforme pode ser observado no âmbito do Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC):

> Espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (BRASIL, 2000).

No mesmo instrumento jurídico conceitua-se conservação da natureza:

> Manejo do uso humano da natureza, compreendendo a preservação, a manutenção, a utilização sustentável, a restauração e a recuperação do ambiente natural, para que possa produzir o maior benefício, em bases sustentáveis, às atuais gerações, mantendo seu potencial de satisfazer as necessidades e aspirações das gerações futuras, e garantindo a sobrevivência dos seres vivos em geral (BRASIL, 2000).

Conforme Castro Júnior et al. (2009), o SNUC incorporou à legislação e às políticas de conservação, dentre outros aspectos, discussões sobre populações, bem como sobre conhecimentos tradicionais. No mesmo sentido, Hassler (2005) ratifica que os benefícios aos seres humanos, provenientes dos territórios protegidos, transcendem os oriundos da conservação da biodiversidade.

Dentre as categorias previstas pelo SNUC, encontra-se APA, que pertence ao grupo das UC de Uso Sustentável (US). No rol das categorias consideradas pela *International Union for Conservation of Nature* (IUCN), a categoria simboliza uma área onde a proteção da natureza é compatibilizada com o uso direto dos recursos naturais. No fragmento a seguir se encontra o conceito de APA oficialmente adotado no Brasil, bem como seus objetivos:

> É uma área em geral extensa, com [...] certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (BRASIL, 2000).

Em função das articulações nacionais e internacionais em prol da gestão ambiental, o estado do Maranhão foi incluído no rol dos que atentaram à pauta da institucionalização de políticas públicas com foco na criação e gestão de territórios protegidos. Situam-se na década de 1940 as primeiras iniciativas políticas direcionadas por objetivos vinculados à conservação da natureza do Maranhão.

Tendo em vista a indiscutível necessidade de resguardar fragmentos remanescentes de sistemas ambientais maranhenses, e aproveitando as previsões do primeiro código florestal brasileiro, o poder público federal declarou como “florestas protetoras dos mananciais abastecedores de São Luís”, por meio do decreto-lei nº 6.833/1944, as “áreas de matas que interessam os mananciais abastecedores da cidade de São Luiz” (BRASIL, 1944). Deve-se a essa iniciativa a atenção do poder público estadual à necessidade de estruturar políticas públicas voltadas à conservação da natureza.

Parte dos sistemas ambientais que outrora integravam as florestas protetoras declaradas por Brasil (1944), compõe o território de duas UCs estaduais, o Parque Estadual (PE) do Bacanga e a APA de Maracanã, ambas criadas sob a justificativa de proteger principalmente os rios e os ecossistemas a eles associados, como os brejos, caracterizados por condições naturais propícias à existência de juçarais e buritizais, cujos frutos compõem a base de economias tradicionalmente baseadas no que se concebe enquanto sociobiodiversidade, “conceito que expressa a inter-relação entre a diversidade biológica e a diversidade de sistemas socioculturais (BRASIL, 2009, p. 06).

A APA de Maracanã foi criada pelo estado do Maranhão por meio do decreto nº 12.103/ 1991. Segundo o referido instrumento jurídico, o principal objetivo da UC é “disciplinar o uso e a ocupação do solo, a exploração dos recursos naturais, a integridade biológica das espécies e os padrões de qualidade das águas” (MARANHÃO, 1991). É interessante notar que os sentidos de lugar e as geograficidades apreendidas no âmbito da pesquisa em tela possibilitaram perceber que esse objetivo não fora alcançado.

Dentre as motivações para criação da APA, situa-se o reconhecimento do valor cultural e histórico de Maracanã, onde acontece, por exemplo, a Festa da Juçara, evento de natureza “tradicional, cultural e artística, que tem por finalidade reunir pessoas [...] para conhecerem e saborearem os produtos da juçara” (SILVA, 2003, p. 28).

No Decreto nº 12.103/ 1991 também há menção a quatro fatores que justificaram a institucionalização da APA, quais sejam: paisagens, recursos hídricos, impactos ambientais advindos do Distrito Industrial e presença de espécies de relevante interesse ecológico. Lopes (1996, p. 60) pontua que “esta APA foi criada com o objetivo de servir como ‘zona tampão’ entre o Distrito Industrial de São Luís e o Parque Estadual do Bacanga”.

Cumpre lembrar que, segundo Araujo (2012), a partir da década de 1970 as relações de sociabilidade foram alteradas em Maracanã, principalmente em função de dois fatos: a instalação do Distrito Industrial e o consequente surgimento de ocupações no entorno. Aquele período se caracterizou “pelo discurso de modernização do Maranhão, sustentado no programa de

desenvolvimento dos governos militares, com apoio de setores da burguesia" (ARAUJO, 2012, p. 16). Na mesma obra o autor menciona que associados às consequências da Lei de Terras, esses fatores engendraram êxodo rural e incremento na taxa de urbanização da capital maranhense, estimada em 70% à época da instalação do Distrito Industrial.

O aumento da população de São Luís se refletiu sobretudo na paisagem de Maracanã, pois foram erigidos novos núcleos de ocupação no entorno, a exemplo da "Vila Sarney, Vila Nova República, Vila Guará, Vila 2000, Vila Esperança e Vila Maracujá" (ARAUJO, 2012, p. 16). O autor também destaca que desde o final da década de 1970, em função da instalação das fábricas, o cotidiano de Maracanã tem sido alterado, pois muitas pessoas que se dedicavam às atividades rurais foram trabalhar nas indústrias.

Em relação aos aspectos paisagísticos, o decreto nº 12.103/ 1991 deixa claro que a preservação visa à realização de atividades ligadas ao turismo e à recreação, considerando suas características estéticas, ressaltadas enquanto "relevantes belezas". No que se refere à interface da APA com o Distrito Industrial, convém notar que ela se limita com ele a Leste, a Oeste e ao Sul. Com base nessa situação geográfica, depreende-se que o território em questão tem sua existência ameaçada por pressões típicas de áreas sob influência direta de empreendimentos industriais.

O fato do território da APA estar cercado por empreendimentos industriais – exceto em sua porção Norte, na fronteira com o PE do Bacanga – faz com que sua integridade natural fique cada vez mais vulnerável a impactos ambientais negativos, principalmente se sua gestão for marcada por ineficiência, ineficácia e descaso do poder público.

Na complexa tarefa de salvaguardar o patrimônio natural e cultural dos 1.831ha que compõem a extensão da APA, o art. 6º do decreto nº 12.103/1991 determina que em seu território são permitidas atividades múltiplas,

> desde que sejam obedecidos critérios de conservação, segurança, racionalidade e observada a Legislação Ambiental [...] executando-se aquelas de caráter predatório e que possam provocar alterações drásticas na biota local e regional ou causem impactos ambientais" (MARANHÃO, 1991).

Lopes (1996) afirma que desde a década de 1980 o estado do Maranhão realiza ações fundamentadas sobre a necessidade de conservação e preservação dos ecossistemas situados em seu território, visando atingir o uso sustentável dos recursos naturais e a preservação da diversidade biológica. Na mesma obra o autor lembra que para administrar as UCs estaduais, o órgão gestor criou um setor específico e indicou, através de portaria, um(a) gerente para cada UC.

Infelizmente a portaria que estabelecia o cargo de gerente de UC estadual no Maranhão foi extinta e as UC estaduais não dispõem de chefes ou gerentes específicos, fator que pode ser interpretado como limitante no que concerne ao alcance de seus objetivos. Há outras problemáticas implicadas na criação e gestão das UCs estaduais, dentre as quais as mencionadas no excerto a seguir:

> O processo de criação e estabelecimento de áreas protegidas no Estado do Maranhão tem ocorrido sem que os objetivos previstos em seu próprio conceito sejam atingidos e entendidos pelas comunidades vizinhas às áreas ou nestas incluídos, quer seja por problemas institucionais ou por razões culturais (LOPES, 1996, p.60).

Algo que merece atenção em relação ao panorama das UCs estaduais diz respeito ao quadro de funcionários responsáveis pela gestão dos territórios protegidos. Nesse sentido cumpre lembrar o que já era uma realidade em 1996: “(...) os problemas institucionais iniciam pelos recursos humanos disponíveis para a gestão [...]. O quadro é crítico em termos qualitativos e quantitativos. Há falta de qualificação técnica e números de pessoal” (LOPES, 1996, p.61). Tal panorama reflete o que se destaca nas seguintes considerações:

> Os técnicos dos órgãos públicos convivem com uma série de dificuldades para agir no cumprimento da legislação ambiental. São obstáculos de toda ordem, que vão desde a falta crônica de condições de trabalho (meios materiais, equipe técnica adequada, recursos financeiros, instalações, acesso às informações técnicas, apoio da chefia etc.) até a ausência pura e simples de vontade política dos governantes para tornar o órgão presente e atuante na sociedade (QUINTAS, 2006, p. 09 - 10).

No cenário formal da APA figura seu conselho consultivo, o CONAM, instituído por meio da Portaria SEMA nº 052/ 2014, com base nos preceitos da gestão ambiental participativa. De acordo com seu regimento interno, trata-se de órgão colegiado integrante da estrutura de gestão da UC. Seu principal objetivo é “contribuir com a implantação e implementação de ações destinadas à consecução dos objetivos de criação da referida Unidade de Conservação” (MARANHÃO, 2014).

Farias Filho et al. (2015) recordam que a primeira gestão do CONAM, eleito em 2013 e empossado em 2014, resultou do trabalho conjunto de mobilização entre vários grupos da sociedade civil organizada, que buscaram trabalhar em parceria com o órgão gestor da APA. Entre estes estavam GPEAMA/ UEMA, GEPEPE/ UFMA, CESCO e Rede Sou de Atitude. No mesmo artigo os autores afirmam que um dos maiores desafios do CONAM consiste em exercer o controle social na gestão do patrimônio natural e cultural da região, bem como no acompanhamento participativo da elaboração e implementação do plano de manejo.

Considerando a inexpressiva quantidade de instituições locais integrantes CONAM (gestão 2018-2020), é possível perceber uma das causas do desafio mencionado por Farias Filho et al. (2015). Como esperar que haja gestão participativa efetiva se apenas quatro instituições localizadas na APA estão representadas no conselho? Como conselheiros(as) vinculados à Associação Recreativa e Beneficente Folclórica e Cultural de Maracanã, ao CESCO, à União de Moradores do Residencial Amendoeiras e à União de Moradores da Vila Nova República darão conta de conhecer, se posicionar e votar em pautas inerentes a problemas ambientais de todas as comunidades da APA?

Em outubro de 2020, a APA completou vinte e nove anos de existência jurídica, entretanto ainda não dispõe de um dos principais instrumentos de gestão, o plano de manejo. Brasil (2000), no art. 2º, inciso XVII, apresenta a seguinte definição para o instrumento de gestão:

> Plano de manejo: documento técnico mediante o qual, com fundamento nos objetivos gerais de uma unidade de conservação, se estabelece o seu zoneamento e as normas que devem presidir o uso da área e o manejo dos recursos

> naturais, inclusive a implantação das estruturas físicas necessárias à gestão da unidade (BRASIL, 2000).

Cabe lembrar que o SNUC estabelece o prazo de cinco anos para a elaboração dos planos de manejo das UCs, a contar da data de criação das mesmas ou a partir da instituição da lei 9.985/ 2000 para as criadas em data anterior à promulgação desse instrumento legal. A inexistência do plano de manejo da APA, aliada a uma série de problemas decorrentes dessa fragilidade, é extremamente prejudicial à sua gestão.

Felizmente essa situação começou a mudar após a instituição do CONAM, que de tanto pressionar, conseguiu fazer com que o órgão gestor desse início ao processo de elaboração desse documento em agosto de 2018. A empresa contratada para elaborar o documento dispunha do prazo de um ano para entregar o produto, porém até abril de 2020 ainda não o tinha feito, argumentando que o atraso na entrega decorre do atraso de pagamento por parte do órgão gestor.

A elaboração do plano de manejo, assim como a construção da sede da APA no território protegido e a instituição do cargo de chefe da UC são pautas constantes nas reuniões do CONAM, o qual entende que tais elementos são imprescindíveis à gestão efetiva da APA. Nestes termos, evidencia-se a importância da gestão participativa, haja vista a atuação direta do CONAM na luta pela consecução dos objetivos da UC.

No panorama da gestão ambiental da APA se observa uma lacuna no que diz respeito à consideração de aspectos como sentidos de lugar e geograficidades, situação que se apresenta enquanto reflexo do predomínio de visões essencialmente técnicas sobre planejamento e implementação de políticas públicas atinentes à gestão territorial. Essa realidade pode ser vista pela equipe gestora como oportunidade de começar a trilhar novos caminhos na gestão da APA, tendo como guias olhares atentos às nuances humanistas dos lugares sobre os quais suas deliberações incidirão.

Se o objetivo é fazer com que a gestão pública de uma UC seja exitosa, especialmente se ela integrar o grupo das de uso sustentável, deve-se ter em vista que sentidos de lugar, bem como geograficidades, são aspectos

essenciais das relações geográficas, portanto entre os humanos e a terra onde habitam, onde realizam o que há de mais fundamental em suas coexistências.

As áreas onde as pessoas vivem não podem ser consideradas, de maneira generalizada, simplesmente como espaços, tendo em vista que a presença de elos existenciais caracteriza o que se concebe enquanto lugar, fenômeno geográfico marcado por valores, sentimentos, identidades, enfim, por múltiplas dimensões da vida humana. Assim, por mais que sejam submetidas a regimes diferenciados de administração pelo poder público, como é o caso dos territórios das UCs, tais áreas devem ser geridas a partir do respeito, do cuidado e da sensibilidade no que concerne às ligações entre as pessoas e seus lugares.

Atentar para geograficidades, assim como para sentidos de lugar em políticas públicas com foco na gestão de territórios protegidos, possibilita perceber, com base no pensamento de Dardel ([1952] 2015), que a realidade geográfica reverbera dentro de nós e isso tem implicações nos modos como nos relacionamos com os lugares onde se fundamentam nossas existências. Dessas relações surgem geograficidades específicas, as quais podem ser apreendidas no contexto da gestão ambiental.

Diante da necessidade de enxergar “uma riqueza de significados, que são ignorados e descartados como triviais” (RELPH, 1979, p. 23) na gestão pública de territórios protegidos, sentidos de lugar e geograficidades emergem como sínteses essenciais das relações estabelecidas entre humanos e os ambientes onde realizam suas vivências. Sob esse ponto de vista, é possível imaginar que a valorização de experiências de lugar tende a proporcionar maior capacidade de alcance dos objetivos para os quais esses territórios foram instituídos.

Assim como na realidade da APA de Maracanã, existem lacunas em termos de aspectos humanistas na gestão de territórios protegidos da América Latina, situação percebida quando se atenta para a avaliação da efetividade executada pela OLACEFS (2015). Trata-se de uma auditoria conjunta realizada pelo Tribunal de Contas da União (TCU) do Brasil e pela *Contraloría General de la Republica de Paraguay*, em que foram avaliados 1.120 territórios

protegidos localizados em doze países latino-americanos: Brasil, Argentina, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Honduras, México, Paraguai, Peru e Venezuela.

Para avaliar a implementação e gestão dos territórios em questão, o TCU criou o método Indimapa, baseado em dois métodos reconhecidos internacionalmente, o *Rapid Assessment and Prioritization of Protected Areas* (RAPPAM) e o *Management Effectiveness Tracking Tool* (METT). A avaliação se reporta ao cumprimento da meta nº 11 de Aichi, acordada por 113 países no âmbito da CDB, em que são considerados fatores quantitativos e qualitativos.

Em relação aos fatores quantitativos, o Indimapa considera o percentual de UCs continentais e marinhas em cada país, que segundo a meta é de 17% e 10%, respectivamente. A média de UCs continentais foi de 16,2%, sendo que nesse panorama o Brasil tinha 17,2% do território coberto por UCs continentais e 1,5% coberto por UCs marinhas.

Em relação à avaliação dos aspectos qualitativos, a auditoria evidenciou que, quanto ao grau de implementação, a menor parte das UCs apresenta alto nível (19%) e a maioria médio nível (52%). Sob esse aspecto, das 453 UCs brasileiras, 30% se caracterizam pelo baixo nível de implementação, 11% por um nível alto e 59% por um nível médio. Esses resultados foram obtidos com base nos seguintes indicadores: plano de manejo, recursos humanos, recursos financeiros, estrutura administrativa, consolidação territorial, fiscalização ambiental, pesquisa, monitoramento da biodiversidade, conselho gestor, manejo comunitário, uso público, concessão e articulação na área protegida.

Cumpre destacar que na auditoria não constam aspectos relacionados aos elos entre pessoas e lugares que integram as UCs, fato preocupante no contexto da gestão de territórios protegidos, especialmente naqueles onde vivem comunidades humanas, caso das APAs. Não se pode negar a relevância desse tipo de auditoria, entretanto é importante sublinhar seu distanciamento no que tange à realidade decorrente das relações intrínsecas entre humanos e lugares. Há silenciamento no que diz respeito, por exemplo, aos sentimentos pelos lugares, que por suas características naturais passaram a integrar UCs, algo similar ao que ocorre na gestão da APA de Maracanã.

4 NO ATALHO DAS TRADIÇÕES, FESTAS E DEVOÇÕES: o encantar-se com sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã

Manifestações da cultura popular de Maracanã constituem dimensão significativa da expressão de sentidos de lugar e geograficidades, dadas suas características marcadas sobretudo pelo desejo de preservar e fortalecer as tradições dos lugares que conformam a totalidade do território maracanaense.

Do universo dos laços essenciais entre fé e festa, emergem identidades capazes de revelar sentimentos, crenças, emoções, significados, valores e atitudes frente ao mundo vivido, assim como espectros das relações concretas que vinculam as pessoas aos lugares onde vivenciam suas experiências vitais.

Maracanã constitui ente geográfico extremamente rico em termos de manifestações da cultura popular maranhense, o que jamais deveria ser desconsiderado em políticas públicas de conservação da natureza local. Em alusão à dimensão ambiental da APA, Reis (2015) observa a expressividade de Maracanã “no contexto ambiental ludovicense pelo arranjo de seus atributos naturais e culturais” (REIS, 2015, p. 275).

É possível perceber tanto sentidos de lugar quanto geograficidades em manifestações religiosas concernentes aos lugares que integram o território da APA. Nas ladainhas do mês de maio, por exemplo, são fortes os sentidos de pertencimento e enraizamento, traços marcantes das relações de vizinhança e parentesco, tais como os compadrios, ocasiões em que se fortalecem vínculos de afeto pelo lugar e por pessoas com as quais se compartilham sentidos como o de pertencimento a Maracanã.

Em termos de geograficidades, chama atenção o uso de fragmentos de juçareiras e de outras espécies vegetais típicas do ambiente como elementos ornamentais dos lugares sagrados, algo comum em altares, presépios, terreiros e demais entes geográficos onde se vivencia a dimensão religiosa. Tais elos com a vegetação reportam ao que Wilson (1993) denomina biofilia, afetividade emocional dos seres humanos em relação a seres vivos de outras espécies. O contexto em tela permite reconhecer que teoricamente é possível individualizar as noções de geograficidade e sentido de lugar, contudo na realidade elas se

encontram entrelaçadas e se manifestam como símbolos complementares de uma única totalidade, onde estão implicadas relações entre os seres humanos e os lugares onde vivem.

Mauss (1967, p. 28), afirma que os fenômenos materiais de uma sociedade sempre estão atrelados aos fenômenos de natureza espiritual, os quais jamais podem ser negligenciados quando se intenta conhecer fatos humanos. É possível perceber essa nuance com certa facilidade nas tradições maracanaenses, fortemente atreladas ao domínio da espiritualidade. Assim, durante o estudo o pensamento fora constantemente conduzido ao fenômeno hierofania, entendido por Eliade (2016, p. 02) como “qualquer coisa que torna manifesto tudo quanto é sagrado”.

Nas tradições engendradas nos entrelaçamentos emanados das dinâmicas forjadas nas relações íntimas com os lugares, emerge, por exemplo, o amor ao lugar, como se evidencia nos festejos de Santos Reis, no Bumba-meu-Boi de Maracanã, nas Ladainhas do mês de Maio, nas manifestações da Umbanda, na Festa da Juçara, no Tambor de Crioula, nos Presépios, na Queimação de Palhinhas, enfim, em diversas expressões da cultura popular dos lugares que integram Maracanã.

4.1 Festejo de Santos Reis, sinal de que o ano começou em Maracanã

O Festejo de Santos Reis, assim como as festas e as relações de parentesco, constitui, segundo Araujo (2012, p.14) a identidade maracanaense. Essa manifestação da cultura popular representa um “momento significativo para o fomento de sentimentos de pertencimento entre as pessoas deste lugar”.

A convite de Dona Flávia de Sá, conselheira do CONAM, participei, no ano 2018, de um dos festejos de Santos Reis da comunidade Alegria (Fotografia 06). De forma geral, o festejo, também conhecido como Festa de Reis ou Festa de Santos Reis, constitui manifestação tradicional realizada há mais de cem anos nas comunidades mais antigas da APA: Alegria e Maracanã.

Fotografia 06 – Festejo de Santos Reis na comunidade Alegria (ano 2018)



Fonte: Registro da autora

Os ritos e outras atividades que integram o festejo concentram-se em três dias (05, 06 e 07 de janeiro), sendo que o segundo dia consiste na data em que se celebra o Dia de Reis. O evento é alusivo ao dia em que, segundo a tradição cristã, três reis magos (Melchior, Baltazar e Gaspar) visitaram Jesus Cristo por ocasião de seu nascimento. Em relação à história desse fenômeno da cultura popular maracanaense, Castro e Couto (1960) informam que o reisado é uma manifestação de origem europeia, originada na Península Ibérica no século XII, folguedo incorporado à cultura brasileira à época da colonização.

Na APA existem quatro grandes manifestações ligadas ao Festejo de Santos Reis: Reis das Nuvens, Reis da Sempre Viva, Reis do Alecrim e Reis Pobre. Os três primeiros ocorrem nos dias 05 e 06 de janeiro, já o último ocorre no dia 07. O Reis das Nuvens e o Reis da Sempre Viva acontecem na comunidade Alegria, em propriedades situadas à Rua Menino Jesus. O Reis do

Alecrim ocorre na comunidade Maracanã, próximo ao barracão do Bumba-meu-Boi. Já o Reis Pobre, manifestação muito mais ligada à face festiva da tradição, acontece nas duas comunidades, representando uma espécie de encerramento dos festejos sagrados.

Por ocasião do festejo do ano 2018, visitei o Reis das Nuvens, organizado pela família de Dona Flávia de Sá. De acordo com a líder comunitária e conselheira do CONAM, trata-se do Reis do “saudoso Zé Ceará”, seu pai. Para que a festa aconteça, algumas pessoas colaboram financeiramente, entretanto as doações têm sido insuficientes para a realização de algo melhor, relata Dona Matilde, tia de Dona Flávia e responsável pela manutenção da tradição na família. Sobre essa questão, Dona Odelina Ferraz – também conselheira do CONAM e membro da família – mencionou a necessidade de apoio do poder público, principalmente financeiro, para que essa tradição não seja extinta.

Acompanhei a cerimônia denominada ladainha, que consiste essencialmente de cânticos entoados por mulheres que trajam um uniforme (vestido simples de cor azul claro, com um cordão branco amarrado à altura da cintura), em frente a um presépio contemplado por crianças e adolescentes com vestimentas representativas das de uma corte europeia. A ladainha é cantada predominantemente em latim, tradição que chama atenção, assim como o fato do presépio ser ornamentado com folhas de plantas do lugar, a exemplo da murtinha (*Blepharocalyx salicifolius*), árvore típica do Cerrado. Durante o período de permanência no festejo, foi possível entrar em contato com pessoas dispostas a colaborar com a pesquisa.

Pelo segundo ano (2019) fui convidada a participar do festejo do Reis das Nuvens (Fotografia 07). Dona Matilde Mendes e sua família são responsáveis pela realização dessa tradição, que acontece em seu sítio nos dias 05 e 06 de janeiro, sendo a cerimônia de abertura realizada no início da noite do primeiro dia.

Fotografia 07 – Festejo de Santos Reis na comunidade Alegria (ano 2019)



Fonte: Registro da autora

Algo muito significativo diz respeito à intrínseca relação entre fé e festa. Na paisagem se destaca uma espécie de capela onde se encontra um presépio cuja figura central (escultura em gesso) representa o santo católico Benedito (São Benedito) com o Menino Jesus em seus braços. Há também elementos que reportam a famílias reais europeias, representadas por crianças e adolescentes vestidos com trajes que lembram membros de uma corte.

A abertura das atividades consiste na ladainha em latim. A “família real” e todos os presentes permanecem em posição de reverência à cena do nascimento de Jesus Cristo. Após a ladainha, a corte se dirige para fora da capela, sendo seguida pelas pessoas que se encontram ali, momento em que se realiza um pequeno cortejo cantado na área externa da capela, o qual dá uma volta no terreiro e se dirige novamente para dentro da capela, onde, diante do presépio, se encerra a cerimônia de abertura. É interessante notar que após

os ritos religiosos, o festejo se estende até a madrugada por meio de uma festa profana.

No festejo é possível perceber traços de sentidos de lugar e de geograficidades inerentes àquela realidade geográfica. O presépio, por exemplo, caracteriza-se por uma estrutura física constituída por fragmentos de formações vegetais típicas do lugar, como folhas de ariri (*Syagrus petraea*) e de murtinha (*Blepharocalyx salicifolius*). Por meio da expressão da fé, percebe-se a integração entre as pessoas que vivem ali, principalmente as mais idosas. O momento de vivência da tradição em tela favorece o fortalecimento de laços identitários entre as pessoas e o lugar.

No segundo dia (06 de janeiro), data em que se comemora o Dia de Santos Reis, a família anfitriã ofertou almoço aos presentes. Chamou atenção, no período da tarde, o comentário feito por José Fernando Nascimento, sobrinho de Dona Matilde: “Antigamente, nesse horário de muito calor, as pessoas aqui entravam no rio e se divertiam, se refrescavam. Hoje não dá mais pra fazer isso porque o rio tá poluído” (NASCIMENTO JFB, 2019). Por mais que o depoimento seja marcado por angústia e lamento, ele indica a força da expressão de geograficidades em sentidos de lugar ligados ao espaço aquático, o que reporta ao pensamento dardeliano:

> Não é necessário insistir longamente sobre a importância e a originalidade do domínio das águas sobre o espaço geográfico [...] onde não existe água, o espaço tem algo de incompleto, de anormal [...]. Os vales, as fontes, as lagoas são também os lugares verdejantes, “sorridentes”. “O sorriso do verão brilha em suas margens”, disse Albert Samain. O domínio das águas, inseparável do espaço verde, está do lado da vida. (DARDEL [1952] 2015, p. 20).

Na mesma comunidade, mais precisamente no lugar conhecido como Ambude (nome do rio que passa pelos quintais das residências localizados à Rua Menino Jesus), o tradicional Reis Pobre (Fotografia 08), sempre realizado dia 07 de janeiro como parte do festejo de Santos Reis, se concentra no sítio Reis das Nuvens, de onde brincantes se dirigem ao barracão do Reis da Sempre Viva, animados por bebidas, batucadas e músicas ligadas à tradição.

Fotografia 08 – Cortejo de Reis Pobre do Ambude, na comunidade Alegria (ano 2020)



Fonte: Arquivo Reis das Nuvens

Ao longo do caminho, paradas em algumas casas para receber contribuições ao folguedo, a exemplo de bebidas alcoólicas e comida. De modo irreverente e ao sabor de muita animação, o cortejo do Reis Pobre possui caráter essencialmente festivo, em que, segundo Dona Odelina:

> Todo mundo sai daqui do Reis das Nuvens, com galhos e ramos nas mãos, parando de casa em casa pra pedir bebidas, né, até chegar ali na Festa de Reis de Dona Joana. E aí a gente sai batendo lata e cantando. Quando chega lá no Reis da Sempre Viva, a gente se confraterniza com uma feijoada e às vezes encerra lá. Ultimamente tá tendo um casal de Reis Pobre aqui na Flávia (Reis das Nuvens), para onde às vezes a gente desce porque é ofertado camarão com arroz de toucinho. (FERRAZ, 2020).

Durante nossas conversas sobre as tradições de Maracanã, Dona Odelina fez a gentileza de cantar marchinhas de Reis Pobre, transmitidas oralmente de geração a geração:

> Ôh viva o Reis lá do Ambude/ Eu não fui ontem nem ontonte mas porque eu não pude/ Vou dar um viva aos meus companheiros/ Nosso Reis é Pobre, não tem mais dinheiro (Autoria desconhecida).

> Ôh viva o Reis do Maracanã, nossa viagem ficou pra'manhã/ Vou dar um viva aos meus companheiros, nosso Reis é Pobre, não tem mais dinheiro (Autoria desconhecida).

4.2 Bumba-meu-Boi de Maracanã, (en)cantos do terreiro ao altar

Traços de amor ao lugar estão evidentes ao se falar, por exemplo, sobre Bumba-meu-Boi, manifestação da cultura popular maranhense muito significativa em Maracanã. O Boi de Maracanã, como é popularmente conhecido o folguedo, reporta a uma essência maracanaense. Quando se fala sobre Maracanã em São Luís é praticamente impossível não lembrar do Boi, forte componente de sua identidade cultural. A expressão popular e suas toadas são tão significativas para nossa gente que a toada *Maranhão, meu tesouro meu torrão* é popularmente conhecida como hino do Maranhão. Eis a letra da composição mais famosa de Mestre Humberto de Maracanã:

> Maranhão, meu tesouro, meu torrão/ Fiz esta toada pra ti, Maranhão/ Terra do babaçu que a natureza cultiva/ Esta palmeira nativa é que me dá inspiração/ Na praia dos Lençóis tem um touro encantado/ E o reinado do rei Sebastião/ Sereia canta na proa/ Na mata o guriatã/ Terra da pirunga doce/ E tem a gostosa pitombotã/ E todo ano, a grande Festa da Juçara/ No mês de Outubro no Maracanã/ No mês de Junho tem o bumbá-meu-boi/ Que é festejado em louvor a São João/ O amo canta e balança o maracá/ A matraca e pandeiro é que faz tremer o chão/ Esta herança foi deixada por nossos avós/ Hoje cultivada por nós/ Pra compor tua história Maranhão (MENDES, 2011).

No ano 2018 tive oportunidade de participar de uma festa da comunidade Maracanã em torno dos preparativos para o início das apresentações do folguedo em homenagem a São João, Santo Antonio, São Pedro e São Marçal. Tradicionalmente, essa comemoração acontece no primeiro dia de abril, na sede do Bumba-meu-Boi de Maracanã, ocasião em que são apresentadas ao público as toadas da temporada junina.

Momentos de festividades relacionadas ao Bumba-meu-Boi evidenciam o sentimento de integração em Maracanã, bem como a satisfação do povo maracanaense em acolher as pessoas que chegam para participar da diversão

em torno de uma das expressões populares mais significativas e conhecidas de Maracanã.

O Bumba-meu-Boi (Fotografia 09) pode ser interpretado como fenômeno de natureza cultural originado no contexto das ruralidades filiadas às heranças dos povos que constituíram a base da sociedade ludovicense: indígenas autóctones, africanos e europeus. Segundo a FUNDACEM et al. (1989), “São Luís [...] tem no Bumba-meu-Boi uma das expressões de maior impacto”, especialmente no âmbito da cultura, envolvendo tradições e sacralidades, assim como aspectos políticos e econômicos.

Fotografia 09 – Apresentação do Bumba-meu-Boi de Maracanã (temporada 2019)



Fonte: Registro da autora

A relevância cultural do Bumba-meu-Boi para o Maranhão encontra-se oficialmente registrada desde 30/08/2011 junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no âmbito do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial, onde consta como “Complexo Cultural do Bumba-meu-

Boi do Maranhão", na categoria "Celebrações". De acordo com o IPHAN (2018),

> Os patrimônios registrados são os bens culturais imateriais reconhecidos formalmente como Patrimônio Cultural do Brasil. Esses bens caracterizam-se pelas práticas e domínios da vida social apropriados por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos de sua identidade. São transmitidos de geração a geração e constantemente recriados pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, sua interação com a natureza e sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade. Contribuem, dessa forma, para a promoção do respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (IPHAN, 2018).

Existem várias versões para a origem do Bumba-meu-Boi, sendo uma delas contada por Humberto de Maracanã (*in memoriam*), Mestre em Cultura Popular que comandou o Boi de Maracanã durante mais de quarenta anos, na condição de amo e cantador do "Batalhão de Ouro" (denominação popular da referida manifestação cultural). Considera-se oportuno enfatizar que o Boi de Maracanã "é uma das brincadeiras mais respeitadas no Estado do Maranhão" (ARAUJO, 2012, p. 14).

No âmbito da entrevista concedida à FUNDACEN et al. (1989), Mestre Humberto (Fotografia 10) lembra que seus antepassados contavam uma história acerca da origem do Bumba-meu-Boi (Quadro 01):

Fotografia 10 – Mestre Humberto de Maracanã



Fonte: Jornal O Estado do Maranhão (2020)

Quadro 01 – Versão de Mestre Humberto de Maracanã para a origem do Bumba-meu-Boi

Um fazendeiro possuía um boi muito mimado, bonito, manso e querido por todas as famílias que viviam na fazenda. Esse boi era tão estimado e tão vistoso que despertava inveja em outros fazendeiros da região, que o desejavam para si, como o fazendeiro Francisco, conhecido como Pai Francisco ou Nêgo Chico. Ele desejava tanto o boi, que sempre insistia em comprá-lo.

Nas noites de São João, as famílias moradoras da fazenda onde o boi vivia costumavam festejar. Em determinado ano, decidiram colocar o boi para alegrar ainda mais o festejo. Então formaram um círculo para dançar e cantar em torno do animal. Numa dessas noites de festa ao redor do boi, Nêgo Chico, fingindo estar perturbado devido ao barulho do folguedo, se dirigiu à fazenda e novamente tentou comprar o boi, dessa vez sob a alegação de que sua esposa, Catirina, devido à gravidez, estaria desejando comer um pedaço daquele boi.

Diante do pedido insistente, o fazendeiro (amo do boi) disse que só venderia o animal se os moradores de sua fazenda o autorizassem. Ao consultar os brincantes, o amo não obteve autorização para vendê-lo. Inconformado com a decisão do povo, Nêgo Chico decidiu roubar o boi por meio de feitiçaria. Assim, distraindo as pessoas com o poder de seu feitiço, conseguiu levar o bicho para sua fazenda.

Ao sentir falta do boi, o amo chamou os vaqueiros para perguntar se eles sabiam o que tinha acontecido e onde estaria aquele ser tão estimado. Inicialmente os vaqueiros disseram não saber onde estava o boi, até que um deles se lembrou da ânsia de Nêgo Chico em se apropriar do animal. A fim de averiguar a suspeita, o amo enviou um emissário à fazenda do vizinho para que, caso o roubo fosse comprovado, ordenasse que Nêgo Chico o devolvesse.

O roubo foi constatado, mas Nêgo Chico se recusou a devolver o bicho e disse que só o faria se os caboclos reais o obrigassem. Ao saber da afronta de Nêgo Chico, o amo acionou os caboclos reais, que se dirigiram à fazenda do acusado e o prenderam pelo roubo. Preso, o réu confessou o delito e disse que o animal estava vivo e saudável, apesar de sua esposa ter comido um pedacinho de sua língua e um pedacinho de seu fígado.

Após esclarecer os fatos, Nêgo Chico foi obrigado a devolver o boi. Então o amo pediu que um de seus vaqueiros o acompanhasse para resgatar o bicho. Ao ver que o boi estava muito doente e fraco, quase morto, o amo exigiu que Nêgo Chico o curasse, ao que este respondera que se o amo contratasse veterinários, ele pagaria as despesas.

Aceitando a sugestão de Nêgo Chico, o amo contratou três veterinários (o 1º, o 2º e 3º doutor), que conseguiram reanimar o animal. Após o curarem passando em seu corpo um remédio feito à base de banha de jurará, o boi levantou, urrou e recomeçou a dança no meio do terreiro junto às pessoas que tanto o amavam.

Fonte: Adaptado de FUNDACEN et al. (1989)

Outra versão fascinante sobre o surgimento da referida manifestação da cultura popular maranhense povoa o imaginário de habitantes da Ilha de Lençóis, no município de Cururupu - MA:

> Teatro e dança de rua que entre outras histórias, retrata no mês de junho a figura lendária, mitológica e heroica do rei Dom Sebastião de Portugal, aqui representado por um touro negro repleto de joias. Ele e sua corte, vindos da África, chegam na Praia dos Lençóis, onde permanecem encantados até hoje (FUNDACEN et al., 1989).

Dentre as cosmovisões em torno do Auto do Bumba-meu-Boi do Maranhão se encontra um ritual denominado “Batizado do Boi”, realizado na madrugada do dia 24 de junho. Em 2018 tive o prazer de acompanhar os ritos do batizado em companhia de membros da comunidade (Figura 02). É contagiante sentir o espírito alegre de Maracanã, assim como a expressividade da fé, tão presente em suas tradições!

Figura 02 – Batizado do Bumba-meu-Boi de Maracanã (temporada junina 2018), na comunidade Maracanã. (A) Altar da celebração; (B) Bênção da fogueira; (C) Aquecimento dos pandeirões



Fonte: Registro da autora

Por ocasião do batizado são realizados rituais que giram em torno de um objetivo central: que São João Batista e demais santos e divindades de devoção abençoem o folguedo na nova temporada. Esse evento representa o início das apresentações do Boi com o novo “couro”, ou seja, com o novo bordado, que lhe confere ar de novidade e sentido de renovação, demarcando a nova temporada de homenagens a São João.

Trata-se de ritos visualmente ligados ao Catolicismo e essencialmente vinculados a religiões de matriz africana. Durante a cerimônia, um padre abençoa todos os elementos que compõem o Bumba-meu-Boi de Maracanã: boi, brincantes, instrumentos e a fogueira, acesa em homenagem a São João e utilizada como recurso para afinação dos instrumentos musicais de percussão que animam o folguedo, como tambores e pandeirões.

A fogueira acesa no limiar do dia 24 de junho, data em que se festeja o Dia de São João, é dedicada ao santo, um dos protetores dos festejos juninos de São Luís. Muita riqueza em termos de cultura popular oscila em torno do Bumba-meu-Boi de Maracanã, como as cores, as danças e os ritmos próprios, expressões das tradições do lugar. Em cada ponto é possível sentir a força de geograficidades e de sentidos de lugar, seja nas toadas, seja nas pessoas e nos outros elementos que significam os elos entre elas e seus espaços vividos.

Chama atenção, ao fundo do barracão, o altar caracterizado pela presença de símbolos da religiosidade e do Bumba-meu-Boi, em que se destacam imagens do saudoso Mestre Humberto de Maracanã (amo do Boi falecido em 19/01/2015). Percebe-se a forte ligação entre duas importantes dimensões da vida humana, a espiritual e a física. Há velas acesas em alguns pontos do lugar, como na frente do altar, próximo a uma representação de São João (escultura em gesso). Algumas pessoas permanecem em posição de oração diante do altar.

No barracão também se encontra, como parte da festa de batizado, uma mesa com três bolos enfeitados com temas ligados às festas juninas, ao Boi e ao Mestre Humberto. Após a cerimônia do batismo, o Boi se apresenta no terreiro da sede (parte externa) e em seguida, sob a forma de cortejo, se dirige

à Igreja de Santo Antonio, nas proximidades do lugar onde foi possível presenciar mais vínculos estreitos entre fé e festa.

Na igreja, o Boi foi colocado diante do altar (Fotografia 11), onde permaneceu por alguns minutos. Ao final desse tempo, o "miolo do Boi" (homem que fica embaixo do boi, conferindo-lhe movimentos) reassumiu sua função e permaneceu diante do altar, indicando que o boi se encontrava em momento de oração.

Fotografia 11 – Dimensão religiosa do Bumba-meu-Boi de Maracanã (temporada 2018)



Fonte: Registro da autora

Em seguida, ao som da toada que vinha de fora da igreja, o "animal" foi se afastando do altar de forma lenta e com movimentos similares a reverências. Após breve parada na porta da igreja, o boi se dirigiu à área externa e se apresentou como de costume, seguindo de lá para se apresentar em outros lugares e arraiais[4] de Maracanã.

[4] Lugares onde tradicionalmente acontecem as festas juninas do Maranhão. Em sua forma mais comum, apresentam pequenas barracas cobertas com palha de babaçu (*Attalea speciosa*) ou outras espécies de palmeira, onde são comercializadas comidas típicas como arroz de cuxá, vatapá, peixe frito, torta de camarão e farofa. Geralmente os arraiais são lugares temporários, estruturados apenas por ocasião da época junina.

Essa festividade muda a rotina do lugar, pois muitas pessoas, tanto de São Luís quanto de outros lugares, inclusive de outros países, se dirigem para lá no intuito de assistir às apresentações do Boi e aos rituais a ele associados. Destaca-se ainda a presença de cientistas de universidades e outros centros de pesquisa. A forte ligação do Bumba-meu-Boi de Maracanã com a dimensão sagrada pode ser sentida também na tradição da trupiada[5] se dirigir, após os ritos e apresentação na igreja de Santo Antônio, à igreja de São Sebastião (Fotografia 12), localizada na comunidade Alegria.

Fotografia 12 – Largo de São Sebastião ornamentado para a temporada junina (2018)



Fonte: Registro da autora

Há significativa correlação entre biodiversidade e cultura em Maracanã, o que pode ser observado inclusive no nome artístico adotado por Mestre Humberto, o "Guriatã"[6]. Ao longo dos anos em que esteve à frente do Bumba-meu-Boi de Maracanã – o Batalhão de Ouro – o Guriatã primou pela

[5] Denominação popular que designa o grupo de brincantes de Bumba-meu-Boi.
[6] Nome popular de pássaros conhecidos como tico-ticos.

manutenção das características tradicionais desse patrimônio cultural, fato reconhecido principalmente por meio de prêmios e títulos nacionais e internacionais concedidos ao Boi.

Nas toadas do Bumba-meu-Boi é possível apreender sentidos de lugar e geograficidades atinentes a Maracanã. Da poesia envolta em musicalidade emergem significados, sentimentos, emoções, valores, atitudes, crenças e outros aspectos denotativos da concretude das relações que estabelecem elos entre o povo maracanaense e seus lugares. Na mesma perspectiva situa-se o "couro do Boi", como é conhecido o bordado que ornamenta o dorso da alegoria.

A cada ano o Boi recebe "couro" novo, com bordado diferente do ano anterior, o que lhe confere o sentido de renovação. As ilustrações que o ornamentam constituem símbolos e significados diversos, dentre os quais se destacam os ligados à dimensão sagrada, portanto a elementos que reportam à fé e ao cultivo da espiritualidade. Ao observar o Boi de Maracanã (temporada 2018), chama atenção o nome bordado em destaque: Batalha de São João. De acordo com brincantes do folguedo, trata-se do nome do Boi, modificado todos os anos pelo líder da trupiada. Sob essa perspectiva, o couro do Boi pode conter elementos representativos de sentidos de lugar e geograficidades.

Como parte das atividades que antecedem a temporada junina de apresentações do Bumba-meu-Boi, a sede – ponto de cultura – é utilizada como museu (Fotografia 13), onde são realizadas visitas guiadas, exibições audiovisuais sobre a história do folguedo, além de oficinas de dança e percussão, entre outras. De acordo com a Política Nacional de Cultura Viva (lei nº 13.018/ 2014), pontos de cultura são instrumentos da referida política pública, sendo definidos nos seguintes termos:

> Entidades jurídicas de direito privado sem fins lucrativos, grupos ou coletivos sem constituição jurídica, de natureza ou finalidade cultural, que desenvolvam ou articulem atividades culturais em suas comunidades (BRASIL, 2014).

Fotografia 13 – Visita ao barracão do Bumba-meu-Boi de Maracanã (23/03/2019)



Fonte: Registro da autora

Indumentárias e outros elementos, tais como instrumentos musicais, bois e jumentinhas integrantes da brincadeira, são exibidas às pessoas que visitam o ponto de cultura. No barracão também se encontram coleções de prêmios conquistados ao longo da trajetória do Boi, bem como notícias de jornais impressos em que essa manifestação da cultura popular maranhense ganhou destaque, especialmente no cenário estadual e municipal.

Ao longo da visita, gentilmente guiada por Johnatan Oliveira (neto de Mestre Humberto e de Dona Ubiranice) ficou evidente a relação intrínseca entre fé e festa que configura um dos sentidos de lugar mais expressivos na APA de Maracanã. Aspectos simbólicos da dimensão ligada à religiosidade podem ser vistos nos espaços preparados para manifestações da fé nos entes divinos aos quais se atribui a proteção do Bumba-meu-Boi.

4.3 Ladainhas de maio, faces da devoção maracanaense à Santa Maria

Atendendo ao convite de Dona Flávia, participei de outra tradição religiosa da comunidade Alegria (Fotografia 14), as ladainhas do mês de maio, também conhecidas como ladainhas do mês mariano, dedicadas à Santa Maria, mãe de Jesus Cristo. Essa tradição católica, realizada todos os dias do referido mês, tem sua origem e fundamento no pagamento de promessas feitas à Nossa Senhora, como é respeitosamente denominada a santa em questão. Convém notar que em São Luís, sobretudo na zona urbana, tal tradição praticamente desapareceu.

Fotografia 14 – Ladainha de encerramento do mês mariano na comunidade Alegria (2018)



Fonte: Registro da autora

Ao longo do dia 31 de maio, que demarca o encerramento da tradição, um grupo de mulheres conhecidas como rezadeiras e demais convidados das

famílias do(a) pagador(a) de promessa entoam cânticos e orações em latim e português nas residências dessas pessoas. Em cada casa a ladainha dura cerca de trinta minutos e ao final desse rito serve-se lanche, almoço ou jantar, dependendo do horário em que está sendo realizada.

No ano 2018 foi possível acompanhar parte dos rituais de encerramento das ladainhas de maio em duas residências. Uma delas chamou atenção pelo sincretismo religioso, pois o lugar consiste em um templo da Umbanda, religião brasileira caracterizada por elementos que a vinculam a religiões de matriz africana, indígena, espírita e católica. Lá existem imagens de orixás, encantados e outros elementos da religião, assim como elementos do Catolicismo.

Foi uma experiência extremamente positiva, que auxiliou na apreensão de sentidos de lugar e geograficidades. Através da vivência da religiosidade, as pessoas demonstram sentimentos de integração, de pertencimento àquela realidade geográfica. No evento – uma das nuances dos laços identitários em relação ao lugar – os elos são percebidos mediante as relações de amizade, de parentesco, de ligações íntimas entre humanos e seus lugares, os quais constituem parte significativa de suas existências e vivências entrelaçadas, de forma simultânea, aos sentidos de fé e de festa.

Os vínculos de afetividade relacionados à vizinhança e ao lugar são expressos nos momentos da partilha de comida, bebida, enfim, da satisfação por pertencer àquele lugar. O relato de Dona Odelina, sintetizado nos próximos parágrafos, nos brinda com parte da história das ladainhas rezadas na comunidade Alegria.

Quando Raimunda da Silva Ferraz (Dona Mundoca), avó de Dona Odelina, foi morar em Maracanã, levou consigo uma imagem de Santa Maria que pertencia à sua filha Loury Ferraz, avó do sacerdote espiritual Fábio Marlos Góes de Sá. Pouco tempo após fixar moradia no lugar, Dona Mundoca assumiu o pagamento de uma promessa de sua filha, que consistia na reza de ladainhas em latim para homenagear Santa Maria durante o mês de maio.

Na comunidade havia uma senhora que sabia rezar esse tipo de ladainha, então Dona Mundoca a convidou para lhe ajudar no intento. A partir

daquele momento, as rezas do mês mariano passaram a constituir parte das tradições do bairro Alegria.

Segundo Dona Odelina, atualmente existem duas rezadeiras oficiais de ladainha em latim na comunidade: ela própria e a Sra. Jaqueline. A história dela enquanto rezadeira começou na infância, quando acompanhava sua avó nas rezas da comunidade. Ela não lembra do momento exato da descoberta de que tinha o dom da reza em latim, mas tem convicção de que aprendeu porque gostava muito de ir às ladainhas com Dona Mundoca.

> Tudo começou quando um dia, na casa da minha amiga Kátia, estava acontecendo uma reza em que eu e minhas irmãs fomos convidadas. Como Dona Terezinha – responsável pela ladainha – não pôde comparecer, minha amiga pediu para minhas irmãs conduzirem a ladainha, porém após três tentativas, mal conseguiram chegar até a metade. Quando cheguei lá (atrasada, diga-se de passagem) e me deparei com aquela situação, comecei a entoar a ladainha e consegui concluir com êxito. A partir daquele momento, todo mundo disse que eu seria a rezadeira da comunidade, já que eu tinha conseguido rezar a ladainha inteira e fazer o oferecimento. Então a partir daquele momento foram surgindo convites, as pessoas passaram a me procurar para que eu rezasse a ladainha pra elas. Daquele dia em diante fui consagrada como uma das rezadeiras tradicionais e oficiais aqui do Maracanã (FERRAZ, 2020).

Dona Odelina lembra ainda que em virtude do falecimento de Dona Terezinha, referência na reza de ladainhas em latim na comunidade, assumiu, juntamente com dona Jaqueline, o legado das ladainhas. Atualmente ambas são consideradas as principais rezadeiras de Alegria, haja vista que somente duas outras pessoas conseguem rezar a ladainha em latim, porém recorrendo à leitura de manuscritos para desempenhar a tarefa e se limitando a fazê-lo em suas residências.

Por não precisarem de anotações para “puxar” as ladainhas, Dona Odelina e Dona Jaqueline geralmente são convidadas para rezas em Alegria e outros lugares. Aquela simpática rezadeira demonstra satisfação ao se reportar à tradição:

> A cada dia vão surgindo mais pessoas com promessa, e às vezes a promessa é rezar a ladainha no dia do santo e a gente tá aqui até hoje mantendo essa tradição que é muito

> significante aqui pra nossa comunidade e pra gente, que cresceu acompanhando e vivenciando tudo isso. Às vezes a gente volta até no tempo quando vê as pessoas ali, querendo pra rezar a ladainha, nos ofertando bolo, chocolate. E aí também se reúnem várias pessoas e a gente começa a conversar. Isso tudo nos traz uma lembrança muito doce do tempo da minha avó, do tempo de outras pessoas aqui da comunidade (FERRAZ, 2020).

Em relação ao conteúdo das ladainhas, Dona Odelina destaca que ele varia conforme o devoto ou dia do santo. Por exemplo: nos dias comuns do mês de maio se reza a ladainha normal ou comum. Já no dia do encerramento do mês mariano ou nos dias de santo, a pedido do devoto, se reza a ladainha de Rayol ou dobrada, que é mais extensa e possui elementos diferenciados em algumas partes.

4.4 Umbanda, uma face do sagrado em Maracanã

No contexto das manifestações tradicionais de Maracanã, em que é possível apreender sentidos de lugar e geograficidades, se destacam os festejos umbandistas. Dentre os princípios da Umbanda, sobressai o que diz respeito à sua identidade com a dimensão ambiental:

> É uma religião por excelência ambientalista. Dialogando com a cultura local de quem a recria e lhe devota espaço e credo, ela logra honrar diversas heranças étnicas de uma comunidade, ao passo que ritualiza os mais variados [...] ambientes (LIGIÉRO, 2013, p. 14).

Infelizmente a religião em questão ainda é muito discriminada e seus fiéis são alvos de ações preconceituosas, submetidos a violências físicas e simbólicas em função de suas crenças e rituais. Convém lembrar que a Umbanda integra a extraordinária diversidade cultural do Brasil e está presente em sentidos de lugar e geograficidades de Maracanã, como pode ser observado no lugar.

Muitas pessoas associam a religião a práticas malfazejas, cujos objetivos se concentrariam na realização de feitiços atrelados ao mal. Ao conversar com praticantes da doutrina e ler sobre a mesma, ainda que de forma breve, aprende-se que seus princípios são ligados ao bem, à cura, envolvendo, por exemplo, tratamentos espirituais por meio de forças emanadas das matas, das águas, dos ares, do fogo, da terra e de tudo que constitui o espírito da natureza.

Pinto (2014, p. 44) afirma que um "importante valor Umbandista é a prática do bem. Um Templo Umbandista verdadeiro é comprometido com a prática do bem". Na comunidade Alegria é comum a existência de lugares da Umbanda, como terreiros e templos. Diante de ritos, rituais e festejos tradicionais umbandistas que chamam atenção pela beleza e capacidade de integrar as comunidades situadas no território da APA de Maracanã, é possível perceber aspectos denotativos dos significados que os lugares têm para as pessoas que vivem ali, bem como das relações que as vinculam aos seus espaços vividos.

Um dos exemplos mais emblemáticos da vivacidade da Umbanda em Maracanã consiste na Festa do encantado[7] Manezinho Légua Boji Buá, que no dia 16 de junho de 2018 foi realizada em comemoração aos 20 anos que a entidade está na família anfitriã (Fotografia 15). Ter sido convidada a participar de mais uma festa tradicional na comunidade Alegria foi uma honra. Assim como no encerramento do mês mariano, as atividades foram iniciadas por meio da ladainha, em que foi ofertada uma salva para Santo Antônio. Como de costume, as rezadeiras entoaram seus cânticos em latim e português, algo como orações cantadas.

[7] Encantados podem ser compreendidos como "seres que tiveram vida terrena e [...] desapareceram (enquanto pessoas) deste plano de existência. Quando sumiram, passaram a habitar um entremundo chamado de encantaria, de onde vêm para dançar, trabalhar, dar conselhos e fazer atendimentos" (AHLERT, 2016, p. 276).

Fotografia 15 – Festa umbandista em homenagem ao encantado Manezinho Légua Boji Buá, na Casa Remanescente da Luz, comunidade Alegria



Fonte: Registro da autora

A festa representa uma obrigação que os anfitriões têm para com o encantado Manezinho Légua Boji Buá, conhecido como Seu Manezinho. O lugar denominado *Palácio de Encantaria de José Tupinambá e Manezinho Légua Boji Buá* é coordenado pelo sacerdote espiritual Fábio Marlos Goes de Sá e por sua esposa, Dona Flávia do Nascimento de Sá. De acordo com o sacerdote, Iemanjá é seu orixá de frente, fundamento da Casa Remanescente da Luz e de sua feitura de Santo.

Após a ladainha, foram iniciados os ritos específicos da religião, ao som de instrumentos de percussão tocados pelos abatazeiros[8] e por pontos (cânticos) entoados pelo Pai de Santo[9] e por seus Filhos e Filhas de Santo[10]. Dispostos em círculo, membros da casa cantam e dançam, executando movimentos giratórios (gira) em torno de si e de um símbolo no centro do salão. Ao longo desses ritos ocorrem transes, momentos em que entidades como encantados se manifestam.

Decorrido o tempo de aproximadamente duas horas de canto e dança na roda de tambor, todas as pessoas são convidadas a cantar parabéns para o encantado Manezinho, que se posiciona atrás de uma mesa enfeitada com as cores da festa (amarelo e branco) e procede como numa festa de aniversário comum, onde o aniversariante corta o bolo e os convidados são servidos. Foi possível perceber uma ligação forte entre o plano físico e o espiritual, expressa através das relações entre pessoas e entes do mundo da encantaria.

No mesmo ano (2018), mais precisamente no dia 29 de setembro, fui convidada pelas lideranças da Casa Remanescente da Luz para uma festa em homenagem aos Erês, encantados infanto-juvenis. Na festa são ofertadas guloseimas aos encantados, como forma de agradecimento pelos benefícios atribuídos às suas intervenções na vida das pessoas.

Eventos dessa natureza reforçam o sentimento de integração, assim como fortalecem laços de identidade das pessoas entre si e o lugar. Nos cantos e danças ao som dos tambores e demais instrumentos de percussão, são evocados sentidos de lugar e geograficidades associados ao amor ao lugar, àquilo que Tuan (2012) denomina topofilia.

Topofilia, esse “elo afetivo entre a pessoa e o lugar” (TUAN, 2012, p. 19), auxilia na compreensão de sentidos de lugar. Cumpre lembrar que Bachelard (1969) já utilizava o termo para designar experiências felizes do ser humano em relação ao espaço, entretanto foi por meio de Tuan (1974) que seu

[8] Segundo Saraiva (2017), abatazeiros são percussionistas populares responsáveis pela dinâmica musical de manifestações ligadas a religiosidades afro-brasileiras, a exemplo do Tambor de Mina e do Tambor de Crioula do Maranhão.
[9] De acordo com Ferreira (1986), a denominação Pai de Santo refere-se a quem exerce a função de sacerdote em religiões afro-brasileiras.
[10] Filhos e Filhas de Santo são, conforme o sacerdote espiritual Fábio Marlos Góes de Sá, pessoas iniciadas na Umbanda e demais religiões afro-brasileiras.

significado foi ampliado, passando a incluir experiências agradáveis vinculadas a lugares e paisagens. Nessa discussão, Relph (1979) chama atenção para um aspecto interessante: nossa experiência com o lugar pode variar de topofílica a topofóbica e vice-versa. Essa variação depende das circunstâncias.

Outra celebração da Casa Remanescente da Luz que auxilia na percepção de que a Umbanda fortalece laços de identidade com o lugar é o Tambor em homenagem à encantada Chica Baiana (Fotografia 16). Tive oportunidade de participar dessa tradição no dia 24 de novembro de 2018. Naquela madrugada, ao longo de uma conversa com Dona Odelina, ficou claro que a dança, as músicas e a atmosfera lhe fazem lembrar das origens da relação de sua família com o lugar e a maneira como a religião contribuiu para o referido acontecimento.

Fotografia 16 – Festa em homenagem à encantada Chica Baiana, na Casa Remanescente da Luz, comunidade Alegria



Fonte: Registro da autora

Os relatos de Dona Odelina indicam que a ligação de sua família com Maracanã iniciou-se devido à necessidade de espaço que sua avó tinha para a realização de ritos da Umbanda. O fato de morar no centro da cidade de São Luís limitava a expressão de sua religiosidade, então ela decidiu adquirir um sítio em Maracanã, pois o lugar era mais amplo, mais verde e mais reservado, fatores favoráveis às suas atividades religiosas.

Ao final de cada ano, a Casa Remanescente da Luz promove uma ação social na comunidade (Fotografia 17). No ano 2018 o evento fora realizado dia 08 de dezembro, ocasião em que pude apreender sentidos de integração, bem como o fortalecimento de vínculos identitários com o lugar por meio da solidariedade, valor caro àquelas pessoas. Houve um brechó beneficente, além da oferta de serviços como corte de cabelo e cuidados com as unhas, destinados a pessoas de baixa renda. A ação é organizada pelos integrantes do centro religioso e conta com doações e voluntariado de pessoas interessadas em contribuir, seja financeiramente, seja colocando seus serviços à disposição.

Fotografia 17 – Ação social na Casa Remanescente da Luz, comunidade Alegria



Fonte: Registro da autora

No início do ano 2019 a atenção da Casa Remanescente da Luz se voltou para a organização do Tambor em homenagem ao orixá Oxóssi (sincretizado em São Sebastião, santo católico), ocorrido no dia 19 de janeiro. Essa experiência ligada à dimensão sagrada do lugar, bem como ao sentido de tradição, possibilitou o exercício da sensibilidade e do respeito pela diversidade de crenças e expressões da cultura popular. Senti que a atmosfera sintetiza sentidos de fé, devoção e festa, algo muito simbólico nos lugares que integram Maracanã. Ali também são expressivos sentimentos de reciprocidade e de integração comunitária, onde as pessoas vivenciam uma parte de suas geograficidades e dos significados que as vinculam ao lugar.

Em fevereiro, mais precisamente no dia 02, o foco da Casa Remanescente da Luz incidiu sobre o Tambor em homenagem ao orixá feminino Iemanjá e à encantada Maria Padilha (Fotografia 18). Ocasião em que novamente percebi a relevância da dimensão sagrada em Maracanã. Nos sentidos de lugar residem marcas da fé nos entes aos quais se atribui a força da natureza. As águas de Maracanã, seres corresponsáveis pela dinâmica do lugar, integram o espírito que anima a vitalidade inerente à totalidade daquela porção do espaço geográfico.

Fotografia 18 – Festa em homenagem à encantada Maria Padilha, na Casa Remanescente da Luz, comunidade Alegria



Fonte: Registro da autora

Menções à divindade Iemanjá – orixá símbolo do domínio das águas que fertilizam a Terra, conferindo-lhe o vigor imprescindível à existência da vida – são expressas nas singularidades do lugar e das atividades em curso. Em função da presença de Maria Padilha, pessoas da comunidade se concentram no lugar, movimentado ao som dos tambores e demais instrumentos musicais que, associados aos cantos entoados pelo grupo de médiuns da casa, emanam a alegria da musicalidade característica de atividades dessa natureza.

Convém notar que a água esteve presente ao longo dos ritos sob a forma de chuva, cuja baixa intensidade remetia à calmaria, como se comunicasse uma mensagem de paz, tranquilidade e confiança nas boas energias místicas que equilibram a vida na Terra.

Como atividade concentrada em torno de orações, leituras do livro *Evangelho segundo o Espiritismo* e consultas espirituais abertas ao público, a Sessão Astral da Casa Remanescente da Luz (dia 17/03/2019) pode ser interpretada como mais uma ocasião em que foi possível perceber a relevância da dimensão sagrada em Maracanã. No lugar onde acontecem as sessões, chama atenção o sincretismo religioso, haja vista a presença simultânea de elementos da Umbanda, do Espiritismo e do Catolicismo. Médiuns da casa, trajando roupas brancas, encontram-se reunidos em torno de uma mesa, no intuito de emanar e manipular energias ligadas a tratamentos espirituais.

Em eventos como o Tambor em homenagem ao orixá Ogum (São Jorge), realizado no dia 27 de abril de 2019, transparecem sentidos de lugar e geograficidades associadas às tradições e à religiosidade. A atmosfera sagrada possibilita perceber traços de integração entre as pessoas do lugar, onde se evidenciam elos de enraizamento e de identidade.

Há reportes à importância da natureza do lugar na musicalidade (pontos da Umbanda), bem como na presença de elementos típicos do lugar no espaço onde ocorrem as principais atividades do ritual. Na ocasião se destacam as danças, as cantorias e os sons dos tambores e demais instrumentos musicais que animam a homenagem.

4.5 Festa da Juçara, legado de uma Rosa chamada Mochel

Chega o mês de outubro e com ele uma das tradições mais conhecidas de Maracanã: a Festa da Juçara. O evento exprime significados do que há de mais importante na APA em termos de patrimônio natural: os juçarais associados aos brejos (Fotografia 19). A festa, que acontece desde 1969, compõe o calendário turístico municipal, conforme lembra Araujo (2012, p. 14): “Ao longo dos anos, a festa aconteceu em vários locais na comunidade. A partir de 1980, encontrou uma residência fixa, o parque da juçara”.

Fotografia 19 – Entrada do Parque da Juçara durante a 49ª Festa da Juçara



Fonte: Registro da autora

A história da Festa da Juçara está visceralmente atrelada à da maranhense Rosa Mochel Martins (Fotografia 20). Segundo Lima (2019), essa ilustre moradora de Maracanã – professora, pesquisadora, geógrafa, historiadora e engenheira agrônoma que em 2019 faria cem anos de vida – que

tanto contribuiu para o conhecimento e desenvolvimento do Maranhão, criou e organizou com a comunidade a Festa da Juçara no Maracanã, onde ela possuía um sítio.

Fotografia 20 – Rosa Mochel Martins



Fonte: Vaz e Reinaldo (2013)

Em Melo (2015) encontra-se o relato de uma antiga moradora de Maracanã, identificada pelo código DSC A, sobre a origem da festa e sua relação com o empenho da geógrafa:

> Ela se iniciou pela professora Rosa Mochel em 1970. Nessa época ela batalhou muito para que a Festa da Juçara começasse aqui, porque éramos zona rural e as pessoas daqui, a maioria trabalhava só com lavoura e só tinha aqui pessoas como o pai de Maria Raimunda, o meu e os Neves que trabalhavam na rede ferroviária e algumas outras pessoas trabalhavam como funcionários de escolas e o resto, todos eram lavradores ou pescadores e a juçara não tinha todo o conhecimento que ela tem hoje; era uma fruta nativa e a grande maioria da população não tinha conhecimento da juçara e ela (Rosa Mochel), queria mostrar ao público o valor que tinha a juçara, até porque o marido dela era paraense e lá no Pará já tinha um trabalho melhor em cima do açaí e ela queria

> desenvolver aqui e aí foi feita a primeira festa; só que a primeira Festa da Juçara ocorreu uma aqui (Maracanã) e outra no Turu e para que uma se destacasse, uma das duas tinha que morrer. E ela (Rosa Mochel) batalhou muito, eu digo, porque eu a acompanhei e ela batalhou muito para que essa daqui (Maracanã) vencesse, como realmente aconteceu; foi a vencedora e a que vendeu mais juçara e o público foi maior. Hoje ela se modificou demais em decorrência das mudanças de diretoria, e eu acho que principalmente em decorrência do tempo, das mudanças dos donos de barraca que hoje a maioria tem outros objetivos, eles não têm mais grandes interesses em botar a juçara, em trabalhar na Festa da Juçara e, também a nova diretoria que não está dando procedimento aos trabalhos da professora Rosa Mochel, do professor Guimarães e da dona Cotinha.

Em documento do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM), onde Rosa Mochel ocupou a cadeira número nove, Vaz e Reinaldo (2013) afirmam que seu nome é lembrado como fundadora da Festa da Juçara em Maracanã, iniciada à época em que ela exercia o cargo de Secretária Municipal de Educação e Cultura de São Luís, na primeira metade da década de 1970.

No blog da Academia Maranhense de Letras, consta interessante narrativa sobre a importância da intelectual no que tange à gênese da tradição em tela e à sua militância em prol da conservação da natureza de Maracanã:

> Uma festa inspirada na natureza, em seus encantos sazonais e verdes, em nossas tradições alimentares. Uma festa criada pelo dinamismo, pelo amor, pela devoção ao meio ambiente e à nossa cultura, que movia a professora Rosa Mochel. Foi ela a grande idealizadora desse evento, quando residia no Maracanã, num belo e frondoso sítio, onde produzia mudas e cultivava plantas ornamentais e frutíferas. Ali ela criou um projeto de educação infantil, denominado Casa de Alice; um projeto para educar e promover o lazer das crianças do bairro, com inspirações nitidamente ambientais. Ali ela deixou plantadas as sementes dessa festa, hoje transformada numa tradição popular, pela determinação, pela garra dos moradores daquele bairro, que organizam os festejos (SARNEY, 2011).

O autor supracitado lamenta que uma experiência exitosa como o projeto Casa de Alice tenha sido esquecida pelo poder público, apesar do prestígio social e da sabedoria de sua idealizadora. Ao mesmo tempo, ele enaltece o fato da Festa da Juçara ter sobrevivido e se tornado popular por excelência, apesar de estar passando por dificuldades que enfraquecem seu

caráter de evento turístico maranhense, haja vista a pouca presença e apoio cada vez menor do poder público em termos de infraestrutura e organização.

Sentidos de abandono e esquecimento da importância do legado de Rosa Mochel também se expressam nas ruínas da casa onde ela residia (Fotografia 21), localizada na estrada do Bacanguinha, próximo à fronteira entre o território da APA e do PE do Bacanga. Moradores dizem que a situação da casa se deve a disputas judiciais.

Fotografia 21 – Casa de Rosa Mochel em ruínas (ano 2019)



Fonte: Registro da autora

De acordo com Silva (2003), o sítio onde se localiza o Parque da Juçara pertencia a Rosa Mochel, que o vendeu para o Estado do Maranhão. A autora informa que a posse da propriedade foi incorporada ao patrimônio da Empresa Maranhense de Turismo (MARATUR), vinculada à então Sub-Gerência de Turismo do Estado do Maranhão. Atualmente, conforme discussões no âmbito

do CONAM, assuntos relacionados à posse do terreno são direcionados à Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Energia (SEINC).

Durante a I Reunião Ordinária do CONAM/ 2019, a presidente da Associação dos Amigos do Parque da Juçara (AAPJ) – Sra. Mayara Marques – informou que a posse do terreno continua sob domínio estatal e que a administração do parque, assim como a organização da Festa da Juçara, está sob responsabilidade da AAPJ.

Na época da festa – realizada anualmente aos domingos do mês de outubro, podendo se estender até o início de novembro – pessoas de vários lugares se dirigem ao Parque da Juçara para degustar o “vinho” da juçara, fruto mais significativo do lugar, cuja importância expressa, entre outros, o que se concebe enquanto geograficidade, elo forte que vincula as pessoas àquela terra. Cumpre notar que a bebida típica não possui teor alcoólico, sendo popularmente conhecida como vinho devido à semelhança entre sua cor e a da bebida produzida a partir da fermentação da uva.

Trata-se de uma das manifestações populares mais tradicionais de São Luís, que leva o nome Maracanã para o mundo. Na edição de 2018 fui à festa a convite de um casal muito acolhedor da comunidade Alegria, constituído por Seu Fábio e Dona Flávia. Eles são fascinados pelo seu lugar, o que pode ser observado na seguinte frase, que fazem questão de repetir em diversas ocasiões: “Quem bebe a água do Maracanã e come a comida do Maracanã não sai mais do Maracanã”. Assim, oportunidades como essa, de convivência na comunidade e com a comunidade, ampliaram minha visão sobre sentidos de lugar e geograficidades.

Como se observou nos relatos, narrativas e conversas com pessoas das comunidades, a atuação de Rosa Mochel em Maracanã foi extremamente significativa para a conservação da natureza do lugar, contexto em que se destaca o tombamento das juçareiras, por meio da lei estadual nº 3.999/ 1978 (art. 2º, inciso I), enquanto patrimônios ambientais. Ademais:

> Com sensibilidade para as artes, cria o Centro de Artes Japiaçu [...], além de desenvolver trabalhos com artesãos e artistas. Na década de 70, teve funções no Ministério da Agricultura [...]. Rosa teve papel de vanguarda na defesa do meio ambiente. Nessa época criou um horto florestal na zona rural de São Luís,

> que tinha uma grande variedade de plantas, contribuindo de maneira efetiva para a preservação da natureza (IEMA, 2020).

Somam-se às preocupações com a dimensão ambiental, expressas no excerto supracitado, a sensibilidade daquela Rosa no que concerne à dimensão humana. Daí resultaram suas atitudes direcionadas à diversificação e ao fortalecimento da socioeconomia local, dentre as quais situa-se a Festa da Juçara. Não poderia deixar de me reportar à valiosa contribuição de Rosa Mochel à educação, já que por muitos anos esteve envolvida com o exercício da docência, além de atuar como pesquisadora e escritora.

Felizmente Rosa Mochel foi uma das homenageadas na Feira do Livro de São Luís (edição 2019), fato relevante para que seu legado seja lembrado e sirva de inspiração para iniciativas voltadas à melhoria da qualidade de vida e das relações entre as sociedades e os ambientes onde suas existências se fundamentam. Na esfera educacional, por exemplo, é louvável a decisão do Instituto Estadual de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA) em criar o Círculo Rosa Mochel de Humanidades, cuja missão é:

> Integrar o trabalho dos professores da área de Humanidades em apoio prioritário ao desenvolvimento da educação profissional e tecnológica do IEMA tendo por base epistemológica de inspiração os círculos de cultura de Paulo Freire (IEMA, 2020).

Refletir sobre a Festa da Juçara enquanto legado de Rosa Mochel, uma das precursoras no movimento de luta por melhores condições ambientais e sociais no Maranhão, especialmente naquele “pedacinho” de São Luís, conduz o pensamento ao esforço diuturno empreendido por mulheres como Flávia de Sá, Odelina Ferraz, Raimunda Ferraz, Elenilde Costa, Marlene Jansen, Rosa Maria Pereira e tantas outras que agem em defesa da natureza de Maracanã. A essência de Rosa Mochel permanece viva naquelas mentes e corações, impulsionando o desejo que proteger o que resiste à ganância voraz do capitalismo.

4.6 Tambor de Crioula, a alegria de saudar São Benedito em Maracanã

Em novembro tem Roda de Tambor de Crioula na comunidade Alegria. Na data em que se comemora o Dia Nacional da Umbanda (15 de novembro), instituído por meio decreto nº 12.644/ 2012, o lugar está em festa! Novamente presenciei a força de tradições de matriz africana em Maracanã, cuja centralidade reside no fato do Tambor de Crioula do Maranhão constituir patrimônio cultural imaterial brasileiro, registrado junto ao IPHAN, em 2007, no Livro das Formas de Expressão. O excerto a seguir fornece detalhes interessantes sobre essa manifestação da cultura popular maranhense:

> O Tambor de Crioula do Maranhão é uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros, ou associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito. Essa manifestação afrobrasileira ocorre na maioria dos municípios do Maranhão, envolvendo uma dança circular feminina, canto e percussão de tambores. Dela participam as coreiras ou dançadeiras, conduzidas pelo ritmo intenso dos tambores e pelo influxo das toadas evocadas por tocadores e cantadores, culminando na punga ou umbigada – gesto característico, entendido como saudação e convite (IPHAN, 2020).

Cumpre notar que, por meio do decreto federal nº 13.248/ 2016, fora instituído o Dia Nacional do Tambor de Crioula, a ser celebrado anualmente na data de 18 de junho. Iniciativas como o tombamento e a instituição de data comemorativa em nível nacional são imprescindíveis à valorização e visibilidade dessa expressão popular, entretanto são insuficientes quando se considera as dificuldades materiais enfrentadas pela maioria dos grupos para manter essa tradição viva em suas comunidades.

A experiência vivenciada na comunidade Alegria consistiu em excelente oportunidade de conhecer um pouco mais sobre essências que vinculam aquelas pessoas ao lugar onde vivem. Existem elementos do sincretismo religioso no lugar onde ocorre a homenagem festiva a São Benedito, onde a fé se manifesta por meio do Tambor de Crioula e da ladainha entoada pelas rezadeiras. Ali chama atenção um altar (Fotografia 22) composto por

representações de divindades da Umbanda e do Catolicismo (Menino Jesus de Praga, Preto Velho, São Benedito, Nossa Senhora Aparecida, Divino Espírito Santo, São Cosme e Damião).

Fotografia 22 – Altar em homenagem a São Benedito, no contexto do tradicional Tambor de Crioula organizado por Dona Matilde Mendes no sítio Reis das Nuvens



Fonte: Registro da autora

Chama atenção a totalidade da paisagem, síntese dos elos entre os seres humanos e a Terra, cujas peculiaridades remetem àquilo que Dardel ([1952] 2015) entende por geograficidade. Coreiras do Tambor de Crioula dançam com os pés descalços, tocando diretamente o solo sagrado do lugar, expressando a energia dinâmica que nutre a vida em todas as suas manifestações.

Fenômenos humanos repletos de traços de uma natureza viva que possibilita sua existência. O altar dedicado às divindades repousa em meio ao que há de mais expressivo em relação às geograficidades do lugar: os brejos

com seus juçarais, buritizais e águas constituintes do cotidiano. O espírito do lugar reporta àquilo que Marandola Jr. (2012) concebe enquanto circunstancialidade, fenômeno ligado ao cotidiano, denotativo de um mundo intrincado de significados, sentimentos e emoções.

Cada ser ali presente representa parte do todo que constitui o lugar, que, por sua vez, reporta aos entes da natureza. Entender espírito de lugar é tarefa complexa, principalmente para quem não pertence ao mesmo, entretanto elementos como os que compõem as paisagens das festividades e expressões religiosas fornecem indícios fundamentais à compreensão de simbolismos essenciais.

Acerca da Roda de Tambor de Crioula, no início da dança a imagem de São Benedito foi passada de coreira para coreira a cada pungada (umbigada), demonstrando uma intencionalidade religiosa por meio da expressão artística. Ao longo da festa foi servida comida e bebida; a comida constitui parte das oferendas da família anfitriã às divindades homenageadas. A bebida, à base de aguardente de cana (cachaça), foi ofertada como pagamento de promessa por um rapaz cuja presença fora anunciada após a ladainha, rito que iniciou a festa.

Algo que marcou significativamente aquele momento de interação com a comunidade diz respeito a uma atitude de Dona Andrelina Paiva, conhecida como Dona Neném. Ela me levou até a margem esquerda do rio Ambude, que passa no quintal da propriedade e chamou atenção para as condições em que se encontra o brejo a ele associado. O aspecto “barrento” da água do rio e o odor acentuado de esgoto *in natura* denotam a presença de poluentes e contaminantes na mesma. Acerca da problemática, ela expressou tristeza e sofrimento em relação à destruição de um dos bens mais preciosos do lugar.

Dona Neném recordou que outrora, antes da poluição e contaminação dos mananciais, muitos grupos vinham em excursões e passavam o dia naquele brejo, aproveitando suas águas em atividades de lazer e contemplação da beleza do lugar.

De forma geral, a paisagem ainda é exuberante naquele “pedacinho” de Maracanã, apesar das consequências negativas das atividades e dos usos

predatórios do solo nas áreas de influência dos sistemas ambientais ligados às águas que motivaram a criação da APA. A Roda de Tambor de Crioula, assim como a atitude de Dona Neném, reforçam a importância de pesquisas com foco em sentidos de lugar e geograficidades como subsídios à elaboração e execução de políticas públicas de conservação da APA, especialmente as inerentes à educação ambiental.

4.7 Presépios e Queimação de Palhinhas, esperança por um ano abençoado pelo Menino Jesus

A história dos presépios remonta ao século XIII, sendo sua origem atribuída ao santo católico Francisco de Assis (São Francisco de Assis). De acordo com Teixeira (2014), Tomás de Celano, um dos principais biógrafos de São Francisco, afirma que no ano 1223 o santo representou, pela primeira vez na história, a cena do nascimento de Jesus Cristo, à qual denominou presépio, palavra que significa estrebaria, lugar utilizado para abrigar animais, principalmente equinos.

O presépio vivo de São Francisco de Assis fora montado em Greccio, aldeia italiana da época. O santo teria expressado sua intenção nos seguintes termos:

> Quero celebrar a memória daquele menino que nasceu em Belém [...] e ver de algum modo com os olhos corporais os apuros e necessidades da infância dele, como foi reclinado no presépio [...] e como, estando presentes o boi e o burro, foi colocado sobre o feno (TEIXEIRA, 2014, p. 255).

Na APA geralmente são utilizados galhos de murta (*Blepharocalyx salicifolius*) e ariri (*Syagrus vagans*) – plantas típicas da flora local – para ornamentar os presépios (Fotografias 23, 24, 25 e 26). Em geral essa tradição está vinculada à devoção religiosa e ao pagamento de promessas por graças alcançadas (atribuição da realização de pedidos à ação de divindades).

Fotografia 23 – Presépio de Dona Elenilde Costa (comunidade Maracanã)



Fonte: Registro da autora

Fotografia 24 – Detalhes do presépio de Dona Enilde Costa (comunidade Vila Sarney)



Fonte: Registro da autora

Fotografia 25 – Presépio de Dona Matilde Mendes (comunidade Alegria)



Fonte: Registro da autora

Fotografia 26 – Detalhes do presépio de Dona Matilde Mendes (comunidade Alegria)



Fonte: Registro da autora

No caso da família Ferraz, a montagem de presépios foi motivada pelo desejo de dar continuidade à tradição da comunidade. Inicialmente não era realizado como obrigação devida a divindades em agradecimento por graça alcançada, entretanto desde o ano 2015 a família monta o presépio para expressar sua gratidão por cura atribuída ao Menino Jesus.

De acordo com Dona Raimunda Ferraz, responsável pela manutenção da tradição na família, desde 2015 o presépio é montado em agradecimento à cura de sua mãe, Dona Maria Ferraz, que estava com um problema de saúde causador de lapsos de memória. Temendo que a matriarca da família estivesse com a doença popularmente conhecida como "Mal de *Alzheimer"*, Dona Raimunda Ferraz prometeu à divindade que se sua mãe fosse curada, iria manter a tradição na família e realizar a queimação das palhinhas do presépio sempre no dia 26 de fevereiro, data do aniversário de Dona Maria Ferraz.

A Queimação de Palhinhas demarca o encerramento das celebrações natalinas na comunidade. Ela consiste de ritual em que a vegetação ornamental do presépio é retirada e lançada numa fogueira. Uma mostra dessa tradição consiste da 17ª edição da Queimação de Palhinhas do Presépio da família Ferraz, na comunidade Alegria (Fotografia 27). Participar desse momento, a convite de Dona Raimunda Ferraz, possibilitou perceber detalhes importantes acerca de algumas geograficidades e sentidos de lugar expressos em Maracanã.

Hierofanias vegetais, i.e., manifestações de sacralidades por meio de plantas, constituem o cerne de rituais como o ora discutido. Nas folhas e galhos de murtinha residem simbolismos ligados à crença de que aquilo que deu forma à cena do nascimento de um deus encarnado foi consagrado, portanto favorece o estreitamento dos laços entre duas importantes dimensões da vida humana, a espiritual e a física. Conforme Eliade (2016, p. 257) o essencial em hierofanias vegetais não se restringe à exposição cerimonial da vegetação, visto que inclui a fé nas bênçãos que virão ao longo do ano que se inicia.

Fotografia 27 – 17ª Queimação de Palhinhas do presépio da família Ferraz (edição 2019)



Fonte: Registro da autora

Além dos elementos centrais do presépio, geralmente representados por pequenas peças de resina ou cerâmica, dispostos sobre uma base em torno da qual se encontra a folhagem, se destacam os elementos humanos integrantes da tradição, considerados fundamentais para a concretização dos ritos inerentes à queimação de palhinhas.

Essas pessoas exercem funções primordiais ao longo da execução da tradição. A madrinha e o padrinho do presépio, por exemplo, subsidiam financeiramente parte dessa expressão da cultura popular. Uma inovação no ritual da família Ferraz diz respeito à inserção de duas crianças, denominadas príncipe e princesa do presépio. De acordo com Dona Raimunda Ferraz, tal inclusão denota preocupações em relação à continuidade dessa tradição na comunidade. Em depoimento ela esclareceu:

> Além dos padrinhos, que é o normal dos presépios, eu tenho o príncipe e a princesa, que são crianças da comunidade, pois tenho como intuito fazer com que as crianças se envolvam e garantam a continuidade da tradição na comunidade. Inclusive esse ano uma pessoa já pediu que seus filhos sejam príncipe e princesa do ano que vem (FERRAZ NETA, 2019).

O ritual da queimação de palhinhas é permeado pelo sentido de integração, de envolvimento e cuidado da comunidade para que a tradição seja mantida. A presença significativa de pessoas da vizinhança reforça laços de amizade e parentesco, evidenciando traços essenciais da identidade do lugar.

Acerca das atividades que compõem o ritual, Dona Raimunda Ferraz informou que o início, às 19h, é marcado por um louvor, momento em que um grupo de músicos ligados à igreja católica de outra comunidade da APA (Vila Esperança) entoa canções religiosas para animar as pessoas que compareceram ao evento, tornando-o ainda mais dinâmico e atrativo, especialmente para crianças e jovens.

Após o louvor, que dura cerca de uma hora, inicia-se a ladainha, com duração aproximada de 30 minutos. Em seguida realiza-se um rito que simboliza o batismo do Menino Jesus, momento em que os padrinhos são convidados a se posicionar em frente ao presépio, a fim de que possam batizar a divindade.

Com a mão esquerda a madrinha segura a imagem de Jesus deitado na manjedoura e com a mão direita segura um galhinho retirado do presépio, o submerge num recipiente com água, faz aspersão dessa água sobre a representação do Menino Jesus enquanto profere as seguintes palavras à luz de uma vela segurada pelo padrinho: “Emanuel da Vera Cruz, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.”

É interessante notar que toda a cerimônia do batismo é coordenada pela líder das rezadeiras, Dona Odelina Ferraz, irmã de Dona Raimunda Ferraz e filha de Dona Maria Ferraz. Em seguida, os mesmos procedimentos protagonizados pela madrinha são repetidos pelo padrinho, à luz da vela agora segurada pela madrinha. Outro detalhe importante é que a aspersão seguida das palavras proferidas é repetida três vezes por cada padrinho.

Concluídos os ritos do batismo, o príncipe e a princesa são presenteados pela família anfitriã, assim como os padrinhos. Os presentes reportam à religiosidade cristã. Na sequência são feitos encaminhamentos para o ano seguinte, como o anúncio de quem serão os novos padrinhos, o príncipe e a princesa.

Depois da cerimônia do batismo do Menino Jesus, passa-se, enfim, à queimação das palhinhas do presépio. Cada pessoa é convidada a se dirigir ao presépio e pegar um pequeno ramo da vegetação que o ornamenta. Enquanto isso, a líder das rezadeiras acende uma fogueira, utilizando papéis velhos, ao redor da qual as pessoas formam uma roda – cada qual segurando seu ramo de murtinha – e começam a caminhar em círculo.

À medida que a roda gira sob entoação de cantoria em torno da fogueira, cada pessoa lança seu ramo ao fogo ao mesmo tempo em que mentaliza um pedido para o Menino Jesus. O ritual é encerrado quando não há mais palhinhas para queimar e a fogueira se apaga. O excerto a seguir constitui parte da musicalidade da cerimônia:

> Santo Reis que nós cantamos, cadê as coisas que nós ganhamos? Santo Reis que nós cantamos, cadê as coisas que nós ganhamos? Ai se eu soubesse da minha função, eu trazia rapaz da minha paixão! Ai se eu soubesse da minha função, trazia rapaz da minha paixão! Viva o Menino Jesus! Viva! Viva nossa tradição! Viva! (Autoria desconhecida).

Para finalizar o evento, a aniversariante é homenageada e o bolo do seu aniversário, assim como a comida e bebida, é compartilhado com as pessoas que se encontram ali. Convém mencionar que as pessoas que desejam e têm condições financeiras de presentear o Menino Jesus, o fazem por meio da doação dos alimentos que serão servidos após as homenagens à aniversariante.

5 TRILHANDO: o impregnar-se de sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã

Por meio do contato direto com pessoas reconhecidas por sua experiência com os lugares e nos lugares integrantes da realidade geográfica estudada, foi possível apreender aspectos relevantes no que concerne aos sentidos de lugar e às geograficidades expressas no território da APA.

É importante chamar atenção para a existência de inúmeros sentidos de lugar e geograficidades, tendo em vista a diversidade de relações entre os seres humanos e os variados meios geográficos aos quais suas vivências estão intrinsecamente vinculadas. Os resultados ora apresentados, portanto, representam pequena mostra do tecido existencial formado pelas conexões atinentes às geografias do mundo vivido maracanaense.

Ao incidir sobre questões ligadas a políticas públicas de conservação da natureza, o foco investigativo, assim como o direcionamento metodológico, possibilitou perscrutar dimensões pessoais e sociais envoltas por significados e sentimentos arraigados no lugar. Junto às comunidades foi possível identificar elos vivenciais que julgamos indispensáveis ao fortalecimento da gestão ambiental da APA de Maracanã. Tais pontos de ligação ou nós da intricada teia de relações geográficas estabelecidas nos lugares que compõem o território sob regime especial de administração, possibilitam perceber com maior nitidez fatores relevantes às ações do poder público voltadas à gestão da UC.

Diante da necessidade de conhecer parte dos laços essenciais entre as pessoas e os lugares das comunidades supracitadas, ora interpretados sob a óptica de sentidos de lugar e geograficidades, a organização deste item está estruturada em três partes. A primeira (subitem 5.1) contém breve caracterização do perfil socioeconômico das pessoas que gentilmente responderam às entrevistas, em que foram contemplados os seguintes aspectos gerais: naturalidade, escolaridade, profissão/ocupação, renda familiar e percebimento de benefício social.

A segunda parte (subitem 5.2) reporta-se aos sentidos de lugar e às geograficidades apreendidas em cada comunidade. Em relação aos sentidos de lugar, foram enfatizados os significados dos lugares para as pessoas, bem

como os sentimentos que as vinculam aos mesmos. No que tange às geograficidades, optou-se por abordar questões relativas aos seguintes fatores: elementos mais significativos do lugar e relações subjacentes, gosto ou desgosto por viver no lugar, alterações ambientais e suas implicações nas existências, além das principais manifestações tradicionais da cultura popular. O foco do subitem 5.3 incide diretamente sobre a gestão participativa da APA. Trata-se de olhar atencioso em busca de indícios relacionados a aspectos humanistas no contexto da atuação do CONAM.

5.1 Caminhando junto: perfil socioeconômico das pessoas entrevistadas

Nesse item se procedeu à caracterização do perfil socioeconômico das pessoas entrevistadas nas comunidades. Uma compreensão mais aproximada da realidade exige atenção a aspectos ligados ao cotidiano, às vivências, ao habitar no lugar.

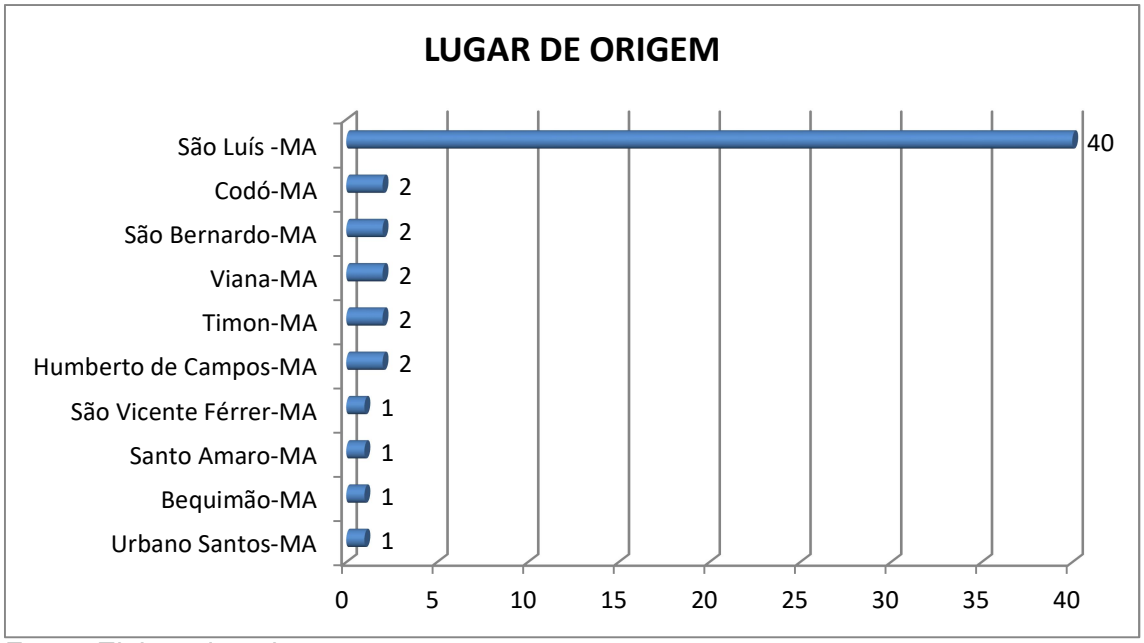
Em relação à ordem em que os perfis são apresentados, inicialmente há reportes às pessoas da comunidade Alegria. Em seguida aparecem os perfis das entrevistadas no Maracanã e na Vila Sarney. Por último encontramos o perfil das pessoas com as quais conversamos na comunidade Rio Grande. Com base na interpretação integrada do que está sendo apresentado, é possível perceber detalhes relevantes para a apreensão de sentidos de lugar e geograficidades expressos no território protegido investigado.

A comunidade Alegria constitui uma das mais antigas e tradicionais de Maracanã. Nela se destacam tanto elementos do patrimônio cultural, a exemplo dos inerentes aos festejos religiosos e festas tradicionais – como o Festejo de Santos Reis, o Festejo do Divino Espírito Santo e a Festa da Juçara – quanto do patrimônio natural, como os rios e brejos que sustentam juçarais, buritizais, enfim, a vida no lugar. Essa comunidade está situada na porção noroeste da APA, próximo ao limite sudoeste do PE do Bacanga.

Na comunidade Alegria foram entrevistadas 54 (cinquenta e quatro) pessoas, dentre as quais 14 (quatorze) não são naturais de São Luís (Gráfico

01). Das quarenta ludovicenses[11], apenas sete nasceram em outros bairros, como é o caso das três que nasceram no Centro, uma no Monte Castelo, uma no Rio dos Cachorros, uma no São Bernardo e uma no João Paulo.

Gráfico 01 – Naturalidade das pessoas entrevistadas na comunidade Alegria



Fonte: Elaborado pela autora

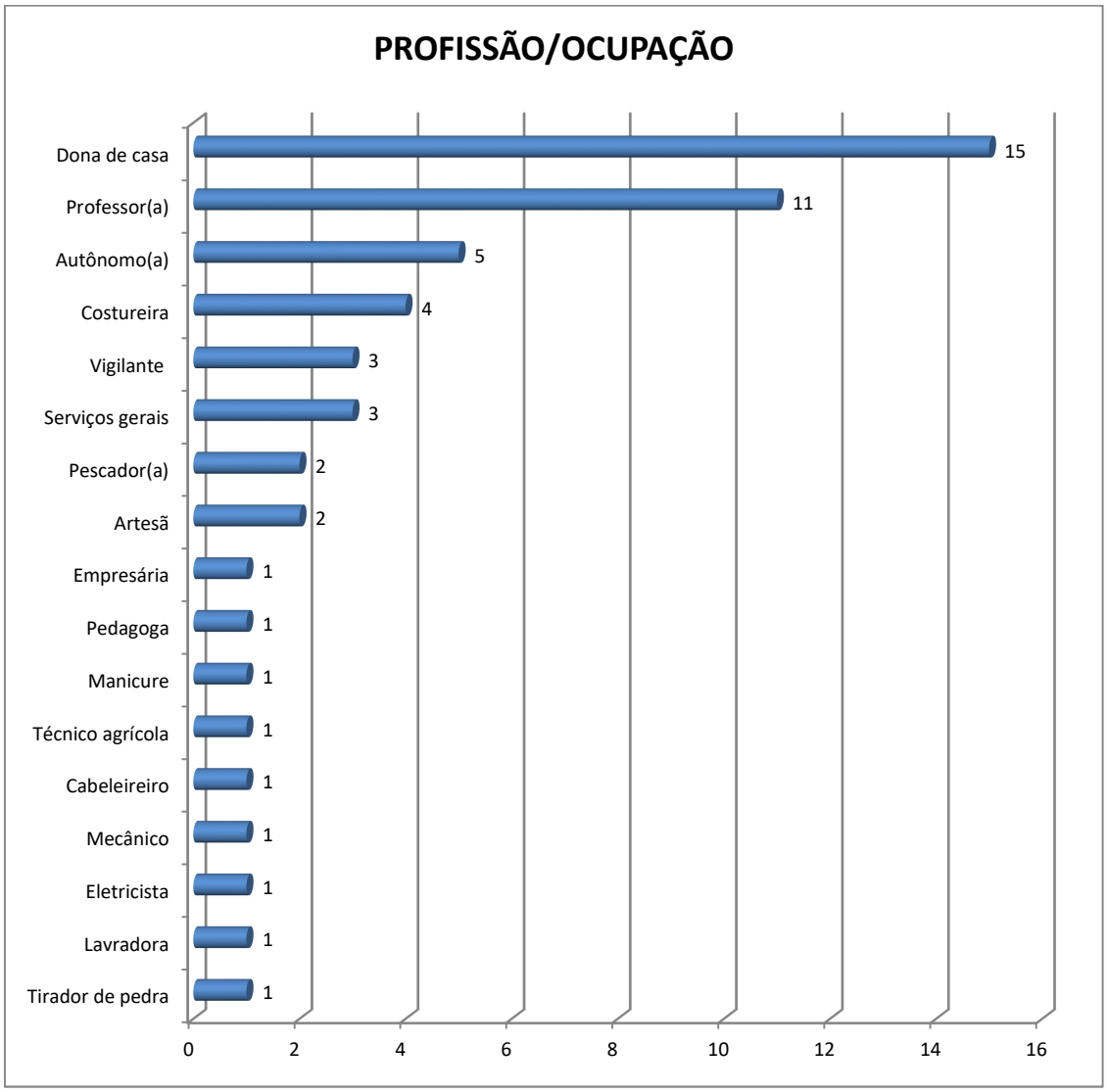
É interessante notar que em Maracanã inexistem maternidades. Ficava a cargo das parteiras tradicionais a realização dos partos, situação que começou a mudar a partir da construção de vias de acesso terrestre à zona urbana de São Luís, caso da rodovia BR-135. Em relação aos motivos que levaram ao exílio[12], os mais citados são casamento, trabalho e acompanhamento de familiares.

Acerca dos aspectos educacionais, chama atenção o baixo nível de escolaridade, visto que quatro pessoas não são escolarizadas, dezoito não concluíram o Ensino Fundamental, cinco concluíram o Ensino Fundamental, vinte concluíram o Ensino Médio e sete possuem Ensino Superior. No que se refere às profissões ou ocupações declaradas, destacam-se os percentuais de

[11] Gentílico atribuído às pessoas naturais do município de São Luís - MA.
[12] O termo exílio é proposto por Nouss (2016) como mais adequado para expressar, no contexto de estudos sobre humanidades, o que a ciência convencional chama de migração.

aproximadamente 28% de pessoas cujos ofícios se vinculam a atividades domésticas e 20% ligadas ao exercício do magistério (Gráfico 02).

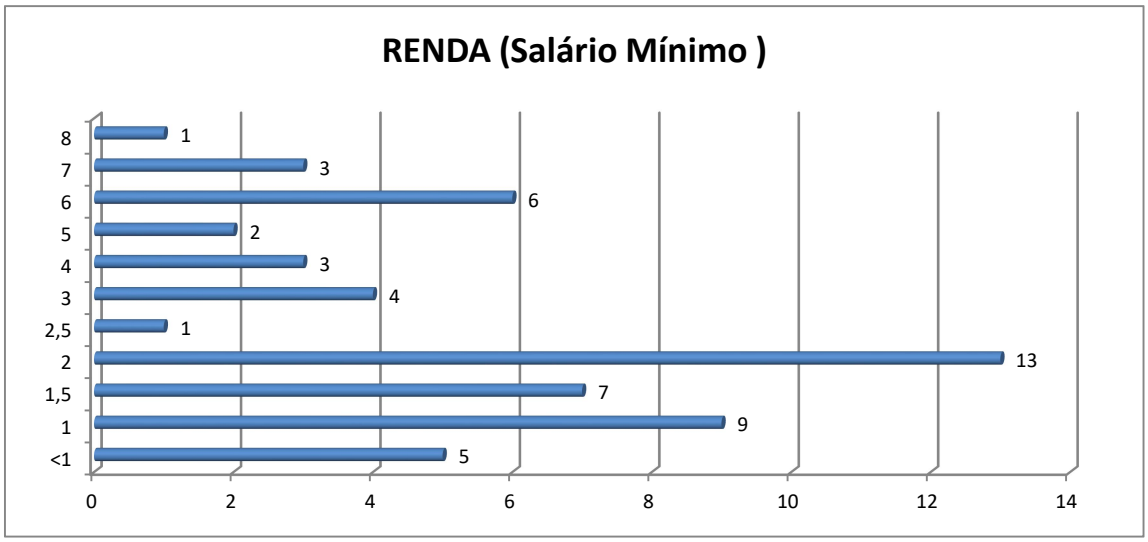
Gráfico 02 – Profissão ou ocupação das pessoas entrevistadas na comunidade Alegria



Fonte: Elaborado pela autora

Praticamente 65% das pessoas declararam que a renda familiar mensal varia entre um e seis salários mínimos. Chama atenção o percentual aproximado de 9% de famílias que vivem com menos de um salário mínimo por mês (Gráfico 03).

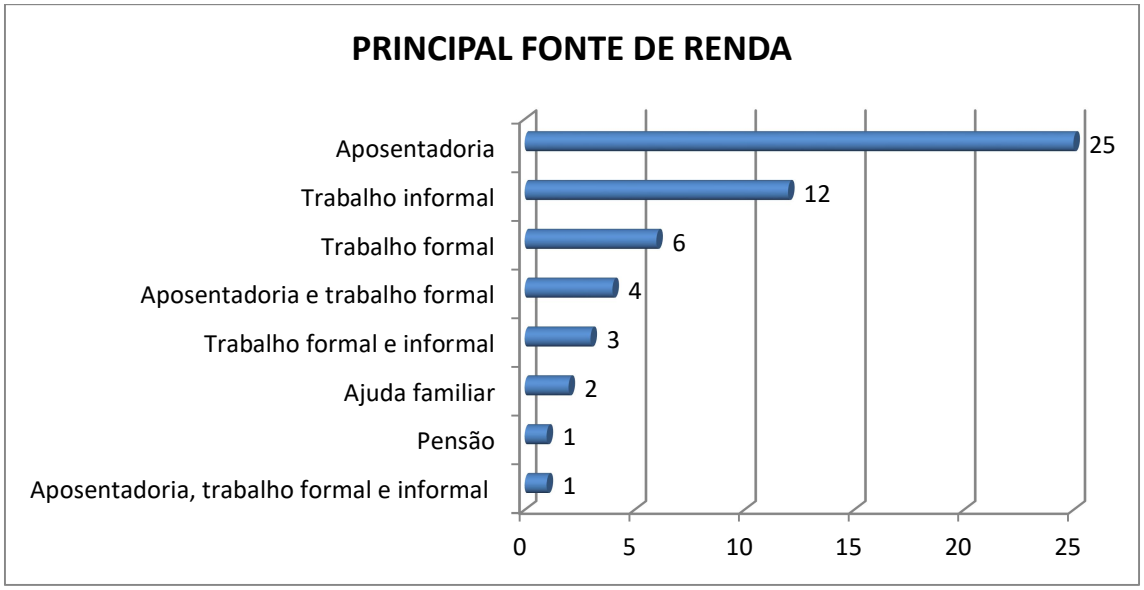
Gráfico 03 – Renda familiar mensal das pessoas entrevistadas na comunidade Alegria



Fonte: Elaborado pela autora

Ao atentar para a principal fonte de renda familiar, percebe-se que parte significativa das famílias depende de recursos financeiros oriundos de aposentadorias (aproximadamente 46%). Em segundo lugar aparece o trabalho informal, cujo percentual oscila em torno de 22% (Gráfico 04).

Gráfico 04 – Principal fonte de renda familiar das pessoas entrevistadas na comunidade Alegria



Fonte: Elaborado pela autora

Convém notar que quarenta e quatro pessoas afirmaram que suas famílias não possuem renda extra, fato que poderia ser interpretado como oportunidade para inclusão das famílias de baixa renda em políticas públicas voltadas à geração e complementação de renda, especialmente nas concebidas sob o viés da conservação ambiental.

No que tange à composição da renda familiar, trinta pessoas dispõem de aposentadoria. Além da aposentadoria, foram declarados outros benefícios sociais como parte da renda das famílias, quais sejam: Bolsa Família, Bolsa Escola e pensão.

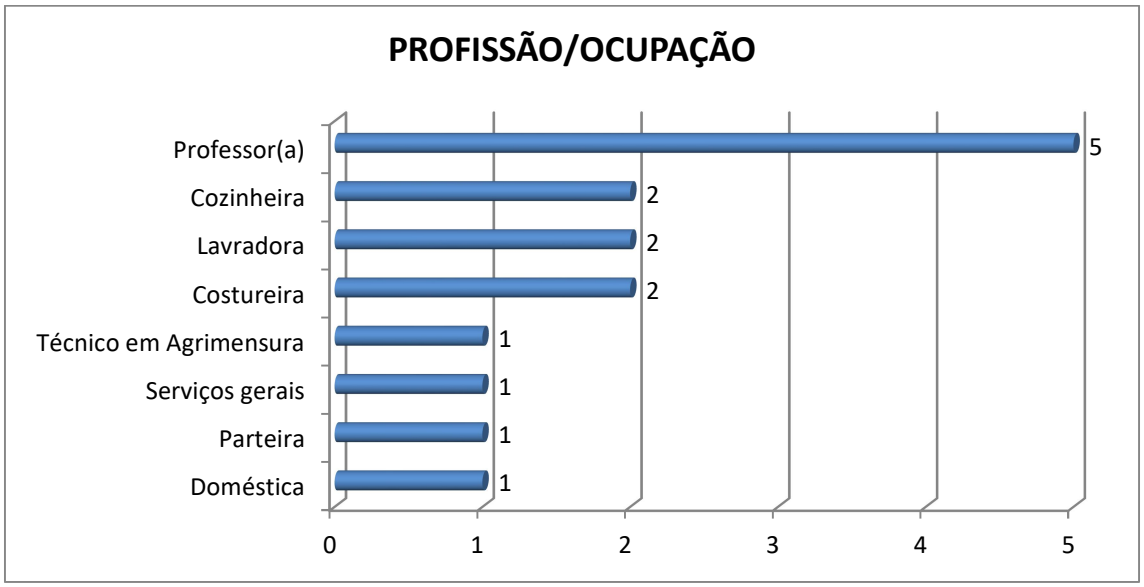
A comunidade Maracanã situa-se entre as mais tradicionais do universo ludovicense. Nessa comunidade cuja identidade caracteriza-se principalmente por fortes relações de parentesco e expressões religiosas, sobretudo as de matriz africana e cristã católica, chamam atenção a riqueza e a resistência de seus patrimônios naturais e culturais. Convém notar que essa comunidade está situada nas proximidades da região central da APA.

Memórias de um Maracanã antigo permeiam o discurso e o imaginário das quinze pessoas que gentilmente se dispuseram a contribuir com a pesquisa, dentre as quais quatorze são naturais do lugar. A única pessoa não natural do lugar, oriunda do município São Domingos do Maranhão, afirmou que o motivo de sua mudança para lá está relacionada aos estudos.

Observa-se que 40% das quinze pessoas entrevistadas possuem baixo nível de escolaridade, visto que uma não foi escolarizada e seis não concluíram o Ensino Fundamental. Cinco concluíram o Ensino Médio, total que inclui o Ensino Médio Técnico. Apenas três pessoas possuem Ensino Superior.

Ao atentar para aspectos relacionados a questões profissionais, nota-se que praticamente 33% das pessoas declararam exercer atividades docentes. Também se destacaram profissões e ocupações que não exigem níveis de escolarização altos, casos em que se incluem ofícios ligados à costura, agricultura de subsistência e cozinha (Gráfico 05).

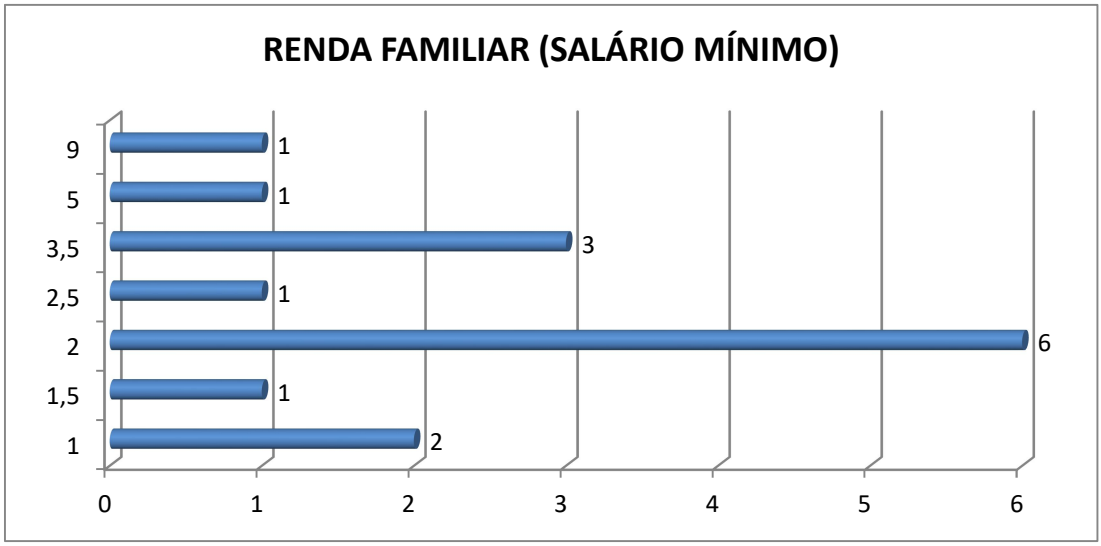
Gráfico 05 – Profissão ou ocupação das pessoas entrevistadas na comunidade Maracanã



Fonte: Elaborado pela autora

No que concerne à renda familiar mensal, 40% das pessoas declaram valores correspondentes a dois salários mínimos. A segunda faixa de renda que mais se destacou inclui o percentual de 20% de famílias que sobrevivem mensalmente com uma renda de 3,5 (três vírgula cinco) salários mínimos (Gráfico 06).

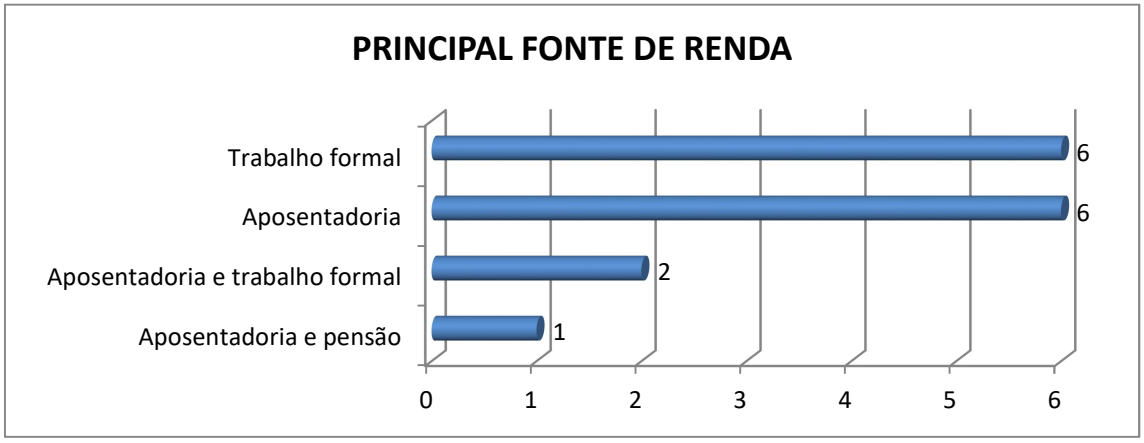
Gráfico 06 – Renda familiar mensal das pessoas entrevistadas na comunidade Maracanã



Fonte: Elaborado pela autora

Dados sobre a principal fonte de renda familiar apontam que 40% dos recursos financeiros provêm de aposentadorias e 40% são oriundos de trabalho formal (Gráfico 07). A maior parte (80%) das famílias afirmou não possuir fonte de renda extra, quantitativo similar ao da comunidade Alegria. Do total de pessoas entrevistadas, apenas três não dispõem de benefícios sociais como fontes de renda familiar.

Gráfico 07 – Principal fonte de renda familiar das pessoas entrevistadas na comunidade Maracanã



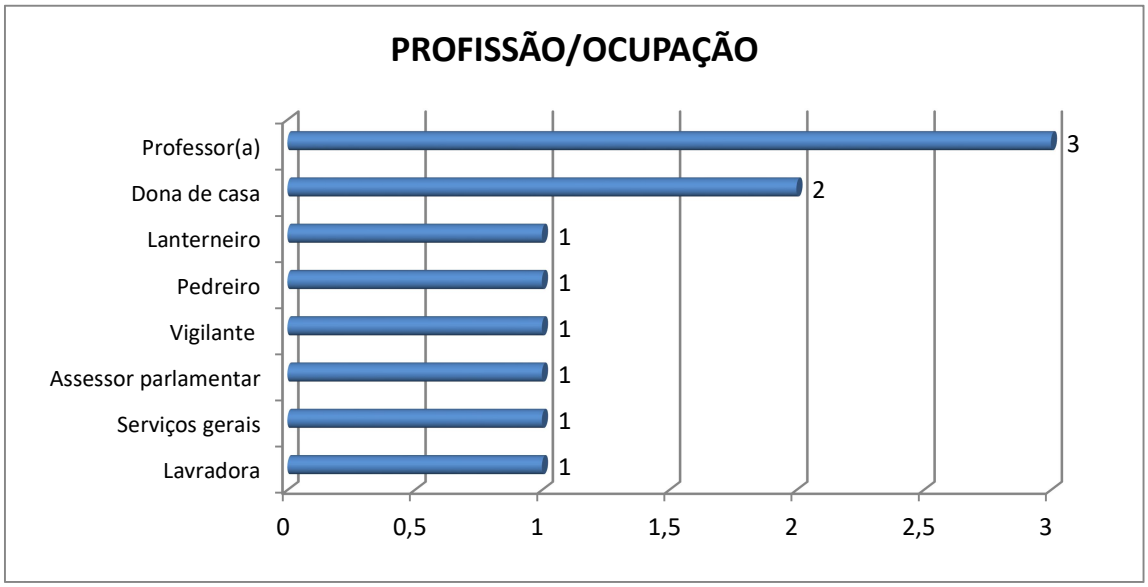
Fonte: Elaborado pela autora

A comunidade Vila Sarney, onde foram entrevistadas onze pessoas, situa-se na porção centro-leste da APA, limitando-se a Oeste com a comunidade Maracanã. Lá foram entrevistadas onze pessoas, dentre as quais dez são naturais de São Luís. A pessoa não natural do lugar nasceu no município de Turiaçu - MA e disse ter ido viver ali por conta dos desígnios da vida.

Considerando os dados inerentes à educação formal, nota-se que parcela significativa das pessoas possui baixo nível de escolaridade, tendo em vista que quatro não concluíram o Ensino Fundamental, duas concluíram esse nível de ensino, três possuem Ensino Médio e duas concluíram o Ensino Superior.

Em relação às profissões ou ocupações às quais estão atreladas as fontes de renda dessas pessoas, destacaram-se o exercício da docência e a execução de atividades domésticas (Gráfico 08).

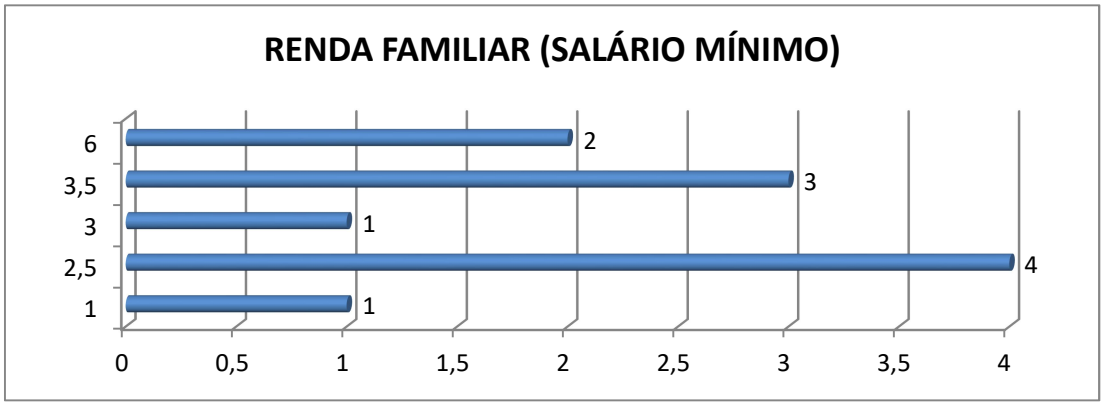
Gráfico 08 – Profissão ou ocupação das pessoas entrevistadas na comunidade Vila Sarney



Fonte: Elaborado pela autora

No contexto da renda familiar mensal, cumpre observar que a faixa salarial em que grande parte das famílias (cerca de 36%) se enquadra caracteriza-se pelo montante correspondente a 2,5 (dois vírgula cinco) salários mínimos, cifra percebida por aproximadamente 27% das famílias (Gráfico 09).

Gráfico 09 – Renda familiar mensal das pessoas entrevistadas na comunidade Vila Sarney



Fonte: Elaborado pela autora

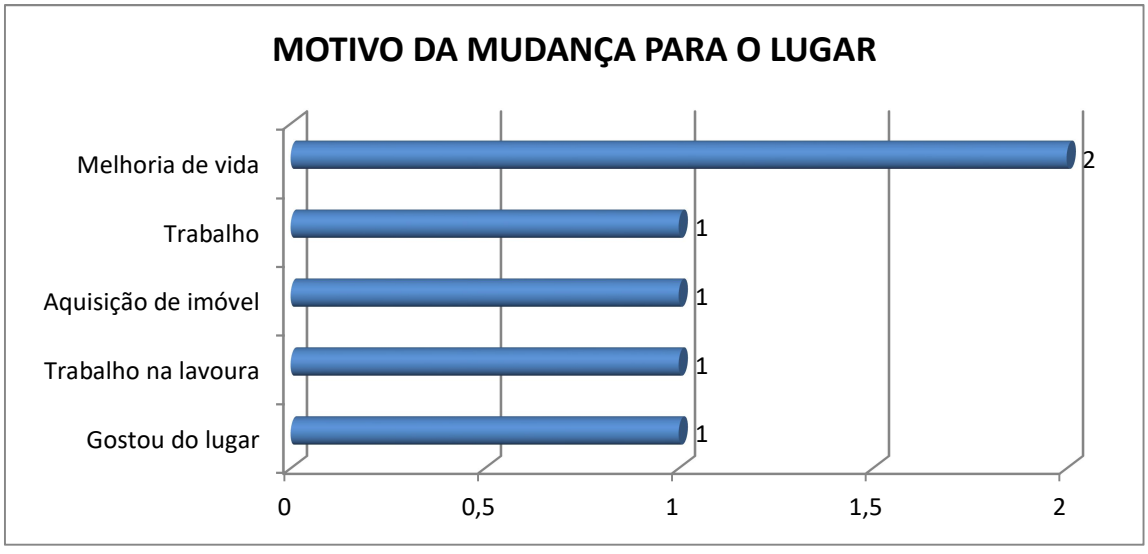
A principal fonte de renda familiar é proveniente de aposentadorias e pensões, o que equivale ao percentual aproximado de 64% do total

entrevistado, algo que se repete nas comunidades citadas anteriormente. Mais de 80% das famílias não possuem renda complementar. Convém destacar a importância dos benefícios sociais para o público-alvo das entrevistas. Do total, apenas cerca de 27% não dispõem desse tipo de fonte de renda.

A comunidade Rio Grande, onde foram entrevistadas nove pessoas, situa-se na porção Sul da APA. Um dos fatos que chamam atenção no lugar diz respeito à existência de um assentamento agrário estadual, onde as famílias beneficiadas produzem gêneros alimentícios via agricultura familiar. Outro aspecto relevante consiste na utilização de partes da palmeira de buriti (*Mauritia flexuosa*), principalmente a fibra, na confecção de artesanato, o qual se destina predominantemente ao mercado ligado ao turismo.

Ao observar a naturalidade das pessoas entrevistadas, percebe-se que cinco delas não nasceram em São Luís, sendo naturais de Aracaju - SE, Barreirinhas - MA, Piripiri - PI, Tutóia - MA e Nina Rodrigues - MA. Acerca dos motivos que levaram à mudança dos exilados para o lugar, a maioria das pessoas aponta “melhoria de vida” como causa principal (Gráfico 10).

Gráfico 10 – Motivos da mudança para a comunidade Rio Grande

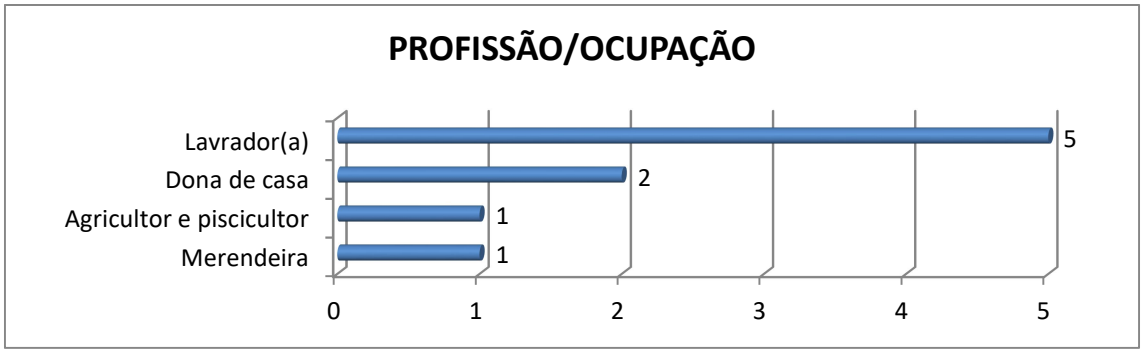


Fonte: Elaborado pela autora

Acerca da escolaridade, evidencia-se baixo nível, tendo em vista que uma pessoa não é escolarizada, três não concluíram o Ensino Fundamental,

três concluíram esse nível e duas possuem Ensino Médio. As profissões ou ocupações predominantes caracterizam-se pela baixa exigência de qualificação profissional. Os resultados indicam que a maior parte daquelas pessoas exercem ocupações ligadas ao setor primário da economia (Gráfico 11).

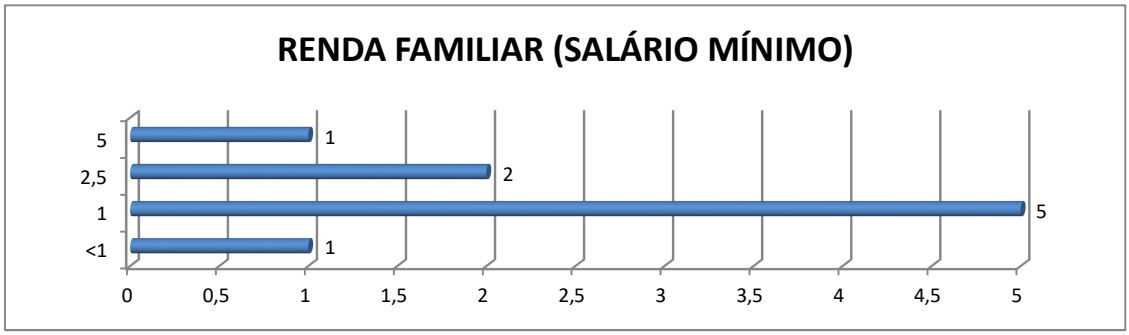
Gráfico 11 – Profissão ou ocupação das pessoas entrevistadas na comunidade Rio Grande



Fonte: Elaborado pela autora

Nos aspectos atinentes à renda familiar mensal (Gráfico 12), a maioria das pessoas situa-se na faixa correspondente a um salário mínimo, realidade diretamente associada ao baixo nível de escolaridade e ao exercício de profissões ou ocupações atreladas a baixos valores de remuneração. Outro fator relevante diz respeito à principal fonte de renda das famílias. A maior parte das pessoas apontou a agricultura como meio de subsistência primordial.

Gráfico 12 – Renda familiar mensal das pessoas entrevistadas na comunidade Rio Grande



Fonte: Elaborado pela autora

Constatou-se também que em relação à existência de renda extra no núcleo familiar, cinco pessoas responderam que não dispõem desse tipo de recurso financeiro, fato relevante quando se tem, por um lado, o predomínio de baixa renda e, por outro, a necessidade de incluir efetivamente as pessoas que vivem na APA em programas de conservação ambiental do território protegido. Sobre a composição da renda familiar, duas pessoas declaram o percebimento de aposentadoria, uma de pensão e duas contam com o auxílio do Bolsa Família. Quatro famílias não recebem benefícios sociais.

5.2 Uma trilha, diversos caminhos: sentidos de lugar e geograficidades maracanaenses

Este subitem representa o cerne do esforço de apreender sentidos de lugar e geograficidades na conjuntura da APA. Os depoimentos, cujos fragmentos auxiliam na exposição do panorama interpretativo, constituem fundamentos essenciais da pesquisa e confluem em direção à fenomenologia enquanto "relato do espaço, do tempo, do 'mundo vividos'" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 01).

Em linhas gerais, na comunidade Alegria foram evidenciados onze sentidos de lugar: enraizamento, qualidade ambiental, totalidade, devastação, violência, lar, tradição, acolhimento, tranquilidade, patrimônio e coração de São Luís. Na comunidade Maracanã se destacaram quinze sentidos de lugar: enraizamento, totalidade, vitalidade, fertilidade, tradição, resistência, bênção, qualidade ambiental, lar, integração, pertencimento, tranquilidade, degradação ambiental, violência e patrimônio ambiental.

No contexto da Vila Sarney ganharam ênfase os sentidos de enraizamento, totalidade, qualidade ambiental, provimento, devastação vitalidade, tranquilidade e lar. Já em Rio Grande foram apreendidos os seguintes sentidos de lugar: qualidade ambiental, tranquilidade, lar, vitalidade, totalidade, violência, integração, enraizamento, devastação, fé e cuidado. Acerca das geograficidades apreendidas na APA, em síntese envolvem relações de moradia, alimentação, religiosidade, tradição, economia de base comunitária, cultura popular, lazer e saúde.

5.2.1 Alegria é logo ali!

Sentidos de lugar positivos constituem o espírito da comunidade Alegria, algo que pode ser percebido a partir das falas sobre o lugar, carregadas de sentimentos forjados nas experiências, portanto expressões do que há de mais significativo naquelas geografias vividas.

Destarte, “Alegria de Maracanã”, como algumas pessoas fazem questão de se reportar àquela porção da Terra, é sentida como lugar que anima a comunidade, conferindo-lhe organicidade identitária pautada na singularidade das tradições, bem como nos ambientes que conformam sua realidade geográfica. Enquanto elementos-chave de geograficidades expressas no lugar, os brejos e seus exuberantes juçarais e buritizais integram o sentido de totalidade, do que há de mais expressivo nas relações profundas entre as pessoas e seus espaços vividos.

Dentre os significados do lugar destaca-se o de enraizamento. Este sentido, amplamente associado ao lugar de nascimento, de “berço”, é vivenciado como dimensão da existência cujo elo pode ser comparado ao que geralmente liga uma mãe a seu filho. Cabe destacar que o sentido de raiz subjaz na apreensão do lugar enquanto mãe, imaginada como alguém que provê o que o ser necessita para viver. Nesse caso, a relação materna implica vínculos essencialmente bons, voltados para o bem dos filhos da Alegria de Maracanã. O apontamento de Dona Ângela demonstra o sentido materno de lugar: “Esse lugar é como uma mãe pra mim: me deu tudo, como a juçara” (SANTOS AMN, 2018).

No sentido de enraizamento, em que a memória se reporta às bases de um lugar bom no passado, especialmente por ser considerado pacato e tranquilo, repousam laços de afinidade, os quais estão envoltos no aconchego familiar, nas lembranças de fases da vida em que o lugar propiciou o estabelecimento de boas relações com a vizinhança, traduzidas sobretudo na criação de vínculos de parentesco, elementos fortes na identidade do lugar.

Araújo (2012, p. 82) entende que esses laços sociais constituem um dos elementos mais significativos que definem a identidade entre as pessoas do

lugar. Trata-se de “relações de compadrio que são inter-relacionadas por elementos de cunho sagrado com elementos considerados profanos”.

Esses entrelaçamentos são vistos, por exemplo, na experiência dos compadrios, âmbitos em que os parentescos resultam de relações sociais em que os copartícipes, não sendo parentes consanguíneos, expressam seu desejo de pertencer à mesma família por meio do Batismo, sacramento do Catolicismo em que se confia a uma “madrinha” e a um “padrinho” a missão de encaminhar e orientar a pessoa batizada no exercício da fé segundo os princípios da religião.

Há no sentido de enraizamento memórias de vivências da infância, época em que se situa o estabelecimento de elos de amizade resistentes ao tempo, portanto favoráveis ao fortalecimento de laços identitários e de pertencimento ao lugar.

Na Alegria, um dos aspectos relacionados ao sentido de enraizamento consiste em ideias subjacentes ao que se entende por convivência rural, marcada por relações socialmente estruturadas em torno da terra. Nestes termos, a terra ocupa posição fundamental na vida da comunidade, representando a base sobre a qual estão fincadas as raízes que ligam as pessoas àquela realidade geográfica.

Assim como na infância, o sentido de enraizamento permeia as demais fases da existência pessoal, algo evidente, por exemplo, quando se manifesta a importância do lugar por ser referência espacial da constituição de famílias, onde nasceram filhos, netos e outros entes familiares. O depoimento emocionado de Dona Zeneide nos ajuda a perceber traços do sentido de enraizamento:

> Sinto alegria e prazer porque aqui no Maracanã me criei, me casei, construí minha família. Eu tenho amor pelo meu Maracanã. Não gosto de ver ninguém falar mal dele. Pessoas que chegam aqui, ficam e falam mal, eu já perguntei pra vários: – O que você veio fazer aqui? Se seu lugar era bom de você viver, então você não tinha vindo pra cá, porque a gente só fica num lugar enquanto a gente se dá bem [...] Eu tenho um filho que mora no Rio de Janeiro, que quer que eu vá morar com ele. Vou não! (GONÇALVES, 2018).

No mesmo direcionamento, o sentido de raiz como algo que prende o indivíduo a recantos da Terra repousa sobre o forte simbolismo dos enlaces conjugais decorrentes das relações afetivas originadas e fortalecidas no lugar. O casamento, assim como a “construção da família”, é ressaltado como um dos motivos pelos quais se constituem ligações essenciais com o espaço vivido, fator que o torna especial. Quando conversei com Dona Rosa, em frente ao barracão onde sua família realiza a Festa de Reis da Sempre Viva, o sentido de enraizamento ganhou força na firmeza de suas palavras:

> Esse lugar é muito importante para mim! Nasci e me criei aqui, criei meus filhos [...]. Me aperfeiçoei aqui, me criei, me casei, criei meus filhos, moro perto da minha mãe” (RODRIGUES RFB, 2018).

Enquanto essência vital na comunidade Alegria de Maracanã, o enraizamento se configura por meio das vivências ancoradas no cotidiano, o que nos remete às considerações de Marandola Jr. (2012, p. 228) ao interpretar o lugar a partir da ideia de circunstancialidade, pois ele “faz parte de nosso cotidiano”. Relatos como o de Seu Fábio Marlos, impregnados de topofilia, revelam o pulsar do cotidiano nas entranhas do sentido de enraizamento:

> Maracanã tem um fundamento tão forte pra gente que até as pessoas que vão embora daqui, geralmente, com o passar do tempo, voltam devido ao simbolismo que a gente tem de um conhecer o outro. A gente conhece até o jeito, o que a pessoa gosta de ganhar quando a gente vai num aniversário dela. A gente conhece cada tipo, até a maneira de se vestir de cada um. É uma coisa bem peculiar entre a gente (SÁ FMG, 2018).

À luz da interpretação do lugar sob a perspectiva da circunstancialidade, é possível enxergar com maior clareza o sentido de enraizamento presente em fatos que marcam de forma muito significativa a vida em comunhão com o lugar. Nas palavras calmas de Dona Joana (*in memoriam*), matriarca da família responsável pelo Reis da Sempre Viva, a circunstancialidade do sentido de enraizamento pode ser notada em fatos como nascimento e criação de filhos e netos, forte integração da comunidade e crescimento pessoal por meio do trabalho:

> Eu gosto de morar aqui porque é a terra onde nasci. [...]. Meus filho tudo foro criado aqui. Antigamente eu gostava muito, agora não muito por causa da violência [...]. Antes você saía pra roça, deixava tudo aberto, ninguém mexia (BERNARDES JS, 2018).

Ademais, sobressaem questões ligadas à ancestralidade, o que fortalece e complementa o sentido de lugar associado à noção de enraizamento. É possível apreender indicativos dessas vinculações fundamentais ao revisitar posicionamentos em que a pessoa destaca que Alegria é o lugar de nascimento de seus avós, lugar onde seus pais nasceram e "se criaram" e lugar onde ela própria nascera e crescera. A força do sentido de enraizamento é tão expressiva que envolve o desejo de permanência no lugar inclusive após a morte. As narrativas a seguir expressam esse sentido, sendo a primeira referente à fala do sacerdote espiritual Fábio Marlos e a segunda à do Sr. Elias Coutinho.

> Esse lugar é tão especial pra mim que eu comprei até o lugar onde, no dia que Deus me levar, eu vou ficar no Maracanã mesmo. Quero dizer que eu vou daqui pro cemitério do Maracanã, pra você ver como ele é especial pra mim. Eu não vou sair nem do bairro (meu corpo). Eu vou ficar aqui mesmo, pra você ver o tanto que ele representa pra mim. É bem forte isso; é tão forte que eu quero ficar aqui. Não quero sair daqui pra outro lugar (SÁ, 2018).

> Vem desde os meus pais, meus avós. Eu sinto que é um lugar bom de se morar, ainda é. Gosto muito daqui. Eu não sinto isso por outro lugar. Dizer que vou sair, não vou pra outro lugar, não. Nunca pensei assim. Saí um tempo pra trabalhar (COUTINHO, 2018).

Nestes termos, o lugar é sentido como elemento intrínseco à existência, sobre a qual implicam essências inerentes à vida e à morte, já que desta nenhum ser vivo pode escapar. Evidencia-se, portanto, o desejo de continuar arraigado à terra do lugar, ainda que sob a perspectiva tanatológica. Há, nessa relação, fortes conexões com a dimensão sagrada do lugar.

O desejo de permanência no lugar inclusive após a morte remete ao que Eliade (2016, p. 08) exemplifica a partir da sacralidade telúrica expressa por um

texto védico dirigido a um morto: “Rasteja para a terra, tua mãe! E possa ela salvar-te do nada!”. Assim o autor interpreta tal manifestação do telurismo védico:

> Este texto revela-nos a estrutura da sacralidade telúrica; a terra é considerada como uma Mãe, Tellus Mater, mas revela-nos ao mesmo tempo certo momento da história das religiões indianas, o momento em que esta Tellus Mater era valorizada – pelo menos por determinado grupo de indivíduos – como protetora contra o nada (ELIADE, 2016, p. 08).

No sentido de enraizamento são notáveis as referências às boas relações de vizinhança construídas ao longo de convivências de longa data. Sob essa óptica, o Sr. Fábio cita, por exemplo, que no lugar não há malquerenças, algo que contribui para que seja sentido como melhor lugar do mundo, o qual jamais será trocado por outro, tampouco desprezado.

> Melhor lugar do mundo porque desde criança estou aqui no Maracanã, todo mundo se conhece, todo mundo sabe o que acontece dentro do bairro (...) outra coisa: a tranquilidade (SÁ FMG, 2018).

Em torno do sentido de enraizamento também orbitam reportes ao lugar como sinônimo de torrão, termo cujo significado indica forte ligação com a terra onde se vive, expressando o pertencimento de alguém a determinada porção do espaço geográfico. O tempo de convivência com moradores possibilitou o registro de menções à Alegria de Maracanã como “meu torrão”, “minha terra”, “minha origem”, “meu futuro”, enfim como “minhas raízes”. Nesse sentido conflui parte da fala do Sr. José Raimundo, reflexo dos sentimentos envoltos no espírito das relações que o vinculam ao lugar.

> Sinto que aqui são minhas raízes. Não largo meu Maracanã. Amo meu Maracanã. É minha terra, meu futuro, meu torrão, meu tudo (REIS, 2018).

O segundo sentido de lugar mais citado diz respeito à qualidade ambiental. Seu significado resulta da ampla experiência de vida num lugar marcado pelo verde exuberante, pelo cheiro de brejo, pelo ar fresco, pela presença da água sob a forma de rios, riachos e nascentes, elementos

fundamentais à atmosfera que envolve a vida naquela porção maracanaense da Ilha do Maranhão. Dona Carminda, entusiasta da educação ambiental em Maracanã, expressa sua satisfação em habitar um lugar onde ainda é possível sentir a vitalidade da natureza:

> Essa visão que a gente tem, essa paisagem dos lugares, esse verde. Às vezes eu vou lá no Renascença e eu digo: - Eita! Aqui só vejo pedra, tudo cinza! [...] Gosto de viver nesse lugar porque me identifico muito com a natureza (GUIMARÃES, 2018).

Indícios de uma natureza vivaz refletem o prazer de viver em Alegria de Maracanã. No sentido de qualidade ambiental reside a percepção de que a natureza do lugar, manifestada por meio da riqueza ambiental, é responsável por tudo que sustenta a vida, provendo a totalidade do que se concebe enquanto essencial para viver.

Articulam-se ao sentido de qualidade ambiental sensações como a expressa pelo cheiro de brejo, o qual traz à memória lembranças de uma infância feliz, em que se tomava banho nas águas límpidas que irrigavam Alegria. Cheiro de brejo que remete à diversão compartilhada com familiares, vizinhos e amigos nos piqueniques animados em função da sensação de bem-estar associada sobretudo à beleza das paisagens. Cheiro de brejo, como lembra o Sr. Fábio Marlos, faz parte da identidade do lugar.

> É o brejo, o cheiro do brejo, onde tem rio, onde tem lama, onde tem muita gente que vai catar buriti [...] quando vai ter noite fria no mês de julho, a siricora canta no brejo (SÁ FMG, 2018).

O depoimento sobre o cheiro do brejo direciona o pensamento para o fato de que “a geografia envolve e penetra os sentidos” (DARDEL, [1952] 2015, p. 05), movimentando escritas telúricas, ou seja, escritas do sentir a Terra, das sensações e impressões que ela produz em nós.

“Lugar muito bom”: expressão que evoca a ideia de qualidade de vida proporcionada pelas condições ambientais. Na Alegria de Maracanã ecoam vozes cujos sons proclamam o fato de habitarem um lugar confortável em razão de condições atmosféricas agradáveis, propícias à sensação de prazer

no que tange à moradia. Acerca da questão, tais vozes são uníssonas ao expressar o temor de que a boa qualidade ambiental pela qual tanto prezam – já bastante prejudicada por atividades antrópicas predatórias – seja comprometida de forma irreversível. O excerto seguinte, extraído da fala de Dona Conceição Mendes, também dimensiona o sentido de qualidade ambiental: “Gosto de viver aqui porque é um lugar saudável [...]. As árvores purificam o ar para nós” (MENDES, 2018).

Outros fatores destacados dizem respeito ao sentido de qualidade ambiental do lugar, como pode ser observado nos apontamentos que o qualificam como muito sombreado, muito ventilado ou como um paraíso fundamental à qualidade de vida. O referido sentido aparece com clareza nas palavras de Dona Carminda: “Ah! Aqui significa um paraíso. Eu sinto uma tranquilidade, assim uma paz” (GUIMARÃES, 2018).

O terceiro sentido de lugar mais mencionado foi o de totalidade. Através dele expressa-se a ideia de que o lugar significa tudo para a pessoa, algo sem o qual ela não poderia existir. Neste sentido repousa inclusive a noção de que por se tratar de uma totalidade, todos que a integram têm conhecimento de tudo que acontece na comunidade. Chama atenção a inclusão da dimensão do sagrado no sentido de totalidade, em que se afirma que o lugar significa tudo abaixo de Deus, entidade à qual se atribui a criação de todas as coisas que existem no mundo. Isso pode ser observado nos fragmentos a seguir, correspondentes aos diálogos com o Sr. José Raimundo, o Sr. Elias, o Sr. Raimundo Nonato e a Sra. Flávia, respectivamente.

> O meu lugar significa tudo abaixo de Deus. É onde nasci, criei meus filhos, conheci minha esposa, os amigos, as tradições. O meu Maracanã, com todas as suas tradições e trajetórias, me encanta. Não trocaria meu Maracanã por lugar nenhum do planeta (REIS, 2018).

> Pra mim esse lugar é tudo porque eu nasci aqui, minha família é daqui, eu vivi parte da minha vida toda aqui. Saí um tempo, depois voltei. Eu não troco aqui por outro lugar. Me sinto bem aqui (COUTINHO, 2018).

> Esse lugar representa tudo pra mim. Eu convivo aqui, a maior parte dos meus parentes mora aqui. Só esse ar, essa sombra. Aqui é ventilado e calmo (SOUSA, 2018).

> Pra mim esse Maracanã significa tudo. Tudo de bom pra mim ele é. Não gosto que ninguém fale mal dele [...]. Sinto amor pelo lugar. Se a gente não tiver o amor pelo lugar não tem prazer de viver aqui (SÁ, 2018a).

Um dos sentidos de lugar mais preocupantes se vincula à devastação e violência. A tranquilidade de outrora, época em que era possível inclusive dormir com as portas e janelas praticamente abertas, fora substituída pela insegurança, pelo medo da violência associada à expansão urbana.

> Até os juçarais tão morrendo. Só que a gente tem uma fé em Deus: que Ele não vai nos deixar sem juçara, sem essa bebida saborosa que nós temos [...]. Nós não têm mais nada de subsistência, porque no outro tempo tinha lavoura, mas hoje não tem mais [...]. Os rios estão se acabando. Nós não temos mais os rios que a gente tinha. Você vai na beira do rio, a água é do jeito que é. Os juçarais todos morrendo. Não é mais a água da natureza, que nós tínhamos. Eu me criei bebendo água do rio; não tinha poço, não tinha nada. Era uma água corrente boa (GONÇALVES, 2018).

No momento em que conversávamos sobre os fatos mencionados no excerto supracitado, o semblante de Dona Zeneide exprimia sentimentos como esperança e indignação. Acreditar que por intervenção divina a situação pode mudar serve como alento, já que aquela realidade tem sido marcada por omissão do poder público em relação à gestão da natureza de Maracanã.

À medida que meus laços com a comunidade iam se estreitando, o sentido de devastação e violência aparecia com mais frequência e maior intensidade nos diálogos. Demonstrando preocupação, Dona Carminda chamou atenção para uma das problemáticas mais sérias da questão ambiental em Maracanã: “os rios estão acabados! Com a destruição dos rios, automaticamente os juçarais vão se acabando também” (GUIMARÃES, 2018).

Não foram poucas as ocasiões em que ouvi lamentos e reclamações sobre as consequências da chegada do “progresso” em Maracanã. Nessas

circunstâncias, o relato de Seu Gilberto permite perceber contradições entre a legislação referente à APA e o que de fato acontece em seu território:

> As matas que nós tínhamos aqui tá se acabando. Os nossos rios, que era o patrimônio que nós tínhamos, tá quase inútil. O desenvolvimento tá mudando, tá chegando mais pessoas de fora, tão se ambientando aqui. Já perdemos os rios, as águas tão poluídas (BALDEZ GP, 2018).

Encontros como o que tive com Dona Eliete permitiram sentir, ainda que parcialmente, a angústia causada pelo sentido de devastação e violência. Ao longo de nossa prosa ela fez questão de declarar os efeitos da situação ambiental e social do lugar sobre sua vida:

> Brejo não tem mais. As coisas não são mais como antigamente. Tá tudo violento [...] a gente vive só trancada, eu fecho a porta e agora que botei grade. Antes dormia com as janelas abertas por causa do calor (RODRIGUES EP, 2018).

Na memória de Dona Zeneide permanece a lembrança de um lugar tranquilo, onde se vivia em paz, onde era possível transitar de forma segura e sem a sensação de estar em perigo durante os deslocamentos realizados em função de necessidades do cotidiano:

> Quando me entendi o meu lugar não era violento. Aqui não se via violência, tanto prova que a gente estudava era longe de casa. A gente se destacava do Maracanã lá pro centro pra assistir aula. Só que o Maracanã de antes não se compara com o Maracanã de hoje. No Maracanã de antes o transporte que nós tínhamos era embarcação. Pra ir pro centro meus pais iam embarcados através da maré (GONÇALVES, 2018).

Além do aumento da criminalidade na comunidade, assim como em Maracanã como um todo, a expansão urbana engendrada primordialmente pelas demandas do capital originou e reproduziu uma série de problemas atinentes à devastação ambiental. As consequências desse fenômeno atingem o espírito do lugar, constituído pelas águas, pela vegetação, pelo solo e pela totalidade dos elementos e energias daquela parcela do espaço vivido.

Seu Elias tem se sentido aflito diante dos problemas ambientais vivenciados em Maracanã principalmente ao longo da última década, haja vista

o impacto das drásticas transformações em várias dimensões do lugar, sob os auspícios do poder público. A aflição do antigo morador de Alegria pode ser sentida em suas palavras:

> A partir do momento que começaram a construir esses conjuntos do MCMV a situação piorou mais. Veio a construção. Logo lá, onde eles construíram, era a mata. Aquele mato alto ficava nas cabeceiras das nascentes, aí depois que construíram, a nascente não tem mais. Isso tá prejudicando toda a área da juçara, o juçaral. Tudo vem sendo prejudicado: os rios que tinha aqui, tudo se acabou, agora é tudo poluído, água amarela, por isso que eu tô falando que vem e aí maltrata e muito todos os moradores, principalmente nós que é mais antigo, que conhece desde o começo como era isso aqui. Às vezes tem lugar que a gente passa e olha, a gente se sente triste com esse maltrato com a natureza. Nosso lazer era ir pro rio, tomar banho, agora acabou (COUTINHO, 2018).

Entristecidas pelo sentido de devastação e violência, algumas pessoas enfatizam que o tempo em que era bom viver no lugar ficou no passado. Para elas nada tem sido significativo, exceto o medo e o desejo de partir decorrente desse sentimento. À situação de violência atribui-se inclusive o fato de poucos estabelecimentos comerciais terem se instalado ali. Dona Joana é categórica ao se reportar aos efeitos da sensação de medo e insegurança associada ao referido sentido de lugar:

> Tínhamos um lugar calmo, bom de se viver, mas hoje tem um quadro de violência. Quem nunca fez seus muros, vive eternamente de portas fechadas (BALDEZ, 2018).

Outro aspecto relevante para a compreensão do sentido de devastação e violência diz respeito ao “abandono” atribuído ao poder público em relação à falta de políticas públicas básicas em Maracanã. Por essa razão acredita-se que no lugar falta desenvolvimento e sobra devastação, como a causada pela destruição dos brejos em função da construção e ocupação dos conjuntos habitacionais integrantes do programa de habitação popular MCMV. Ressentida das condições em que se encontram nascentes, rios, brejos e juçarais – entes essenciais de Maracanã – Dona Joana fala em tom de desabafo:

> Depois dos conjuntos habitacionais, acabou com nossa área verde. O rio, que tinha água cristalina, hoje tem água que ninguém pode nem se meter dentro, totalmente poluída, começando pela cor, que mudou de limpa para ficar da cor de barro. Todos os rios! Acho que nem as nascentes existem mais [...]. Os juçarais tão se acabando. Tão jogando esgoto dentro do juçaral (BALDEZ, 2018).

Por mais que o foco de nossas conversas não incidisse diretamente sobre as implicações ambientais e sociais dos residenciais do MCMV em suas vidas, esse tema sempre veio à tona nos discursos de quem vive ali. Há, por exemplo, relatos sobre o mal funcionamento ou inexistência de estações de tratamento de esgoto (ETE). Como se estivesse aliviando o peso de uma carga pesadíssima, Dona Matilde expôs parte de seus sentimentos sobre a problemática:

> Aqui tá é destruído. Os rios eram preservados no quintal das casas, no lugar que as pessoas moram. Agora não tem como, porque esses conjuntos, de onde vem aquela nojeira que desce toda pra dentro do brejo, tá matando as áreas verdes. Não tem como, pois o governo mandou fazer as casas. Quem vai desmanchar pra acabar com tudo e voltar o que era? (VENTURA, 2018).

Cumpre notar que conjuntos do programa MCMV foram construídos no território da APA sem que fossem consideradas as particularidades dos lugares em termos de patrimônio cultural e ambiental, conforme se evidencia no discurso de seus habitantes mais experientes. As pessoas fazem questão de lembrar que durante as obras foram destruídos patrimônios arqueológicos, a exemplo das ruínas que se encontravam na fazenda Bacuri, por onde passava um trecho da trilha Baluarte. A referida propriedade integra o rol das terras compradas para construção dos residenciais.

Menciona-se que o lugar está sendo atingido por um processo violento de urbanização, fator diretamente relacionado ao incremento residencial ocasionado pelo programa MCMV e pelas ocupações espontâneas popularmente denominadas invasões. Assim o lugar calmo de antigamente – ainda sentido como paraíso ambiental por alguns habitantes, por mais contraditório que isso pareça – vai sendo cada dia mais sufocado por mazelas típicas de grandes cidades, expressas pelo sentido de devastação e violência. O relato de Seu Fábio exprime um pouco de sua inquietação sobre uma das

preocupações da comunidade em relação às consequências ambientais e sociais da imposição material e simbólica de uma das faces mais devastadoras do fenômeno urbano às comunidades de Maracanã:

> Esses conjuntos do MCMV causaram impacto ambiental muito grande no lugar, que chegou a mexer com as nossas nascentes [...] se tirar o brejo da gente aqui nós vamos ter uma catástrofe, vai até faltar água, porque aqui é poço artesiano (SÁ, 2018).

Apesar dos problemas ambientais e sociais atribuídos por antigos moradores de Maracanã aos residenciais integrantes do MCMV, não se pode negar a relevância dos mesmos para as famílias contempladas pelo programa, cuja limitação financeira impedia a melhoria de suas condições habitacionais.

Desde o início das obras dos conjuntos, lideranças da comunidade Alegria têm manifestado publicamente seus temores em relação aos efeitos desses empreendimentos sobre o patrimônio ambiental de Maracanã, portanto sobre suas próprias existências. Nesse âmbito encontramos o apelo de Dona Raimunda Ferraz às autoridades competentes:

> Desde 2014, logo após o início desses empreendimentos, nós nos mobilizamos e fomos ao Ministério Público [...] dar ciência do que poderia ocorrer em nossa comunidade. Nós temos já aqui, em mãos, análises de águas superficiais e de efluentes sanitários que infelizmente já comprovam que os nossos mananciais, os nossos rios, já estão poluídos. E a gente quer a atuação dos órgãos competentes, no sentido de minimizar esses impactos que infelizmente já estão bem visíveis aqui na nossa comunidade. Nós somos a favor do direito à moradia, mas também queremos que o nosso direito à sustentabilidade ambiental seja respeitado (FERRAZ NETA, 2017).

Infelizmente na época da implantação dos conjuntos não houve atenção do poder público aos possíveis impactos de vizinhança decorrentes da construção e ocupação dos imóveis. Além disso, pessoas que vivem desde a infância em Maracanã afirmam que os transtornos causados pela degradação ambiental começaram a ser sentidos com maior intensidade tão logo se iniciou o processo de construção dos referidos empreendimentos imobiliários.

Outra problemática citada de modo veemente diz respeito ao fato dos imóveis do MCMV terem sido ocupados predominantemente por pessoas de

fora. Acerca dos conflitos de vizinhança, Seu Fábio forneceu indicativos de sentimentos vinculados à sensação de estranhamento causada pela chegada de novos moradores em Maracanã:

> Depois do MCMV, nós ainda não acostumamos com a nova realidade. A gente acha tudo muito estranho, muito fora da nossa realidade porque a gente não conhece esse povo. O povo do Maracanã é diferente deles, totalmente (SÁ, 2018).

Importante posição é ocupada pelo sentido de lugar enquanto lar, fenômeno que transcende a ideia de residência. O sentido de lar envolve o amor pelo lugar, bem como o sentimento de segurança que pode ser traduzido na certeza de que Alegria de Maracanã é como um “porto seguro” no qual se fundamenta a existência. O fragmento a seguir, extraído da fala de Dona Hilza, representa esse sentido: “Aqui construí minha casa com meu marido, criei meus filhos, todo mundo me conhece na vizinhança, todo mundo é amigo e isso gera confiança na gente” (FREITAS, 2018).

No sentido de lar assenta-se o reconhecimento à função de moradia articulada a diversos fatores considerados essenciais a outro sentido primordial, o de pertencimento ao lugar. Nele também se entrelaçam as condições de existência da família, que geralmente representa elemento basilar na ideia de lar. Ademais, este sentido de lugar exprime também uma tomada de decisão pessoal: a escolha de um lugar considerado bom para viver.

Dentre as motivações para optar por Alegria de Maracanã enquanto lar, sobressai o fato do lugar possuir condições ambientais favoráveis à qualidade de vida, considerando possibilidades concretas de contato direto com rios, árvores, animais e alimentos saudáveis, frutos do próprio lugar. Tais condições levam à percepção de que se escolheu um ótimo lugar para habitar, cujo significado integra o sentido de lar enquanto alicerce da própria existência.

Tradição: essência de lugar que anima a existência da comunidade Alegria. Nela se incluem símbolos, crenças, rituais, festas, festejos, costumes, saberes, sabores, práticas e demais heranças culturais adquiridas e transmitidas ao longo de gerações.

No sentido de tradição, assim como no de enraizamento, apoiam-se elos significativos da dimensão do pertencimento ao lugar. Entrelaçamentos articulados em torno daquilo que se concebe enquanto identidade, ponto de inflexão entre o lugar e o que ele representa na existência das pessoas que o habitam e o experimentam como parte essencial da vida, como um prolongamento do próprio corpo.

Ali o sentido de lugar enquanto tradição se expressa principalmente por meio de festividades fortemente relacionadas a dimensões do sagrado, da fé em forças consideradas superiores às dos seres humanos, pertencentes ao domínio das divindades. Nessas condições sobressai a ideia de que no lugar se fortalecem valores atinentes à união que confere unidade à comunidade, seja nas festividades seja nos momentos mais difíceis da vida em comum, a exemplo dos acontecimentos que giram em função da morte de membros da comunidade, como podemos observar na fala do Sr. Fábio Marlos:

> Quando tem alguma festividade a gente se encontra todo mundo, se reúne, é uma coisa muito bacana entre a gente. Há uma reciprocidade muito grande entre os moradores. Não há malquerenças, então geralmente quando acontece até um enterro aqui é um acontecimento, porque todo mundo vai, tem almoço, tem janta, tem café da manhã, então pra gente essa integração é muito forte entre os moradores. A gente realmente não vive dentro da casa de todo mundo, mas na hora que precisa um do outro, sempre a gente tá ajudando um ao outro (SÁ, 2018).

Na esteira dos fenômenos humanos ameaçados pela economia global de mercado se encontram as tradições, elementos-chave na conformação de sentidos de lugar da comunidade Alegria. Convém notar que na lógica perversa do *modus vivendi* e *modus operandi* desse modelo de economia, lugares tradicionais são visados principalmente sob dois pontos de vista: como oportunidades de negócios no setor do turismo e lazer ou como entraves aos imperativos do capital.

Na comunidade Alegria, tradições como o Festejo de Santos Reis, a Queimação de Palhinhas e a Festa da Juçara são experiências vivenciadas sob a perspectiva da integração entre pessoas do lugar, do fortalecimento de

vínculos de amizade e parentesco, enfim, da expressão de laços identitários entre os diversos entes daquela realidade geográfica.

Além da relevância no estabelecimento das ligações entre as pessoas do lugar, as tradições promovem interações entre o lugar e outros lugares, traduzidas nas relações interpessoais, algo positivo quando se trata da valorização da diversidade local em torno do patrimônio cultural.

Outrossim, ressalta-se que em função da manutenção das tradições, o lugar gera sensações de encantamento atreladas à topofilia. Há inclusive reportes à questão da representatividade do lugar, ou seja, afirma-se que o lugar tradicional assume a condição de representante da pessoa que o habita, o que pode ser observado na expressão “o lugar me representa”, tantas vezes ouvida entre as idas e vindas que me aproximaram das geografias vividas de Maracanã.

O sentido de lugar enquanto acolhimento manifesta-se por meio de expressões cujos significados indicam bem-estar. O próprio bairro é vivenciado como lugar “bacana”, no contexto entendido como sinônimo de lugar bom para morar. Habitar o lugar denota sensações de prazer, as quais se filiam, por exemplo, aos laços de parentesco e às tradições que conformam a identidade do lugar.

Sentidos de tranquilidade, predominantes nas recordações sobre a infância e juventude das pessoas com grande tempo de vivência no lugar, são vistos como algo que ficou no passado. Ainda assim, o referido sentido de lugar tem espaço na fala e nas emoções que expressam relações topofílicas vivenciadas naquela realidade geográfica. No trecho da conversa com o Sr. Elias é possível perceber que no sentido de tranquilidade estão implicadas significações designativas de um lugar pacato, onde a vida das pessoas é marcada por ritmos de calmaria partícipes de uma dinâmica em que o silêncio do cotidiano é interrompido apenas pelos sons típicos das tradições locais.

> No Maracanã é sítio, é mais tranquilo, tem aquele gostar porque é zona rural. Antes aqui já foi até melhor, muito bom mesmo, mas as coisas vão se evoluindo, as coisas vão mudando. Aquele sossego mesmo que a gente tinha antes, hoje já não tá tendo quase, devido à evolução. Tem evolução que vem pro bem, tem umas que já vem pro mal (COUTINHO, 2018).

Cabe destacar a existência do sentido de patrimônio na comunidade Alegria, cujas matrizes estão ancoradas sobretudo nos aspectos histórico-culturais do lugar. Em sua essência subjaz a valorização da riqueza cultural, constituída por elementos da cultura popular maracanaense. Em torno do sentido de lugar enquanto patrimônio, situam-se posicionamentos com vistas ao aproveitamento do potencial turístico de Alegria, a exemplo do que envolve as tradições religiosas centenárias.

Soma-se aos sentidos de lugar supracitados aquele em que Alegria de Maracanã é vivenciada como coração de São Luís. Seu significado atrela-se ao de qualidade ambiental, bem como ao de totalidade, especialmente quando se faz uma analogia: em relação a São Luís, Maracanã cumpriria a mesma função do coração no corpo de um animal. Sob esse ponto de vista, depreende-se que se o coração para de funcionar, o corpo tende a morrer. Atribuir ao lugar o sentido de coração de São Luís chama atenção para a percepção de sua importância vital para os processos ambientais que sustentam as existências em escala regional. Esse sentido se expressa no argumento do Sr. José Fernando: “Aqui é o coração de São Luís, um lugar muito ventilado” (NASCIMENTO JFB, 2018).

Ouvir o que Alegria de Maracanã significa para quem vive ali foi fundamental para aguçar a percepção de que sentimentos auxiliam na compreensão de sentidos de lugar, visto que constituem a existência humana. Pela dimensão do sentir perpassam pensamentos, emoções, atitudes. Sob essa óptica, sentimentos transcendem sensações captadas pelos órgãos sensoriais e podem ser interpretados como “estados de ânimo”, (CAMPS, 2011), assim como as emoções.

A autora supracitada chama atenção para a dificuldade inerente ao estabelecimento da distinção entre emoções e sentimentos. Na tentativa de individualizar essas noções, Damasio (2010) afirma que as emoções se manifestam no corpo, ao passo que os sentimentos se manifestam na mente. Assim, rubor facial ou lágrimas nos olhos podem indicar, respectivamente, sentimentos como vergonha ou tristeza.

Na comunidade Alegria o sentimento que mais se destacou foi o amor profundo pelo lugar, atrelado ao sentido de enraizamento. Esse apego intenso, também descrito como carinho, manifesta-se sobremaneira no desejo de permanência no lugar inclusive após a morte, como se percebe nas palavras de seu José Benedito: “Aqui é o meu lugar, onde nasci, me criei, onde quero morrer e me enterrar” (MORAES JBS, 2018).

Amar profundamente Alegria de Maracanã também se vincula ao gostar da zona rural e sentir raiva de quem fala mal dele, conforme se depreende nas falas de Seu Walter e de Dona Flávia, respectivamente:

> Sou nascido e criado aqui. Gosto muito daqui, principalmente da convivência rural [...]. Sinto um gostar profundo, apesar desses problemas relacionados à segurança (CRUZ, 2018).

> Aqui me sinto bem. A gente traz o amor pelo lugar desde quando a gente nasce. Acho que não tem explicação: o gostar é muito grande. Ele é tudo pra mim. Não gosto que ninguém fale mal dele (SÁ, 2018a)

Ademais, menciona-se o sentimento de respeito pelo lugar considerado ente da existência de cada ser que o habita. Respeitar o lugar, portanto, significa respeitar a si e aos demais seres coabitantes. A este sentimento está ligado o de gratidão, decorrente das condições de existência que o lugar proporciona.

Algo que também se destaca em Alegria de Maracanã refere-se à sensação de bem-estar. Seu espectro reflete o sentimento de tranquilidade, tendo em vista que apesar dos conflitos de vizinhança, a calma e o sossego ainda constituem traços significativos do lugar.

Por mais que a situação e a dinâmica do lugar tenham sido muito alteradas pelo incremento populacional repentino em Maracanã, fato gerador de sensações de insegurança, persistem sentimentos pautados pela sensação de bem-estar, tal qual o de satisfação em viver ali. É importante lembrar que naquela conjuntura bem-estar constitui as bases do sentido de qualidade ambiental.

No âmbito fundamental dos sentidos de lugar da comunidade Alegria encontra-se o sentimento de felicidade. Sob sua influência, o cotidiano, impregnado do sentido das tradições centenárias, acontece permeado pela alegria de pertencer àquele lugar. No “espírito” do lugar residem essências identificadas com o prazer em viver ali na Alegria, a qual não pode ser entendida apenas como local de residência, mas como lar.

Sentimentos atribuídos a situações de dificuldade também integram o rol dos significados do lugar, a exemplo do medo, da tristeza e da raiva. O medo da violência figura entre as principais causas da sensação de insegurança que adensa a atmosfera do lugar, fato marcadamente associado à ocupação dos novos núcleos residenciais. A influência desses sentimentos pode ser observada no posicionamento de Dona Dalcy: “Não gosto de viver aqui por conta da insegurança, da poluição dos rios. Não tem infraestrutura básica. Aqui não cresce [...]. Hoje nada aqui é significativo” (NEVES, 2018).

Na “conta” da insegurança e do medo da violência inclui-se a inexistência ou ineficácia de políticas de segurança pública. Há relatos sobre invasões de propriedades (sítios e residências) por pessoas oriundas dos residenciais ou das ocupações espontâneas, as quais cometem crimes como furtos, roubos e assassinatos. Ocorrências dessa natureza têm gerado transtornos à comunidade, bem como mudanças nos hábitos e costumes.

Um exemplo das alterações na comunidade em função da insegurança e da violência consiste na preocupação com o fechamento de portas e janelas. Reforçar a segurança das propriedades passou a ser uma necessidade comum no lugar, o que pode ser facilmente verificado por meio de breve visualização da paisagem, em que se destacam muros altos, grades em portas e janelas, e outros mecanismos voltados ao reforço da segurança particular (Fotografia 28). Assim, no lugar existem traços denotativos do que Tuan (2005) denomina paisagens do medo.

Fotografia 28 – Reforço da segurança em propriedade localizada na comunidade Alegria



Fonte: Registro da autora

Em relação ao sentimento de tristeza, cita-se o desgosto por causa do lançamento de esgotos *in natura* nos rios, provenientes principalmente dos condomínios do programa MCMV. Afirma-se com profundo pesar que o estado dos rios gera grande sofrimento nas pessoas que vivem no lugar, impactando com maior intensidade as que habitam ali há muito tempo, que guardam na memória lembranças de um lugar de grande beleza, “banhado” por rios cristalinos repletos de vida, entes da natureza utilizados em diversas atividades do cotidiano por moradores e, em ocasiões especiais, por visitantes que os utilizavam como fontes de lazer.

Sentimentos de tristeza emergem quando se ouve alguém “falando mal” do lugar, carinhosamente chamado de “meu lugar”. Já o sentimento de raiva surge acompanhado pelo de revolta e pelo desejo de ir embora. Revolta que se manifesta sobretudo ao lembrar do descaso do poder público em relação à manutenção da qualidade ambiental de um dos lugares mais tradicionais do

Maranhão. Na situação há claros sinais de tensões entre sentimentos de amor ao lugar e o furor devido à negligência associada à esfera governamental.

O sentimento de amizade revela relações de cumplicidade e intimidade com o lugar, ente tão valorizado quanto os humanos mais estimados. Vivencia-se o lugar sob a perspectiva do companheirismo, atentando-se aos cuidados recíprocos. No entrelaçamento das existências mútuas toma forma, por exemplo, a atenção voltada ao cuidado com a qualidade ambiental de rios e brejos. Trata-se de fortes vínculos afetivos que partem da esfera humana em direção aos entes apreendidos enquanto seres extremamente valiosos para a vida pessoal e comunitária, haja vista o papel que representam no âmbito das essências constituintes, portanto vitais do lugar.

Merece destaque o fato do sentimento de paz em relação ao lugar ser pouco mencionado, o que pode ser associado ao sentido de devastação e violência que tem preocupado seus habitantes. Sentimentos como altruísmo e saudade aparecem como símbolos de resistência popular às mazelas sociais e ambientais impostas pelos ditames do modelo econômico hegemônico, em função do qual, infelizmente, o Estado atua em todos os níveis e esferas que o compõem.

Em torno do altruísmo se concentram atitudes em prol do outro, que pode ser humano ou não. *Práxis* ligadas à luta contra os passivos ambientais ocasionados pela instalação e funcionamento de empreendimentos diversos em Maracanã, se fortalecem por meio de articulações coletivas motivadas pelo desejo de revitalizar a qualidade ambiental do lugar. Delas resulta, por exemplo, a participação de representantes da comunidade em conselhos instituídos pelo poder público em atendimento às determinações da CF/1988 e de seus regulamentos. Cumpre lembrar que o altruísmo em relação ao lugar inclui a noção de reciprocidade, pois ao mesmo tempo em que se cuida do lugar se recebe os cuidados que ele proporciona.

Paira na atmosfera do lugar um ar de saudosismo. Saudade de um tempo em que era possível beber água nas fontes, ou seja, nos rios, riachos e nascentes da Alegria. Saudade do lugar que ficou no passado, sentido e vivenciado como dádiva, símbolo de fartura, de fertilidade, de acolhimento e

tranquilidade. Ainda que a expressão de tais sentimentos possa ser pejorativamente apontada como romantismo, defendemos sua seriedade e relevância enquanto elementos estratégicos no que tange à gestão pública de territórios protegidos.

Aliado à saudade, emerge o sentimento de esperança, que embora não apareça de forma explícita, fica subentendido nas expressões do corpo, nas atitudes em função da transformação positiva da realidade do lugar, como pode ser observado na participação de lideranças comunitárias no âmbito de reuniões do CONAM.

Ao contemplar o panorama de geograficidades do lugar, portanto o que há de mais significativo nos vínculos de cumplicidade entre os seres humanos e o ente geográfico ao qual suas existências estão ligadas, foram identificados elementos que possibilitam conhecer melhor aquela realidade. Eles remetem a relações do cotidiano, muitas vezes negligenciadas e interpretadas como banalidades. Sendo assim, tais relações são frequentemente relegadas à esfera das trivialidades, dos fenômenos irrelevantes no contexto do planejamento e da gestão ambiental.

Frutas ocupam posição de destaque no que se refere aos principais meios pelos quais ocorrem as vinculações diretas entre os habitantes e o espaço vivido. Dentre elas se destacam as seguintes (Quadro 02):

Quadro 02 – Frutas citadas nas entrevistas (comunidade Alegria)

Nome popular	**Nome científico**
Abacate	*Persea americana*
Abricó	*Mammea americana*
Acerola	*Malpighia emarginata*
Ata	*Annona squamosa*
Babaçu	*Attalea speciosa*
Bacaba	*Oenocarpus bacaba*
Bacuri	*Platonia insignis*
Banana	*Musa spp*
Buriti	*Mauritia flexuosa*
Cacau	*Theobroma cacao*
Caju	*Anacardium occidentale*
Camupum	*Physalis angulata*
Coco	*Cocos nucifera*
Cupuaçu	*Theobroma grandiflorum*
Guanandi	*Symphoni globulifera*

Jaca	*Artocarpus heterophyllus*
Jambo	*Syzygium jambos*
Jenipapo	*Genipa americana*
Juçara	*Euterpe oleracea*
Laranja	*Citrus sinensis*
Limão	*Citrus limon*
Mamão	*Carica papaya*
Manga	*Mangifera indica*
Maracujá	*Passiflora edulis*
Murici	*Byrsonima crassifolia*
Murtinha	*Blepharocalyx salicifolius*
Pequi	*Caryocar brasiliense*
Pitomba	*Talisia esculenta*
Tamarindo	*Tamarindus indica*
Tanja	*Citrus reticulata*

Fonte: entrevistas realizadas junto a moradores da comunidade Alegria

Ao longo dos caminhos do lugar é possível ver na entrada de algumas casas e sítios placas anunciando a venda de frutas da época, em que se destaca a juçara. É muito comum a exposição das frutas à venda em frente aos sítios, no intuito de atrair a atenção de possíveis consumidores. Em torno das frutas também são estabelecidos laços de amizade, pois geralmente as mesmas são gentilmente ofertadas às pessoas como presentes, sinalizando sentimentos de estima e consideração.

Juçarais e seus frutos constituem fenômenos essenciais na realidade geográfica do lugar, assim como os brejos, sistemas geoambientais que os sustentam. Quando se fala em juçarais, elementos-chave das geograficidades da comunidade Alegria, imediatamente são mencionados sentimentos de tristeza e saudade. O primeiro devido à situação cada vez mais séria de degradação ambiental a que estão submetidos. A saudade deriva da lembrança da época em que o lugar era conhecido por seus juçarais extensos, símbolos de excelente qualidade ambiental.

Dos juçarais do lugar, associados às águas que “banham” Maracanã, famílias retiram seu sustento por meio de práticas extrativistas. Com o semblante carregado de tristeza, alegrienses comentam sobre o avanço da devastação sobre os brejos, que implicam na configuração de “juçarais mortos”, arrasados por processos acelerados de assoreamento e

contaminação por esgotos *in natura* (Fotografia 29) provenientes do entorno, principalmente dos condomínios do MCMV.

Fotografia 29 – Juçaral em processo de degradação ambiental na comunidade Alegria



Fonte: Registro da autora

Assim como os juçarais, fontes de água como nascentes, rios e lençóis freáticos encontram-se entre os elementos mais ameaçados das geograficidades do lugar. As águas dos rios Ambude e Pontilhão (Maracanã) têm sido descritas como poluídas e contaminadas. Ao lembrar que no passado foram rios saudáveis, habitantes destacam o que restou para a comunidade: “riacho poluído no quintal”, “rios destruídos”, “rios poluídos”, “rios secos”.

Relacionamentos com árvores e ervas são reconhecidos como aspectos muito expressivos do lugar, onde ainda se destaca o verde enquanto importante característica da paisagem. Ali se sublinha a presença de árvores frutíferas nos sítios, como abacateiros, buritizeiros, cajueiros, jacubeiros e mangueiras. Além das árvores supracitadas, se destacam “pés” de andiroba (*Carapa guianensis*), paparaúba (*Simarouba amara*), pataca (*Dillenia indica*) e cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum*).

Entre as ervas se encontram lichia (*Litchi chinensis Sonn*), pimenta-do-reino (*Piper nigrum*), boldo *(Peumus boldus Mol*.), canela (*Cinnamomum zeylanicum*), capim-limão (*Cymbopogon citratus*), erva cidreira (*Melissa officinalis*), hortelã da folha grossa (*Plectranthus amboinicus*), macaxeira (*Manihot esculenta*), e batata doce*(Ipomoea batatas).* A maior parte das ervas é utilizada em função de suas propriedades medicinais, a exemplo do boldo, que auxilia no tratamento de problemas estomacais, e da erva cidreira, utilizada no preparo de chá consumido como calmante. Ademais, árvores e ervas são utilizadas como fontes de alimentação, recursos madeireiros, matérias-primas para confecção de produtos artesanais e finalidades variadas, significando vínculos existenciais.

Não se pode deixar de mencionar a importância dos remanescentes florestais de Alegria para fins religiosos, considerando seus significados em relação aos princípios de religiões de grande expressividade no lugar, caso da Umbanda. Alguns rituais são realizados nas matas do lugar, a exemplo do citado por Dona Flávia de Sá, esposa do sacerdote espiritual Fábio Marlos: “rituais para caboclos da mata, como seu Surrupira, que é feito nos pés de tucunzeiros” (SÁ, 2018a).

Partes de plantas integram o cotidiano de pessoas que trabalham com artesanato, atividade em que se utiliza, por exemplo, praticamente todas as estruturas das palmeiras de juçara e babaçu. Em algumas situações se aproveitam galhos caídos para a produção de carvão. No mesmo sentido, hortaliças e leguminosas também integram geograficidades na comunidade, como pode ser observado em relação ao cultivo de feijão.

Brejos são como “sopros” de vida no lugar. Os brejos de Alegria, assim como seu povo, constituem parte da identidade de Maracanã. Suas paisagens vibrantes significam vida, traduzindo a força e a resistência da natureza frente a processos antropogênicos que tendem a destruí-la. Ressentimento emerge da situação de degradação a que os brejos têm sido submetidos principalmente nas últimas cinco décadas, iniciada com a instalação do Distrito Industrial e potencializada com a construção e ocupação dos grandes condomínios do programa MCMV.

Como parte significativa da essência do lugar, brejos estão ligados à existência das pessoas que vivem ali assim como o ar que elas respiram. O vento movimenta a atmosfera do brejo, que orna o espírito do lugar. Alegria de Maracanã tem cheiro de brejo, tem gosto de brejo. Lá todos os sentidos são inundados pelo espírito de brejo. É praticamente impossível dimensionar os sentidos do lugar ao se desconsiderar a relevância dos brejos para seus habitantes (Fotografia 30).

Fotografia 30 – Placa indicadora do restaurante Delícias do Brejo



Fonte: Registro da autora

Nos brejos residem elementos imprescindíveis à sustentabilidade socioambiental do lugar, como as matas ciliares que protegem os corpos hídricos. Os brejos são refúgios para os animais que representam resistência frente às diversas ameaças à fauna de Maracanã. Habitantes de Alegria fazem questão de enfatizar que vem dos brejos a água que “brota” nos poços artesianos.

Trilhas ecológicas de Maracanã perpassam por brejos de Alegria. Antes da construção dos residenciais do MCMV existiam três trilhas em funcionamento: Rosa Mochel, Joca Guimarães e Baluarte. Parte delas foi destruída em função do referido programa; a outra parte enfrenta problemas

atinentes a custos de manutenção. Ainda assim, agentes ambientais como Adriano Silva Algarves, que foi capacitado para atuar como guia das trilhas e participou da estruturação das mesmas, diz que o trabalho nelas resiste, pois faz parte da luta comunitária pela natureza de Maracanã.

Dona Odelina informou que a trilha Baluarte teve que ser desativada, haja vista que parte significativa dela passava pela fazenda Bacuri, onde fora construído o residencial Vila Maranhão. Sobre esse assunto, o Sr. Adriano mencionou a incorporação da trilha Hotel Fazenda Maracanã ao roteiro turístico em que as trilhas ecológicas constam como atrativos. As problemáticas relacionadas às trilhas são, no mínimo, contraditórias e lamentáveis, considerando que são elementos extremamente importantes no âmbito de processos voltados à educação ambiental e à gestão de territórios protegidos.

A atividade mineradora representa uma das faces preocupantes da economia local. Não há dúvidas acerca de sua importância na dimensão social, entretanto não se pode deixar de mencionar os problemas ambientais e humanos que ela causa no lugar e nas imediações, tendo em vista que muitas minas funcionam de forma ilegal. Na extração de materiais destinados à construção civil (areia, argila e laterita) sobressai o trabalho manual, em que os trabalhadores são autônomos e geralmente não utilizam equipamentos de proteção individual (EPI) durante a prática laboral. A maior parte dos materiais extraídos se destina a obras da região metropolitana de São Luís, conforme verificado em Correia (2012).

Noções mais aproximadas da realidade da Alegria podem ser obtidas voltando-se a olhar para os lugares considerados mais significativos para a comunidade, quais sejam: Parque da Juçara, nascentes, rios, brejos, juçarais, lugares das rezas, dos festejos e de outros ritos religiosos, áreas de lazer, barracão do Boi de Maracanã, áreas preservadas, trilhas ecológicas, escolas, postos de saúde e residências.

No Parque da Juçara é realizada a tradicional Festa da Juçara, concebida no final da década de 1960 pela saudosa Rosa Mochel, geógrafa e engenheira agrônoma que viveu em Maracanã e incentivou o movimento de luta pela conservação da natureza maracanaense. Durante a festa, a estrutura

do parque – composta sobretudo de barracas de alvenaria – é destinada à comercialização de produtos derivados da juçara, em que se destaca o “vinho” obtido a partir do processamento do fruto, bem como seus acompanhamentos típicos: camarão seco salgado e farinha grossa de mandioca, conhecida no Maranhão como farinha d’água (Fotografia 31).

Fotografia 31 – Degustação de juçara na barraca Chapa Quente (49ª edição da Festa da Juçara)



Fonte: Registro da autora

Ao Parque da Juçara são associados aspectos positivos para a comunidade e para Maracanã. Lá ocorrem atividades voltadas à geração de renda, ao lazer, ao esporte, à cultura popular, entre outras. Em algumas ocasiões instituições do poder público aproveitam a estrutura do lugar para promover a participação da sociedade civil em processos relacionados à gestão de políticas públicas; a título de exemplo incluem-se as reuniões do CONAM (Fotografia 32). Convém ressaltar que o Parque da Juçara necessita de reparos, pois problemas estruturais prejudicam seu funcionamento e oferecem riscos aos usuários.

Fotografia 32 – Reunião do CONAM no Parque da Juçara



Fonte: Registro da autora

Acerca da estrutura precária do Parque da Juçara, cabe mencionar que na ata da I Reunião Ordinária do CONAM/ 2019 encontra-se o registro da participação de representantes da Agência Executiva Metropolitana (AGEM), instituição pública estadual. Na ocasião as representantes da AGEM comunicaram que o órgão fomentaria, com recursos provenientes do Fundo Estadual de Unidades de Conservação (FEUC), a reforma do parque, sendo a empresa executora escolhida por meio de um concurso nacional e apresentada à comunidade durante a 50ª edição da Festa da Juçara. Infelizmente esses planos não foram concretizados.

Falar em Parque da Juçara aguça a atenção para geograficidades cujos significados mais expressivos reportam ao sentido de tradição. Em torno da Festa da Juçara aglutinam-se modos de fazer, sentimentos de pertencimento a um lugar onde as identidades pessoais e comunitárias encontram-se envolvidas numa trama cultural em que a juçara ocupa posição de destaque.

Vivências do cotidiano do lugar, ou melhor, circunstancialidades de Alegria possuem ligações fortemente atreladas às possibilidades decorrentes da existência do Parque da Juçara, visto como ponto de referência do espaço vivido. Dessa perspectiva emerge o reconhecimento do lugar enquanto ente facilitador da geração de renda na comunidade e para a comunidade.

Devido à sua centralidade em relação aos esparsos pontos de lazer de Maracanã, o Parque da Juçara evoca significados fundamentados sobre o sentimento de afeição ao lugar, especialmente pelo fato dele agregar a comunidade em torno de atividades que proporcionam prazer. Nesse contexto somam-se festividades, práticas desportivas e de condicionamento físico. Assim, imaginar o Parque da Juçara conduz o pensamento a reflexões sobre seu potencial enquanto patrimônio cultural, o qual poderia ser incluso em programas oficiais de manutenção e proteção patrimonial.

Nascentes, rios e brejos sustentam a vida no lugar. Na dimensão humana tais elementos ocupam posição de extrema relevância, ainda que no passado as relações fossem mais diretas e gerassem mais benefícios à comunidade. Era comum o uso das águas superficiais de Alegria, assim como de outros lugares de Maracanã, em diversas atividades do cotidiano, haja vista a qualidade satisfatória dos mananciais e demais fontes hídricas.

Brejos e rios fascinam pessoas do lugar e visitantes; ainda que apresentem sinais de degradação ambiental, continuam atraentes. Enquanto seres característicos do lugar, as águas e suas essências vitais revelam sua importância tanto do ponto de vista ambiental quanto do existencial.

As águas correntes de Alegria, com seus significados ligados à vitalidade, movimentam geograficidades, povoam o imaginário popular, conferindo sentido ao lugar, por mais que na atualidade sejam vistos como entes queridos prestes a sucumbir. Tais seres agonizam devido ao estado doentio causado principalmente pelo modelo de economia predominante na sociedade global de mercado, em que criaturas da natureza são apropriadas como mercadorias, numa lógica avassaladora onde se valoriza sobremaneira o ter em função do ser.

Intrinsecamente vinculados às nascentes, aos rios e aos brejos, encontram-se os lugares onde se fundamentam rezas, festejos e outros ritos integrantes da dimensão do que se vive como sagrado na comunidade Alegria. Seja nas igrejas seja nos templos umbandistas, nas residências ou nos demais lugares onde tradicionalmente se manifesta a fé em divindades, repousam geograficidades ancoradas na religiosidade, aspectos muito significativos no lugar.

Sacralidades impregnadas de simbolismos das geografias vividas em Alegria de Maracanã lembram que “o significado do sagrado vai além de imagens, templos e santuários, porque a experiência do sagrado está no domínio da emoção e do sentimento do ser no mundo” (ROSENDAHL, 2012). Estando imersas no mundo simbólico da religião, portanto da religação com o cosmos e com o mundo da espiritualidade, parte das pessoas que vive naquela realidade geográfica crê que energias da natureza fortalecem o ser humano em sua totalidade, síntese da unidade corpo-espírito.

As ladainhas em latim, evocadas pelas rezadeiras da comunidade, exemplificam relações afetuosas com o lugar sagrado das rezas, festejos e rituais. No mesmo sentido confluem as expressões da comunidade por ocasião do período natalino, conforme se verifica na tradição de montar presépios e queimar as palhinhas que os adornaram durante a temporada.

Nos lugares onde são montados os presépios ficam nítidas nuances de intimidade entre pessoas e florestas. O verde vivo do início do ciclo natalino, o verde acinzentado ou amarronzado das folhas secas do final do ciclo invadem os sentidos, aguçam curiosidades, instigam pensamentos. O que aquelas pessoas sentem aos montar seus presépios? Por que utilizar aquele tipo de planta e não outros na ornamentação dos presépios da comunidade?

O que se chama de palhinha do presépio é composto por material vegetal (folhas, galhos, ramos) proveniente da flora local, especialmente murta (*Blepharocalyx salicifolius*) e ariri (*Syagrus vagans*) (Fotografia 33). Tais fatos lembram o que assevera Rosendahl (2018): para o homem religioso, a natureza está sempre carregada de valores sagrados, o que faz com que não seja sentida e vivenciada como fenômeno exclusivamente natural.

Fotografia 33 – Presépio de Dona Maria Ferraz (comunidade Alegria)



Fonte: Registro da autora

Lugares sagrados da Alegria de Maracanã, onde se concentram festejos como o de Reis, o do Divino Espírito Santo, o de outros santos católicos ou das religiões de matriz africana, são partes essenciais de uma lógica baseada em princípios e valores assentados sobre o sentido de topofilia. Nele “a correspondência entre o homem e os lugares [...] está carregada de afetividade e exprime uma relação cultural no sentido amplo da palavra” (BONNEMAISON, 2002, p. 91).

Laços de geograficidade também estão presentes nos lugares onde se vivencia o lazer. Assim, campos de futebol, Parque da Juçara, Barracão do Bumba-meu-Boi de Maracanã e outros lugares onde ocorrem festas e manifestações da cultura popular são lembrados como partes fundamentais da vida em comunidade, pois proporcionam sensações de prazer pautadas por sentidos positivos de lugar.

Quando se fala no Barracão do Bumba-meu-Boi de Maracanã, sede da referida manifestação da cultura popular, emerge o sentido do lugar enquanto

tradição. Sua importância para a comunidade Alegria reflete, além da dimensão simbólica, relações atinentes à geração de renda e ao lazer proporcionado pelas festividades. A sede do Boi, como também é conhecido o barracão, possui alto valor em termos de patrimônio cultural.

Áreas preservadas e trilhas ecológicas constituem o cerne de relacionamentos intensos entre a comunidade e o lugar. Sua presença possui significados associados à noção de resistência frente aos grandes projetos de desenvolvimento da contemporaneidade, assim como ao sentido de qualidade ambiental. Atribui-se às áreas preservadas de Alegria a circulação de ar purificado pelas árvores.

No contexto das áreas preservadas, o termo APA aparece como sinônimo de fragmentos florestais remanescentes, de importância fundamental tanto em termos de identidade local quanto de fonte de sobrevivência da comunidade. Áreas onde predomina vegetação nativa suscitam pensamentos e atitudes positivas em relação à necessidade de manutenção dos fenômenos ambientais essenciais à sustentabilidade da dinâmica social.

As áreas preservadas e as trilhas ecológicas reúnem características geográficas propícias à realização de atividades com foco em educação ambiental. É possível perceber essa realidade quando se volta o olhar para movimentações comunitárias orientadas em torno das trilhas manejadas e operacionalizadas pela Associação Comunitária Maracanã Turismo (ACOMTUR), fundada em 2007. Chama atenção a emergência da valorização estética quando o assunto diz respeito aos remanescentes de mata nativa e aos sistemas ambientais a eles associados. Sob essa perspectiva, ao termo APA algumas pessoas atribuem o sentido de lugar bonito.

Outrossim, destaca-se a relevância dos juçarais no que se refere às geograficidades de Alegria. Sintetizando sentidos de lugar da comunidade, os juçarais revelam o que há de mais significativo no lugar: sua gente e suas geografias do espaço vivido. Imbricados nos sentimentos, nas emoções, no artesanato, na alimentação, nas expressões da cultura popular, os juçarais de Alegria alegram o espírito do lugar. Em seus domínios vivem seres humanos e

não humanos, para quem sua totalidade representa possibilidades, seja do ponto de vista material seja do espiritual.

No plano material apreendem-se funções centrais dos juçarais na geração de renda, na gastronomia, no provimento de serviços ecossistêmicos como a proteção das margens de corpos hídricos. Passando aos aspectos espirituais, os juçarais e as matas a eles associadas são considerados sagrados, tendo em vista o fato de abrigarem entidades espirituais nos diversos elementos que os compõem. A narrativa do sacerdote espiritual Fábio Marlos nos ajuda a perceber detalhes dessa dimensão das geograficidades locais:

> Tem muita encantaria nas matas, até mesmo toda encantaria das matas foram feitas pelos índios, por aqueles espíritos que desencarnaram e que ficaram nas matas como proteção. A natureza do Maracanã e toda região dessa vem de uma dimensão realmente muito grande porque aqui foram os escravos que começaram o Maracanã, começaram essa área toda. Inclusive tinha muitos rituais africanos na nossa região, demais africanos. E tinha iniciações, feituras de santos, todos nos ritmos como lá da África mesmo, né, de Guiné, de Angola, da África do Sul, de Burkina Fasso. E várias pessoas da África que vieram para o Maranhão fizeram toda essa estrutura aqui dentro, por isso que o Maracanã é muito místico. Dizem os mais antigos que quem bebe da água do Maracanã se encanta. Então tudo se torna uma encantaria, tudo se torna, assim, algo de muito importante nos astros para todos nós. O Maracanã é especial. Ele é algo que Deus colocou diferenciado das outras áreas do nosso Estado (SÁ, 2018).

Os juçarais de Alegria, sustentáculos de inúmeras vivências, são propícios à vida em comunidade. Em torno deles ganha forma a cooperação comunitária cuja importância constitui elemento fundamental à compreensão dos sentidos de lugar e das geograficidades daquela realidade geográfica. Sua presença põe em relevo o domínio das águas fluviais sobre as férteis planícies de inundação onde se desenvolvem os brejos e as entidades que lhes conferem vigor.

Não se pode deixar de mencionar a valorização de escolas, postos de saúde e residências no rol dos lugares considerados de grande importância para a comunidade. Preocupações com a precariedade das políticas públicas de educação e saúde do lugar e de Maracanã como um todo subsidiam

discursos críticos em torno das problemáticas que mais afetam a qualidade de vida naquela comunidade.

Por meio da expressão de geograficidades engendradas no sentido de totalidade, se manifestam afeições pelo lugar, as quais podem ser vislumbradas tão logo se volte o olhar para a importância atribuída aos elementos mais significativos da realidade geográfica. Em Alegria acrescenta-se a relevância do Distrito Industrial, tendo em vista sua função na economia, em que se relata o fato de ser fonte de empregos, bem como a dos sítios, patrimônios familiares onde é possível encontrar fragmentos de ecossistemas nativos, ainda que consorciados a usos alternativos dos solos, tais como cultivos de hortaliças e árvores frutíferas.

Afirmações de que o lugar inteiro é importante lembram inclusive o sentido de enraizamento, o sentimento de pertencimento ao lugar chamado de seu, indícios de que o lugar é apropriado material e simbolicamente. Sua importância sob o aspecto da totalidade exprime o reconhecimento de que propicia vivências individuais e coletivas.

Nota-se que a percepção da importância das áreas preservadas caminha *pari passu* com a valorização da dimensão ambiental do lugar, onde contatos diretos com essências florestais e com o domínio de rios e brejos proporcionam experiências extremamente positivas entrelaçadas ao lugar e suas diversas interfaces.

Áreas preservadas em Alegria também são interpretadas como patrimônios naturais marcados pela sensação de beleza, que por sua vez situa o lugar entre aqueles que dispõem de características muito valorizadas no contexto do ecoturismo e do lazer. Ademais, essas áreas caracterizam o lugar e seus significados são intrinsecamente vinculados à vida.

Com base nos sentidos de lugar e nas geograficidades da comunidade Alegria, é possível começar a entender os motivos pelos quais a maioria das pessoas com quem conversei gosta de viver ali. Dentre as justificativas para gostar de viver no lugar se destacam as relacionadas às tradições.

A Alegria é conhecida, dentre outros aspectos, pela união das pessoas em razão das tradições. Elos fortes com o lugar são percebidos sobremaneira

em relações de cunho religioso, situações em que se expressam convicções de que o lugar foi designado por Deus para o cumprimento de missões pessoais.

Sob a égide das tradições também se encontram referências ao sentido de enraizamento, do desenvolvimento da vida em seus diversos estágios biológicos e sociais, tais quais nascimento, crescimento, casamento, reprodução, envelhecimento e morte.

Assim como as fases da vida, o sentido de enraizamento envolve laços de parentesco. Nessa perspectiva, na trama do lugar se encontram mães, pais, filhos(as), netos(as), sobrinhos(as), afilhados(as), madrinhas, padrinhos, comadres e compadres. No lugar também são vivenciadas tradições pautadas em acontecimentos fúnebres. Amor profundo ao lugar onde se está enraizado(a) manifesta-se como desejo de ser enterrado(a) no cemitério do Maracanã.

No lugar onde estão as raízes pessoais nasceram grandes amizades. Na mesma perspectiva conflui o sentimento de que as pessoas que vivem no lugar se conhecem bem. Vínculos laborais também criam e fortalecem o sentido de topofilia na comunidade Alegria.

Enraizamentos fundamentados no lugar auxiliam na compreensão da força de atração exercida sobre os nativos que voltam a viver ali depois de morar em outros lugares. Nestes termos, amparada pelo sentido de tradição, reside a força do simbolismo que fundamenta o lugar.

Registra-se que o prazer em viver ali se traduz no reporte a um lugar bom, afetuoso, agradável e calmo. Uma calmaria que se contrapõe à lógica de agitação dos grandes centros urbanos permeia o sentido de tranquilidade. Sentir o lugar sossegado gera sensações de maravilhamento, da satisfação em habitar um “pedacinho” de Maracanã onde ainda é possível conviver em paz, num ambiente rico em frutas, silencioso, enfim favorável a uma vida caracterizada como boa.

Em função da qualidade ambiental, algumas pessoas sentem o lugar como ambiente bom, onde não há predomínio de poluição. Tais aspectos favorecem a existência de ar considerado bom, assim como as características

microclimáticas, que configuram-no enquanto lugar ideal para viver, lugar saudável, fonte de alimentos.

Apreender o lugar como se fosse a própria vida não é raro entre os alegrienses mais experientes, fato muito significativo na expressão “meu lugar é minha vida”. Aqui se incluem sentimentos de esperança por dias melhores, lembranças de conquistas, de vivências baseadas em costumes transmitidos por ancestrais cujas memórias povoam o lugar.

Um lugar de vida, qualificado como especial ao se vislumbrar o passado e recordar que lá foram erigidos elos fortes baseados em materialidades e imaterialidades. Sob o viés material destacam-se as casas, símbolos de moradia, da noção de lar. No que se refere às imaterialidades, lança-se o olhar sobre sentimentos integrantes daquela realidade geográfica, como o amor e a amizade, ambos implicados nas relações intrínsecas com o lugar.

Na tarefa referente à compreensão do lugar como sinônimo de vida, ganha ênfase sua posição enquanto *locus* de construção em sentido amplo, onde foram vivenciadas fases que marcaram profundamente a existência. Trata-se do lugar onde os filhos foram criados, pelo qual se sente amor desde a infância. Falas emocionadas pontuam que o seu lugar é único, inexistindo outro como ele. A intensidade da topofilia pode ser percebida quando Seu Fábio diz: “Alegria é o único lugar em que a água mata minha sede” (SÁ, 2018).

Outra motivação para gostar de viver no lugar reside no fato dele ainda dispor de condições favoráveis ao contato direto com a natureza, algo fundamental no sentido de qualidade ambiental, em que sobressaem laços de identificação com a essência natural de Maracanã. A proximidade com rios e brejos influencia de forma positiva conexões diretas entre os seres habitantes daquela totalidade geográfica.

Lazer e diversão estão entre os fatores que fundamentam sentimentos de empatia frente ao lugar. O próprio nome – Alegria – expressa o espírito de animação típico de um lugar rico em festividades e áreas propícias ao lazer, caso dos rios, elementos centrais dos balneários que movimentavam finais de semana e feriados na comunidade. Campos de futebol também fazem parte

dos atrativos de lazer e diversão do bairro. Infelizmente a qualidade dos corpos hídricos está comprometida, situação causada principalmente pelo lançamento de esgotos *in natura* nos mesmos. O depoimento de Dona Joana retrata parte da angústia causada pela situação:

> Mudou o brejo. Lá do começo da nascente até ali no Pontilhão. O esgoto do conjunto Amendoeiras tá jogando a água dentro dos nossos rios, sim! Do Amendoeiras e do Santo Antônio. Um dia desses era tanto peixe morto ali no Pontilhão! (BALDEZ, 2018).

Alguns relatos transmitem a ideia de que apesar dos problemas relacionados à violência, em Alegria ainda existe a sensação de liberdade, o que a diferencia de áreas extremamente urbanizadas. Com a chegada de novos habitantes nas proximidades e o aumento da criminalidade, antigos moradores do lugar passaram a se preocupar mais com a segurança. A nova realidade reduziu a sensação de liberdade, haja vista, por exemplo, a necessidade de erguer muros altos em volta das residências ou colocar grades em portas e janelas.

Situações problemáticas fazem com que algumas pessoas não gostem mais de viver no local. Violência e insegurança estão entre os motivos mais evidentes do desgosto em relação ao lugar. Relata-se a grande quantidade de roubos e assaltos, bem como o aumento da violência. Falta de infraestrutura básica foi apontada como fator responsável por sentimentos negativos em relação ao lugar. O desgosto também resulta da degradação ambiental que tem entristecido Alegria nos últimos anos, principalmente a que atinge os rios, cada dia mais poluídos, contaminados e assoreados.

Na esteira das geograficidades vivenciadas em Alegria de Maracanã nos deparamos com mudanças ambientais que facilitam a compreensão de significados, sentimentos, valores e emoções subjacentes às relações geográficas emergentes na contemporaneidade daquela realidade. Tais mudanças conduzem o olhar para horizontes mais amplos, auxiliando na apreensão de sentidos de lugar.

Soterramento de nascentes, rios e brejos gera principalmente tristeza, indignação e desejo de lutar pela recuperação da qualidade ambiental do lugar.

Novamente se destaca que nascentes que alimentavam rios e brejos estão sendo destruídas em função da implantação de grandes empreendimentos do setor imobiliário (Fotografia 34).

Fotografia 34 – Nascentes do rio Ambude soterradas por sedimentos provenientes das obras de construção de empreendimentos imobiliários vinculados ao programa MCMV



Fonte: Registro da autora

Resíduos de construção, tais como areia, argila, fragmentos de tijolos, telhas e paredes são apontados como materiais causadores de assoreamento de rios e brejos do lugar. O processo é intensificado no período chuvoso, quando aumenta o volume e a vazão das águas dos rios, acelerando o transporte de sedimentos e conglomerados de construção para as calhas fluviais e para os brejos.

Paisagens associadas aos rios e córregos de Alegria exibem marcas de devastação. Estas não se resumem ao aspecto visual: moradores reclamam que em certas épocas o odor emanado das águas é tão desagradável que

impossibilita a realização de atividades cotidianas às margens, como o costume de sentar no quintal, próximo ao rio Ambude, para conversar com familiares e amigos, ler, refletir, orar ou contemplar a natureza.

Com pesar, lamenta-se que igarapés tenham sido destruídos por causa dos condomínios do MCMV. Sentimentos semelhantes emergem quando vêm à memória lembranças de rios cristalinos, caudalosos, os mesmos que no presente têm cor, cheiro e aspecto geral de esgoto e menos água que outrora.

Da sensação de morte dos riachos contaminados que correm entre os brejos, nutrem-se sentimentos negativos em relação ao poder público, apontado como principal responsável pela situação em que se encontram as águas de Alegria. Igualmente, manifestam-se ressentimentos pautados sobre questionamentos inerentes à gestão ambiental do lugar, considerando sua importância no contexto do território oficialmente protegido. Problemas ambientais inerentes aos rios e córregos de Alegria estão muito presentes no imaginário popular, fato denotativo da relevância desses entes para a comunidade.

É interessante notar a singularidade do significado de existência de um dos rios mais importantes do lugar: “O rio Pontilhão não existe mais”. Percebe-se que desse ponto de vista a existência do rio está condicionada às características que apresentava no passado, quando ainda era possível utilizar suas águas em atividades básicas do cotidiano, como tomar banho, cozinhar e lavar roupas.

Atualmente os rios do lugar são sentidos como entes arruinados, cada vez mais secos, com águas barrentas, obstruídos em consequência de atividades de empresas como Vale S.A., Canopus Construções Ltda. e demais construtoras responsáveis pelas obras do programa MCMV. Falar que rios e brejos estão morrendo soterrados, sendo transformados em areais, revela sofrimentos envoltos na dor de testemunhar a agonia de uma parte de si definhando.

Sentir o declínio da qualidade ambiental dos brejos de Alegria se expressa por meio de afirmações coadunantes com a ideia de que esses entes não existem mais. Subjacente a pensamentos convergentes situa-se a

interpretação de que a noção de brejo se refere à realidade conhecida no passado, quando as características dessa entidade geravam sensações de bem-estar, sinônimo de ambiente saudável.

Face às demandas do fenômeno urbano – fatores de pressão sobre os sistemas socioambientais de Maracanã – juçarais e buritizais, essências dos brejos e eixos centrais de geograficidades no lugar, são submetidos a processos cujos principais produtos remetem ao sentido de morte.

Sufocadas por areia, argila e outros materiais geológicos oriundos de atividades antrópicas, raízes de buritizeiros, juçareiras e outras árvores de brejo tendem a deixar de realizar suas funções vitais, o que implica na morte de espécimes da flora e fauna local. Sob a óptica do pensamento geossistêmico, é possível imaginar o desencadeamento de uma série de problemas prejudiciais à vida e às vivências no lugar (Fotografia 35).

Fotografia 35 – Juçaral soterrado por sedimentos provenientes das obras de construção dos empreendimentos imobiliários vinculados ao programa MCMV



Fonte: Registro da autora

Convém retomar o impacto da contaminação e da poluição das águas e dos brejos para destacar pontos essenciais ao entendimento do papel desses entes em existências humanas de Alegria. A contaminação por esgotos começou a ser sentida com maior intensidade a partir da instalação dos residenciais do MCMV. Seus efeitos atingiram os frutos do brejo, conforme se observa no caso do buriti.

Assim como a juçara, o buriti se desenvolve em áreas de brejo e consiste em fonte de renda para algumas famílias da comunidade. Sua economia gira em torno do extrativismo, tendo em vista que os frutos maduros caem sobre o solo e são coletados. Parte desses frutos se destina à alimentação, o que justifica preocupações com a contaminação por efluentes que atingem os brejos, fator de risco à saúde. Não podemos esquecer que praticamente todas as partes da planta são aproveitadas na confecção de produtos artesanais.

Lançamentos de esgotos *in natura* nos rios são vistos como agentes de extermínio dos brejos. Ali, “matéria ruim despejada nos rios” significa morte. Lamenta-se que os rios, considerados patrimônios naturais, estejam praticamente mortos, devastados e poluídos. Rios que fizeram parte da infância e da juventude como símbolos de vida, beleza, felicidade e lazer, atualmente significam decadência, tristeza, dissabor, pois estão “sujos”, impróprios para banho e outros usos que envolvem contato direto com a água.

Alterações significativas na dimensão ambiental da comunidade são correlacionadas também ao fenômeno desmatamento. Áreas verdes são vistas em sua totalidade, portanto abrangem composições nas quais se incluem, além da vegetação nativa, cultivos de hortaliças, leguminosas, frutas e ervas.

Imbuídos do sentido de devastação, afloram sentimentos de perda nos relatos que asseveram a destruição de áreas verdes tais como matas ciliares, trilhas ecológicas, roças e vegetação nativa em geral. Assim como os demais problemas ambientais, o aumento do desmatamento desordenado foi atribuído à implantação dos condomínios integrantes do programa MCMV.

À redução das áreas verdes associa-se o incremento populacional e imobiliário, fatores primordiais à apreensão das mudanças ambientais mais

expressivas no lugar. Ocupações irregulares popularmente denominadas invasões, assim como a ocupação dos imóveis do MCMV, implicaram no aumento da quantidade de pessoas em Maracanã e, por conseguinte, em alterações significativas na dinâmica do lugar.

Pessoas com maior tempo de vivência em Alegria demonstram preocupações acerca da chegada de muita gente nova na vizinhança, especialmente pelo fato de que muitas pessoas de fora se ambientando ali ao mesmo tempo significa perda de referencial num dos fatores que compõem o sentido de enraizamento, qual seja: a sensação de que todas as pessoas do lugar se conhecem.

Em alusão ao que se percebe enquanto degradação da qualidade ambiental, menciona-se a mineração desordenada, atividade econômica à qual também se atribui perda de qualidade ambiental. Observações sobre a degradação ambiental permeiam inclusive tensões configuradas nas relações entre antigos e novos moradores de Maracanã. Na visão dos antigos, eles próprios sempre preservaram, enquanto os recém-chegados querem acabar com a natureza. Interessante notar que esse conflito nos remete a *Penates* e *Lares* – da obra-prima *As Cidades invisíveis* (CALVINO, 1990) –, deuses protetores da cidade de Leandra.

> Os primeiros vivem nas portas das casas, na parte de dentro, perto do cabideiro e do porta-guarda-chuvas; nas mudanças, acompanham as famílias e instalam-se na nova moradia no momento da entrega das chaves. Os outros vivem na cozinha, escondem-se de preferência sob as panelas, ou na lareira, ou no armário das vassouras: fazem parte da casa e, quando a família que habitava ali vai embora, permanecem com os novos inquilinos; talvez já estivessem ali antes da existência da casa, no meio do mato do terreno, escondidos numa lata enferrujada; se a casa é demolida e em seu lugar se constrói um prédio para cinquenta famílias, multiplicam-se e ocupam a cozinha de igual número de apartamentos [...]. Os Penates acreditam ser o espírito da cidade, mesmo se chegaram no ano anterior, e que levam Leandra consigo quando emigram. Os Lares consideram os Penates hóspedes provisórios, inoportunos, invasivos; a verdadeira Leandra é a deles, que dá forma a tudo o que contém, a Leandra que estava ali antes da chegada desses intrusos e que restará depois que todos partirem (CALVINO, 1990, p. 74 - 75).

A gravidade das alterações ambientais no lugar também se expressa via percepção do desaparecimento de animais. Associa-se à construção da barragem do Bacanga o desaparecimento de peixes, de crustáceos como caranguejo (*Ucides cordatus*) e de moluscos como sururu (*Mytella charruana*) dos igarapés e rios do lugar, os quais eram extremamente importantes para a alimentação e geração de renda na comunidade. O lançamento de esgotos *in natura* nos corpos hídricos é apontado como um dos fatores responsáveis pela morte de peixes e outros organismos aquáticos.

À escassez de animais aquáticos componentes da base alimentar, soma-se a de frutos dos brejos, consequências dos fatores de degradação da qualidade ambiental cada vez mais evidente no lugar. Os efeitos dessa situação são sentidos principalmente pelas pessoas que vivem há mais tempo ali e pelas que dependem financeiramente de frutos como a juçara para sobreviver.

Alterações ambientais associadas a fenômenos atmosféricos – tais como poluição do ar e redução das chuvas – são mencionadas como causadoras de desconforto e da sensação de que o lugar foi tão maltratado que jamais voltará a ter sua vitalidade natural, quando vivências humanas não eram sinônimos de dano e destruição. Cumpre notar que o cenário de mudanças ambientais no lugar é tão significativo que das cinquenta e quatro pessoas entrevistadas, apenas duas afirmaram que as referidas mudanças não afetam sua vida.

De forma categórica, a privação do uso de elementos da natureza é apontada como principal consequência das alterações ambientais em curso no lugar. Por causa da contaminação dos rios e demais corpos hídricos, não se pode mais beber a água dessas fontes, que outrora eram captadas direto no lugar e consumidas *in natura*. Vem à lembrança de quem vive ali o fato de que beber água direto dos juçarais era muito comum em Alegria.

Sentimentos ligados à tristeza se expressam em falas emocionadas acerca da impossibilidade de catar buriti nos brejos por causa dos riscos decorrentes da contaminação por efluentes. Os mesmos sentimentos eclodem

quando há reportes ao fato de não ser mais possível tomar banho nos rios em função da contaminação a que estão sendo submetidos.

Faces entristecidas lamentam o estado em que os rios de Alegria foram deixados para seus filhos e netos, visto que as águas que correm no lugar são totalmente diferentes das que corriam no passado em termos de qualidade. Por causa da contaminação, seu uso direto encontra-se inviável; não poder mais entrar nos rios do lugar causa dor e sofrimento, além da sensação de perda deixada pela ausência de rios saudáveis.

No domínio das águas fluviais, onde se incluem os brejos, não se pode mais brincar, lavar roupas, pescar ou realizar atividades em que o contato direto com a água seja inevitável. Pensar nos peixes que resistem ali remete ao perigo que representam à saúde, ao mesmo tempo em que gera comoção diante da força da vida frente às adversidades.

Pescadores e pescadoras que sustentavam suas famílias com frutos da pesca em rios e igarapés exprimem angústia e profundo pesar ao recordar a abundância e diversidade dos animais pescados na época em que os corpos hídricos eram livres de contaminação e poluição.

Rios transformados em esgotos a céu aberto são vistos como entidades destruídas, fadadas ao desaparecimento, tendo em vista que o volume de água está cada vez menor e o assoreamento aumenta de forma acelerada. A redução de disponibilidade hídrica também é sentida em relação à água subterrânea, visto que os poços estão secando. Muitas nascentes foram soterradas por conta das obras do MCMV.

O sentido de devastação assume centralidade quando se fala sobre os efeitos da degradação ambiental em atividades do cotidiano. Por causa do desmatamento não se pode mais brincar nas matas, tampouco procurar frutos em seus domínios. Destruir as matas significa destruir as possibilidades do ecoturismo, especialmente o realizado por meio das trilhas ecológicas. É desolador saber que descendentes foram privados do acesso ao lugar conservado conhecido no passado. Salta aos olhos a saudade do lugar cuja existência ficou restrita às lembranças de uma época marcada pela exuberância das águas, dos brejos e das matas.

Desconforto e insalubridade ambiental refletem fatos como aumento de temperatura e alterações no ar, traduzida na sensação de menos oxigênio disponível para respiração, bem como na desconfiança de que o ar contém mais impurezas. Sente-se que as condições atmosféricas do lugar mudaram muito, principalmente por conta do aumento da sensação de calor e abafamento.

Brejos praticamente secos, sem juçareiras, reforçam sentimentos associados a desconforto ambiental. Pairam na atmosfera temores gerados pela preocupação com doenças decorrentes da contaminação das águas e dos alimentos oriundos do lugar. O mesmo sentimento se relaciona aos efeitos da poluição e do desmatamento. São recorrentes as menções ao MCMV como uma das causas mais evidentes do que se vive no lugar atualmente, destacando-se que a comunidade não se conforma com os problemas atribuídos à construção e ocupação dos residenciais.

Redução do extrativismo vegetal e animal em rios e brejos constituem transtornos no âmbito das geograficidades da comunidade. Saber que frutos dos rios, assim como dos brejos, movimentam economias locais, auxilia na compreensão dos sentimentos de indignação que muitas vezes inflamam os discursos acerca da situação socioambiental do lugar. Nestes termos, foi citada a diminuição de frutos do brejo, tradicionalmente utilizados em artesanato. Em tom de denúncia, moradores ressaltaram que não existe mais fartura de peixes.

Expõe-se com tristeza a necessidade de comprar juçara de outros lugares para comercializar na comunidade, principalmente durante a Festa da Juçara, pois a produção local tem diminuído em função dos problemas ambientais que atingem os juçarais do lugar. Tal realidade impõe maiores dificuldades às existências no lugar em decorrência da diminuição da fartura de elementos tão essenciais como os juçarais.

Tristeza e saudade são citados como elementos fundamentais à compreensão dos modos como as mudanças ambientais afetam a vida das pessoas que habitam o lugar há décadas. O sentimento de tristeza relaciona-se sobretudo ao sentido de devastação da natureza. Já a saudade se reporta ao

lugar de antigamente, caracterizado por condições ambientais consideradas adequadas a vivências salutares.

Inundações também se situam entre os transtornos decorrentes das alterações ambientais no lugar. Sobressai a percepção de que o avanço do desmatamento favorece enchentes, as quais geram isolamentos em alguns trechos. Soma-se à problemática o fato das águas das enchentes conterem resíduos sólidos que em geral obstruem tubulações por onde o excesso de água deveria escoar.

Com as mudanças geradas pelo incremento populacional no entorno do lugar, em que se destaca a ocupação dos residenciais, vigora a sensação de vizinhança desconhecida. Num lugar onde praticamente todos se conhecem, a chegada de centenas de novos vizinhos ao mesmo tempo impacta de forma severa pessoas acostumadas a viver em pequenas comunidades marcadas por ruralidades, como é o caso da comunidade Alegria.

Outras situações são elencadas como motivos de desconforto e insegurança no lugar, a exemplo da invasão de residências por animais peçonhentos e da perda de patrimônio natural. Tais fatos integram o rol das formas pelas quais a vida das pessoas do lugar é afetada pelas mudanças ambientais relatadas por pessoas reconhecidas pela longa experiência com aquela porção do espaço vivido. Diante das dificuldades impostas pela nova realidade geográfica, não surpreende a manifestação da vontade de ir embora do lugar, ainda que permaneçam vínculos de relações topofílicas com o mesmo.

5.2.2 No rumo do Maracanã

Maracanã, lugar cuja aura vibrante reflete a essência envolta nas tradições, na fé, na resistência de afrodescendentes às mazelas da escravidão a que foram submetidos seus antepassados em terras do Maranhão. Para lá afluiu, antes e depois da abolição, parte da nossa gente preta, ávida pela vida em liberdade, pela existência fora do cativeiro, livre das torturas e humilhações a que estava diuturnamente exposta sob o domínio da sanha escravocrata.

Em sua obra-prima – *Os tambores de São Luís* (1975) –, Josué Montello fornece pistas sobre o limiar do processo de ocupação das terras da comunidade Maracanã por pessoas de origem africana. Na trama, a fala de um escravo em fuga, que aguarda impaciente pela senhora Genoveva Pia, negra forra idosa comprometida com a perigosa missão de ajudar escravos a fugir do cativeiro: “Se a véia custar chegar, o mio que eu faço é ganhar o mundo sozinho, fugindo pro lado do Bacanga. Ouvi dizer que lá tem muito quilombo” (MONTELLO, 2019 [1975], p.396 - 397).

Lembrar que a história do lugar está intimamente ligada à luta contra a escravização de africanos(as) no Brasil auxilia na compreensão do sentido de enraizamento expressivo em geograficidades da comunidade Maracanã. Dizer que Maracanã significa “minhas raízes” eclode como expressão de sentimentos e emoções associadas à topofilia. No contexto, o sentido de raiz simboliza intimidade profunda com o lugar, traduzindo laços de pertencimento e cumplicidade entre as pessoas e os lugares de suas existências.

Ao sentido de lugar enquanto enraizamento estão entrelaçadas, por exemplo, nuances ligadas às fases da vida (nascimento, crescimento, envelhecimento e morte), bem como à constituição de famílias e ao fortalecimento dos laços de amizade e parentesco. No mesmo sentido de lugar está ancorado o desejo de jamais sair do Maracanã, de permanecer eternamente naquele pedacinho do Maranhão. Dona Ivanilde expressa esse sentido na seguinte colocação: “Maracanã significa tudo pra mim. É minha vida! Aqui nasci e me criei. Eu amo esse Maracanã! Não deixo ele por nada!” (CONCEIÇÃO, 2019).

Nos devaneios sobre a morte, uma constatação: a da indissociabilidade entre seres humanos e lugares, essência fundadora da unidade humano-lugar, materializada no amálgama orgânico e fértil resultante dos elos viscerais entre o corpo e a terra. Ao conversar com Dona Maria Luiza tive oportunidade de presenciar a expressão vibrante de alianças intrínsecas entre seres humanos e seus lugares: “Maracanã é minha terra, o lugar onde nasci, me criei. Meus pais nasceram aqui, nesse lugar muito antigo. É um lugar abençoado. Quero me enterrar aqui.” (DIAS, 2019).

Como fundamento existencial, toma forma o sentido de totalidade que une as gentes maracanaenses ao espaço vivido. Para elas, o lugar – Maracanã – significa tudo, portanto imaginar-se sem o lugar gera a sensação de vazio, da perda de si, visto que o lugar constitui sua própria existência enquanto ser. O sentido em tela pode ser percebido por meio das breves palavras de Dona Diná: “O Maracanã significa tudo. Nasci e me criei aqui, casei duas vezes, tive meus filhos. Não tenho vontade de sair” (COUTINHO DM, 2019).

Sob o mesmo direcionamento, se percebe o lugar como sinônimo de vida. Ali floresce o sentido da vitalidade, do vigor envolto em experiências cotidianas, nas diversas tonalidades do viver Maracanã, celeiro de cultura popular, terra onde corações pulsam ao som dos tambores rituais, dos tã-tã-tãs festivos, das pungadas[13], matracas, zabumbas e pandeirões. Dona Esmeralda, responsável pelo festejo do Reis do Alecrim, deixa claro o sentido de lugar enquanto vida ao revelar o que se segue: “Amo viver no meu Maracanã! Nasci e me criei aqui. Ele é minha vida!” (COUTINHO ES, 2019).

Com o sentido da fertilidade ressoante num lugar onde, segundo Dona Diná, “tudo que se planta dá” (COUTINHO DM, 2019), explode o sentido das tradições. Maracanã, terra tradicional do Maranhão, onde aos mistérios da fé se unem as folias do corpo e do espírito. Para sentir Maracanã, é imprescindível dar vazão ao universo das cores, dos sons, dos sabores, dos cheiros, dos toques que animam aquele lugar.

Cores e brilhos encantam os olhos e o coração sob o êxtase contagiante dos movimentos cadenciados do Bumba-meu-Boi de Maracanã (Fotografia 36). No calor do ritmo frenético, a multidão entusiasmada vibra com as batidas dos tambores, dança ao som dos batuques, fervilha em meio aos trá-trá-trás das matracas. Iluminada pelo clarão da fogueira de São João, a comunidade se agita e faz suas orações, pedindo aos orixás, ao Deus cristão, às entidades, aos santos e demais divindades as bênçãos de que necessitam.

[13] De acordo com Ferreti (2002), a punga constitui elemento essencial da coreografia do Tambor de Crioula do Maranhão. Trata-se de toque corporal por meio do qual uma coreira (dançadeira de Tambor de Crioula) covida outra para entrar na roda no momento em que deseja ser substituída, tendo em vista a continuidade da dança.

Fotografia 36 – Apresentação do Bumba-meu-Boi de Maracanã



Fonte: Registro da autora

Face às tradições ancoradas no Bumba-meu-Boi de Maracanã, eclodem sentimentos e sentidos como o de pertencimento àquela realidade geográfica, portanto à comunidade do Maracanã. Ao falarem sobre os elementos mais significativos do lugar, as pessoas com quem conversei sempre lembravam do Boi, ressaltando principalmente sua importância cultural, econômica e social. Em torno do folguedo giram diversos aspectos do modo de ser maracanaense. Um dos que mais se destacam vincula-se à fé nas santidades, divindades e entidades de luz que protegem a brincadeira e brincantes.

Maracanã tem gosto de juçara! Do fruto brejeiro que deu fama ao lugar se extrai bebida nutritiva, espessa, encorpada, de cor roxa e sabor marcante, muito apreciada por moradores e visitantes. Em frente a casas e sítios é comum avistar plaquinhas contendo anúncios sobre a venda do produto: “Vende-se juçara”. “Temos juçara” (Fotografia 37).

Fotografia 37 – Anúncio da venda de juçara no Maracanã



Fonte: Registro da autora

Além dos significados ligados à socioeconomia, a “juçara do Maracanã”, como alguns moradores fazem questão de enfatizar, constitui elemento identitário. Sobre essa particularidade, é interessante notar um fato frequente em São Luís: quando se pergunta a alguém que vive na cidade o que lhe vem à memória ao falar sobre Maracanã, a resposta geralmente se reporta à juçara. Provavelmente o motivo da expressiva popularidade da juçara do Maracanã ocorre em virtude da Festa da Juçara. Diálogos com antigos moradores do bairro permitem perceber quão importante são os juçarais e seus frutos para o sentido de pertencimento ao lugar.

Maracanã tem cheiro de brejo! Já na entrada do lugar (Fotografia 38) se nota a presença desse ente característico, cuja fragrância peculiar invade os sentidos. Cheiro de terra molhada, sensação de frescor completada pela intensidade do verde dos juçarais iluminados pelo sol. É cheiro de mato, cheiro de rio, cheiro de bicho, cheiro de gente. Infelizmente, às vezes vem cheiro ruim: odor de esgoto sem tratamento.

Fotografia 38 – Vegetação indicadora da presença de brejo na paisagem da entrada do Maracanã



Fonte: Registro da autora

Ecos das caixeiras do Divino Espírito Santo também dão tom ao Maracanã. Reside na tradição o sentido da resistência, da fé em dias melhores, do fortalecimento dos laços entre duas grandes dimensões da vida humana, a profana e a sagrada. A Festa do Divino Espírito Santo, assim como outros festejos de cunho essencialmente religioso, tem sido vivenciada e sentida na comunidade como força de equilíbrio entre o mundo físico e a dimensão espiritual da existência humana.

O cultivo da dimensão espiritual é tão forte no Maracanã que ao lugar se atribui o sentido de benção! Nessa circunstância lugar significa dádiva, presente dado por divindades aos seres que o habitam, nos reportando ao sentido simbólico de lugar. Para Corrêa (2012), lugares simbólicos encontram-se impregnados de significados políticos, religiosos, étnicos ou históricos que os tornam dotados de singularidades simbólicas.

Ainda que as condições ambientais tenham sido alteradas de forma significativa no Maracanã – principalmente a partir da instalação de grandes empresas no entorno, da construção e ocupação dos residenciais vinculados ao programa MCMV, bem como das ocupações irregulares estabelecidas na região de Maracanã – o sentido de qualidade ambiental permeia aquela realidade.

Em torno da qualidade ambiental do Maracanã se concentram sobretudo reclamações e questionamentos sobre o descaso do poder público em relação à gestão ambiental. Habitantes do Maracanã se sentem tristes ao recordar que a história do seu lugar, que tinha fama de paraíso ambiental de São Luís, tem sido contada como mais um entre os milhares de capítulos da degradação ambiental generalizada que assola a Terra.

Na esteira dos significados de lugar atinentes ao Maracanã, figuram sentimentos implicados nas geograficidades manifestadas ali. Entre os de maior expressividade, figura o amor ao lugar, sentimento entranhado nas circunstancialidades, portanto no cotidiano. O amor pelo Maracanã está no brilho dos olhos dos seres que falam sobre seu lugar, a exemplo de dona Júlia: “Sou apaixonada pela minha terra. Os umbigos – inclusive o meu – as parteiras enterravam no fundo do quintal” (PEREIRA JJ, 2019). Expressões como essa nos reportam ao sentido de enraizamento, aspecto significativo nas falas sobre o Maracanã.

O sentimento de amor ao lugar ganha ênfase na aversão a quem “fala mal” do Maracanã, assim como no desejo de que haja mais cuidado com o patrimônio ambiental e cultural do lugar. Dona Ubiranice, uma das rezadeiras mais conhecidas do bairro, expressa com ternura traços do que o lugar significa para ela:

> Maracanã é minha terra! Minha mãe é daqui, me criei aqui. Meu lugar é Maracanã! Por ele sinto amor, paixão e tudo de bom. Gosto muito do meu lugar, principalmente desse meu pedacinho daqui até ali. Não gosto de ninguém falar mal do meu lugar (OLIVEIRA, 2019).

Ao longo do percurso no Maracanã, tive o prazer de encontrar a Sra. Elenilde Costa, popularmente conhecida como Branca. Em uma de nossas

conversas, Dona Branca exprimiu o forte sentimento que a vincula ao lugar: “Minhas raízes estão aqui. Nossos pais e amigos nos ensinaram a amar o Maracanã. Nasci aqui, gosto, sou barrista mesmo! Sou maracanaense daquela roxa!” (COSTA, 2019). As palavras, bem como o semblante dela, reportam ao sentido de topofilia, algo no mínimo relevante quando se tem em mente a implementação de políticas de conservação da natureza.

Medo tem ocupado lugar de destaque no rol dos sentimentos que ligam aquelas pessoas ao Maracanã. Relações topofóbicas emergem de ocorrências cada vez mais frequentes na comunidade, a exemplo dos assaltos a mão armada, invasões de propriedades para furtos, roubos e assassinatos, bem como diversos crimes associados ao tráfico de drogas e ao domínio territorial de facções. Nessa seara, Seu Francisco relata a ocorrência recente de crime violento na casa de Dona Diná, sua vizinha: “Já assaltaram bem aqui nessa casa defronte. Três bandidos entraram pelos fundos aí, de dia! Renderam eles, amarraram, fizeram danação pra levar tudo” (LIMA FILHO, 2019).

A sensação de insegurança aumentou à medida que áreas do entorno começaram a ser ocupadas. A nova situação do lugar face ao adensamento populacional das adjacências levou moradores a providenciar estratégias de reforço da segurança, como isolamento de sítios por meio de muros altos, inserção de grades em portas e janelas e instalação de lajes em residências.

Reflexos da situação de medo da violência estão impressos na paisagem do Maracanã (Fotografia 39), assim como nas relações de sociabilidade do lugar. Pessoas que sempre viveram ali ou que para lá se mudaram há muito tempo, lamentam não poder mais sentar na porta de casa à noite para se refrescar e conversar com familiares e amigos(as) que moram na vizinhança.

Fotografia 39 – Reforço da segurança em casas e sítios do Maracanã por meio de muros e grades



Fonte: Registro da autora

Paira na atmosfera do Maracanã o sentimento de gratidão ao lugar, ente querido daquela gente. Gratidão pelo que o Maracanã proporciona, como abrigo, alimentação, trabalho, amizade, lazer, religiosidade, diversão, constituição de famílias, enfim, da totalidade do que se considera fundamental à existência. Nestes termos emerge o sentido de lugar enquanto lar, em que sobressaem sensações de aconchego e segurança.

Ao amor pelo Maracanã se une o orgulho de viver num lugar reconhecido como um dos mais tradicionais de São Luís. Muitos maracanaenses demonstram a sensação de prazer envolvida no habitar Maracanã. Esses sentimentos, assim como geograficidades relacionadas a elementos típicos da natureza local, estão eternizados em toadas[14] do Bumba-meu-Boi de Maracanã, o que pode ser observado no trecho da toada Maracanã e o passado:

> Maracanã eu me lembrei/ do teu passado e até chorei/ da sombra da mangueira de Iaiá/ da festa de Mundica Pinto/ mãe

[14] Cantiga de melodia simples e dolente, que pode ainda significar rumor, ruído, som e ritmo (BORBA, 2004, p. 1360).

> Chineia e Sibá/ da casa de forno de meu ti Zé/ das carreiras de Antonio Canjão/ no caminho do igarapé (MENDES, 1996).

Não menos expressivo é o sentimento de dor instalado no coração de quem conheceu o Maracanã no tempo em que os rios eram propícios a banhos e outras atividades do cotidiano, tempo de matas verdejantes repletas de animais, de juçarais íntegros e de terras altas florestadas com extensos babaçuais! Causa dor ver rios assoreados e contaminados, nascentes destruídas, brejos soterrados, juçareiras agonizantes ou mortas, colinas erodidas, esgotos fétidos em lugar de rios sadios.

Com tristeza e ressentimento, Seu Francisco fala sobre a situação preocupante em que se encontram rios e riachos do Maracanã: “Todos os riozinhos que têm por aqui tão tudo poluído, tudo contaminado. Aqui já foi bom! Até a CAEMA[15] puxava água do rio daquela estrada que vai pra casa de Rosa Mochel.” (LIMA FILHO, 2019). Impressiona e causa inquietação o fato do lugar sobre o qual seu Francisco fala estar contido no território da APA de Maracanã e mais ainda por situar-se na fronteira com o PE do Bacanga, onde se localiza o reservatório Batatã, fonte de abastecimento hídrico de parte do município de São Luís.

A despeito dos problemas ambientais, caminhar pelo Maracanã constitui experiência ímpar, um convite à contemplação, à reflexão sobre como mudanças no lugar afetam existências. Maracanã exala a doçura das flores e frutas das matas de sítio, símbolos da exuberância corporificada sob a forma de paisagem. Maracanã é sonoridade que vem de longe: vem especialmente de diversos cantos de África. Maracanã é reverência aos ancestrais, é o batuque das festas, o encanto dos rituais.

Flui pelas veias, pulsa no coração o amor pelo lugar, parte essencial de cada ser que vive ali. Do solo do Maracanã brota muita vida! Vidas nutridas de tempos que se multiplicam nos sítios, nos brejos, nas matas de terra firme. Como elementos vitais das geograficidades do Maracanã, frutas e frutos ganham destaque no que concerne ao que existe de mais significativo em relação aos elos que ligam as pessoas àquele lugar.

[15] Companhia de Saneamento Ambiental do Maranhão

Dentre os elementos supracitados se encontram juçara (*Euterpe oleracea)*, manga *(Mangifera indica*), buriti (*Mauritia flexuosa*), abacate (*Persea americana*), jaca (*Artocarpus heterophyllus*), murici (*Byrsonima crassifolia*), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), abricó (*Mammea americana*), bacuri (*Platonia insignis*), pitomba (*Talisia esculenta)* banana (*Musa paradisiaca*), laranja (Citrus sinensis) e jambo (*Syzygium malaccense*).

Falando no assunto, lembro que em algumas ocasiões, durante a realização da observação participante, fui presenteada com frutas daquele solo: jaca, cupuaçu, manga e jambo. É interessante recordar como aquelas atitudes em torno das frutas, às quais sou infinitamente grata, imprimiam leveza às conversas atinentes à pesquisa.

Em diálogos com a comunidade sobre os elementos mais significativos do Maracanã, os rios geralmente são evocados. No cerne das narrativas, o rio Maracanã surge como ente querido, ser cujo valor intrínseco transcende qualquer tentativa de estimá-lo. Interessante notar que o rio Maracanã recebe várias denominações na comunidade, dependendo do trecho por onde passa.

No passado as pessoas costumavam tomar banho no trecho conhecido como rio Mirinzal, onde se destacava a profundidade e a grande quantidade de árvores cujos frutos são chamados de mirins (*Spondias mombin L*.). O valor do rio transcende a esfera da materialidade, o que pode ser percebido na toada *Rio do Mirinzá*, onde sua relevância simbólica impregnada da dimensão sagrada está eternizada nos versos de Humberto de Maracanã:

> Me lembrei do rio do Mirinzá/ De Dudu, Mãe Filipa, Cancanja/ Mãe Zeba, Iaiá/ Papai Odoro, Nanã, Satatassa/ Papai Hermino, Vovó e Nanã/ Juro pra Dadá/ Enquanto eu cantar/ Não vou deixar Maracanã/ Êh, Boi! (MENDES, 2011).

No trecho onde fora construída uma das pontes mais conhecidas do lugar, o rio Maracanã é conhecido como rio Pontilhão, área outrora muito apreciada e frequentada por banhistas. Na década de 1990 e início dos anos 2000, ainda era comum avistar pessoas se divertindo ali, saltando da ponte sobre o rio Pontilhão.

Brejos e a totalidade do que os constitui, a exemplo dos juçarais e buritizais, situam-se no âmbito das relações profundas subjacentes ao mundo vivido do Maracanã. Brejo tem som, tem sabor, tem cheiro, tem cor. De lá ecoam os cantos das siricoras (*Aramides saracura*), das nambus (*Crypturellus parvirostris*), o coachar dos sapos, o farfalhar das folhas tocadas pelo vento. Dizem que nos brejos do Maracanã também se ouve os cantos da Mãe d'Água, os assobios das caiporas e de outros seres encantados das matas.

Frutos saborosos como buriti e juçara – bases para doces, sucos, vinhos, sorvetes, bolos, licores e outras delícias da culinária maranhense – têm nos brejos do Maracanã os fundamentos sólidos de uma trama cujos entrelaçamentos compõem geograficidades do lugar.

Tecidos nas geografias da experiência cotidiana, os cheiros do Maracanã estão impregnados no corpo, na mente, no espírito de sua gente, bem como no ar, na atmosfera envolvente dos aromas emanados das artérias e dos pulmões do Maracanã: seus rios e brejos. Tem cheiro de vida, tem cheiro de charco fértil, cheiro de folha, cheiro de flor. O verde do arvoredo e dos arbustos domina o ar, inunda a gente.

Os maracanãs (*Primolius maracana*), aves alvissareiras, alegram o ambiente com seu grasnar, suas penas em tons de verde vibrante e as curiosas revoadas sincronizadas ao pôr do sol. No Maracanã, o verde das matas ainda se destaca na paisagem. Da entrada principal, às margens da rodovia BR-135, ainda é possível visualizar a imponência das juçareiras, símbolos da identidade do lugar, da resistência às pressões do capital e do engajamento da comunidade na luta por conservação ambiental.

Entre os elementos mais significativos para a comunidade Maracanã encontram-se, além dos juçarais, os buritizais. Esses entes da natureza do lugar são valorizados sobretudo em função das atividades extrativistas. Dos buritizeiros se aproveitam os frutos maduros, caídos ao solo, tanto para o consumo próprio quanto para venda. Ademais, praticamente todas as partes da palmeira de buriti são aproveitadas na confecção de produtos artesanais.

Assim como os frutos da terra, a água subterrânea integra o rol dos elementos mais significativos para a comunidade. Captada por meio de poços

artesianos, esse ente, carinhosamente chamado de “água do Maracanã”, movimenta a vida no lugar, sendo utilizado em diversas atividades do cotidiano.

Alguns lugares são extremamente significativos para as pessoas que vivem ali, como é o caso da sede do Bumba-meu-Boi de Maracanã, também conhecido como barracão do Boi de Maracanã (Fotografia 40). Lá são realizadas atividades em praticamente todos os meses do ano. Ainda que no lugar sejam concentradas ações e eventos em torno do folguedo, a comunidade utiliza o barracão em diversas ocasiões, como as relacionadas a cursos, palestras, oficinas e festas.

Fotografia 40 – Fachada do Barracão do Bumba-meu-Boi de Maracanã, com destaque para a placa de informação turística



Fonte: Registro da autora

Lugares como o Parque da Juçara têm seus sentidos associados à capacidade de integrar as comunidades da APA, como se observa no fato desse lugar ser o segundo mais citado como significativo para a comunidade

Maracanã. O Parque, assim como a sede do Bumba-meu-Boi de Maracanã, fortalece o sentimento de pertencimento ao lugar. Ali há reencontros entre amigos, celebrações, geração de renda, festas das comunidades. Ali se pratica atividade física, as crianças se divertem, os jovens namoram, as tradições acontecem.

Há muitos significados em torno dos lugares onde são realizados os festejos e festas da comunidade Maracanã. No contexto religioso, por exemplo, se destacam os festejos de Santo Antonio, São João, São Benedito, São Sebastião, São Miguel Arcanjo, Santa Maria, Santos Reis, além da Festa do Divino Espírito Santo. Igrejas e residências ganham novos ares, o movimento humano nelas e nas proximidades chama atenção, preparando os espíritos para vivenciar nuances da mística em torno da dimensão sagrada do Maracanã.

Essa dimensão sagrada do lugar pode ser notada em paisagens locais, como as dos largos das igrejas, reportando ao pensamento de Augustin Berque:

> A paisagem é uma *marca*, pois expressa uma civilização, mas é também uma *matriz* porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura – que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza (BERQUE, 2004, p. 84 - 85, grifos do autor).

Como marcas da cultura, as paisagens formadas pelas igrejas do Maracanã indicam a manifestação do poder simbólico de religiões como o Catolicismo em lugares cujas matrizes ideológicas e ambientais encontram-se arraigadas naquela parte do espaço geográfico.

Durante o festejo de São Benedito, no mês de novembro, a paisagem ao largo da igreja de Santo Antonio (Fotografia 41) – situada na avenida principal, próximo ao cemitério do Maracanã – ganha elementos indicativos das celebrações e das festividades impregnadas de fé, como o mastro adornado com alimentos e garrafas de bebida alcoólica, especialmente vinho e cachaça. Face à manifestação do sagrado, torna-se ainda mais nítida a indissociabilidade entre seres humanos e lugares.

Fotografia 41 – Largo da Igreja de Santo Antonio adornado com o mastro do festejo de São Benedito



Fonte: Registro da autora

Ali, no Maracanã, se observa a necessidade humana em expressar sua gratidão às divindades pelos frutos da terra, pela fertilidade que sustenta as existências. Adornar o mastro e erguê-lo na frente da igreja também simboliza os elos intrínsecos, ou seja, as geograficidades inerentes àquela realidade. Suas raízes encontram-se na história daquela comunidade, no limiar da ocupação por afrodescendentes devotos de São Benedito.

Nesse contexto, vêm à memória um excerto de *Os tambores de São Luís*, onde se destaca a relevância do ambiente para a sobrevivência das famílias negras que rumaram em direção ao interior da ilha após a abolição formal da escravidão no Brasil:

> E como havia terra devoluta para os lados do Bacanga, muitas famílias de negros se encaminharam para lá, e ali erguiam as suas palhoças, alimentando-se com os peixes da beira-rio, a juçara, o sapoti, o ingá, a carambola, o bacuri, a pitomba, o

> camapu e a maria-pretinha, que estavam ao alcance da mão. (MONTELLO, 2019, p.660).

Cultivar a espiritualidade consiste num dos aspectos mais marcantes da comunidade Maracanã. Residem aí dois sentidos de lugar imprescindíveis à apreensão da essência dessa entidade geográfica: o de enraizamento e o de tradição. Lugares como o barracão do Reis do Alecrim (Fotografia 42) e os barracões da Festa do Divino Espírito Santo evocam o espírito do Maracanã, onde estão imiscuídos sentimentos, valores, crenças, emoções, atitudes e outros fenômenos constituintes da dimensão humana.

Fotografia 42 – Fachada do Barracão do Reis do Alecrim, com destaque para o estandarte do festejo



Fonte: Registro da autora

Ao percorrer os caminhos que levam ao cerne do Maracanã, o encontro com o Viva Maracanã (Fotografia 43), lugar significativo para a comunidade. Situado em frente à sede do Bumba-meu-Boi de Maracanã, essa espécie de

área de lazer semelhante a uma praça é palco para festas e eventos da comunidade. Trata-se de um lugar percebido como extensão do barracão do Boi, haja vista ser administrado pela diretoria do folguedo.

Fotografia 43 – Entrada do Viva Maracanã



Fonte: Registro da autora

O fato do Viva Maracanã estar confinado entre duas residências facilitou a colocação de portões de acesso ao mesmo, os quais são mantidos trancados por cadeados cujas chaves ficaram sob responsabilidade da diretoria do Boi de Maracanã.

Sítios, brejos e juçarais povoam narrativas acerca dos lugares mais significativos para o povo do Maracanã. Nos sítios, árvores frutíferas se destacam em meio aos remanescentes de mata nativa, indicando que ali ainda existem geograficidades atinentes ao mundo rural. Apreender Maracanã exige atenção a quão significativos são os brejos (Fotografia 44) para as pessoas que vivem naquele recanto da Ilha do Maranhão.

Fotografia 44 – Ambiente de brejo no Maracanã



Fonte: Registro da autora

Para quem teve sua infância ligada ao Maracanã da década de 1970, por exemplo, brejo significa diversão, brincadeiras dos tempos de criança. Tinha muita alegria nos brejos quando a garotada se encontrava naquelas matas, naquelas águas. À memória também vêm o sabor das frutinhas do mato, o gosto dos peixes pescados naqueles rios e riachos. Isso sem falar na extraordinária beleza dos juçarais, de onde muitas famílias retiravam seu sustento. Dona Marlene, que chegou a se divertir muito em rios do Maracanã, nos fala sobre suas lembranças nostálgicas:

> Aqui existia um rio muito bom, o rio do Mirinzal. Inclusive até uma toada de Humberto fala dele. Era um rio muito conhecido, onde eu brincava com as minhas primas, ia tomar banho, brincava até oito horas da noite. Aí à noite a gente saía, não tinha medo de nada. O que a gente tinha medo era de visagem, era de cachorro morder a gente. Agora as coisas mudaram muito (PEREIRA MJ, 2019).

As ruas onde estão situadas as moradias do Maracanã aparecem no universo dos elementos significativos. Falar sobre sua importância, associada ao sentido de lar, remete as pessoas ao descaso com que a maioria das vias públicas é tratada pelo poder público. Sinais dessa problemática estão por toda parte, inclusive na avenida principal do Maracanã, onde é comum a existência de trechos praticamente intrafegáveis, haja vista a grande quantidade de buracos no asfalto.

Áreas de lazer como o Campo do Cruzador, localizado próximo à igreja de Santo Antonio, figuram entre os lugares mais valiosos para a comunidade. Sob o frenesi das atividades desportivas e recreativas, se fortalecem os sentidos de coesão e de pertencimento naquela porção do território ludovicense. Ali os jogos de futebol são centrais, no entanto entram em campo elementos que vão muito além do esporte.

No Campo do Cruzador velhos amigos que cresceram na comunidade relembram tempos em que morar no Maracanã significava viver em segurança, habitar com tranquilidade num lugar onde todo mundo se conhecia, onde os frutos da terra eram tão abundantes que proviam o sustento de muitas famílias. Ademais, encontros e reencontros no campo facilitam o “colocar a conversa em dia”, especialmente no que diz respeito a acontecimentos que impactam a comunidade, como a invasão de casas e sítios por criminosos.

Sentir Maracanã requer atenção ao fato do Distrito Industrial de São Luís representar algo marcante na vida das pessoas cujas existências estão arraigadas naquele pedaço de chão. Não à toa, esse membro da economia maranhense é citado enquanto lugar significativo para a comunidade. Contradições denotam a complexidade inerente à convivência com o Distrito Industrial: por um lado, as possibilidades de emprego. Por outro, os impactos nocivos à qualidade ambiental do Maracanã e adjacências.

Em uníssono soaram vozes de quem afirma gostar muito de viver no Maracanã. Vários motivos ajudam a entender o porquê desse apego ao lugar, contudo dois fatores foram enfatizados pelas pessoas: bem-estar e tranquilidade. Alguns minutos de conversa com Dona Maria das Graças me ajudaram a perceber o sentido de tranquilidade atribuído ao lugar.

O excerto do que aquela senhora falou indica a importância do sentido de tranquilidade na comunidade: “Gosto de viver aqui porque temos um pouco de tranquilidade ainda; conhecemos nossa vizinhança” (COUTINHO MG, 2019). Não obstante problemas como degradação ambiental e insegurança avançarem a passos largos sobre aquela realidade, o Maracanã ainda é vivido como lugar calmo, é sentido enquanto lugar bom para viver.

Na tentativa de compreender a tranquilidade mencionada, emergem pensamentos sobre o ritmo frenético dos grandes centros urbanos: no Maracanã o fluxo de veículos automotores aumentou muito nos últimos cinquenta anos, especialmente com a implantação de indústrias e conjuntos residenciais nos arredores, mas a circulação ali ainda não gera a sensação de caos ensurdecedor. Já no que tange ao sentido de lugar bom para viver, sobressai o que resiste em termos de amenidades ambientais e elos de parentesco e amizade entre os moradores.

Perceber Maracanã como lugar saudável fundamenta-se sobremaneira nas recordações do tempo em que o verde dominava as paisagens do lugar, gerando sensações agradáveis aos olhos, à mente, ao espírito, enfim, à inteireza dos seres daquele mundo-vivido.

Sentir o lugar como algo bom, aprazível, encontra apoio em referências aos entrelaçamentos humanos diuturnamente tecidos: assim, é significativa a existência da família no lugar onde todos se conhecem, onde há união, onde nascem vínculos de parentesco social, a exemplo dos “filhos de pegação” das parteiras que os trouxeram à luz. Uma das antigas parteiras do Maracanã, Dona Maria Raimunda, se reporta ao lugar como tudo de bom e fala com emoção sobre outros significados associados ao amor que sente pelo bairro: “Aqui nasci, aqui levantei minha cabeça de tudo por tudo. Aqui tenho tanto filho de pegação que já perdi até as contas” (SILVA, 2019).

Ressentimentos, expressões amarguradas, faces entristecidas: eis o que se observa ao longo de conversas sobre as mudanças ambientais mais significativas no Maracanã. Pessoas que vivem no lugar há pelo menos cinquenta anos fornecem detalhes importantes sobre essas alterações, bem como sobre os efeitos delas em suas existências. Nessa perspectiva,

mudanças vultosas decorrem da contaminação e poluição das águas e dos brejos.

Percorrendo o caminho de sua casa até a escola onde trabalha – situada ali mesmo, no coração do Maracanã – Dona Marlene observa como a paisagem dos brejos mudou. Nela, até o cheiro denuncia alterações substanciais na qualidade das águas. Na caminhada reflexiva, ela questiona o porquê da natureza do Maracanã ter mudado tanto. Chega à conclusão de que, em parte, o modo de vida moderno impõe uma série de consequências negativas aos lugares, como o que se percebe na situação dos rios, córregos, riachos, nascentes e brejos do Maracanã.

No fragmento extraído do relato de Dona Marlene sobre a situação dos rios do Maracanã, se encontram elementos importantes para reflexões e ações direcionadas à efetivação de políticas de conservação da natureza desse e dos outros lugares que integram o território da APA de Maracanã. Eis o excerto: “Aqui no Maracanã existiam os melhores banhos de São Luís! Eu tenho pra mim que depois que chegou a tecnologia, firmas como ALUMAR e Vale, acabou tudo, principalmente nosso juçaral” (PEREIRA MJ, 2019).

A cada passo o passado se mistura ao presente e nessa cadência emergem reflexões sobre o futuro: “Até quando existirão rios no Maracanã?”, questiona Dona Marlene com ar de preocupação. E ela continua: “O que será dos nossos brejos e dos nossos juçarais com esses esgotos contaminando tudo? Por quanto tempo nossas riquezas permanecerão vivas?” Questões dessa natureza inundam, se alastram no espírito maracanaense, assim como as cheias do rio Maracanã!

Em vez de peixes, lixo e toxinas nos rios! Infelizmente trata-se de fenômeno cada dia mais comum no Maracanã. Ao fluir, as águas carregam sonhos, sentimentos de uma vida inteira, mas, por mais doloroso que seja admitir, também espalham veneno pútrido, fruto do descaso, da ganância; exibem marcas da devastação. Todas as pessoas com quem conversei tocaram nessa “ferida” dolorosa, a exemplo de Dona Esmeralda, responsável pelo Reis do Alecrim. Em tom de lamento ela se referiu ao assunto: “Rio aqui

mesmo não existe mais nenhum! Até a nascente do rio Maracanã está sendo destruída por fertilizantes daquela fábrica lá da BR" (COUTINHO ES, 2019).

Há muitas mudanças em curso no que tange àquelas águas, o que pode ser facilmente percebido na aparência dos corpos hídricos. Pessoas mais idosas e que sempre viveram ali, ficam chocadas ao ver as águas turvas, sujas, barrentas. Causa perplexidade, ao mesmo tempo em que gera dor e indignação, sentir mau cheiro nas proximidades das águas, odores que sobrepujam o aroma do brejo, miasmas que abafam o frescor dos juçarais.

Nas águas em que outrora se tomava banho, onde sobravam algazarras e momentos felizes, são despejados dejetos de toda ordem sem nenhum tipo de tratamento. Esgotos provenientes de residências, indústrias, oficinas mecânicas, hospitais, enfim, das mais diversas atividades humanas, fluem como paradoxos de lugares que deveriam ser referência em termos de qualidade ambiental, haja vista integrarem o território de uma APA. Seu Francisco manifesta seu desânimo em relação à situação:

> Os governantes não tomam providências. Se a gente denuncia, é mesmo que nada. Quando cheguei aqui os rios era tudo sadio, tudo sadio! A gente entrava no rio Maracanã, ia banhar. Podia até puxar água pra beber. Agora não presta, não presta mesmo! Tanto que nêgo tem até medo de entrar na água. Tá tudo contaminado! (LIMA FILHO, 2019).

No relato de Seu Francisco fica clara a sensação de impotência perante as agressões à natureza do Maracanã, haja vista que pelo que a fala indica o poder público não tem agido para identificar as fontes de degradação da qualidade ambiental, tampouco para fazer cessar os crimes ambientais e acionar judicialmente os responsáveis por tais atos lesivos ao ambiente.

Com indignação, moradores denunciam o lançamento de esgotos industriais *in natura* nas águas do rio Maracanã, os quais seriam provenientes de uma fábrica de fertilizantes localizada às margens rodovia BR-135, próximo à entrada principal do Maracanã. Acerca dos transtornos relacionados aos rios do lugar, Dona Maria Silva – antiga parteira da comunidade – esbraveja: "Os rios do Maracanã estão infectados e feios!" (SILVA, 2019).

Dilacera a alma do Maracanã, como algumas pessoas fazem questão de sublinhar, a destruição de seus rios e brejos associada a empreendimentos como os residenciais do MCMV e a assentamentos popularmente conhecidos como “invasões”. Tanto estes como aqueles geram distúrbios ambientais atribuídos principalmente ao desmatamento e ao lançamento de esgotos sem tratamento, tais como erosão, assoreamento, poluição e contaminação hídrica.

Semblantes entristecidos direcionam a atenção para a destruição dos juçarais, onde palmeiras enfraquecidas por intoxicação ou pelo soterramento de suas raízes agonizam sufocadas, definhando até morrer. Juçarais morrendo geram sensações de angústia, machucam profundamente pessoas que vivem ali, que se sentem torturadas por essa situação. Dona Esmeralda é uma das pessoas que se sentem mal devido à situação relatada: “Aqui nada é protegido. Agora, do jeito que tá, as juçareiras daqui tão até caindo. Cai por causa desses produto que deixa elas fraca. Até os buritizeiros tão tudo prejudicado” (COUTINHO ES, 2019).

Além disso, a morte de juçarais representa uma ameaça a modos de existir no lugar. Existências com base na juçara do Maracanã estão ligadas tanto a aspectos materiais, como os econômicos, quanto a perspectivas imateriais, em que pese a identidade maracanaense atrelada ao valor simbólico da juçara naquela realidade geográfica. Geograficidades atinentes à juçara são tão fortes ali que é praticamente inimaginável pensar no Maracanã ou falar sobre ele sem se remeter aos juçarais ou à Festa da Juçara, elementos essenciais do universo maracanaense.

Cabe notar que as mudanças ambientais percebidas no Maracanã transcendem o cenário dos rios assoreados, da contaminação dos brejos, do desmatamento e dos problemas associados, como o desaparecimento de animais silvestres. Nestes termos, a violência também é vivenciada como mudança ambiental. Tal fenômeno está impresso na paisagem sob a forma de portões, grades em portas e janelas, muros altos, cercas elétricas, avisos sobre a presença de cães bravos nas propriedades, enfim, em diversas estratégias voltadas à necessidade de se sentir seguro(a) no lugar e atenuar a sensação de medo da violência.

Não poder mais deixar as portas de casa abertas causa sofrimento principalmente às pessoas idosas, cuja melancolia possui raízes fincadas nos tempos em que viver no Maracanã era sinônimo de habitar um lugar seguro. Circunstâncias assim possibilitam perceber que transformações decorrentes da insegurança não são simples marcas na fisionomia do lugar, mas expressões materiais do medo impregnado na essência de seus habitantes.

Todas as pessoas entrevistadas afirmaram que as mudanças ambientais no Maracanã têm afetado suas vidas. Os efeitos das alterações se manifestam de várias formas, dentre as quais se destaca a privação em relação ao uso dos recursos naturais. Sentimentos como desgosto vêm à tona quando se atenta para a desventura de não poder mais tomar banho nos rios pelo fato de suas águas estarem visivelmente impróprias para esse tipo de atividade.

Beber água direto dos rios do Maracanã, então? Nem pensar! Moradores fazem questão de frisar que ali estão concentradas substâncias nocivas à saúde, haja vista o lançamento diário de esgotos *in natura* nos leitos fluviais. Outrossim, já não se pode lavar roupas, louças ou quaisquer objetos naquelas águas, tampouco pescar ou fazer piqueniques em contato direto com os rios, considerando o risco de contrair doenças infecciosas que podem levar à morte.

Há cinquenta anos era comum recorrer às águas dos brejos do Maracanã para saciar a sede ou para cozinhar, entretanto a instalação do Distrito Industrial e o incremento populacional desordenado são apontados como fatores que tornaram aquele recurso inadequado para fins alimentícios, por representarem ameaças à saúde.

Quando o lugar muda, mudar é inevitável aos seres humanos que o habitam, pois o lugar está em cada ser. Organicamente, a unidade lugar-ser humano ganha forma no habitar, no conviver subjacente às geograficidades. Pensar sobre as mudanças ambientais mais significativas no Maracanã dos últimos cinquenta anos suscita em seus moradores tristeza ao se antever os infortúnios deixados para as próximas gerações como herança ambiental.

Entristece imaginar que seus netos e demais descendentes jamais conhecerão o Maracanã de águas límpidas, cercado por brejos com seus

extensos juçarais de cores vibrantes, onde o canto das siricoras (*Aramides saracura*) a algazarra dos maracanãs (*Primolius maracana)*, o coachar dos sapos e todos os sons, aromas, formas, sabores e cores das matas fortalecem o âmago das existências.

Alterações na alimentação constituem uma das faces das mudanças ambientais. Relata-se, como reflexo da problemática, a redução na disponibilidade de frutas no lugar, bem como o desaparecimento de algumas delas à medida que fenômenos como desmatamento foram intensificados no Maracanã. Consequências das alterações ambientais são sentidas inclusive no que concerne aos juçarais, cuja produtividade anual vem diminuindo em função da degradação da qualidade ambiental dos brejos que os sustentam.

Outra forma de expressão das mudanças ambientais no Maracanã se refere à redução da disponibilidade hídrica nos poços artesianos. Algumas pessoas percebem que o nível da água tem baixado tanto que é necessário cavar poços cada vez mais profundos para ter acesso ao líquido.

Em diálogos sobre os problemas ambientais atinentes ao Maracanã, moradores deixam claro que no lugar praticamente inexistem políticas públicas voltadas à conservação ambiental. Dentre as pessoas entrevistadas, apenas uma afirmou haver proteção da natureza maracanaense, pontuando que os elementos são parcialmente protegidos, visto tratar-se dos brejos localizados em propriedades particulares.

É importante frisar que o cuidado com os brejos situados nos sítios do Maracanã não é tarefa simples, como indicam relatos de quem vivencia essa realidade. Ademais, exige dedicação e disponibilidade de tempo e dinheiro, já que em geral as tarefas demandam a contratação de ajudantes. Sobre a situação, uma proprietária de sítio nos auxilia na percepção de particularidades relacionadas aos cuidados com os brejos do Maracanã.

Dona Branca fez a gentileza me convidar a conhecer o brejo situado em seu sítio. Ao longo do caminho, similar a uma trilha ecológica, ela falou sobre a satisfação de ainda existir brejo preservado na comunidade, a exemplo do trecho protegido nos limites da propriedade de sua família. Para ela o brejo é um ente muito querido, pois lhe reporta ao seu pai, já falecido, que amava

aquele ambiente. “Ali, meu pai passava horas!”, comenta Dona Branca com os olhos mareados. Suas emoções aparecem com maior intensidade na fala a seguir:

> Me esforço pra cuidar bem do nosso brejo, pra mantê-lo vivo. Engraçado que as pessoas já sabem que o juçaral da minha família, esse aqui do sítio, é um dos mais preservados do Maracanã, tanto que algumas cenas do filme *Muleque té doido!* foram gravadas aqui. Não é fácil nem barato manter nosso brejo assim, pois eu gasto cerca de dois mil reais por mês, mas ele é minha vida, aqui estão minhas raízes (COSTA, 2019).

Conversar sobre a importância ambiental do Maracanã evidenciou que todas aquelas pessoas percebem a necessidade de proteção efetiva de um dos aspectos mais significativos do lugar: seu patrimônio ambiental, representado pelos brejos, juçarais, buritizais, rios, nascentes, babaçuais, animais, sítios, poços e demais entes da natureza maracanaense.

Que motivos norteiam o desejo daquelas pessoas de que o patrimônio ambiental do Maracanã seja, de fato, protegido? Respostas a esse questionamento se concentram em torno de dois fatores: o primeiro incide sobre a necessidade de manter e revitalizar o que restou e o segundo sobre o fato desse patrimônio beneficiar a comunidade. Ademais, a integridade ambiental do Maracanã é mencionada como fundamento da vida e característica essencial do lugar.

Talvez a situação do patrimônio ambiental do Maracanã estivesse diferente se a maioria ou todas as pessoas que vivem ali fossem cientes e sensíveis à condição do lugar enquanto integrante da APA de Maracanã. Infelizmente pouquíssima gente ali sabe que o Maracanã está situado no interior do território juridicamente protegido. Entre as pessoas que têm consciência de tal fato (apenas três do total de quinze entrevistadas), somente uma sabe o nome da APA.

A situação se revelou ainda mais preocupante quando perguntei se as pessoas sabiam algo sobre APA em termos gerais: apenas duas responderam que sim. Uma delas disse que APA é uma área que faz parte das trilhas ecológicas. A outra respondeu que APA serve para proteger o ambiente. Nesse sentido, percebe-se a necessidade de ações permanentes de educação

ambiental na comunidade, tendo em vista se tratar de componente básico da gestão de UCs, conforme determinações expressas no SNUC (lei 9.985/ 2000).

Quando o foco da conversa incidiu especificamente sobre a APA de Maracanã, constatou-se que as três pessoas que disseram saber algo sobre esse tipo de UC afirmaram, respectivamente, que ela protege a natureza, serve de trilha para proteger a natureza e que está prevista em decretos.

Falando sobre o CONAM com as mesmas pessoas, percebi que nenhuma delas conhecia essa instância administrativa da APA tampouco havia participado de atividades promovidas pelo referido conselho. Considerando que o CONAM simboliza a participação popular na gestão da APA, este instrumento estaria, de fato, cumprindo a contento sua função social no que concerne à gestão participativa da UC? As constatações junto à comunidade do Maracanã fornecem indícios acerca do questionamento, assim como podem auxiliar na elaboração e execução de estratégias voltadas à resolução dos problemas implicados na questão.

No mesmo cenário inquietante se encontram as iniciativas do poder público no que tange à conservação da natureza do Maracanã. Quase todas as pessoas disseram inexistir qualquer tipo de ação dos órgãos públicos referente à proteção da qualidade ambiental do lugar. A única resposta diferente se refere ao desconhecimento da pessoa acerca da problemática.

Apesar da desconfiança e da descrença generalizada no que se refere às ações do poder público em prol da qualidade ambiental, aquelas pessoas estão dispostas a participar de atividades com foco na conservação ambiental do lugar, pois desejam ser envolvidas efetivamente na complexa tarefa de proteger o que resiste no Maracanã em termos de patrimônio ambiental.

5.2.3 Aqui é Vila Sarney de Maracanã

Voltando o olhar para a comunidade Vila Sarney, nos deparamos novamente com o sentido de enraizamento, potência pulsante como as batidas do coração. Sentir Vila Sarney como raiz alude a sentimentos de pertencimento

a Maracanã, cuja aura penetra nos poros de quem vive ali. Expressões desse sentido estão presentes na fala de Seu Hamilton, que vive em Maracanã desde que nasceu:

> Esse lugar significa minhas raízes, minha vida. É onde me sinto bem, onde ainda temos natureza, onde sentimos paz. Olho para as folhas, todas alegres no brejo em frente à minha casa. Fico feliz com o canto dos maracanãs (SANTOS HM, 2019).

Nas entranhas do lugar, o entrelaçamento de acontecimentos significativos, sopros de vida: *locus* de nascimento, crescimento, amadurecimento humano. Fonte de vitalidade, Vila Sarney aparece como lugar de onde não se deseja sair. Permanecer naquele "pedacinho do Maracanã" significa existir, o que direciona para o sentido de totalidade envolvido nas geograficidades atinentes àquela realidade. Nesse sentido, o encontro com Dona Alda foi relevante para percepção do quanto aquele lugar é significativo para seus habitantes: "Aqui nasci, cresci, me desenvolvi. Esse pedacinho do Maracanã é tão importante que não tenho vontade de sair para lugar nenhum. Daqui só saio para o cemitério" (OLIVEIRA, 2018).

Vivenciar Vila Sarney na esteira do que se denomina "nossas raízes" possui o poder de conduzir o pensamento inclusive à esfera da morte, como ficou visível no depoimento acima. Do seu lugar só se pretende sair por ocasião do falecimento. Não se trata de um lugar qualquer, mas do lugar da família, onde estão assentadas as bases da vida em comunidade. O sentido de enraizamento traz consigo sentimentos como o que Dona Alda expressa: "Sinto muita paixão por esse lugar. Aqui é nossa raiz" (OLIVEIRA, 2018).

O sentido de totalidade traz consigo a percepção de que a Vila Sarney (Fotografia 45) representa o que há de mais importante na vida daquelas pessoas. Sob a mesma óptica, viceja o sentido de qualidade ambiental, por meio do qual ganham expressividade características ambientais que fazem com que o lugar seja vivenciado enquanto fenômeno que faz bem ao ser em sentido *lato*, seja em relação às necessidades físicas, seja nas concernentes à dimensão espiritual. Com um sorriso largo, Dona Maria da Glória expõe o que sente pelo lugar: "Sinto tanta felicidade em viver aqui! Pelo clima me sinto confortável" (PRAZERES, 2019).

Fotografia 45 – Paisagem da Vila Sarney



Fonte: Registro da autora

No sentido de qualidade ambiental da Vila Sarney sobressai o fato de ali ainda existir elementos naturais capazes de proporcionar certo conforto ambiental, a exemplo das árvores e dos brejos. À existência desses elementos se associam sensações de frescor, a impressão de respirar ar puro e a boa convivência com a vizinhança imediata, o que pode ser observado no posicionamento de Seu Aldenor: “O clima é muito bom, a irmandade muito mais ainda. Se a gente quer comer natural, a gente come. Aqui se criava tudo” (SANTOS AM, 2018).

Conexões entre o sentido de qualidade ambiental e o de totalidade integram o emaranhado de significados atrelados ao sentido de provimento, contexto em que o lugar é vivido, por exemplo, como a terra onde o pai trabalhou para sustentar a família e criar os filhos ou como alicerce onde a vida fora transformada de maneira positiva.

Ainda que os significados de lugar na Vila Sarney se concentrem em torno de aspectos considerados bons à vida humana, o sentido de devastação marca o espírito daquela realidade geográfica. No âmago da situação figuram os prejuízos ambientais decorrentes das ocupações desordenadas e da implantação de grandes empreendimentos imobiliários destinados à habitação popular. Face à problemática, eclodem reclamações e questionamentos sobre a forma como os residenciais foram implantados: sem os devidos cuidados em relação ao patrimônio cultural e ambiental de Maracanã. Os excertos a seguir, extraídos dos depoimentos de Joidinaldo Ferreira, Cosmo Estevam Neto e Maria da Glória dos Prazeres, respectivamente, revelam nuances do sentido de devastação:

> Muitas árvores foram destruídas, os rios estão assoreados e poluídos, os juçarais e brejos assoreados devido às grandes obras do MCMV. Aqui tá mais quente. Com o bairro Nova República muitas nascentes foram destruídas (FERREIRA, 2019).

> Tinha muitos pássaros nos brejos, tinha muita juçareira. Morreu quase tudo. O pessoal pescava. A poluição afugentou os bichos. Aqui atrás tem um canal que virou esgoto e passa nos nossos quintais. O esgoto passa aqui e vai desaguar nos brejos do Maracanã e no rio Bacanga (ESTEVAM NETO, 2018).

> Com essas invasões as coisas mudaram muito. Com o MCMV os brejos foram aterrados. Morreu tanta juçareira, os rios estão só lama e esgoto. Nos nossos quintais tinha rios com águas tão limpas que se via o fundo. Tinha árvores de guanandi nos brejos e hoje não tem mais, assim como alicurana e paparaúba (PRAZERES, 2019).

Vila Sarney, lugar diretamente articulado ao eixo central de Maracanã, possui significados ligados ao sentido de lugar enquanto vida. O sentido em tela conduz o pensamento aos elos entre as raízes e os solos, acontecimento fundamental à existência do ser-terra. Vida, em seu sentido mais profundo, encarna a própria existência, portanto o lugar é percebido como aquilo que sustenta o ser, que lhe confere vitalidade.

É importante observar que o sentido de tranquilidade ocupa a última posição no rol dos significados atribuídos à Vila Sarney. Isso pode ser interpretado como reflexo do aumento da criminalidade na zona rural de São Luís. Constitui preocupação constante a violência associada à chegada de integrantes de facções nas comunidades, bem como ao domínio do tráfico de drogas sobre praticamente todos os lugares de Maracanã. Assim, Vila Sarney é sentida como “lugar razoavelmente calmo”. Sobre o sentido de tranquilidade, assim se expressa Dona Dalvina:

> Se um dia eu pudesse ter uma casa fora, mesmo assim não sairia daqui, não ia me desfazer do meu pedacinho aqui, porque aqui ainda é razoavelmente calmo. Na nossa rua ainda não presenciamos a violência. Aqui nunca teve nem troca de bala, roubo. Do Tibiri pra cá é Maracanã. Tem Itapera de Maracanã, Alegria de Maracanã (SANTOS DA, 2018).

No que tange aos sentimentos presentes nas geograficidades de Vila Sarney, se destaca o amor ao lugar. Reflexos de topofilia se manifestam no olhar, no falar sobre essa porção do espaço geográfico de Maracanã, ente carinhosamente chamado de “melhor lugar do mundo”. Sobre essa perspectiva emerge o pensamento de Seu Aldenor: “Não tenho nem palavras para dizer o que sinto pelo meu lugar. Por ele eu sinto tudo de bom. Não tem lugar melhor do que esse aqui. Mesmo com toda essa bandidagem, aqui é bom demais” (SANTOS AM, 2018).

No sentido de enraizamento, os laços de amor ganham contornos vivazes à medida que afloram pensamentos sobre a vida ali desde a infância ou juventude, atribuindo-se ao lugar parte significativa do que se considera importante à existência.

Nesse sentido, amor à Vila Sarney é associado, por exemplo, às relações familiares, ao estabelecimento de amizades, ao suprimento da necessidade de moradia, ao trabalho, à alimentação, às tradições, à fé, enfim, a elementos e dimensões essenciais à existência humana. Para Seu Ivan (Fotografia 46) o amor que sente pelo lugar está associado ao rio e à própria vida: “Sinto amor pelo meu lugar, pelo movimento dessa água aqui no meu sítio. Aqui está a minha vida” (SOUZA, 2018).

Fotografia 46 – Paisagem do sítio de Seu Ivan Souza, na Vila Sarney



Fonte: Registro da autora

À topofilia junta-se o orgulho de viver na Vila Sarney de Maracanã. Aí ganha forma o “orgulho de pertencer ao lugar” mencionado por Seu Hamilton, onde se pretende habitar até o fim da vida, posto que ali se vivencia o sentido de lar, assim como as sensações dele decorrentes, tais como acolhimento e segurança. É interessante notar que diante de interrogações sobre o sentimento mais significativo nas relações intrínsecas que o vinculam ao lugar, Seu Cosmo respondeu que se trata de algo muito intenso e inexplicável: “Sinto muito amor por aqui, que não tem nem como explicar” (ESTEVAM NETO, 2018).

Por mais que sentimentos considerados positivos em relação às geograficidades da Vila Sarney sejam predominantes na conjuntura da pesquisa, não se pode incorrer na ilusão de que tudo ali é regido por sentimentos dessa natureza, visto que medo e tristeza se espraiam nos recantos do lugar. Medo da violência! Tristeza pela situação ambiental! Isso pôde ser notado quando seu Cosmo disse o seguinte: “Hoje sinto uma tristeza porque estamos à mercê de pessoas desocupadas. Invasões e MCMV vieram nos prejudicar” (ESTEVAM NETO, 2018).

Assim como ocorre na comunidade Maracanã, na Vila Sarney a relação com as frutas ocupa posição de destaque. Parte da produção dos sítios é destinada à alimentação dos núcleos familiares que a cultivam. O excedente é vendido na própria comunidade ou ofertado como cortesia a amigos, parentes e visitantes.

Além das relações intensas com as frutas típicas das matas de sítio de Maracanã, na Vila Sarney emergem geograficidades envoltas em nascentes, rios, riachos e córregos, algo que evoca o pensamento de Dardel, ([1952] 2015, p. 21): “as águas exercem sobre o homem uma atração que chega à fascinação”.

No contexto das geograficidades aquáticas da Vila Sarney se destacam interações com o rio Pontilhão e com o rio Grande. As pessoas lamentam a situação em que aquelas águas se encontram, sobretudo porque não podem mais utilizá-las diretamente. Relatos como o do Sr. Azul deixam claro que tais entes formam a essência do lugar e povoam mentes e corações repletos de saudosismo:

> Eu era acostumado a um ambiente bom. Sinto saudade de quando era criança. Adorava banhar nos rios! Hoje a água não pode mais ser consumida, pois tá tudo com esgoto. Infelizmente temos que comprar água pra consumo (FERREIRA, 2019).

No depoimento acima vigoram sentimentos denotativos de tristeza e angústia causadas pela situação em que se encontram os rios que outrora geravam sensações de prazer e alegria. Ser privado do uso direto das águas dos rios do lugar pelo fato delas estarem contaminadas por esgotos e poluídas por resíduos sólidos incomoda e causa preocupações, tendo em vista a necessidade de comprar água para as atividades básicas do cotidiano.

Árvores e ervas constam entre os elementos mais significativos para a comunidade em tela, assim como os brejos com seus juçarais (Fotografia 47) e buritizais, de onde se extraem frutos que, em muitos casos, complementam a renda das famílias. No âmbito da vegetação do lugar, se ressalta que algumas árvores são centenárias, enquanto plantas como a cana-de-açúcar fazem parte de cultivos recentes.

Fotografia 47 – Juçaral na comunidade Vila Sarney



Fonte: Registro da autora

No mesmo cenário estão inclusos pássaros muito significativos naquela parte de Maracanã: siricoras (*Aramides saracura*) e maracanãs (*Primolius maracana*). Embora bastante ameaçadas pela devastação dos lugares onde vivem, essas aves são percebidas como parte do que compõe o espírito da Vila Sarney. À tardinha, como diz Seu Hamilton Santos, “contemplamos a beleza da revoada dos maracanãs”.

Existe uma ligação profunda entre moradores e águas subterrâneas na Vila Sarney, enlace representado pelos poços artesianos. A água da comunidade, que jorra do fundo daquela terra, integra não só a materialidade do cotidiano, mas flui pelas frestas do imaginário, conformando o mundo simbólico maracanaense, onde se encontram crenças como essa: “Quem bebe a água do Maracanã nunca mais sai do Maracanã!”. Água presente na comida, nas bebidas, nos rituais sagrados. “Até o sabor da juçara é melhor com a água do Maracanã”, diz Joidinaldo Ferreira, mais conhecido como Azul, um dos moradores mais apaixonados pelo lugar.

Azul cresceu ali, brincando naqueles brejos, nadando naqueles rios, entre os entes que sustentam o espírito de Maracanã. Para ele e para a maioria das pessoas entrevistadas na Vila Sarney, os brejos são os lugares mais significativos do lugar. Conversar com o Azul sobre o lugar dele possibilitou perceber, dentre outras coisas, que daqueles brejos emana uma energia vibrante, alimento para o corpo e para as forças que o animam.

Pelos brejos, entes de valor inestimável para aquelas pessoas, são nutridos sentimentos topofílicos. Dos brejos brota a juçara, o buriti, a água, o ar. É no brejo que se forma o frescor das brisas. Brejo é sinônimo de vida na Vila Sarney. Daquele pedacinho de Maracanã ecoam os sons do brejo, acompanhados pelos aromas, sabores, pelas cores intensas das folhas, flores, caules, raízes, frutos, enfim, da terra que anima, que alimenta e fortalece a existência dos seres que o habitam.

Essencialmente ligada à relevância dos brejos para a comunidade em tela, emerge a importância do Parque da Juçara. Conexões intrínsecas se devem, por exemplo, à participação de moradores da Vila Sarney na tradicional Festa da Juçara, onde parte da produção de juçara daquele recanto de Maracanã é comercializada.

A valorização da cultura popular às vezes se revelou como reflexo da importância atribuída à sede do Bumba-meu-Boi de Maracanã e ao Viva Maracanã, para onde convergem muitos habitantes da Vila Sarney em tempos de festa e por ocasião de eventos concentrados nesses lugares. Impressiona o poder dos aspectos artístico-culturais em relação à articulação dos lugares situados na APA, o que pode ser observado no que tange ao envolvimento de pessoas da Vila Sarney e de outras comunidades nas atividades realizadas na sede do Boi em função do folguedo.

Enquanto entes marcantes da paisagem da Vila Sarney, rios e áreas arborizadas são percebidos como lugares significativos para quem vive ali. O movimento das águas reporta ao fluxo contínuo da vida, bem como às transformações forjadas no tempo e na história. Esta, intimamente ligada às experiências de lugar, portanto às geograficidades.

No falar sobre as águas do lugar, o temor de que os rios sucumbam em nome do “progresso”, da urbanização desenfreada. No falar sobre as árvores, a angústia frente à tendência de devastação do que resiste e uma convicção: a vida será muito mais difícil sem as matas, sem o fulgor do verde, sem a cadência das águas.

No âmbito dos lugares mais significativos para a comunidade Vila Sarney também se encontra o Campo do Juventude, onde as partidas de futebol constituem momentos de grande animação e integração popular. Falar sobre o assunto suscitou reclamações acerca da necessidade de áreas de lazer na comunidade, visto que o campo é um dos raros equipamentos de lazer existentes em Maracanã.

Apreender geograficidades da Vila Sarney exige atenção aos motivos pelos quais alguns lugares são tão significativos para a comunidade. Dos brejos e demais áreas arborizadas, por exemplo, são coletados alimentos, ademais, a existência desses entes e dos rios é associada ao conforto ambiental.

O Parque da Juçara e a sede do Bumba-meu-Boi de Maracanã são considerados valiosos por se relacionarem com a manutenção e o fortalecimento das tradições de Maracanã. Lugares como o Campo do Juventude e o Viva Maracanã proporcionam sobretudo momentos de alegria, lazer e diversão àquelas pessoas.

Percorrendo caminhos para conhecer aspectos que animam Vila Sarney, nos deparamos com a satisfação que aquelas pessoas sentem por viver ali. A totalidade das que conversaram comigo disse gostar de morar lá. Dentre as razões para tal realidade, se destaca o fato de ser um lugar tradicional, onde estão fincadas raízes pessoais.

O gostar de viver num dos recantos de Maracanã também se vincula à qualidade ambiental, visto que ainda é possível manter contato direto com matas nativas, rios e brejos. Até o movimento das águas nos sítios alegram a aura da Vila Sarney.

Embora a violência urbana já se manifeste no lugar, a tranquilidade é apontada como justificativa para o bem-estar. Na mesma perspectiva, as

pessoas gostam de viver lá por conta das boas relações com a vizinhança. No caso das ruas mais próximas ao Maracanã, se percebe que muitas são habitadas por familiares de moradores daquele bairro, que vivem ali há algumas gerações, o que facilita vínculos de amizade e solidariedade.

Assim como na Alegria e no Maracanã, as mudanças ambientais são sentidas com preocupação na Vila Sarney. Aí se inclui a contaminação e poluição das águas e dos brejos, a destruição dos juçarais, as alterações microclimáticas, o desaparecimento de animais e a violência. Cada uma dessas alterações tem implicações significativas na vida de quem vive no lugar, portanto na existência da comunidade, como Dona Alda enfatizou: “Esse rio que passava aqui atrás servia toda a nossa comunidade. Ele começou a morrer quando começaram a aterrar a cabeceira” (OLIVEIRA, 2018).

Por causa da contaminação e poluição das águas e dos brejos, as pessoas são privadas do uso de recursos naturais. Como isso é sentido? Como essa limitação se expressa no cotidiano da Vila Sarney? Não se pode mais lavar roupa nos rios, tampouco lavar louça. Tomar banho nos rios Pontilhão, Mirinzal e Grande? Nem pensar! Beber água direto nessas fontes? Jamais! Entristece o fato de não ser mais possível brincar nos rios. Ali, quem tem condições, compra água mineral.

Como não é mais possível consumir água direto dos rios, tem sido frequente a construção de poços artesianos na Vila Sarney, o que é problemático, visto o risco iminente de atingir o limite de carga do lençol freático. Além disso, a situação é extremamente séria porque o esgoto dissolvido nos rios contamina os solos dos brejos e, consequentemente, frutos como buriti.

Pessoas que vivem ali há mais tempo sentem muita falta dos rios que conheceram, com as águas límpidas propícias ao uso. Elas estranham a situação em que tais entes do lugar se encontram. Sobre essa problemática, Seu Hamilton é incisivo na exposição de seu pensamento: “A água não é mais a mesma. Veio o progresso sem planejamento para acabar com nossos rios, os juçarais estão morrendo por conta da areia!” (SANTOS HM, 2019).

Há muita tristeza em torno da contaminação dos rios e brejos que integram o espaço vivido da Vila Sarney. No âmago do sentimento, o desgosto manifestado por Dona Alda: “Nossos filhos não alcançaram a natureza preservada do nosso lugar” (OLIVEIRA, 2018). No semblante de Seu Cosmo, o grito sufocado do lamento: “Sinto o odor vindo do esgoto despejado no brejo que passa no quintal” (ESTEVAM NETO, 2018).

Ouvir esses e outros relatos da mesma natureza foi fundamental à minha experiência enquanto geógrafa que busca, por meio da fenomenologia, articular humanidades à conservação da natureza. Através deles e das vivências junto às comunidades, me senti próxima daquelas realidades geográficas, o que me permite perceber com mais clareza e sensibilidade a necessidade de aproximação entre quem gere políticas públicas e quem vivencia os lugares implicados nessas políticas.

Quando as conversas tomam rumos direcionados à conservação ambiental na Vila Sarney, o ar fica adensado por sentimentos de desalento, desamparo, indignação. A maioria das pessoas afirma que na Vila Sarney inexiste qualquer tipo de ação voltada à proteção ambiental. Do universo de onze pessoas, duas disseram que o ambiente é parcialmente protegido e uma disse que há proteção ambiental no lugar, sendo os brejos considerados focos das medidas voltadas à proteção. Estas resultariam de iniciativas de proprietários(as) de sítios onde ainda existem trechos de brejos, tais como a instalação de cercas e muros.

Três fatores são elencados como motivações para ações de proteção particular dos brejos: importância para a comunidade; tratar-se de lugares onde são colhidos frutos como juçara e buriti; importância para os descendentes. É relevante notar que para aquelas pessoas não só os brejos devem ser protegidos, mas também os rios, o Parque da Juçara, a sede do Bumba-meu-Boi de Maracanã, os lugares onde acontecem os festejos, o Campo do Cruzador e as igrejas, contexto em que se destaca a Igreja de São Joaquim do Bacanga, tombada, desde 1987, pelo Departamento de Patrimônio Histórico, Artístico e Paisagístico do Maranhão, órgão da Secretaria de Estado da Cultura.

Convicções sobre a importância da conservação ambiental do lugar tomam forma sobretudo na percepção da necessidade de evitar a destruição do que restou. Resguardar remanescentes florestais, por exemplo, significa resguardar a qualidade do ar, representa a oportunidade de cuidar daquilo que será deixado como herança para filhos, netos e demais descendentes. O desejo de cuidar do que ainda existe em termos de patrimônio ambiental maracanaense, para que não seja devastado, também se nutre da esperança de que futuras gerações tenham chance de conhecê-lo e de vivenciá-lo como parte essencial de suas existências.

Algumas pessoas acreditam que proteger o ambiente do lugar é relevante porque tende a beneficiar a comunidade. Sentido semelhante recai sobre a percepção de que conservação ambiental constitui iniciativa positiva no que concerne ao cuidado com os patrimônios ambientais, históricos, artísticos e culturais da Vila Sarney e demais lugares de Maracanã.

Quando defendem a importância da inclusão daquele “pedacinho do Maracanã” em políticas públicas direcionadas à conservação da natureza, habitantes da Vila Sarney lançam mão da justificativa de que isso convergirá para a proteção da qualidade de vida, aspecto fundamental às existências e que envolve uma série de fatores e nuances, como é o caso das atividades de lazer ao ar livre.

Ainda no contexto dos motivos pelos quais deve haver conservação ambiental na Vila Sarney, aquelas pessoas imaginam quão valiosas seriam experiências dessa natureza para revitalizar a riqueza ambiental de Maracanã e evitar que o ambiente saudável seja destruído. Além disso, elas acreditam que ações de cunho conservacionista favoreceriam a recuperação de áreas prejudicadas pelo progresso.

Merece atenção a constatação de que a maioria das pessoas entrevistadas na Vila Sarney não sabe que o lugar integra uma APA. Apenas duas têm consciência de que vivem na APA de Maracanã. Já no que diz respeito à compreensão sobre esse tipo de território protegido, somente três pessoas afirmaram ter noção sobre o assunto. Perscrutando as três noções, percebe-se que apenas uma vai além da dimensão ambiental, incluindo

aspectos culturais e de lazer entre os focos da conservação: “APA é uma área que visa proteger o ambiente e a natureza da região e tudo que vive no território, incluindo aspectos culturais e de lazer” (FERREIRA, 2019).

Outra constatação preocupante no que tange aos conhecimentos daquelas pessoas em relação ao território juridicamente protegido se refere às suas especificidades. Apenas uma pessoa disse saber algo específico sobre a APA de Maracanã. Para ela, trata-se de uma “área regida por um conselho composto por membros da sociedade civil e do poder público” (FERREIRA, 2019).

O desconhecimento generalizado sobre a APA em questão também se manifesta quando o foco das conversas incide sobre o CONAM. Apenas uma pessoa, o Sr. Joidinaldo Ferreira (Azul) – a mesma que soube especificar a noção de APA de Maracanã – sabe algo sobre essa instância gestora da UC. Cumpre notar que o Azul foi o único a afirmar já ter participado de atividade promovida pelo conselho supracitado.

Houve unanimidade na afirmação de que o poder público não realiza ações voltadas à conservação ambiental do lugar, o que suscita questionamentos acerca da afetividade da gestão da APA de Maracanã, bem como da participação popular no âmbito das decisões inerentes à UC em tela.

5.2.4 Uma parada em Rio Grande

Rio Grande, lugar onde ainda vigora o sentido de qualidade ambiental, embora a totalidade do que lhe confere tons esverdeados já exprima marcas da devastação típica de grandes cidades. Assim como as outras comunidades situadas na APA, Rio Grande tem sua ocupação atrelada ao processo de expansão urbana do município de São Luís, seja pela contiguidade com o Distrito Industrial, seja pela existência de terras agricultáveis.

A proximidade com as indústrias atraiu pessoas interessadas em trabalhar nas fábricas, ao passo que as terras agricultáveis no entorno imediato

da urbe, grande consumidora de hortifrutigranjeiros, motivou a implantação do assentamento destinado à agricultura familiar.

No coração de Rio Grande pulsam sentimentos em torno dos brejos e de seus extensos buritizais (Fotografia 48), ambientes enraizados no corpo e no coração dos seres que vivem naquela realidade geográfica. Tão evidentes quanto o amor pelos brejos de Rio Grande, são os sentidos emergentes da sensação de perda de um ente querido: o rio Grande, ser que inspirou o nome do lugar.

Fotografia 48 – Paisagem dos buritizais em Rio Grande



Fonte: Registro da autora

Reportes aos elementos mais significativos daquela parcela do espaço ludovicense carregam traços da identidade rural subjacente à comunidade riograndense. Ao rio, ente central da toponímia, se misturam fatos da natureza

primeva, bem como da dimensão cultural sustentada pelas geograficidades próprias do lugar.

Do sentido de qualidade ambiental brotam relatos como o de Seu João Batista, onde Rio Grande é descrito como lugar muito bom, onde se vive bem: “Aqui é um lugar muito bom, ainda tem muitas áreas verdes, é ventilado, ainda respiramos ar puro, principalmente na área da reserva do assentamento” (TEIXEIRA, 2018). Ali as belezas naturais povoam os pensamentos, conferindo encantamento ao que fortalece as terras férteis da imaginação, ao que permanece vivo na memória, na fala, nos sentimentos expressos em semblantes prenhes da imponente dimensão ambiental à qual a comunidade não é indiferente.

Tranquilidade, algo caro ao mundo hodierno, figura no rol dos significados de Rio Grande para quem o habita. Paz e sossego são palavras utilizadas como sinônimos do sentido de lugar em tela. Ainda que se mencionem preocupações em relação à insegurança e aos sentimentos a ela associados, a exemplo do medo, viver em Rio Grande ainda significa sentir tranquilidade. Nessa perspectiva, Dona Ana Rosa fornece pistas sobre a tranquilidade vivenciada no lugar:

> Eu gosto muito daqui. É minha vida. Nossa rua é muito tranquila, apesar dos problemas atuais. As ruas ali do outro lado tá muito violento. Invadem até casas. Crio meus bichos à vontade e acordo na hora que quero (LIMA, 2018).

Habitar, isto é, ser em Rio Grande, reverbera o sentido de lar, de moradia. Estar ali encarna o desejo de permanência, haja vista as qualidades que conferem àquele fragmento de São Luís a qualidade de lugar bom para viver. Em sentido *lato*, o significado de lar integra a vida em seus contornos mais íntimos, de onde emergem laços identitários, memórias, sensações como a de segurança, acolhimento, aconchego, afeto.

Do sentido de lar também eclodem cenas da infância, da juventude, do passado, do presente. Espraiam-se expectativas por um futuro onde Rio Grande continue representando o alicerce da vida, o lar da existência. Dona Rosa Maria se reporta com alegria ao referido sentido de lugar: “Rio Grande é

meu lar, é minha paixão! Aqui tenho boa moradia, tenho muitos amigos. Nesse lugar criei meus filhos e daqui não pretendo sair. Daqui só saio quando morrer.” (PEREIRA, 2018).

Ao sentido de lar também se associa o *locus* do trabalho, especialmente o labor junto à terra. À história de Rio Grande estão vinculadas lutas por reforma agrária no Maranhão. Nestes termos, o Projeto Estadual de Assentamento (PEA) Rio Grande ocupa posição de destaque (Fotografia 49).

Fotografia 49 – Paisagem agrícola no Assentamento Rio Grande



Fonte: Registro da autora

No Maranhão, a regularização dos assentamentos da reforma agrária está a cargo do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), através da Superintendência Regional do Estado do Maranhão - SR 12, bem como do Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (ITERMA). Informações constantes de MDA e INCRA (2015) esclarecem que o PEA Rio Grande (Fotografia 50), registrado sob o código MA0603000, constitui imóvel

rural cuja área de 342,8450 hectares se destina ao assentamento de 165 famílias.

Fotografia 50 – Paisagem agropecuária no Assentamento Rio Grande



Fonte: Registro da autora

Perigo e violência ameaçam a tranquilidade de Rio Grande, afetando a vida de seus habitantes. Amedrontados pela violência de atos diversos, como assassinatos, latrocínios, arrombamentos e atrocidades geradas pelo tráfico e consumo de drogas, moradores tentam se proteger e proteger seus bens materiais, como pode ser percebido na existência de muros altos nos limites das propriedades e nas grades em portas e janelas.

As pessoas advertem que o lugar está ficando perigoso, sendo a intensificação da violência correlacionada à ocupação dos condomínios do programa MCMV. Destarte, nota-se que a problemática em questão atinge praticamente todos os lugares de Maracanã. Cabe reiterar que o MCMV

cumpre importante função social, pois foi concebido sob a justificativa de suprir déficits habitacionais de parcela significativa da população brasileira, privada do acesso à moradia própria por dispor de parcos recursos financeiros. O problema reside na forma como os residenciais foram implantados na APA e no descaso com que o poder público vem tratando a situação.

No caso dos MCMV construídos no interior da APA de Maracanã, salta aos olhos a desconsideração da existência jurídica da referida UC, o que se constata ao comparar a realidade dos residenciais com o decreto estadual 10.103/1991, instrumento que criou a APA. Há incoerências e contradições que os próprios moradores de Rio Grande testemunham em seu cotidiano: o lançamento de esgotos *in natura* no que restou do rio Grande, próximo à área da nascente. São efluentes oriundos do residencial Morada do Sol, cujo odor, extremamente desagradável, denuncia uma das maiores ameaças à qualidade ambiental da APA de Maracanã.

A omissão do poder público, portanto, pode ser percebida tanto na gestão ambiental quanto no que concerne à segurança das pessoas em seus lugares, onde poderes paralelos ao do Estado se enraízam, se espraiam e tendem a comandar a vida nas comunidades.

Sentido de lugar enquanto vida também chama atenção em Rio Grande. No sentido de vida se encontra a poética geográfica constituinte do elo profundo entre aquelas pessoas e o lugar onde se realiza sua existência. Há, nas entrelinhas, o que está explícito em Bachelard (2008): o lugar integra a existência do ser. Na fala de Dona Maria José é perceptível a dimensão desse sentido: “Rio Grande é minha vida. Aqui nasci e me criei, tô aqui até hoje e não tenho vontade de sair daqui” (PAIXÃO, 2018).

Quando aquelas pessoas se reportam ao Rio Grande enquanto parte de suas vidas torna-se muito mais clara a relevância de se considerar sentidos de lugar em políticas públicas de conservação da natureza, haja vista a força do senso de autoconservação predominante nos seres humanos. Observações como essa ampliam horizontes confluentes em direção à efetivação da gestão ambiental de territórios protegidos.

Outro sentido de lugar em relevo na comunidade Rio Grande é o de totalidade. Por meio dele emerge a percepção da ligação imanente entre o homem e a Terra, reportando ao que Dardel ([1952] 2015) chama de geograficidade. Percebo a intrincada relação entre aquelas pessoas e o lugar ao qual elas fazem questão de se referir enquanto “meu lugar” na emoção evidente, por exemplo, no brilho do olhar ao dialogar sobre Rio Grande.

O corpo parece gritar que aquele lugar significa tudo para si. Impressiona a altivez com que as pessoas, principalmente as que vivem ali há mais tempo, se reportam ao seu lugar, como é o caso de Dona Maria José: Rio Grande é tudo pra mim. Fico triste porque estão destruindo esse lugar que amo” (PAIXÃO, 2018).

Como reflexos dos sentidos de lugar, se expressam os sentimentos pelo lugar. No contexto, o que se destacou foi o amor por Rio Grande, associado aos sentimentos de apego ao lugar e de satisfação por viver ali. Gostar de habitar lá se cruza com a sensação de bem-estar proporcionada pelas condições ambientais, pelas relações de vizinhança e pela intimidade com a terra.

Ainda que elos de topofilia sobressaiam naquela realidade geográfica, tristeza e insegurança figuram no rol de sentimentos emergentes das circunstancialidades decorrentes da violência. As pessoas sentem medo de ter suas casas invadidas por malfeitores, visto que já houve esse tipo de crime na comunidade, assim como assaltos em plena luz do dia. Sobre esse aspecto, Seu João Batista lamenta:

> De três anos pra cá tá mais perigoso. Isso aqui era maravilhoso. O MCMV contribuiu para piorar. Ficou mais violento. Quando cheguei aqui, na década de 1980, Rio Grande era muito bom, mas com as pessoas e as empresas, começou a ser destruído (TEIXEIRA, 2018).

Geograficidades em Rio Grande denotam o que há de mais íntimo entre as pessoas e o lugar, ente geográfico diretamente relacionado às existências. Nesse sentido se encontram, por exemplo, as conexões com os elementos daquele lugar, os lugares mais significativos, os motivos pelos quais se gosta

de viver no lugar, bem como as mudanças ambientais e os modos como elas afetam tanto a vida quanto o cotidiano de quem vive na comunidade.

Entre os elementos de maior destaque se encontram as frutas e os frutos do lugar, principalmente buriti (*Mauritia flexuosa*), juçara (*Euterpe oleracea*), bacaba (*Oenocarpus bacaba*), murici (*Byrsonima crassifolia*) bacuri (*Platonia Insignis*), pequi (*Caryocar brasiliense*), babaçu (*Attalea speciosa*) e anajá (*Attalea maripa).*

Em Rio Grande não passa despercebida a existência dos seguintes animais: cutia (*Dasyprocta aguti),* gato do mato (*Leopardus tigrinus*), jacaré (*Alligatoridae*), cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous),* siricora (*Aramides saracura*), tatu (*Euphractus sexcinctus*), nambu do pé encarnado (*Crypturellus parvirostris*) e nambu do pé roxo (*Crypturellus tataupa*).

Árvores e ervas ocupam posição de destaque na vida, bem como nas paisagens do lugar. Com entusiasmo se fala sobre elas, enfatizando a importância das árvores nativas remanescentes, protegidas por alguns moradores, da sanha impulsionadora do desmatamento. Por outro lado, menciona-se a dificuldade em manter as áreas verdes da comunidade, tendo em vista que algumas pessoas que vivem ali devastam e permitem a devastação de parte das matas de Rio Grande, sem nenhum tipo de preocupação com os problemas que atitudes assim podem gerar.

Rio Grande dos anajás, das mangueiras cujo perfume exala de tempos em tempos, mormente nos meses mais quentes, entre setembro e dezembro. Rio Grande das palmeiras imponentes de buriti, juçara, babaçu, dessas coisas da terra que nas mãos das mulheres e dos homens se transformam em outros seres, cuja essência permanece a mesma, emanada da força fundadora do lugar!

Rio Grande do pequi, fruto forte do Cerrado misturado à Amazônia sim, onde o amarelo vivo enche os olhos, preenche o espírito, onde a fragrância marcante se espalha como convite à partilha da fartura. Puro ou com arroz, seja como for, o pequi está ali, assim como a juçara, o buriti, o murici.

Ademais, por serem considerados significativos no cotidiano, foram mencionados vegetais cultivados nos roçados do assentamento: macaxeira

(*Manihot esculenta*), melancia *(Citrullus lanatus),* milho (*Zea mays*), feijão (*Phaseolus vulgaris),* batata doce (*Ipomoea batatas*), cheiro verde (*petroselinum crispum*), pimenta de cheiro (*Capsicum chinense Adjuma*), pimenta malagueta (*Capsicum frutescens Malagueta),* alface *(Lactuca sativa*), abóbora (*Cucurbita),* laranja (*Citrus x sinensis*) e maxixe (*Cucumis anguria*).

As águas de Rio Grande ainda pulsam no coração daquela gente, não obstante a situação entristecedora e revoltante em que se encontram nascentes, rios e riachos, resultado de décadas de exploração descontrolada e omissão do poder público. Com assombro, vem à lembrança a imagem do riacho do Manjico, do rio da Dona Aurora e do rio da Maleta, sendo este o antigo nome com o qual era denominado o rio que inspirou a toponímia do lugar.

Dentre os entes mais emblemáticos das geograficidades de Rio Grande se avultam os brejos e os buritizais que eles sustentam. Lá – onde vigora o espírito das matas, a força das águas, a trama das raízes, o canto das siricoras – a exuberância do conjunto impressiona não só os olhos, mas o corpo inteiro, numa profusão de sentidos direcionados à percepção da urgência na efetivação de políticas públicas de conservação da natureza de Maracanã.

Brejos, síntese da riqueza do lugar. Símbolos de um rio Grande preservado na memória, no espírito, na terra incógnita do coração, como diria o geógrafo John Kirtland Wright. É no brejo que se coleta o buriti! Ah, o buriti... fruto de escamas brilhantes em tom vermelho-escuro, com polpa gordurosa amarelo-canário em torno do caroço redondo como bola de gude, base para doces, sucos, licores. Da palmeira brota o artesanato de Rio Grande, muito apreciado por sua rara beleza! É do brejo que vem a juçara, fonte de alimento, fonte de renda, causa de alegria!

Das entranhas de Rio Grande aflora um ente essencial à vida: a água. Através dela e com ela concentrada em poços artesianos, a comunidade se movimenta, se fortalece. Entre poços e rios a vida acontece! Na terra úmida os brejos florescem verdejantes, viçosos. Do solo encharcado brota o buriti, a juçara, a bacaba, uma infinidade de frutos diversos e umbilicalmente ligados ao amálgama terra-água-ar-fogo.

Emerge da pausa-charco o movimento-correnteza, ambos fragmentos de geograficidades plenas de sentidos orientados pelo vigor inerente à vida em Rio Grande. Vida das gentes, vida dos bichos, vida da mata, dos coloridos tons emanados da terra em plenitude. Geograficidades arraigadas na inteireza do que move e do que alimenta a dinâmica existencial dos seres que conformam a realidade geográfica de Rio Grande. São expressões forjadas no contato diário com a água, ser essencial entre os que possibilitam existir ali.

Fragmentos de árvores e ervas participam da grande ciranda em torno das reminiscências humanas do lugar. Eis que se elevam traços identitários de Rio Grande, dentre os quais assume certa centralidade o artesanato baseado no mais expressivo fruto dos brejos daquelas geografias vividas: o buriti.

"– Do buritizeiro se aproveita tudo, minha filha!", enfatiza dona Rosa Pereira. Dos frutos maduros se extrai o suco, conhecido como "vinho" de buriti, bebida encorpada muito apreciada por moradores, visitante e por gente de fora da comunidade, residente nos vários recantos de São Luís, do Maracanã, do Brasil e, provavelmente, de outros lugares do mundo.

Buriti – esse ser radicalmente atado àquele chão brejoso, fértil, onde a água flui pelos poros, inundando de sentido o lugar da vida – representa também o espírito da coletividade, da cooperação em função do artesanato. Alento do corpo, afago das emoções, o fruto dos buritizais constitui base para uma infinidade de iguarias típicas das geografias dos sabores de Rio Grande.

A expressividade do buriti naquela comunidade conduz o pensamento à tradicional Festa da Juçara de Maracanã. Como não imaginar o que se poderia chamar de Festa do Buriti de Rio Grande? Potencial há de sobra para o intento, entretanto as oportunidades devem ser criadas. Algo assim também seria positivo para chamar mais atenção da sociedade civil e do poder público para a necessidade de proteção efetiva dos brejos do lugar e, consequentemente, dos que se estendem por todo o território da APA de Maracanã.

A força do buriti também supre necessidades não humanas do contexto geográfico em questão. Animais do lugar, por exemplo, dependem da disponibilidade desses e de outros frutos do brejo para se alimentar, a exemplo de pássaros como os maracanãs (*Primolius maracana*).

Alguns lugares em Rio Grande são apontados como muito significativos para as pessoas que vivem ali. É o caso das terras onde moram, das terras onde plantam, da reserva florestal do assentamento, da igreja de Santo Antonio e do posto de saúde.

Atribuir grande valor ao lugar onde se habita, senti-lo como o mais significativo, reporta ao sentido de lar. Ali se situam aspectos intimamente relacionados à existência das pessoas. A noção de lar inclui elos de intimidade com determinada porção do espaço geográfico. Enquanto essência geográfica de Rio Grande, o sentido de lar dimensiona circunstancialidades, revelando a vida nas faces do cotidiano.

Lugar como lar em Rio Grande reflete a intricada relação cultural estabelecida entre o ente geográfico e a dimensão humana subjacente à sua gênese. Por meio dos nexos inerentes às geograficidades do viver-ser-ali, do pertencer àquele ser vivido como lugar, se manifestam, por exemplo, indícios de topofilia, embora o sentido de topofobia em relação ao contexto – que Buttimer (1980) interpreta enquanto horizonte de alcance – algumas vezes apareça como resposta à violência a que ficou exposta a comunidade a partir do intenso e acelerado processo de ocupação da terra.

A maior parte das mudanças ocorridas em Rio Grande ao longo das últimas três décadas é atribuída ao Distrito Industrial de São Luís, ao surgimento de núcleos residenciais popularmente conhecidos como “invasões” e à implantação dos grandes residenciais vinculados ao programa MCMV no entorno, a exemplo do residencial Morada do Sol, construído em terras outrora diretamente ligadas à existência dos habitantes de Rio Grande.

“A terra onde plantamos”, à qual se referem trabalhadores e trabalhadoras rurais do assentamento Rio Grande, exprime sentidos de lugar ligados ao afeto, à gratidão pelos frutos oriundos do labor junto àquele solo, base concreta da existência. Daquele chão a vida renasce todos os dias, fortalecendo a luta por dias melhores, reacendendo a esperança ancorada nas necessidades humanas básicas.

Seja ao calor da atmosfera tórrida de setembro, seja sob influência das chuvaradas de março, a aura de Rio Grande exibe contornos de ruralidade,

conquanto seja inquestionável que o fenômeno urbanização ganhe maiores proporções e imponha suas lógicas ao lugar. Revela-se na paisagem uma realidade onde o verde dos campos e brejos contrasta com o asfalto cinza-escuro da rua principal, com a estrada de ferro, com casas “coladas” umas nas outras, com os caminhos transformados em ruas que, além de *locus* de moradia, funcionam como vias pavimentadas de circulação, por onde trafegam veículos e pedestres.

No mesmo sentido converge o contraste entre o que restou da reserva florestal do assentamento e as áreas desmatadas para diversos fins na comunidade. Em relação a essa área significativa do lugar, não se pode ignorar, assim como sua importância ambiental, a existência de conflitos em torno da manutenção de sua integridade.

Acerca da questão, uma das lideranças comunitárias relata a dificuldade de proteção da reserva, cuja área de doze hectares vem sendo constantemente devastada. Outra liderança comenta que ultimamente até os “pés” de bacuri, declarados imunes ao corte por lei, estão sendo derrubados, situação que lhe causa sobretudo tristeza, preocupação e raiva, principalmente pelo fato de pessoas da própria comunidade praticarem atos lesivos à reserva.

Um dos motivos pelos quais a reserva é significativa para a comunidade reside no fato dela conter a nascente do rio Grande. Com pesar, uns olhos exprimem a angústia, a dor por testemunhar a destruição do pouco que remanesceu em termos de mata nativa do território de Rio Grande. Paira no ar, assim como nos semblantes, a certeza de que o ambiente – fundamento das existências – desvanece.

Pertencente ao domínio das vivências humanas em torno da dimensão sagrada, a igreja de Santo Antonio foi mencionada como elemento extremamente significativo na dinâmica do lugar. Por meio da expressão “na igreja estamos unidos pela fé”, ganha ênfase a religiosidade, fenômeno ao qual se atribui o sentido de integração que anima a comunidade. Esse sentido ganha forma nas palavras de Seu José Eduardo: “Rio Grande é um lugar bom para viver, principalmente por causa da natureza e da convivência com a comunidade. Aqui é família” (OLIVEIRA JEF, 2018).

Às experiências emergentes da espiritualidade católica em Rio Grande se soma a imponência dos templos evangélicos na comunidade, símbolos da fé cristã evangélica espraiada em cada rincão da realidade geográfica em tela. Marcas da doutrina protestante não se restringem às paisagens de Rio Grande: são notáveis nas vestimentas, assim como nos discursos. Mais de uma vez ouvi pessoas da comunidade comentando que a natureza do lugar precisa ser protegida porque o pastor já falou, em alguns cultos, que ela fora criada por Deus.

Gostar de viver no lugar constitui unanimidade entre as pessoas entrevistas em Rio Grande, sendo a qualidade ambiental indicada como principal motivo pelo qual se qualifica como aprazível a existência acolá. Naquele contexto, o significado de qualidade ambiental está vinculado à existência de áreas verdes propícias ao que aquelas pessoas se referem enquanto ar puro, associado sobretudo à reserva florestal do assentamento. Reportar-se a Rio Grande como lugar bom para viver significa, nestes termos, valorizar o que pode ser chamado de patrimônio ambiental, a exemplo de rios, riachos, nascentes, brejos, animais, florestas de terra firme e seus frutos.

Bem-estar em Rio Grande também é sentido no silêncio, na tranquilidade que ele suscita, no contraste em relação às áreas situadas nos agitadíssimos centros urbanos, onde fluxos cada dia mais acelerados e barulhentos conformam a essência do cotidiano.

No sentido de lugar enquanto raiz encontra-se corporificado o gosto por viver em Rio Grande, fundamento da vida. Eis as bases representativas dos elos intrincados entre aquelas gentes e o *locus* de seu habitar. Lá, onde estão fincadas marcas indeléveis do nascimento e do crescimento do ser, possui significados indissociáveis da existência, permanências do tempo ancoradas na memória e no coração, portanto nos sentimentos, nas emoções, nos valores, nas atitudes. O sentido de enraizamento, assim como o de topofilia, está presente no discurso do Sr. José de Ribamar:

> Sinto amor por esse lugar. Tenho vontade de permanecer aqui, onde vive minha família, minhas raízes. Aqui não é caro pra viver, ainda encontramos coisas baratas. Família carente pode comer (CARMO, 2018).

Além do que já fora exposto enquanto motivação para o gostar de viver no lugar, cabe observar a menção a dois aspectos econômicos: baixo custo de vida e possibilidade de criação de animais. Ambos estão ligados ao modo de vida rural inerente às famílias assentadas. Ali elas plantam alimentos destinados, em geral, ao consumo próprio e à comercialização de pequena escala, o que reduz os custos com alimentação. Sob a mesma perspectiva se destaca a criação de animais de pequeno porte, como galinhas, patos, porcos e peixes.

Uma das situações mais problemáticas de Rio Grande diz respeito às mudanças ambientais e às ameaças que elas representam à existência das pessoas que habitam ali. No rol das alterações mais citadas consta o desaparecimento de animais como cutia (*Dasyprocta),* nambu de pé encarnado (*Crypturellus parvirostris*), nambu de pé de roxo (*Crypturellus tataupa*), raposa (*Vulpes vulpes),* siricora (*Aramides saracura*) gato do mato *(Leopardus tigrinus*), jacaré (*Alligatoridae)* e tatu *(Dasypodidae*).

Quando o assunto gira em torno do que é mais significativo em termos de mudanças ambientais, a contaminação e a poluição das águas e dos brejos de Rio Grande chama atenção e constitui motivo de preocupação. Acerca das principais causas de degradação da qualidade das águas do lugar, enfatiza-se um crime ambiental incidente sobre o rio Grande: o lançamento de dejetos *in natura* proveniente do matadouro localizado às margens da rodovia BR-135. A carga lançada no rio é composta tanto por esgotos quanto por restos de carne, vísceras, ossos e excrementos dos animais sacrificados.

Efeitos negativos da contaminação e poluição das águas de Rio Grande são sentidos diuturnamente e exigem providências imediatas. Sintomas do problema se manifestam no ambiente através da morte e contaminação de peixes, do odor desagradável exalado dos rios, do fato de não se poder mais tomar banho naquelas águas, tampouco lavar roupas, louças, pescar ou comer alimentos que estiveram em contato direto com os solos encharcados dos brejos contaminados. Também se atribui aos esgotos do residencial Morada do Sol a contaminação do rio Grande, principal corpo hídrico do lugar.

Outro fenômeno marcante das mudanças ambientais em Rio Grande se relaciona ao desmatamento ilegal, que geralmente ocLorre em função da comercialização de madeira e da construção civil. Esse tipo de problema vem atingindo sobretudo a reserva florestal do assentamento, os brejos e as matas de terra firme, sendo apontado como causa do aumento da temperatura do ar e do consequente desconforto térmico (calor) atribuído à redução da quantidade de árvores no lugar.

Ao atentar para as implicações do desmatamento, recorrentes em narrativas acerca do lugar, me deparei com outro problema gravíssimo: o assoreamento de rios e brejos, constante do depoimento de Dona Antonia:

> A gente não sentia muito a poluição, mas agora sentimos por causa do desmatamento e da erosão que ela causa, principalmente no rio, que praticamente acabou. Nosso rio era a coisa mais linda, não secava nunca. Agora só tem água no inverno (NASCIMENTO, 2018).

Com os rios “entupidos” e os brejos “sufocados”, como alguns habitantes fazem questão de expressar, entes como buritizeiros, juçareiras e demais representantes dos brejos de Rio Grande tendem a desaparecer, tendo em vista que as condições ambientais das quais dependem seus ciclos de vida já não poderão suportar – em função das alterações a que foram submetidas – a existência desses e de outros seres que compõem a totalidade da vida nos referidos sistemas ambientais.

Quem vive em Rio Grande desde a década de 1970, por exemplo, percebe as mudanças no rio que inspirou o nome do lugar. Naquela época o rio Grande tinha água o ano todo, era um rio caudaloso. Há alguns anos a realidade tem sido outra, conforme relatado: o rio seca no período de estiagem.

Soma-se ao assoreamento a problemática da erosão, fenômeno geomorfológico intensificado em função do desmatamento. Desequilíbrios ambientais associados ao acúmulo exagerado de sedimentos dentro do rio e nos brejos, bem como à desagregação das margens e movimentação das partículas minerais permeiam o imaginário popular como sintomas de um ambiente em processo de adoecimento, o qual sucumbirá caso não sejam

tomadas providências urgentes voltadas ao cuidado com o que resistiu à degradação ambiental.

Coexiste com o assoreamento e a erosão, a extração de areia da calha do rio Grande, destinada à construção civil. Trata-se de prática apontada como causa de degradação da qualidade ambiental do rio, bem como fator de alteração de suas características naturais. Refletir sobre cada uma dessas problemáticas vivenciadas no lugar suscita questionamentos acerca da atuação do poder público ali, pois é no mínimo perturbadora a ocorrência contínua de danos ambientais capazes de afetar, de forma irreversível, a qualidade ambiental de Maracanã e, consequentemente, da Ilha do Maranhão.

Conversar com quem vive lá, ouvir com atenção o que aquelas pessoas falam sobre os problemas ambientais locais, foi importante para concluir o seguinte: praticamente inexistem ações do poder público no que concerne à gestão ambiental na comunidade Rio Grande, algo inadmissível, haja vista o fato do lugar estar situado no território da APA de Maracanã. Essa constatação faz lembrar que nunca houve participação de representantes de Rio Grande no CONAM.

Mudanças ambientais também são sentidas no âmbito dos “olhos d’água” (nascentes) aflorantes em Rio Grande. Além da exposição aos efeitos do assoreamento, tais entes estão em situação de vulnerabilidade em relação aos esgotos *in natura* lançados diretamente sobre seus corpos. Pessoas que vivem próximo às nascentes do rio Grande relatam, envoltas em sentimentos como tristeza e revolta, que os esgotos do residencial Morada do Sol estão matando o rio desde sua cabeceira.

No mesmo sentido devastador, fluem correntezas da ganância em Rio Grande no que tange ao uso extenuante de buritizeiros, trama implícita nas entrelinhas do artesanato. Relata-se que às vezes o “olhinho” (broto central da palmeira) é retirado para utilização na produção, atitude resultante na morte das árvores exploradas. É importante esclarecer que a continuidade de práticas dessa natureza, além de causar danos ao equilíbrio ambiental dos brejos, certamente provocará impactos significativos na cadeia produtiva do buriti,

afetando não só o artesanato, mas todas as atividades humanas relacionadas à palmeira naquele lugar.

Diante de práticas como a supracitada, no afã por atitudes propícias à manutenção da vida, o pensamento é conduzido a possibilidades favoráveis às pessoas e aos ambientes aos quais suas vidas são atreladas. Nessa perspectiva, vem à lembrança a pesquisa realizada por Mendonça (2006), onde a “borra” de buriti – material grosseiro de onde se extrai a fibra –, subproduto do artesanato, serve de matéria prima para a confecção de biotêxteis artesanais utilizadas em processos de recuperação de áreas degradadas por erosão.

Como as alterações no ambiente de Rio Grande não afetariam as existências de suas gentes? Diálogos em torno dos modos como essas mudanças atingem o cotidiano – portanto a vida de quem vive no lugar – evidenciam angústias, sofrimentos, saudade do tempo em que o verde dominava as paisagens, em que as águas límpidas acalentavam sonhos, sustentavam vidas. Em uníssono, soam vozes que clamam por atenção às transformações ambientais negativas, haja vista a capacidade que elas têm de prejudicar o curso das vidas.

Lamentos emergem da privação do uso de recursos naturais. Já não se pode tomar banho nas águas onde outrora o povo se refrescava, lavando o corpo, renovando o espírito. Nos rios e riachos, nem sinal das lavadeiras, nem dos jiraus repletos de louças. Tampouco de gente a pescar! Até as frutas dos brejos, antes tão abundantes, começaram a desaparecer.

As mudanças também são sentidas no âmbito da redução da disponibilidade hídrica na comunidade: os poços estão secando e a água dos rios está imprópria para uso, tendo em vista a presença de contaminantes provenientes do matadouro e dos esgotos *in natura* lançados diariamente nos leitos fluviais.

Vai muito além da disponibilidade hídrica a problemática incidente sobre as águas superficiais e subterrâneas de Rio Grande, assim como de todo o território da APA de Maracanã. Nessa seara se incluem os riscos à saúde pública, representados, por exemplo, pela exposição das pessoas a doenças

de veiculação hídrica. Enfermidades dessa natureza podem resultar do contato das pessoas com a água contaminada. Sentimentos como medo perpassam a situação, visto que as geograficidades em torno da água constituem pilares da vida humana.

Tristeza, sentimento manifesto nos reportes à situação dos rios e matas do lugar. Envoltos em atmosfera densa por causa dos efeitos da devastação ambiental, sobressaem os seguintes comentários: “Sentimos tristeza por ver a natureza se acabando” (NASCIMENTO, 2018). Permanecem na memória fragmentos do tempo em que animais silvestres eram avistados com frequência nas matas de Rio Grande. Poucos resistiram às pressões do desmatamento, da caça, da contaminação de suas fontes de água. Algumas pessoas destacam que muitos desses animais faziam parte da cultura alimentar da comunidade, como pacas, tatus, jacarés e cutias.

Alterações microclimáticas integram o universo dos aspectos mais perceptíveis da degradação da qualidade ambiental no lugar. Sobre esse assunto, ouvi relatos a respeito do aumento do calor e da sensação de ar seco cada vez mais comum na realidade riograndense. O desconforto térmico carrega consigo a saudade do tempo em que viver ali era muito salutar do ponto de vista ambiental, marcado por um contexto de amenidades como boa ventilação natural, umidade do ar agradável e paisagem aprazível aos olhos, à mente, ao espírito e ao coração.

No contexto das manifestações da cultura popular, há certo desapontamento na fala das pessoas. Elas lembram que no passado o movimento era efervescente, pois havia o Bumba-meu-Boi de Dozinha, o Bumba-meu-Boi de Rio Grande, a Dança Portuguesa Juventude, quadrilhas, tambor de crioula, entre outras expressões típicas da temporada junina na comunidade, que costumava comemorar o São João nos arraiais espalhados pelo lugar.

Enquanto elementos da religiosidade, portanto esteios das sacralidades em Rio Grande, festejos como os de Santo Antonio, Senhora Santana, São Benedito e Divino Espírito Santo fortalecem os sentidos de fé e alegria naquele lugar. Além dos ritos e festas vinculadas à igreja católica, as pessoas enfatizam

os eventos atrelados à religião evangélica no conjunto de manifestações da cultura daquela realidade geográfica.

Historicamente, as raízes de Rio Grande – como a própria toponímia indica – estão entrelaçadas ao patrimônio ambiental do lugar. Mesmo quem mora ali há pouco tempo, reconhece a relevância de elementos como o rio Grande, os brejos, os buritizais, os juçarais, as matas de terra firme e demais entes essenciais à qualidade ambiental.

Existe riqueza ambiental significativa em Rio Grande, algo patente inclusive quando se atenta para o fato disto constar das entrelinhas do decreto de criação da APA de Maracanã. Paradoxalmente, a totalidade do que compõe o contexto ambiental do lugar está exposta a situações cujas implicações podem engendrar danos irreversíveis ao ambiente e, consequentemente, sérias ameaças à existência dos seres que nele habitam.

Pode ser qualificada como muito preocupante a constatação de que os elementos naturais de Rio Grande não estão protegidos da forma como deveriam, o que vai de encontro à legislação ambiental, tendo em vista que o lugar integra o território da APA de Maracanã. Cerca de cinquenta por cento das pessoas entrevistadas afirmaram que eles estão desprotegidos. As outras pessoas disseram que tais elementos estão parcialmente protegidos, considerando o cuidado que alguns moradores e algumas instituições da comunidade têm em relação a eles, especialmente aos que constituem a reserva do assentamento (12 ha de área verde).

Diálogos acerca de quais áreas deveriam ser protegidas em Rio Grande revelaram que os brejos e a reserva do assentamento figuram como prioritárias, ressaltando-se a necessidade de atenção aos rios, à área florestada da nascente do rio Grande, às margens dos rios, aos buritizais e aos juçarais. Como justificativa às ações voltadas à proteção ambiental, sobressai o fato das áreas citadas serem fontes de saúde, alimentação e renda. Algumas pessoas afirmam que o motivo pelo qual essas áreas devem ser protegidas consiste na necessidade de resguardar o que resta e proteger os animais silvestres.

Para as pessoas que vivem no assentamento, a área da reserva florestal é importante para a saúde porque lá existe babaçu, juçara e buriti, fontes de alimentação e renda. Além disso, a reserva é considerada um ser vivo. As falas de Dona Antonia e Dona Rosa, respectivamente, sintetizam o sentido de cuidado em relação à dimensão ambiental de Rio Grande:

> É muito importante a gente cuidar da natureza porque daqui há um tempo pode faltar água por causa da falta de cuidado. As pessoas hoje vivem agredindo a natureza, não veem que ela também é vida, não veem que se ela morre, nós morremos também (NASCIMENTO, 2018).

> Nós, da associação, protegemos a reserva brigando com quem tá cortando, desmatando. Entendemos que as árvores são muito importantes pros animais e pra nós, até pra fazer remédio. O preá se alimenta e outros animais também. As cutias comem a fava do caroço de manga (PEREIRA, 2018).

Merece atenção a seguinte situação: 45% das pessoas entrevistadas em Rio Grande desconhece que o lugar onde vivem integra uma APA. Dentre as que afirmaram viver nesse tipo de território protegido, 80% acreditam que a reserva ambiental do assentamento seria a própria APA.

A maior parte daquelas pessoas (quase 70%) desconhece a existência da APA de Maracanã. As que afirmaram saber algo sobre a APA acreditam que ela se localiza nas proximidades do Parque da Juçara, onde existem trilhas ecológicas. Essas pessoas também declararam tratar-se de um lugar maravilhoso, onde ocorre a Festa da Juçara, o “Boi de Humberto”, a Festa de Reis e o Tambor de Crioula.

No mesmo sentido situam-se os parcos conhecimentos sobre o conselho consultivo da APA, o CONAM. Apenas uma pessoa afirmou já ter participado de atividade promovida por essa entidade pública vinculada à gestão participativa da APA.

Foi quase unânime a afirmação de que o poder público não realiza ações voltadas à conservação ambiental em Rio Grande. A única narrativa em contrário revela dúvidas relacionadas à questão, ou seja, a pessoa acredita na existência dessas ações, mas não consegue mencionar sequer um exemplo da intervenção pública em prol da conservação ambiental local.

Diante de uma problemática tão séria em Rio Grande, apontada como negligência do poder público, sobretudo pelo fato do lugar integrar o contexto de uma APA, considera-se urgente a tomada de providências direcionadas à efetivação da gestão da APA como um todo, onde todas as comunidades situadas no território “protegido” sejam diretamente envolvidas no processo.

5.3 Desbravando sentidos de lugar e geograficidades nas entrelinhas da gestão participativa da APA

Adentrar o mundo da gestão participativa da APA de Maracanã em busca de sentidos de lugar e geograficidades requer olhares atentos, pois nas minúcias se escondem sutilezas por meio das quais é possível, embora complexo, enxergar horizontes na perspectiva da ampliação de possibilidades direcionadas ao alcance dos objetivos da UC em tela.

Com os pés no chão do lugar, caminhando junto às comunidades na luta pela qualidade ambiental do território juridicamente protegido, me permiti ser guiada por trilhas que conduzem às entrelinhas da gestão ambiental participativa, representada pelo CONAM. Ao longo do tempo de investigação, acompanhar reuniões presenciais dessa instância, bem como suas articulações via redes sociais, foi fundamental para a percepção do potencial de sentidos de lugar e de geograficidades em relação ao cerne propositivo da pesquisa.

É possível imaginar que gestão ambiental participativa ancorada em aspectos humanistas de geografias vividas tende a lograr êxito em processos que vão do planejamento à execução das ações. Ao considerar e valorizar sentimentos, emoções, percepções, atitudes e significados dos lugares em políticas públicas de conservação ambiental, por exemplo, equipes gestoras adquirem visões muito mais claras sobre as realidades sobre as quais suas decisões incidirão.

O que os lugares implicados em políticas públicas de conservação da natureza significam para as pessoas que neles vivem? Respostas ao questionamento em tela exigem esforços que transcendem procedimentos tecnocráticos. Apreender sentidos de lugar e geograficidades requer, além de

tempo, sensibilidade, paciência e persistência, o desejo de que territórios juridicamente protegidos sejam, de fato, protegidos. Também é importante conviver, sentir o que movimenta o cotidiano no qual as existências estão emaranhadas.

Aos poucos vão surgindo pistas extremamente valiosas à difícil tarefa de gerir territórios juridicamente protegidos. No contexto da gestão participativa da APA de Maracanã, representada pelo CONAM, sentidos de lugar e geograficidades se expressam sobretudo nos posicionamentos de representante das comunidades naquela instância.

Refletindo sobre a atuação do CONAM, lembrei de um episódio ocorrido numa das inúmeras idas e vindas que me entrelaçam a Maracanã: "– APA do Maracanã? Não, não sei o que é, mas já ouvi falar! O que é?" Essa foi a resposta de Dona Andrelina Paiva, mais conhecida como Dona Neném, a uma questão persistente ao longo do caminhar na APA em busca de sentidos de lugar e geograficidades. Passado o espanto inicial, no semblante de Dona Neném passou a reinar a expressão de curiosidade, da avidez por conhecer esse "negócio" chamado APA.

Na "pausa" para o cafezinho fresco, atendendo ao convite irrecusável da pequena-grande mulher (pequena em estatura, grande em experiência, simpatia e acolhimento), a oportunidade de prosear sobre "essa coisa de APA". "Que bicho é esse?", perguntou Dona Neném em tom animado. Das conversas descontraídas, sobressai a emergência pujante de reflexões acerca de nuances essenciais da gestão participativa de territórios protegidos. Inúmeras contradições, diversas incertezas, infinitas interrogações. Mais dúvidas que convicções pairam no ar, inundam pensamentos, povoam espíritos e corações!

Qual o lugar dos sentimentos, dos significados, das relações intrínsecas com os lugares da APA de Maracanã na gestão ambiental dessa UC? Sentidos de lugar e geograficidades cabem nos moldes, nos fluxogramas, nas estratégias direcionadas ao alcance dos objetivos sob os quais estão alicerçados os fundamentos da APA?

Não podemos negar os esforços empreendidos pela equipe gestora na busca pelo cumprimento de protocolos atinentes à gestão participativa no

interstício 2017-2019, sobretudo no que se relacionou ao funcionamento do CONAM. Ao mesmo tempo, cumpre salientar o sobrepeso da dimensão tecnicista nas discussões e deliberações sobre a APA, o que pode ser percebido a partir da leitura das atas das reuniões do conselho.

Conhecimentos técnicos, bem como procedimentos deles decorrentes, são importantes para a gestão pública de UCs, entretanto a hipervalorização desses aspectos tende a gerar desequilíbrios, haja vista as limitações decorrentes da desconsideração ou da desatenção à dimensão humanista implicada nas entranhas dos lugares-focos das políticas públicas de conservação da natureza.

Das palavras da conselheira Raimunda Ferraz – moradora da comunidade Alegria – eclodem sentimentos como indignação e tristeza, ao mesmo tempo em que se expressa o sentido de indissociabilidade entre o ser-humano e o ser-lugar: “os impactos ambientais nos envolvem cotidianamente!”. No âmbito da atuação enquanto membro do CONAM, a conselheira demonstra seu descontentamento perante a morosidade das soluções para os problemas da APA, como fica claro no posicionamento em que se refere ao fato do conselho existir desde 2014 e a situação dos rios e brejos não ter mudando no que concerne ao lançamento de esgotos *in natura*.

> Nós, que somos moradores, que tivemos nossa origem nesse paraíso ecológico, ficamos tristes em ver que nossas reivindicações seguem a passos lentos. Isso às vezes nos traz um sentimento de impotência e nos causa certa indignação (FERRAZ NETA, 2017).

Raízes da reclamação de Raimunda Ferraz podem ser vistas nas atas das reuniões do ano 2017, onde se encontra registrada a existência de um relatório contendo resultados de análises de águas dos rios onde os esgotos do residencial Amendoeiras são lançados. Foi constada a contaminação hídrica oriunda daqueles efluentes, entretanto as providências para cessar o crime ambiental e reparar os danos haviam estagnado na fase de autuação das instituições responsáveis pelo problema: CANOPUS Construções Ltda. e CAEMA.

Em algumas ocasiões ficam evidentes sentimentos que se misturam ao descrédito na atuação efetiva do órgão gestor da APA. Algo assim pode ser apreendido na fala do conselheiro Marcelino Farias Filho – docente vinculado ao Departamento de Geografia da UFMA – acerca das ações de fiscalização realizadas pela SEMA:

> Fiscalizar para quê? A punição para as empresas de construção civil é algo utópico aqui no nosso município. O rio Ambude morreu diante dos nossos olhos e apelos. Uma morte vista de perto pela SEMA e sem nenhuma ação efetiva (FARIAS FILHO, 2017).

Dos poros da participação popular em instâncias onde estão implicadas decisões potencialmente capazes de afetar a dinâmica de lugares como os que integram a APA de Maracanã, evaporam sentimentos impregnados de sentido de lugar enquanto essência humana. Sob essa perspectiva ecoa o relato da conselheira Odelina Ferraz:

> Indignação, revolta, tristeza. São esses sentimentos que invadem meu ser diante do cenário que acabei de presenciar: esgoto descendo *in natura* nos córregos e braços do rio Ambude. Me pergunto: – Será que desperdicei meu tempo em vão? Será que vale a pena continuar? (FERRAZ, 2017).

A força dos sentimentos – encarnada nos apelos e nas reclamações direcionadas ao órgão gestor da APA – geralmente é enfraquecida pelas trevas da indiferença, ainda que raras vezes reverberem sob um feixe de luz efêmera, a exemplo do que se observa na fala de uma das integrantes da equipe do órgão gestor da UC: “Foi feita a fiscalização e autuação, atendendo às solicitações do Conselho, mas infelizmente o processo legal é lento. Não somos indiferentes ao sentimento de vocês e ao que está acontecendo” (SILVA, 2017).

No início do ano 2018, mais águas agitadas nos rios da indignação! Estamos diante de correntezas matizadas por tons de denúncia, haja vista a continuidade e intensificação de problemas ambientais associados ao definhamento de parte significativa do corpo e da identidade de Maracanã. Eis o que se apresenta na fala da conselheira Flávia:

> Olha como tá ficando o juçaral! Todo assoreado! É o resultado daqueles conjuntos. Tá acabando com as juçareiras, que tão morrendo por falta de oxigênio nas raízes delas. Tô revoltada porque nós, moradores, vêm lutando por nada. Tá sendo tudo em vão. Aqui é o começo das nascentes. Até o final do inverno vai tá a metade dos brejo aterrado por areias (SÁ, 2018b).

Na gestão das UCs de uso sustentável muitos caminhos podem levar à operacionalização dos procedimentos recomendados ao alcance dos objetivos para os quais elas foram criadas, no entanto gestão efetiva exige que se vá além do que se pode ver e do que se pode tocar! É necessário adentrar a seara das subjetividades, das sutilezas, do coração. Não basta ter olhos para ver, é preciso enxergar! Não basta ouvir. Urge a escuta do outro, do lugar!

No tempo da escuta se revela, sem sutilezas e sem meias palavras, que tocar na superfície dos problemas ambientais que afligem lugares da APA já não basta. É necessário sentir profundamente para agir em prol de transformações! Talvez abraçar seja o verbo! Envolver, permitir-se sentir o ente em sua inteireza, não por partes mutiladas, apartadas do corpo, que ao mesmo tempo é consciência, é sentimento. Nesse sentido, ao se referir à atuação pela qualidade ambiental de Maracanã, a conselheira Odelina expressa emoções encarnadas nas lutas:

> Nossa luta não começou agora. Infelizmente a justiça nesse país é lenta, mas mesmo assim seguimos com a luta. Não se trata de encher o ego ou personalizar a luta, mas sim de ter uma identidade cultural e amor a esse pedacinho de chão que queremos preservar. É algo tão intrínseco que nem todos serão capazes de entender, sentir e viver verdadeiramente esse sentimento de respeito ao outro e à natureza! (FERRAZ, 2018).

Espectros de topofilia são refletidos sob diversas formas em cada elo de geograficidades maracanaenses. Fluindo como sangue nas aveias e pulsando como as batidas do coração, se encontra o sentimento profundo de amor pelo lugar, força propulsora que movimenta as lutas pela conservação ambiental do que para muitas pessoas significa lar.

Com os pés fincados naquele chão, entrelaçados ao solo como raízes, a conselheira Flávia manifesta, por meio da satisfação em participar do processo

de elaboração do plano de manejo da APA, sentimentos que lhe revelam enquanto ser indissociável do lugar onde vive.

> Foi maravilhoso! O tempo foi pouco, mas conseguimos realizar nossa oficina sobre o plano de manejo da APA do Maracanã. Para mim e para os demais envolvidos foi muita emoção da luta. Quando estávamos conversando em frente ao portão do colégio, Janaína fez uma observação, me falou que é muito amor pelo Maracanã, e é mesmo! Eu não poderia faltar nesse momento de grande importância e luta pelo tão esperado plano de manejo. Mesmo operada, fui dar minha colaboração como conselheira e moradora da APA (SÁ, 2019).

Por mais que o sentido de topofilia se destaque na realidade geográfica da APA de Maracanã, não se pode ignorar a indignação que adensa o ar e que muitas vezes domina tanto semblantes quanto narrativas, como se pode notar no posicionamento da conselheira Aureane França, representante do residencial Amendoeiras:

> Sabemos que estamos dando murro em ponta de faca e não vamos passar disso, porque a parte maior está na SEMA e não conosco! Então, vamos nadar, nadar e morrer na praia como tudo que foi feito durante esses dois anos passados (2018 e 2019) e nada temos de concreto realizado, a não ser nossa indignação com esse descaso todo (FRANÇA, 2020).

O espírito de luta – muito expressivo naquelas mulheres de Maracanã, diga-se de passagem – remete à força, à coragem, ao desejo, à esperança de quem ousa defender a qualidade ambiental do lugar onde vive. Ousadia conjugada no enfrentamento dos desmandos do capital financeiro, na bravura de se colocar contra a ingerência que leva ao descaso do poder público frente ao caos ambiental, no desejo de barrar os crimes ambientais que dilaceram seus lugares, enfim, na expectativa por dias em que sustentabilidade ambiental transporá as barreiras da utopia.

O espírito de luta das representantes das comunidades de Maracanã é reconhecido pela conselheira Naiara Valle, moradora da zona urbana de São Luís: “Vocês são o verdadeiro espírito de luta pelo nosso Maracanã” (VALLE, 2019a). Elas são incansáveis, aguerridas na batalha diária em defesa da integridade dos lugares onde realizam suas existências. Isso é percebido tanto

em seus posicionamentos quanto em seus semblantes, o que inspira e motiva outras pessoas a se engajarem nos movimentos de luta pela conservação ambiental.

Nas atas do CONAM (interstício 2017 - 2019) predominam formalidades, expressões do tecnicismo típico de processos atinentes à gestão ambiental tradicional. Nelas, o registro de muitas decisões, denúncias, reivindicações, protestos, tudo no formato da escrita obediente aos padrões de objetividade ditados pelo cientificismo tradicional e pela administração pública engessada por uma série de entraves.

Naquelas atas as falas das pessoas não aparecem, foram suprimidas em nome da objetividade. A leitura deixa a impressão de que não há espaço para sentimentos, para significados de lugar de quem vive ali. Não caberia ou não faria sentido incluir nos documentos oficiais da APA elementos inerentes a sentidos de lugar e geograficidades?

Como encarnações dos lugares que representam junto ao CONAM, membros do conselho fazem questão de explicitar oralmente sua indignação frente aos fatos que têm afligido o espírito de Maracanã. Nas reuniões formais esse aspecto aparece com certa intensidade, o que facilita perceber com maior nitidez a dimensão dos problemas para os quais as atenções estão voltadas. Em razão da objetividade da gestão, se perde muito do conteúdo humanista do que fora tratado durante as reuniões, o que pode ser interpretado como fragilidade na gestão participativa de territórios protegidos.

Das relações de intimidade com o lugar brotam percepções da indissociável articulação deste com a existência humana. Nesse sentido, vem à lembrança um dos encontros que tive com uma das maiores entusiastas do CONAM – a conselheira Odelina Ferraz, carinhosamente conhecida como Deca, oportunidade em que conversávamos sobre o âmago da pesquisa em tela. Sempre muito interessada pelos assuntos que dizem respeito à APA, Deca concluiu que “só a luta atrelada a essa essência humanista fortalecerá a participação da sociedade civil no CONAM. Isso é importante na busca pela preservação e defesa da nossa própria existência” (FERRAZ, 2019).

Silvinha, irmã de Deca, lembra que na primeira gestão do CONAM se falou muito sobre sentimentos e valores associados aos lugares da APA. Ela ressalta que esses aspectos são extremamente relevantes, tendo em vista que quem vive nas comunidades está apto a falar sobre o que existe de mais significativo no lugar. A conselheira destaca que a dimensão humanista foi valorizada, por exemplo, nas oficinas de elaboração participativa do plano de manejo.

Diálogos com outros membros do CONAM confluem na mesma direção do que fora manifestado pela conselheira Deca e por sua irmã, a conselheira Silvinha. Assim se posiciona a conselheira Naiara Valle, que não vive na APA: “Em diversos momentos foi possível ouvir a comunidade expondo suas inquietações sobre sua identidade ligada às riquezas naturais e culturais da APA”. (VALLE, 2019b).

Considerar aspectos humanistas é visto como ponto positivo pela conselheira Naiara Valle devido à oportunidade que eles representam no que concerne ao processo de aproximação entre a gestão e as comunidades que vivem na UC. Considerações similares são tecidas pela conselheira Irecer Santos, professora vinculada ao Departamento de Geociências da UFMA:

> É de suma importância atentar para as essências humanistas geográficas, porém as políticas públicas não se apresentam como conhecedoras dessa necessidade. Mostram-se muito mais como aquelas que querem ouvir para saber como atuar na construção de políticas de favorecimento partidário do que colaboradoras efetivas junto às comunidades e suas ações e valores dos lugares (SANTOS IPF, 2019).

Face ao que se apresentou no contexto das entrelinhas da gestão da APA, pulsa a sensação de que o que se defende enquanto aspectos relevantes à gestão de territórios protegidos – sentidos de lugar e geograficidades – pode ser vislumbrado sob a óptica de oportunidades na difícil tarefa de transformar em realidade o que infelizmente tem sido pejorativamente denominado “APA de papel”. Após percorrer caminhos à procura de sentidos de lugar e geograficidades nas entrelinhas do CONAM, trilho em direções reveladas como clareiras onde se pode parar para refletir e arejar as ideias para continuar trilhando.

6 FORTALECENDO A TRILHA, PLANTANDO SEMENTES: potencialidades da Cartografia Humanista Cultural na gestão da APA de Maracanã

Aventurar-me por trilhas de Maracanã em busca de sentidos de lugar e geograficidades certamente não foi tarefa simples, mas posso afirmar, com convicção, que constituiu uma das experiências mais significativas da minha trajetória acadêmica. Com os pés naquele chão, caminhando junto às comunidades e atenta a nuances de geografias do mundo vivido na interface com a gestão da APA, antevi como poderia ser profícuo articular conhecimentos de Geografia Humanista Cultural a processos atinentes à efetivação de políticas públicas de conservação da natureza.

Assim surgiu a ideia de plantar a semente da Cartografia Humanista Cultural, ramo das cartografias não convencionais, dentre as quais as estudadas e preconizadas pelo geógrafo Jörn Seemann. No universo fértil das representações cartográficas de geografias vividas se incluem cartografias do cotidiano, cartografias poéticas, cartografias sociais, cartografias vivenciais, cartografias culturais, enfim, vasto campo de possibilidades abertas a quem deseja e se dispõe a encontrar outros rumos para estudos geográficos focados em humanidades.

Pelo viés da Geografia Cultural, Cosgrove (1999) nos leva a refletir sobre a importância do mapeamento de significados no âmbito de pesquisas cujos focos incidem sobre lugares. Direcionamentos semelhantes são apreendidos em Seemann (2007), tendo em vista os argumentos do autor em defesa de cartografias sentimentais, experiências de lugar e biografias espaciais. Partindo dos meandros percorridos em Rolnik (2016), é possível perceber que cartografias sentimentais possuem conexões intrínsecas com sentidos políticos de lugar e com a ecosofia proposta por Guattari (1990), articulação ético-política entre os três registros ecológicos: o ambiental, o social e o da subjetividade humana.

Imaginar potencialidades de cartografias não convencionais na gestão de territórios protegidos como a APA de Maracanã, partindo de sentidos de lugar e geograficidades, conduz o pensamento ao que Wood (1978) interpreta como cartografia da realidade, pautada em formas alternativas ou subversivas

de mapear. No texto, o geógrafo norte-americano aponta para a importância de cartografias enraizadas nas experiências cotidianas.

Aportes como os de Wood (1978) ou de Seemann (2014), entusiastas de cartografias não cartesianas, podem ser fortes aliados na luta por políticas públicas de qualidade, especialmente pelas que se relacionam à gestão de territórios protegidos, conjuntura em que o uso de mapas é habitual e, sem dúvida, imprescindível.

Nessas circunstâncias, o *Workshop Sentidos de lugar e geograficidades na APA de Maracanã* fora gestado na expectativa de que possibilitasse experiências cartográficas focadas em significados de lugares considerados prioritários à conservação ambiental. Nesse caso, as prioridades foram indicadas por pessoas cujas existências se relacionam diretamente aos lugares por elas destacados.

Enquanto síntese de uma prática orientada à gestão participativa de territórios protegidos, o workshop foi relevante à percepção de que fomentar o envolvimento direto das pessoas em políticas públicas incidentes sobre seus lugares constitui aspecto essencial quando se pretende obter êxito, haja vista possuírem conhecimentos de particularidades do território. Por mais que pesquisadores ou gestores estudem com afinco determinadas realidades geográficas, jamais as conhecerão tão bem quanto as pessoas que vivem ali, visto que os lugares são partes essenciais de seu cotidiano.

Por mais que o workshop tenha consistido em atividade pontual, com tempo limitado para execução, seus resultados permitem observar quão valiosas são atividades dessa natureza quando as preocupações se concentram em torno da efetividade da gestão de territórios protegidos. Mapeamentos de sentidos de lugar aplicados à conservação da natureza podem revelar detalhes extremamente importantes à tomada de decisões voltadas à consecução dos objetivos de determinado território protegido.

Os resultados obtidos por meio do workshop (Quadros 03, 04 e 05; Figuras 03, 04 e 05) mostram faces singulares de lugares e seus respectivos significados, bem como os motivos pelos quais devem ter sua natureza protegida e as principais ameaças à sua qualidade ambiental. Reconheço que

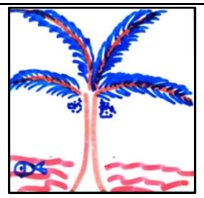
os resultados do workshop apresentam limitações, sobretudo em função do tempo. Ainda assim, insisto no potencial da Cartografia Humanista Cultural em relação à gestão de territórios protegidos. Nesse contexto, ficou evidente a necessidade de efetivação de processos contínuos e permanentes de educação ambiental.

Aos poucos foram emergindo geografias-(r)existências cujas potências evocam sentidos políticos de lugar. Essas geografias não surgem do vazio, mas de articulações emanadas de saberes coletivos nutridos do desejo de lutar pela qualidade ambiental local, logo, pelo pleno exercício do cuidado de si e do outro, que se expressa sob duas formas, a humana e a não humana.

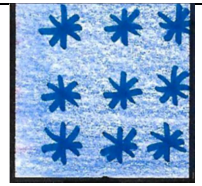
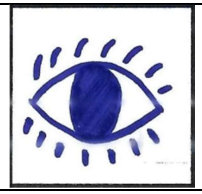
Propor e realizar procedimento metodológico fundamentado em Cartografia Humanista Cultural tornou ainda mais clara a intrínseca relação entre geograficidades e sentido político de lugar, o que pode ser percebido tanto nas matrizes de sentidos de lugar quanto nos mapas humanistas culturais produzidos por lideranças comunitárias.

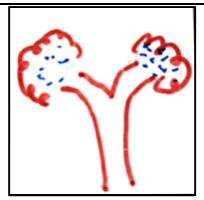
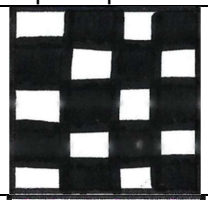
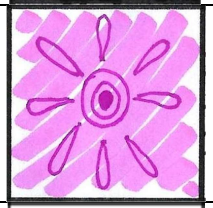
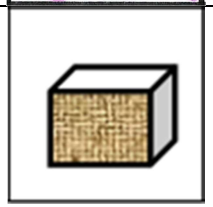
Por meio da metodologia criada e experimentada durante o workshop, foi possível intuir a importância de mapeamentos humanistas culturais concebidos enquanto processos político-pedagógicos. No cerne do workshop também tomou forma parte das ideias de Freire (2003) acerca do Círculo de Cultura, prática social para o exercício da cidadania. Para o autor, no círculo as pessoas vão apreendendo a realidade, humanizando-a, acrescentando-lhe algo que elas mesmas fazem, temporalizando os espaços geográficos e fazendo cultura.

Quadro 03 – Matriz de significados atribuídos aos símbolos no primeiro dia do workshop (11/01/2020)

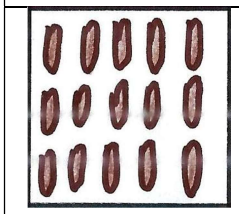
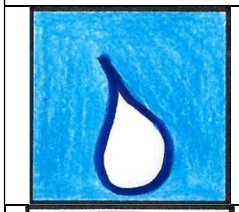
SÍMBOLO	O QUE REPRESENTA	PARTICIPANTE/ COMUNIDADE	BAIRRO ONDE SE LOCALIZA	SENTIDO DE LUGAR	PONTOS DE REFERÊNCIA	MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO	AMEAÇAS À EXISTÊNCIA
 * Criado pela participante	Brejos, juçarais e riachos da Rua Menino Jesus	Raimunda da Silva Ferraz Neta/ Alegria	Alegria	Paraíso ecológico	Acesso pela Rua Menino Jesus.	Significados relacionados às nossas histórias de vida, ao nosso pertencimento ao lugar, à nossa economia (venda de juçara e buriti), à nossa cultura e às nossas tradições. Além disso, integram nossa qualidade de vida e fazem parte de uma APA.	Grandes instalações imobiliárias sem EIA/RIMA ou inadequadas às condicionantes desses documentos técnicos. Falta de manutenção das ETE dos condomínios. Esgotos sem tratamento. Falta de conhecimento da comunidade em relação à APA. Queimadas. Extração excessiva de produtos minerais.
	Rio Ambude/ Alegria	Maria José Lima Ferraz/ Alegria	Alegria	Saudade	Segunda rua depois do Parque da Juçara.	Para que o rio volte a ser saudável.	Explorações imobiliárias. Desmatamento.

Continua Quadro 03

SÍMBOLO	O QUE REPRESENTA	PARTICIPANTE/ COMUNIDADE	BAIRRO ONDE SE LOCALIZA	SENTIDO DE LUGAR	PONTOS DE REFERÊNCIA	MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO	AMEAÇAS À EXISTÊNCIA
	Nascente do rio Ambude	Odelina Lima Ferraz/ Alegria	Alegria	Saudade	Segunda rua à esquerda do Parque da Juçara.	Para que as futuras gerações possam vivenciar o que vivenciamos na nossa infância.	Exploração imobiliária, pressão industrial, falta de compromisso dos órgãos ambientais em relação às leis de proteção da nossa APA.
	Juçaral	Dalcy Maria Baldez Neves/ Alegria	Alegria	Fonte de renda, reservatório de água e área verde	Trecho 1: início da ponte da Alegria até o Km21 da Est. da Vitória. Trecho 2: proximidades do Parque da Juçara.Trecho 3: ao longo da Rua Menino Jesus.	Para que possamos proteger os juçarais e seus frutos, pois estão morrendo devido ao excesso de lama. Por ser uma área verde. Para que possamos respirar ar puro. Para que possamos colher buriti, que está ficando escasso.	Devastação das matas, extinção de juçara e buriti, poluição das águas, morte de juçarais, lançamento de esgotos dos condomínios (*sem tratamento)* nos rios.
	Nascentes e áreas verdes	Conceição de Maria das Chagas Neves/ Alegria	Alegria	Saudade	Final da Rua Menino Jesus e nas proximidades da comunidade Alto Bonito.	Temos que conservar porque a zona rural ainda é um lugar muito bom para se viver. Além	O próprio ser humano e o tempo sem conservação de todos os nossos rios e das

						disso, temos que preservar para as próximas gerações.	nossas áreas verdes.
SÍMBOLO	**O QUE REPRESENTA**	**PARTICIPANTE**	**COMUNIDADE**	**SIGNIFICADO DE LUGAR**	**PONTOS DE REFERÊNCIA**	**MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO**	**AMEAÇAS À EXISTÊNCIA**
 * Criado pela participante	As matas de Maracanã	Flávia Maria do Nascimento de Sá/ Alegria	Alegria	Minhas raízes e ar puro.	Entrada principal do Maracanã.	Para ter oxigênio natural para pássaros e animais.	Devastação das áreas verdes.
	Parque da Juçara	Fábio Marlos Góes de Sá/ Alegria	Alegria	Tradição	Rua principal do Maracanã, depois de atravessar a linha férrea.	Para manter nossa tradição de valor inestimável, a Festa da Juçara.	Descaso do poder público.
	Rio Ambude	Eliete dos Prazeres/ Alegria	Alegria	Vida	Acesso pela Rua Menino Jesus, próximo ao barracão do Reis da Sempre Viva.	Para não faltar água.	A construção dos conjuntos.
	Lugar onde moro	Maria do Espírito Santo da Silva Bernardes/ Alegria	Alegria	Minha vida	Segunda travessa depois do Parque da Juçara.	Necessidade de proteção das futuras gerações.	Construção dos conjuntos. Desmatamento.

Continua Quadro 03

SÍMBOLO	O QUE REPRESENTA	PARTICIPANTE/ COMUNIDADE	BAIRRO ONDE SE LOCALIZA	SENTIDO DE LUGAR	PONTOS DE REFERÊNCIA	MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO	AMEAÇAS À EXISTÊNCIA
	Juçaral (brejo)	Zeneide Algarves Gonçalves/ Alegria	Alegria	Meio de sobrevivência	Atrás da minha casa (meu quintal)	Porque o brejo está sendo destruído e as juçareiras estão caindo.	Falta de proteção do próprio ser humano. Construção dos conjuntos do MCMV.
	Parque da Juçara e rio Ambude	Justino Rodrigues de Sousa/ Alegria	Alegria	Fonte de vida	Rua Principal do Maracanã e Rua Menino Jesus.	São muito importantes para a comunidade.	Poluição.
	As matas, os ariris, as murtas e os juçarais	Rosa de Fátima Bernardes Rodrigues/ Alegria	Alegria	Tudo para mim e para minha família	Primeira entrada à esquerda depois do Parque da Juçara, em frente ao antigo rio de Colega.	Importância para a comunidade.	Desmatamento e poluição.

Fonte: Elaborado pela autora

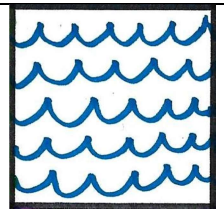
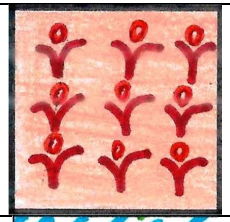
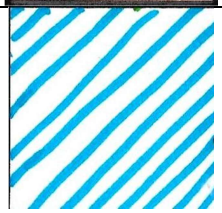
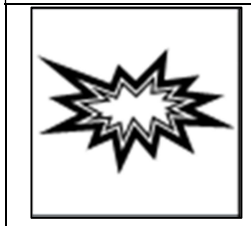
Figura 03 – Significados atribuídos aos símbolos no primeiro dia do workshop (11/01/2020)



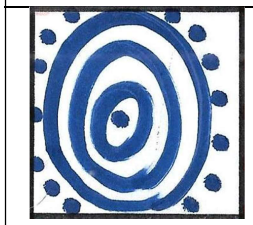
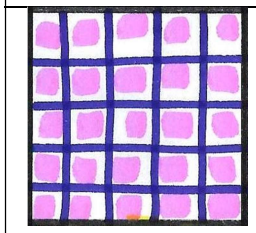
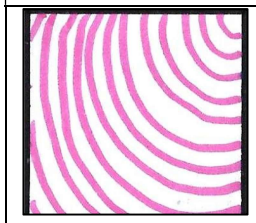
	Paraíso ecológico
	Saudade
	Saudade
	Fonte de renda, reservatório de água e área verde
	Saudade
	Minhas raízes e ar puro
	Tradição
	Vida
	Minha vida
	Meio de sobrevivência
	Fonte de vida
	Tudo para mim e para minha família

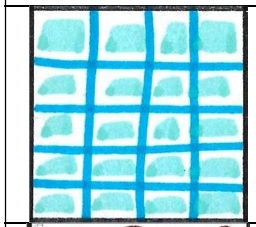
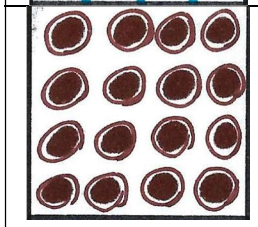
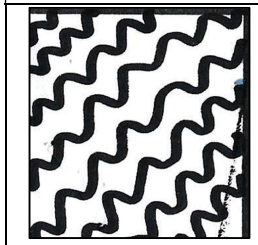
Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 04 – Matriz de significados atribuídos aos símbolos no segundo dia do workshop (25/01/2020)

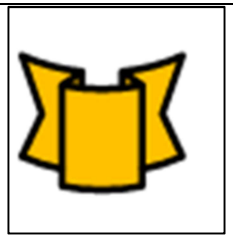
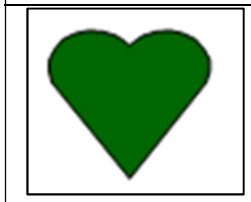
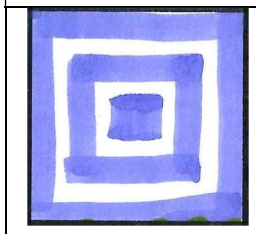
SÍMBOLO	O QUE REPRESENTA	PARTICIPANTE/ COMUNIDADE	BAIRRO ONDE SE LOCALIZA	SENTIDO DE LUGAR	PONTOS DE REFERÊNCIA	MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO	AMEAÇAS À EXISTÊNCIA
	Rio da Passagem, também chamado Rio de Colega	Antonio José Pinheiro Baldez/ Alegria	Alegria	Patrimônio da comunidade	Avenida Principal, entre o Parque da Juçara e o campo de futebol da Alegria.	Por ser o único rio público do lugar	Esgotos provenientes dos conjuntos do MCMV.
	Rio de Mirinzal	Marlene Jansen Pereira/ Maracanã	Maracanã	Lembranças boas da minha infância	Atrás do espaço Viva Maracanã, ao lado da Associação Folclórica do Maracanã.	Grande importância para a comunidade	Poluição e descaso do poder público.
	Rio Bacanguinha	Maria José Santos Queiroz/ Alegria	Maracanã	Vida em comunidade	Depois da linha férrea, depois do brejo, acesso pela rua ao lado do juçaral, onde tem um comércio na esquina.	Melhoria das comunidades	Esgotos sem tratamento, oriundos do Residencial Amendoeiras.
	Rio Pontilhão	Maria José Santos Queiroz/ Alegria	Maracanã	Lazer e atividades do cotidiano	Linha férrea; canto da farmácia perto do brejo.	Faz parte das nossas vidas.	Lançamento de esgotos sem tratamento.

Continua Quadro 04

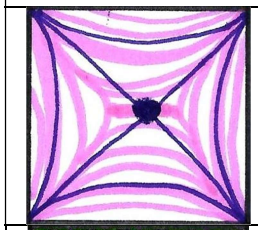
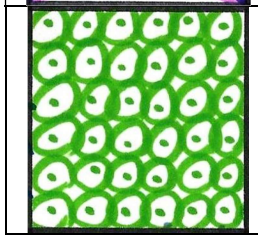
SÍMBOLO	O QUE REPRESENTA	PARTICIPANTE/ COMUNIDADE	BAIRRO ONDE SE LOCALIZA	SENTIDO DE LUGAR	PONTOS DE REFERÊNCIA	MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO	AMEAÇAS À EXISTÊNCIA
	Trilha Joca Guimarães	Maria Joselina dos Santos/ Alegria	Alegria	Preservação da natureza de Maracanã	Localizada ao lado do Parque da Juçara. Abrange o terreno da MARATUR e o bosque do CESCO.	Existência de juçarais, babaçuais, árvores raras como as andirobas, bem como de olhos d'água (nascentes).	Abandono, descaso do poder público, desmatamento, degradação dos solos e descarte inadequado de lixo.
	Rio de Tia Chiquinha	Pedrolina Baldez das Chagas/ Alegria	Alegria	Saudade do tempo em que os rios de Maracanã eram saudáveis e propícios ao lazer e à pesca.	Rua Menino Jesus, próximo ao CESCO.	Para que o rio volte a ter vida e águas cristalinas e as próximas gerações poderem viver as mesmas emoções de sentir a natureza..	Poluição vinda dos residenciais do MCMV
	Parque da Juçara	Rute Regina Neves/ Alegria	Alegria	Tradição, geração de renda e qualidade ambiental.	Avenida principal do Maracanã.	Lugar muito significativo para as comunidades de Maracanã, onde são realizadas atividades culturais, recreativas e econômicas. Na trilha ecológica do Parque existem	Abandono do poder público e da comunidade, além de erosão do solo, desmatamento e acúmulo de lixo.

						nascentes e vegetação preservada.	
SÍMBOLO	**O QUE REPRESENTA**	**PARTICIPANTE/ COMUNIDADE**	**BAIRRO ONDE SE LOCALIZA**	**SENTIDO DE LUGAR**	**PONTOS DE REFERÊNCIA**	**MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO**	**AMEAÇAS À EXISTÊNCIA**
	Juçaral do meu sítio	Zuila da Cruz Valente/ Alegria	Alegria	Tudo	Na Avenida Principal, entra à direita do mercadinho Juçara e segue até o final da rua.	Para que as futuras gerações possam aproveitar o fruto delicioso dos nossos juçarais.	Esgotos sem tratamento. Areia e barro trazidos pelas enxurradas.
	Rio de Mirinzal	Joidinaldo dos Prazeres Ferreira/ Vila Sarney	Maracanã	Lembranças boas da minha infância. Lazer e pesca.	Localiza-se aos fundos do espaço Viva Maracanã.	Grande valor simbólico para o Maracanã, imortalizado na toada do Mestre Humberto de Maracanã.	Esgoto *in natura* proveniente de empresas localizadas na BR-135, desmatamento, cercamento, ocupação descontrolada das cabeceiras.
	Rio de Mirinzal	Enilde Ferreira Costa/ Vila Sarney	Maracanã	Beleza da paisagem	Rua Principal, na entrada da Vila Sarney.	Importância da água para a comunidade.	Contaminação por esgotos sem tratamento.

Continua Quadro 04

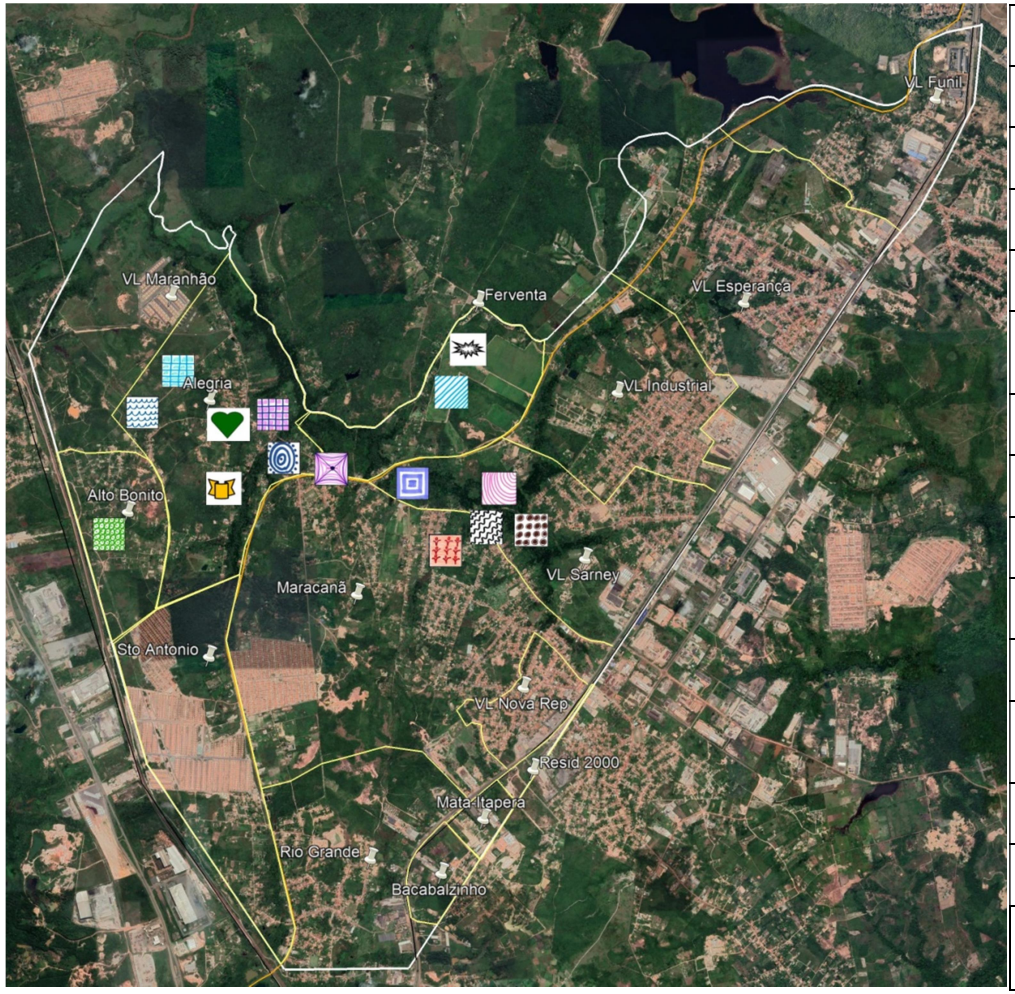
SÍMBOLO	O QUE REPRESENTA	PARTICIPANTE/ COMUNIDADE	BAIRRO ONDE SE LOCALIZA	SENTIDO DE LUGAR	PONTOS DE REFERÊNCIA	MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO	AMEAÇAS À EXISTÊNCIA
	Juçaral e rios	Matilde das Neves do Nascimento Mendes/ Alegria	Alegria	Lar, tradição, vida e ambiente saudável.	Sítio Reis das Nuvens, situado à Rua Menino Jesus.	Para não ser apenas uma história do passado. Preservação do ar puro, revitalização dos brejos e dos rios. Evitar contaminação e doenças.	Desmatamento e esgotos sem tratamento.
	Brejos e o rio de Colega	Andrelina da Paixão Serra Paiva/ Alegria	Alegria	Tudo, principalmente alegria e boas recordações com os amigos e com a beleza do lugar.	Rua Principal, próximo ao barracão da AVAMA.	Traz benefícios à comunidade.	Esgotos, areia e restos de construção vindos dos conjuntos do MCMV.
	Rio Pontilhão	Daylon Silva Sousa/ / Vila Sarney	Maracanã	Boas lembranças da minha juventude.	Acesso pela Rua Principal, ao chegar na linha férrea, entra à direita e segue por uns 300m.	Extrema importância para a região, especialmente por ser local de lazer.	Aumento populacional desordenado e lançamento de esgotos sem tratamento.

Continua Quadro 04

SÍMBOLO	O QUE REPRESENTA	PARTICIPANTE/ COMUNIDADE	BAIRRO ONDE SE LOCALIZA	SENTIDO DE LUGAR	PONTOS DE REFERÊNCIA	MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO	AMEAÇAS À EXISTÊNCIA
	Parque da Juçara e arredores	Bernardo Francisco dos Santos/ Alegria	Alegria	Meu coração	Rua Principal, depois da linha férrea.	Movimenta o Maracanã.	Falta de conhecimento sobre sua importância.
	Nascente do sítio do Russo	Fernando Lucas dos Santos Silva/ Alegria	Alegria	Vida dos juçarais, rios e córregos da região.	Próximo ao barracão do Reis da Sempre Viva	Por ser o ponto principal da comunidade, onde nascem nossos rios.	Despejo de esgotos sem tratamento.

Fonte: Elaborado pela autora

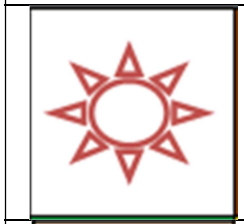
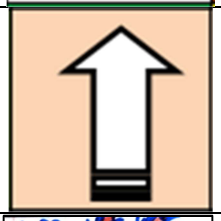
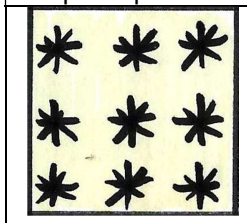
Figura 04 – Significados atribuídos aos símbolos no segundo dia do workshop (25/01/2020)

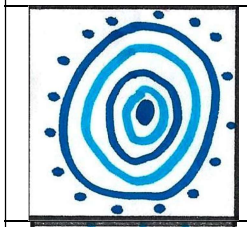
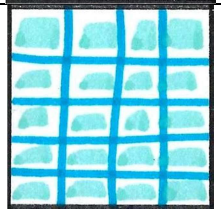
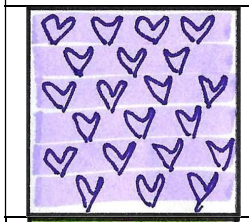
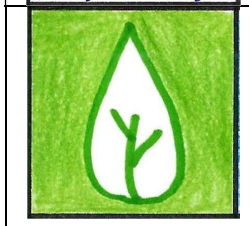


	Patrimônio da comunidade
	Lembranças boas da minha infância
	Vida em comunidade
	Lazer e atividades do cotidiano
	Preservação da natureza de Maracanã
	Saudade do tempo em que os rios de Maracanã eram saudáveis e propícios ao lazer e à pesca.
	Tradição, geração de renda e qualidade ambiental.
	Tudo
	Lembranças boas da minha infância, lazer e pesca.
	Beleza da paisagem
	Lar, tradição, vida e ambiente saudável.
	Tudo, principalmente alegria e boas recordações com os amigos e com a beleza do lugar
	Boas lembranças da minha juventude.
	Meu coração
	Vida dos juçarais, rios e córregos da região

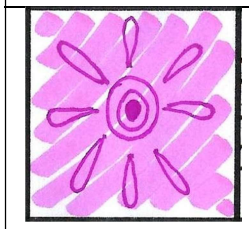
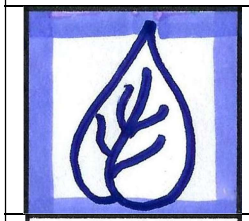
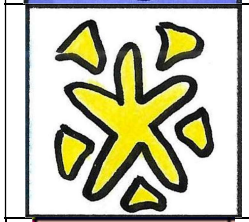
Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 05 – Matriz de significados atribuídos aos símbolos no terceiro dia do workshop (08/02/2020)

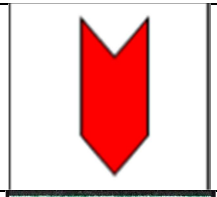
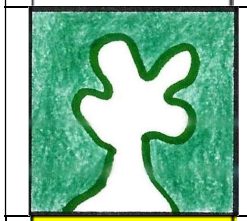
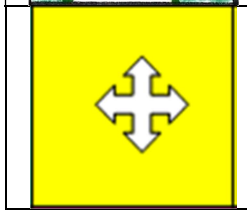
SÍMBOLO	O QUE REPRESENTA	PARTICIPANTE/ COMUNIDADE	BAIRRO ONDE SE LOCALIZA	SENTIDO DE LUGAR	PONTOS DE REFERÊNCIA	MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO	AMEAÇAS À EXISTÊNCIA
	Nascente do rio Grande	Ana Vitória da Cruz dos Reis/ Rio Grande	Rio Grande	Lugar para preservação	Ponto final do ônibus.	Preservar a natureza do lugar.	Acúmulo de lixo.
	Rio Grande	Edileusa Aguiar Santos/ Rio Grande	Rio Grande	Lazer	Avenida principal, ao lado do matadouro.	Herança para nossos filhos e netos.	Dejetos do matadouro.
 * Criado pelo participante	Nascentes dos rios em função dos brejos	Ailton de Jesus M. Aguiar/ Rio Grande	Rio Grande	Futuro de nossos descendentes	Reserva florestal do assentamento agrário Rio Grande.	Preservar os brejos que concentram os buritizais e juçarais.	Desmatamento e esgotos sem tratamento.
	Nascente do rio Grande	Rosa Maria Pereira/ Rio Grande	Rio Grande	Nossa vida	Do ponto final do ônibus, no centro comunitário, pega a estrada da Rua do Campo Agrícola e vai até o final dela. Lá se encontra a	Não existe vida sem água. Animais como cotia, macaco, gato do mato, tatu, preá e nambu bebem água no rio.	Desmatamento e esgotos do residencial Morada do Sol.

					reserva florestal, onde o rio nasce.		
SÍMBOLO	**O QUE REPRESENTA**	**PARTICIPANTE/ COMUNIDADE**	**BAIRRO ONDE SE LOCALIZA**	**SENTIDO DE LUGAR**	**PONTOS DE REFERÊNCIA**	**MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO**	**AMEAÇAS À EXISTÊNCIA**
	Nascente do rio Grande	João Batista Rodrigues Teixeira/ Rio Grande	Rio Grande	Melhor qualidade de vida	Próximo à casa de farinha, na Rua do Campo Agrícola, entra à direita.	Para que o rio não seja destruído.	Desmatamento, mineração na beira da nascente, caça ilegal.
	Rio Grande e sua nascente	Elaine Mikelly de Azevedo Garcia/ Rio Grande	Rio Grande	Vida e saudade	Matadouro, na Avenida Principal.	O rio é a marca de Rio Grande.	Desmatamento e outras ações humanas.
	Reserva florestal do assentamento agrário Rio Grande	Laís Daniele Oliveira dos Santos/ Rio Grande	Rio Grande	Vida	Ponto final do ônibus.	Abrigo para animais, onde existem muitas árvores e frutas. Proporciona ar puro.	Lixo, animais mortos e desmatamento.
	Nossos brejos	Francisco Diniz dos Santos/ Rio Grande	Rio Grande	Vida	Ponto final do ônibus.	Importância para as próximas gerações.	Lixo, animais mortos e desmatamento.

Continua Quadro 05

SÍMBOLO	O QUE REPRESENTA	PARTICIPANTE/ COMUNIDADE	BAIRRO ONDE SE LOCALIZA	SENTIDO DE LUGAR	PONTOS DE REFERÊNCIA	MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO	AMEAÇAS À EXISTÊNCIA
	Brejo	Silvana Silva do Nascimento/ Rio Grande	Rio Grande	Vida e renda	Ponto final do ônibus.	É impossível respirar sem árvores, além disso, algumas famílias vendem polpa de buriti para complementar a renda.	Esgotos do residencial Morada do Sol.
	Nossos brejos	Wilson Frazão Almeida/ Rio Grande	Rio Grande	Futuro de nossos descendentes	Ponto final do ônibus.	Importância para a comunidade.	Animais mortos, lixo e desmatamento.
	Nossos brejos	Magno dos Santos de Sousa/ Rio Grande	Rio Grande	Vida	Ponto final do ônibus.	Importância para a comunidade.	Animais mortos, lixo e desmatamento.
	Nossos rios	Valdenira Rocha dos Anjos/ Rio Grande	Rio Grande	Vida, saúde, paz e amor.	Ao lado da Caninha, do outro lado da BR-135, onde tem uma nascente.	Importância para a comunidade.	Esgotos das empresas e do matadouro, além do acúmulo de lixo.

Continua Quadro 05

SÍMBOLO	O QUE REPRESENTA	PARTICIPANTE/ COMUNIDADE	BAIRRO ONDE SE LOCALIZA	SENTIDO DE LUGAR	PONTOS DE REFERÊNCIA	MOTIVOS PARA CONSERVAÇAO	AMEAÇAS À EXISTÊNCIA
	Nascente do rio Grande	Geruza Morais da Silva/ Rio Grande	Rio Grande	Vida	Ponto final do ônibus.	Importância para as próximas gerações.	Lixo, animais mortos e desmatamento.
	Reserva florestal do assentamento agrário Rio Grande	Antonia Mendonça Teixeira/ Rio Grande	Rio Grande	Vida e futuro	Rua do Campo Agrícola	Para que meus filhos e netos tenham as mesmas oportunidades que eu tive	Desmatamento e esgotos sem tratamento.
	Brejo da linha férrea	Maria de Jesus Sá Meneses Filha/ Rio Grande	Rio Grande	Tudo	Ao lado da linha férrea.	Para que nossa vida seja melhor	Esgotos do residencial Morada do Sol.

Fonte: Elaborado pela autora

Figura 05 – Significados atribuídos aos símbolos no terceiro dia do workshop (08/02/2020)



	Lugar para preservação
	Lazer
	Futuro de nossos descendentes
	Nossa vida
	Melhor qualidade de vida
	Vida e saudade
	Vida
	Vida
	Vida e renda
	Futuro de nossos descendentes
	Vida
	Vida, saúde, paz e amor.
	Vida
	Vida e futuro
	Tudo

Fonte: Elaborado pela autora

Com base nos quadros 03, 04 e 05 é possível, por exemplo, iniciar a elaboração de estratégias de fiscalização e monitoramento da qualidade das águas, considerando os fatos mencionados como ameaças à qualidade ambiental. No mesmo direcionamento, os significados atribuídos aos lugares considerados prioritários à conservação podem auxiliar na concepção e estruturação de programas permanentes e contínuos de educação ambiental a partir de sentidos de lugar.

Além de auxiliar na apreensão de sentidos de lugar e geograficidades atinentes à conservação ambiental, a importância do workshop também residiu especificamente no fato dele possibilitar a percepção da necessidade urgente de processos educacionais aplicados à gestão da APA de Maracanã.

É importante sublinhar que no encerramento da primeira parte do workshop, momento em que conversei com o público sobre a pesquisa, foi reproduzido o vídeo *Eu amo meu Maracanã!*, elaborado e estruturado no decorrer da investigação, e protagonizado por algumas daquelas pessoas, no qual ficam claros – especialmente através de depoimentos – sentidos de lugar e geograficidades expressas na APA. O vídeo está disponível no site youtube.com.

Nos olhares atentos aos lugares de suas existências, conjugados com sentimentos relacionados aos entes geográficos ligados ao cotidiano, foi possível observar novamente o que mais se destacou durante a pesquisa: amor ao lugar. Trata-se de topofilia, um dos sentidos cuja força une as pessoas àquela porção do espaço ludovicense: o velho Maracanã da infância, da juventude, da velhice, lugar onde se pretende permanecer inclusive após a morte.

Atrelados à topofilia, sentimentos como angústia, tristeza, raiva e saudade também emergiram com intensidade durante o workshop. Sentidos de lugar evidentes quando a mente e o coração evocaram lembranças do tempo em que Maracanã “fervilhava” aos finais de semana, feriados, períodos de férias ou de festas tradicionais, num movimento que atraía pessoas de vários lugares da ilha e de fora dela.

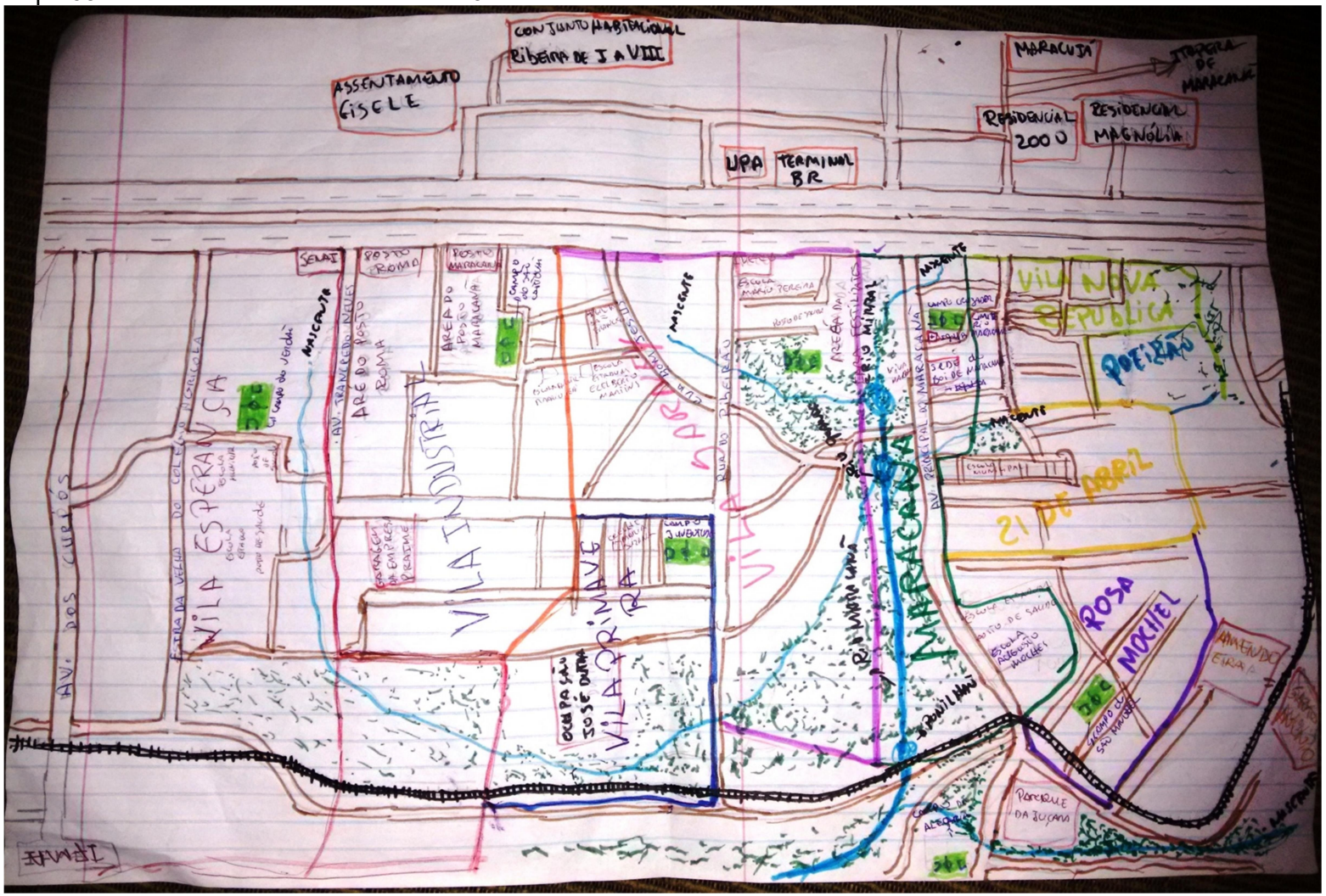
Na memória, lembranças vivazes da época em que um amontoado de gente chegava inclusive em caravanas para apreciar e aproveitar as belezas naturais de Maracanã (rios, brejos, trilhas nas matas, etc.), assim como ainda ocorre no movimento em torno de manifestações da cultura popular, a exemplo da tradicional Festa da Juçara, do Festejo de Santos Reis, do Bumba-meu-Boi, do Tambor de Crioula, do Tambor de Mina, da Festa do Divino Espírito Santo, dos festejos umbandistas e católicos.

Enfim, realizar o workshop foi muito positivo, pois possibilitou enxergar com maior nitidez alguns aspectos primordiais à apreensão de sentidos de lugar e geograficidades da APA de Maracanã. Ademais, ficou ainda mais evidente a necessidade de realizar atividades com foco em educação ambiental aplicada à conservação da natureza. Pessoas que vivem ali, especialmente as que cresceram nos lugares integrantes da APA, são cientes da importância ambiental e cultural dos entes que conformam aquela realidade geográfica. Essas pessoas estão dispostas a colaborar efetivamente com processos direcionados à conservação da natureza de Maracanã.

Muitos aspectos relevantes à gestão da APA foram depreendidos a partir das falas das pessoas que participaram do workshop, as quais fizeram questão de manifestar o desejo de que a qualidade ambiental dos lugares onde vivem volte a ser boa, com os rios saudáveis, os brejos íntegros, as nascentes preservadas, as matas protegidas, a fauna equilibrada. Enfim, a efetivação das atividades revelou que é possível e necessário incluir sentidos de lugar e geograficidades em políticas públicas de conservação da natureza, especialmente no que concerne à dimensão educativa da gestão de territórios protegidos.

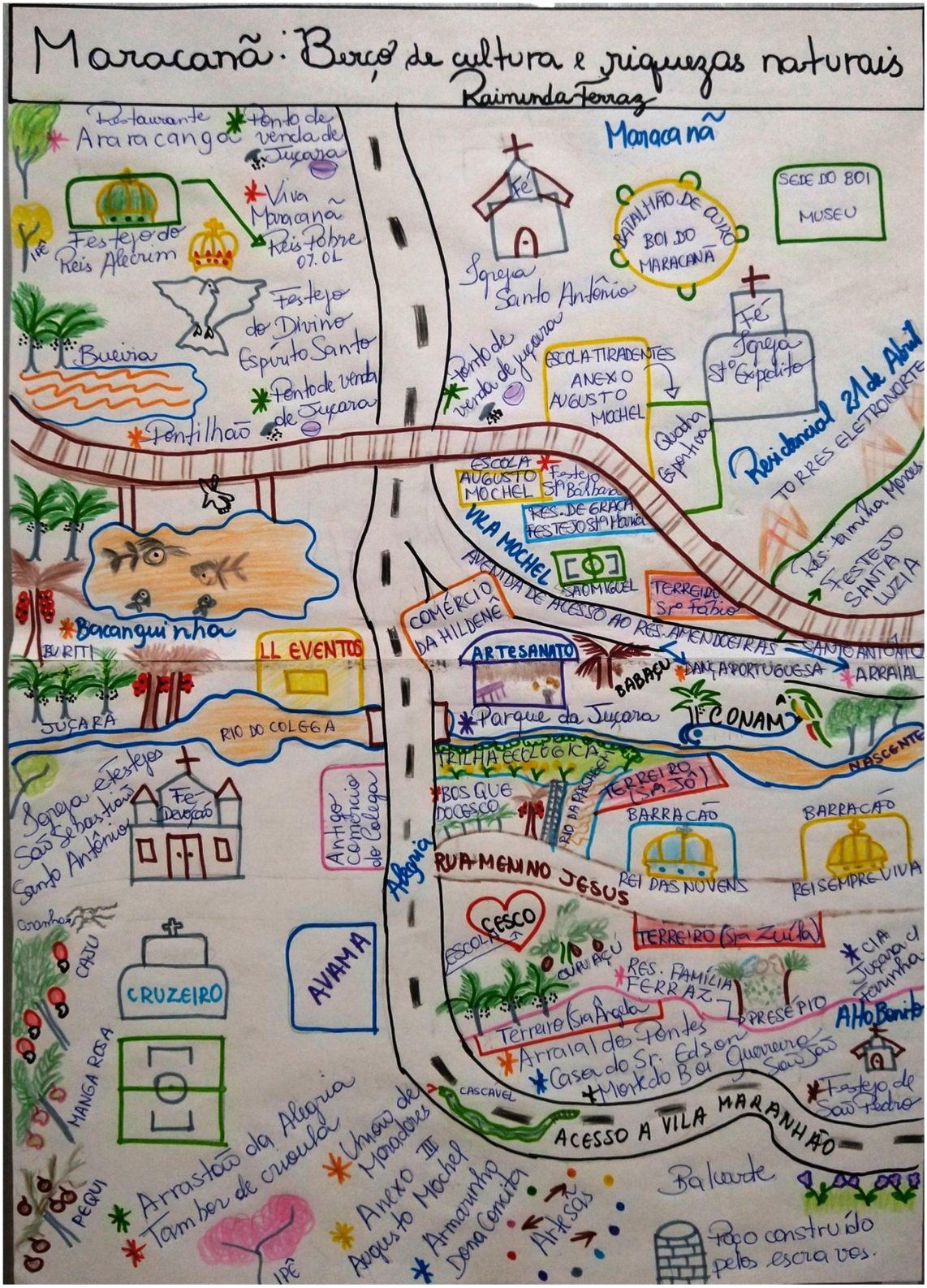
Os resultados do trabalho inspirado em cartografias não convencionais gerou mapas humanistas culturais (Mapas 03 e 04) que julgo extremamente valiosos à implementação de políticas públicas focadas em conservação da natureza, bem como à ampliação dos horizontes da Geografia Humanista Cultural. Neles são representados elementos significativos para a qualidade ambiental da APA, assim como indicadores de degradação em lugares situados no território. Nos mapas são registradas preocupações, percepções de problemáticas que têm afligido quem vive em Maracanã.

Mapa 03 – Ambiente de Maracanã. Autor: Joidinaldo dos Prazeres Ferreira



Fonte: Registro da autora

Mapa 04 – Maracanã: berço de cultura e riquezas naturais. Autora: Raimunda da Silva Ferraz Neta



Fonte: Registro da autora

Nesses mapas humanistas culturais sobressai a expressão de intencionalidades vinculadas ao sentido de topofilia, a sentidos políticos de lugar, à percepção da riqueza simbólica material e imaterial de Maracanã e à necessidade de proteger os patrimônios ambientais, artísticos, históricos, enfim, as riquezas naturais e culturais de Maracanã.

O mapa 03 contém elementos extremamente importantes para a qualidade ambiental dos lugares situados na APA e no entorno, a exemplo de nascentes, riachos e rios integrantes da bacia do rio Maracanã, bem como brejos e juçarais, entes centrais no contexto de geograficidades e sentidos de lugar inerentes ao espírito de Maracanã.

Em relação ao mapa 04, é interessante perceber que o foco recai sobre duas dimensões essenciais da realidade maracanaense: cultura popular e patrimônio ambiental. Elementos como Bumba-meu-Boi de Maracanã, festejos de Reis, presépios, festejos do Divino Espírito Santo e Festa da Juçara são representados de forma articulada a juçarais, rios, buritizais, trilhas ecológicas, babaçuais, terreiros de umbanda, pontos de venda de juçara, entre outros. No documento cartográfico há clara demonstração da percepção da indissociabilidade entre aspectos simbólicos e materiais, fato significativo quando se vislumbra o alcance de objetivos voltados à conservação da natureza da APA de Maracanã.

Resultados como os mapas elaborados a partir de direcionamentos vinculados a cartografias não convencionais permitem imaginar quão relevantes, criativos e dinâmicos seriam processos educacionais articulados à gestão participativa de territórios protegidos como a UC em questão. Por meio deles seria possível enfatizar o sentido político de lugar, assim como viabilizar ações contínuas de participação popular, tendo em vista o envolvimento efetivo de pessoas que vivem nos lugares situados em territórios como as APAs.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar políticas públicas voltadas à conservação da natureza sob o viés da Geografia Humanista Cultural constituiu um dos maiores desafios com os quais me deparei na caminhada acadêmica. Ao longo do percurso, muitas limitações: escassa produção científica acerca da problemática, dificuldade na escrita e comunicação dos resultados à luz da Fenomenologia, problemas de acesso aos lugares devido à precariedade das vias, tempo exíguo para conclusão do processo de doutoramento, entre outras.

Ainda assim, se necessário fosse, faria tudo outra vez, visto que os resultados alcançados têm peso infinitamente superior ao dos entraves. As experiências vivenciadas naquelas quatro comunidades de Maracanã, por exemplo, foram fantásticas! Os resultados evidenciam a necessidade de atenção do poder público para sentidos de lugar e geograficidades em políticas públicas de conservação da natureza, visto que tais fenômenos expressam relações geográficas existenciais, portanto vínculos intrínsecos entre pessoas e lugares submetidos a regimes diferenciados de administração.

Dentre os sentidos de lugar apreendidos, se destacam os de enraizamento, totalidade, lar, tranquilidade, qualidade ambiental e devastação ambiental, os quais são comuns às comunidades. Ademais, os resultados indicam que em Maracanã também se vivencia lugar enquanto violência, sentido vinculado à criminalidade associada a processos desordenados e acelerados de urbanização, bem como ao descaso sistemático do poder público em relação à zona rural e à APA.

Nas geograficidades entrelaçadas aos sentidos de lugar – a exemplo das concernentes às relações estabelecidas em função de aspectos como moradia, alimentação, religiosidades, tradições da cultura popular, economia de base comunitária, lazer, saúde, educação, cuidados com a terra e vínculos *post mortem* – fica muito mais nítida a necessidade de conservar a natureza de Maracanã, um dos raros lugares de São Luís onde ainda existe vegetação nativa, onde animais silvestres encontram refúgio para sobreviver à devastação voraz imposta pela economia de mercado e processos associados.

Brejos e elementos que os constituem integram o que há de mais íntimo em termos de geograficidades atinentes àqueles lugares. Isso pôde ser percebido ao longo do caminhar fenomenológico pelos recantos de Maracanã, sobretudo em olhares, falas e corpos que animam aquelas geografias vividas.

Juçareiras e seus frutos – entes identitários de Maracanã – ocupam posição de destaque entre as essências das geograficidades expressas naqueles lugares. Em torno desses elementos se concentram sentimentos bons, sensações agradáveis e memórias de momentos felizes, entretanto problemas que ameaçam a existência dos juçarais de Maracanã têm suscitado tristeza, indignação e insegurança pelo temor de que sejam extintos.

Conversas com moradores, participação em eventos comunitários, assiduidade em reuniões do CONAM, assim como a realização do workshop foram extremamente relevantes à apreensão de sentidos de lugar e geograficidades na APA. A articulação entre esses procedimentos metodológicos revelou relações profícuas entre Geografia Humanista Cultural e políticas públicas de conservação da natureza.

Destarte, foi possível evidenciar que conhecimentos acerca de geografias vividas favorecem o fortalecimento da gestão participativa de territórios protegidos na medida em que revelam fatos do cotidiano, assim como percepções , sentimentos, valores, atitudes e outros aspectos humanos que jamais devem ser negligenciados quando se objetiva lograr êxito em políticas ambientais.

Por meio dos sentidos de lugar e das geograficidades apreendidas é possível traçar estratégias focadas na efetividade da APA, para que ela deixe de ser uma abstração para quem vive nos lugares situados no território. Saber que pessoas sentem os lugares onde habitam como parte essencial de si, como sua própria vida ou como *locus* de devastação e violência amplia perspectivas e facilita o surgimento de ideias passíveis de implementação no âmbito de políticas concernentes à conservação da natureza.

Ao longo da investigação se destacou o amor que a maioria daquelas pessoas sente por Maracanã, bem como a tristeza que as aflige por conta da devastação ambiental que se espraia de forma veloz e intensa sobre seus

lugares-lares. Elos topofílicos estão vinculados à expressão do desejo de participação em processos orientados pela urgente necessidade de conservação da natureza de Maracanã.

Os resultados da abordagem permitem entender que é necessário sentir os lugares, atitude que transcende racionalizar, haja vista envolver emoções, sentimentos, significados, valores, sensações, desejos, enfim, uma série de aspectos humanos que não se encaixam em formas, modelos, fluxogramas, formulários, gráficos, tabelas, mapas convencionais e similares.

Com a pesquisa foi possível relevar nuances de um tecido humano maracanaense essencialmente constituído de amálgamas experienciais vivazes, denotativas de relações geográficas existenciais cujas expressões podem ser sentidas no corpo, nos semblantes arraigados em subjetividades onde residem lugaridades.

Em Maracanã pulsam reflexos de coexistências entrelaçadas aos lugares, microcosmos onde o cotidiano acontece de maneira tão intensa quanto a necessidade de respirar. Encontros com geograficidades deram forma a vínculos fundamentais de existências humanas naquele “pedacinho” de São Luís.

Na medida em que a pesquisa evoluía, foi ficando cada vez mais nítido que sentidos de lugar brotam de relações intrínsecas entre os seres humanos e a Terra. Portanto depreende-se que considerar esses elos possibilita que gestores de políticas públicas associadas à conservação da natureza se libertem das amarras de uma ciência dura, engessante.

Os caminhos trilhados em Maracanã permitiram direcionar o olhar para dimensões tradicionalmente interpretadas como detalhes insignificantes, indignos de nota. Estes são, como a pesquisa permitiu enxergar, raízes do que constitui a integralidade dos seres e de suas comunidades, a exemplo das manifestações ligadas às religiosidades.

Através da pesquisa foi possível contribuir com o avanço das ciências humanas e sociais tanto no que diz respeito ao campo da Geografia Humanista Cultural quanto às áreas que se dedicam a estudos sobre políticas públicas e gestão pública de territórios protegidos, o que pode ser percebido tão logo se

recorra ao que consta de Correia e Risso (2018a), Correia e Risso (2018b) Correia e Risso (2019) e Correia e Risso (2020). Destarte, esta tese e as publicações decorrentes da investigação contribuíram para diminuir uma lacuna científica, sobretudo no Maranhão e no Brasil.

Acompanhar reuniões do CONAM, assim como dialogar com lideranças comunitárias e com integrantes da equipe gestora da APA foi extremamente relevante para a percepção da falta de atenção a aspectos humanistas geográficos no que diz respeito à gestão do território, indício da hegemonia do tecnicismo, algo no mínimo preocupante em UCs onde existem lares humanos.

Ficou nítida a inexistência de políticas públicas orientadas à valorização e ao fortalecimento de sentidos de lugar e de relações geográficas topofílicas na APA. Essa situação pode ser revertida caso haja interesse do poder público e pressão da sociedade civil. Outrossim, os resultados obtidos podem ser utilizados, por exemplo, como pontos de partida para programas permanentes de educação ambiental na UC.

A realização do workshop possibilitou mobilizar sentidos de lugar e geograficidades em torno de questões primordiais à consolidação da APA e ao engajamento político de moradores interessados em participar efetivamente da gestão do território. Por meio da metodologia elaborada a partir de princípios de Cartografia Humanista Cultural foi possível articular sentido político de lugar à gestão participativa da UC, o que reforçou potencialidades dessa vertente do conhecimento em relação a políticas públicas cujos focos incidem na busca por sustentabilidade nas relações existenciais entre os seres humanos e os lugares onde habitam.

Tanto os mapas humanistas culturais quanto as matrizes de significados atribuídos aos lugares percebidos como estratégicos à conservação ambiental no território da APA indicam quão importantes são processos participativos no planejamento, execução e avaliação de políticas públicas direcionadas à conservação da natureza. Os resultados do mapeamento participativo contêm elementos valiosíssimos à consecução de objetivos contidos no decreto de criação da APA, a exemplo de rios, riachos, brejos e manifestações culturais prejudicadas por problemas socioambientais.

É interessante salientar que se por ventura geograficidades e sentidos de lugar forem considerados importantes para a gestão da APA, os horizontes de conhecimento sobre particularidades do território, assim como as chances de obter sucesso nas ações para conservação ambiental serão ampliadas, sobretudo devido ao contato direto com quem vive naqueles lugares e se vincula a eles por elos de topofilia.

A pesquisa permitiu enxergar tanto fatos concretos quanto aspectos simbólicos atinentes à essência humanista geográfica da APA, a exemplo das geografias vividas em torno de sacralidades. Delas emerge a força de geograficidades em torno da flora, caso do uso de partes de plantas como murtinha e arari na ornamentação de presépios.

À luz da Geografia Humanista Cultural e do trabalho de pesquisa com as comunidades, tomou corpo e forma o sentido político de lugar, tecido social forjado em existências, em batalhas incansáveis movidas por sentidos como o de topofilia, pelo desejo de permanência naquela terra, inclusive após a morte.

Dos poros do corpo e da trama do tecido político eclodiram ecos ressonantes de que a gestão participativa constitui um dos melhores caminhos para romper as amarras engessantes responsáveis pela inércia em torno da efetivação de UCs como a APA de Maracanã. Isso ficou explícito na articulação relacionada ao trabalho com cartografia não convencional no contexto da gestão do território.

Investigar a problemática foi extremamente importante, principalmente porque possibilitou a ampliação dos horizontes da Geografia, sobretudo no que tange à vertente humanista cultural, haja vista ter fortalecido a pauta de discussões e intervenções epistemológicas direcionadas à gestão pública de territórios onde estão implicados lugares, portanto relações intrínsecas entre os seres humanos e a Terra (geograficidades).

Além da relevância científica, a investigação se revelou enquanto instrumento de fortalecimento de lutas daquelas comunidades em prol da conservação da natureza de Maracanã, visto que os resultados podem ser utilizados na fundamentação de denúncias inerentes aos problemas que têm

degradado significativamente a qualidade ambiental do território abrangido pela APA.

Ademais, as reflexões e experiências contidas nesta tese podem subsidiar processos especificamente orientados para a consecução dos objetivos da UC em questão, portanto servindo de base para tomadas de decisões por equipes responsáveis pela gestão participativa da APA.

Ao valorizar saberes tradicionais, foi possível perceber a importância da aproximação entre universidade e comunidades, considerando a importância do compartilhamento de diferentes saberes na busca por soluções para os inúmeros e complexos problemas que afetam a qualidade de vida na Terra, principalmente os atrelados às raízes humanas da crise socioambiental.

Soma-se à ampliação dos horizontes de pesquisa, a abertura de trilhas para novas investigações no campo da Geografia Humanista Cultural. É importante lembrar que por meio da abordagem contribuímos com a necessidade de dar maior visibilidade aos graves problemas ambientais que têm comprometido a qualidade de vida em Maracanã.

A conjuntura em que concluo a tese infelizmente relaciona-se à pandemia decorrente da doença infecciosa causada pelo coronavírus 2019-nCoV, popularmente conhecida como COVID-19. Dados de WHO (2020), do dia 21 de novembro de 2020, mostram que em nível mundial há 57.274.018 casos confirmados e 1.368.000 óbitos causados pela doença. Os números são alarmantes, mas o que está por trás deles é ainda pior. Há muita dor, sofrimento, medo e insegurança, sem falar no descaso com o qual alguns governos têm tratado a questão. A situação é perturbadora quando lembramos da precariedade do Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil, cujos sinais de sucateamento são sentidos com maior intensidade no cenário da crise gerada pela pandemia.

Por maiores e mais complexos que sejam os desafios, seguimos à espera de políticas públicas efetivas e avanço das humanidades, alimentando o desejo de transformação das sociedades, em que valores, atitudes, sentimentos, emoções, enfim, aspectos humanistas não sejam vistos

pejorativamente como romantismos, mas como elementos fundamentais à gestão pública de qualidade.

Enfim, os objetivos da pesquisa foram alcançados e reforçam a esperança de que sentidos de lugar e geograficidades, assim como outros fenômenos humanistas geográficos, integrem o cerne de políticas públicas voltadas à conservação da natureza. Que as reflexões até aqui empreendidas reverberem pelo mundo a partir do contexto da APA de Maracanã, nutrindo lutas fundamentadas no devir alicerçado na urgente necessidade de políticas públicas efetivas.

REFERÊNCIAS

AACP – Agregar Ambiental Consultoria e Projetos LTDA.; UFMA – Universidade Federal do Maranhão. **Produto 2 - Diagnóstico ambiental do plano de manejo e zoneamento da Área de Proteção Ambiental (APA) da Região do Maracanã, São Luís – MA**. São Luís: SEMA, 2018. Não publicado.

AHLERT, Martina. Carregado em saia de encantado: transformação e pessoa no terecô de Codó (Maranhão, Brasil). **Etnográfica**, vol. 20 (2), 2016, p.275 - 294.

ARAUJO, Marcelo de Sousa. **A identidade em movimento**: um estudo sobre a comunidade do Maracanã (1930-1970). 2012. 143f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Cultura e Sociedade) – Universidade Federal do Maranhão, 2012.

ARAUJO, Marcos Antonio Reis. **Unidades de Conservação no Brasil**: da República à gestão de classe mundial. Belo Horizonte: SEGRAC, 2007.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. (Tópicos).

BACHELARD, Gaston. **The poetics of space**. Boston: Bacon Press, 1969.

BALDEZ, Gilberto Pires. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 15 fev. 2018.

BALDEZ, Joana. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 15 fev. 2018.

BANDEIRA, Arkley Marques; BRANDI, Rafael de Alcântara. **Maranhão de outros tempos**: pré-história e história da Ilha de São Luís. São Luís: Brandi e Bandeira Consultoria Cultural, 2014.

BERNARDES, Joana da Silva. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 31 jan. 2018.

BERQUE, Augustin. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004.

BEYDOUN, Fauzi. **Trecho de entrevista concedida à TV Mirante no âmbito da reportagem "Moradores denunciam o assoreamento de nascentes na zona rural de São Luís"**. São Luís, 08 ago. 2017. Disponível em: http://g1.globo.com. Acesso em: 22 set. 2017.

BLEY, Lineu. **Morretes**: estudo de paisagem valorizada. 1990. 215p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1990.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, p. 83-131 (Série Geografia Cultural).

BORBA, Francisco S. (org.). **Dicionário UNESP de Português Contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRASIL. Decreto-Lei nº 6833, de 26/08/1944. **Declara como florestas protetoras, de acordo com o art.11, parágrafo único, do Dec. 23.793, de 23/01/1934, áreas de matas que delimita na Ilha de São Luiz, Estado do Maranhão**. Publicado no D.O.U, Seção 1 -29/08/1944, pág.15051.

BRASIL. Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 jul. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13018.htm>. Acesso em: 14 abr. 2019.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Regulamenta o Art. 225,§ 1º, inciso I, II, III, VII da Constituição Federal, institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9985.htm>. Acesso em: 20 out. 2015.

BRASIL. **Plano Nacional de Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade**. Brasília, DF: MDA; MMA; MDS, 2009.

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. Ed. rev. e atual. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

BUTTIMER, Anne. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. *In*: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 165 - 193.

BUTTIMER, Anne. Home, reach, and the sense of place. In: BUTTIMER, Anne; SEAMON, Davis. **The human experience of space and place**. Nova York: St. Martin's Press, 1980. p. 166 - 187.

BUTTIMER, Anne. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. Trad. Letícia Pádua. **Geograficidades**. v.5, n.1, verão 2015.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMPS, Victoria. **El Gobierno de las emociones**. Barcelona: Herder Editorial, 2001. (Coleção Pensamiento Herder).

CARMO, José de Ribamar Almeida do. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 29 mar. 2018.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; SCOTTO, Gabriela. **Conflitos socioambientais no Brasil**. Rio de Janeiro: Ibase, 1995.

CASTRO JUNIOR, Evaristo de; COUTINHO, Bruno Henrique; FREITAS, Leonardo Esteves de. Gestão da biodiversidade e áreas protegidas. In: GUERRA, Antonio José Teixeira; COELHO, Maria Célia Nunes Coelho (Orgs.). **Unidades de Conservação**: abordagens e características geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CASTRO, Zaide de; COUTO, Aracy do Prado. **Folias de Reis**. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado da Educação e Cultura, 1960.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. As perspectivas dos estudos geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: DIFEL, 1982, p. 01- 36.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Tradução de Luís Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 4. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia Cultural. Trad. de Paulo César da costa Gomes. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo césar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens**: a geografia. Trad. de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010b.

CNUC – Cadastro Nacional de Unidades de Conservação. Unidades de Conservação do Brasil 2017. Disponível em: <https://www.mma.gov.br>. Acesso em: 14 set. 2017.

CONCEIÇÃO, Ivanilde Martins da. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 17 jan. 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da Geografia**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.) GEOGRAFIA: conceitos e temas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 15-47.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. **Geografia cultural**: introduzindo a temática. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs.). Introdução à geografia cultural. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço e simbolismo. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 133 - 153.

CORREIA, Fabiana Pereira. **Morfotecnogênese minerária em áreas protegidas**: subsídios à sustentabilidade da Área de Proteção Ambiental da Região do Maracanã, Município de São Luís - MA. 2012. 128f. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade de Ecossistemas) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

CORREIA, Fabiana Pereira; FEITOSA, Antonio Cordeiro. Mineração manual na Área de Proteção Ambiental (APA) da Região de Maracanã e suas implicações na saúde do trabalhador. **Anais do VIII Simpósio Nacional de Geografia da Saúde**. Dourados, MS: UFGD/ GESF, 2017.

CORREIA, Fabiana Pereira; RISSO, Luciene Cristina. Aproximações entre Geografia e Fenomenologia: potencialidades para a gestão da APA da Região de Maracanã, São Luís - MA, Brasil. In: SOUZA, J. A. X.; RODRIGUES, V. V.; CASTRO, C. E. et al. (orgs). **Desenvolvimento local e sustentabilidade**: novas abordagens, velhos dilemas pelo olhar das geografias. São Luís: EDUEMA, 2018a.

CORREIA, Fabiana Pereira; RISSO, Luciene Cristina. Potencial ecoturístico de paisagens simbólicas em territórios protegidos: reflexões a partir da Área de Proteção Ambiental da Região de Maracanã, São Luís - MA, Brasil. Revista **Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 12, n. 1, p. 30-41, 2018b.

CORREIA, Fabiana Pereira; RISSO, Luciene Cristina. Geograficidades nas toadas do Bumba-meu-Boi de Maracanã: dos manifestos de amor ao lugar às possibilidades na gestão da APA da Região de Maracanã, São Luís - MA, Brasil. **Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)**, São Luís, v.6, n.1, p. 139 - 150, jan./jun. 2020.

COSGROVE, Denis (Org.). **Mappings**. Londres: Reaktion Books, 1999.

COSTA, Elenilde Antonia. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 19 jan. 2019.

COSTA, Elenilde Antonia. **Festa de Santo Reis**: estudo sobre o surgimento do Reis do Alecrim na comunidade de Maracanã. Monografia (Graduação em Educação Artística) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1998.

COUTINHO, Elias Sousa. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 31 jan. 2018.

COUTINHO, Diná Moraes. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 17 jan. 2019.

COUTINHO, Esmeralda Santos. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 17 jan. 2019.

COUTINHO, Maria das Graças. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 22 jan. 2019.

CRUZ, Walter Pereira. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 09 mar. 2018.

DAMASIO, Antonio Rosa. **El error de Descartes**: la emoción, la razón y el cerebro humano. Barcelona: Crítica, 2010.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Estudos; 292).

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia**. Trad. Maria José J. G. de Almeida. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental**: princípios e práticas. 9. ed. rev. e amp. São Paulo: Gaia, 2004.

DIAS, Maria Luiza da Costa. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 22 jan. 2019.

DIEGUES, Antonio Carlos Santana. O mito moderno da natureza intocada. 3.ed. São Paulo: USP,2000.

DNIT – **Base georreferenciada - rodovias 2018**. Disponível em: <https://www.gov.br/infraestrutura/pt-br/assuntos/dados-de-transportes/bit>. Acesso em: 24 mai. 2020.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 5. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

ESTEVAM NETO, Cosmo Alves. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 12 jun. 2018.

FARIAS FILHO, Marcelino Silva et al. Área de Proteção Ambiental da Região do Maracanã: desafios e perspectivas de manejo. In: CARVALHO NETA, Raimunda Nonata Fortes (Org.). **Áreas de Proteção Ambiental no Maranhão**: situação atual e estratégias de manejo. São Luís: UEMA; FAPEMA, 2015.

FARIAS FILHO, Marcelino Silva. Caracterização geoambiental da Área de Proteção Ambiental da Região do Maracanã, São Luís- MA. In: FORTES, Raimunda (org.). **Área de Proteção Ambiental do Maracanã**: subsídios ao manejo e à Educação Ambiental. São Luis: FAPEMA; Café e Lápis, 2010. p.15-39.

FARIAS FILHO, Marcelino Silva. **Conselho Consultivo da APA de Maracanã.** WhatsApp: Grupo CONAM, 2017.

FEITOSA, Antonio Cordeiro. Controvérsias na denominação da Ilha do Maranhão: uma contribuição ao ensino da Geografia. **Geonordeste**, ano IV, n. 1, p. 71-76, 1987.

FEITOSA, Antonio Cordeiro. Relevo do Estado do Maranhão: uma nova proposta de classificação topomorfológica. **Anais do VI Simpósio Nacional de Geomorfologia**, p. 1 - 11. Goiânia: IAG/UGB, 2006.

FERRAZ NETA, Raimunda da Silva. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 26 fev. 2019.

FERRAZ NETA, Raimunda da Silva. **Trecho de entrevista concedida à TV Mirante no âmbito da reportagem "Moradores denunciam o assoreamento de nascentes na zona rural de São Luís"**. São Luís, 08 ago. 2017. Disponível em: http://g1.globo.com. Acesso em: 22 set. 2017.

FERRAZ, Odelina Lima. **Conselho Consultivo da APA de Maracanã.** WhatsApp: Grupo CONAM, 2017.

FERRAZ, Odelina Lima. **Conselho Consultivo da APA de Maracanã.** WhatsApp: Grupo CONAM, 2018.

FERRAZ, Odelina Lima**. Conselho Consultivo da APA de Maracanã.** WhatsApp: Grupo CONAM, 2017.

FERRAZ, Odelina Lima. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 12 ago. 2019.

FERRAZ, Odelina Lima. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 12 ago. 2020.

FEREIRA, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: 1986.

FERREIRA, Joidinaldo dos Prazeres. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 17 jan. 2019.

FERRETI, Sérgio. **Tambor de Crioula**: ritual e espetáculo. 3.ed. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002.

FRANÇA, Aureane. **Conselho Consultivo da APA de Maracanã.** WhatsApp: Grupo CONAM, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 27 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Hilza Almeida Barata de. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 12 abr. 2018.

FUNDACEN et al. Eh! Boi: Bumba meu boi do Maranhão (vídeo). Rio de Janeiro: FUNDACEN; FUNARTE; MINC, 1989. Disponível em: Acesso 02 mai 2019.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico e Científico Editora S. A., 1989.

GIOVANNI, Geraldo di; NOGUEIRA, Marco Aurélio (Orgs). **Dicionário de Políticas Públicas**. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP; FUNDAP, 2015.

GODOY, Arialda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995.

GONÇALVES, Zeneide Algarves. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 15 fev. 2018.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Revisão da Tradução:Suely Rolnik. Campinas, SP: Papirus, 1990.

GUERRA, Antonio Teixeira; GUERRA, Antonio José Teixeira. **Novo dicionário geológico geomorfológico**. 4. ed. Rio deJaneiro: Bertrand Brasil, 2005.

GUIMARÃES, Maria Carminda Arruda. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 31 jan. 2018.

HALLEY, Bruno Maia. Bairro rural/ bairro urbano: uma revisão conceitual. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, v.18, n.3, p.577-593, 2014.

HASSLER, Márcio Luís. A importância das Unidades de Conservação no Brasil. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 17, n. 33. p. 79-89, dez. 2005.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** (Parte I). Trad. de Márcia de Sá Cavalcante. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. (Coleção Pensamento Humano).

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad. Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HOLZER, Werther. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015. (Estudos; 292).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao>. Acesso em: 04 ago. 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estado do Maranhão – Geomorfologia** (Mapa/ 2012). Disponível em: <http://dowloads.ibge.gov.br>. Acesso em: 31 jul. 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estado do Maranhão – Geologia** (Mapa/ 2013). Disponível em: <http://dowloads.ibge.gov.br/dowloads_geo-ciencias.htm>. Acesso em: 31 jul. 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativa da População 2016**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/extras/perfil>. Acesso em: 04 ago. 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malha municipal 2018**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 23 jun. 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malha municipal digital da divisão político-administrativa brasileira 2019**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas territoriais>. Acesso em: 24 mai. 2020.

IEMA – Instituto Estadual do Maranhão. **Redes**. Disponível em: <http://www.iema.ma.gov.br/rede/>. Acesso em 18 mai. 2020.

INCID – Instituto de Cidade, Pesquisa e Planejamento Urbano e Rural. **São Luís**: mapa de bairros e povoados 2019. Disponível em <https://www.agenciasaoluis.com.br/site/arquivodacidade/2253> Acesso em: 26 mai. 2020.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Bens registrados**. Disponível em: <http//:portal.iphan.gov.br>. Acesso em 28 set. 2018.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Tambor de Crioula do Maranhão**. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/63/> Acesso em: 25 mai. 2020.

JACOBS, Jane Butzner. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução de Carlos S. M. Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Jornal O Estado do Maranhão. **Memória de um "Guriatã"**. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2017/01/17/memoria-de-um-guriata/>. Acesso em: 09 nov. 2020.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LEMON, James T. The urban community movement moving toward public households. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. (ed.). **Humanistic geography**: prospects and problems. Chicago: Maaroufa Press, p.319 - 337.

LIGIÉRO, Zeca. **Iniciação à Umbanda**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

LIMA FILHO, Francisco Moreira. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 17 jan. 2019.

LIMA, Ana Rosa Frazão. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 01 jun. 2018.

LIMA, Euges. Centenário de Rosa Mochel (1919/2019). **O Imparcial**, São Luís, 29 mai. 2019. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/colunas/euges-lima/centenario-de-rosa-mochel-1919-2019/>. Acesso em: 18 mai. 2020.

LOPES, Afonso Henriques de Jesus. **Análise preliminar das Áreas de Proteção Ambiental – APA's – do Estado do Maranhão**. 1996. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 1996.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982. p. 103-141.

LYNCH, Kevin. **What time is this place?.** Cambridge: MIT, 1972.

MACEDO, Lucio Antonio Alves de. Controle ambiental do Golfão Maranhense. **Revista DAE**. São Paulo, v. 49, n. 155, abr/ jun, p. 91 - 97, 1989. Disponível em: <http://www.revistadae.com.br>. Acesso em: 31 jul. 2017.

MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. Meio Ambiente: percepções, atitudes e valores. **Geografia**. v. 14, n. 28, p. 136-138, out. 1989.

MACHADO, Lucy Marion Calderini Philadelpho. Percepção de paisagem e conflitos sociais na Serra do Cubatão, SP. **Boletim de Geografia**, v. 8, n. 1, p. 41-52, 25 Jan. 2011.

MARANDOLA Jr. Eduardo José; MELLO, Leonardo Freire de. Abordagem do Lugar no planejamento urbano. **Geografares**, n.7, 2009, p.63 - 76.

MARANDOLA Jr., Eduardo José. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Estudos, 302).

MARANDOLA Jr., Eduardo José. Prefácio. In: TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência: Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

MARANHÃO. Decreto 12.103 de 1º de outubro de 1991. Cria, no Estado do Maranhão, a Área de Proteção Ambiental da Região do Maracanã, com limites que especifica e dá outras providências. **Diário Oficial [do] Estado do Maranhão,** Poder Executivo, São Luís, 01 out. 1991. Ano LXXXV, n. 189.

MARANHÃO. Portaria SEMA nº 052, de 16 de junho de 2014. Institui o Conselho da Área de Proteção Ambiental do Maracanã. **Diário Oficial [do] Estado do Maranhão,** Poder Executivo, São Luís, 30 jun. 2014. Ano CVIII, n. 123.

MAUS. M. **Manual d´ Ethnographia**. Paris. Payot, 1967.

MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário; INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Identificação dos Projetos de Assentamentos de Reforma Agrária**: tipo, distância, famílias e área. Período de informação: 01/01/1900 até 07/07/2015. Brasília: MDA, 2015.

MELLO, João Baptista Ferreira de. A humanização da natureza - uma odisseia para a (re)conquista do paraíso. In: MESQUITA,O.V.; SILVA, S.T. (Coords.) **Geografia e questão ambiental.** Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Em defesa do indivíduo nos estudos geográficos. *In*: **Anais do I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, v. II**. Rio Claro: UNESP, 1999. Disponível em: <https://neghario.wordpress.com>. Acesso em 22 abr. 2019.

MELO, Giselle Vasconcelos. **Análise das percepções dos organizadores e participantes da Festa da Juçara no Maracanã - MA**. 2015. 136f. (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, 2015.

MENDES, Conceição de Maria. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 03 mar. 2018.

MENDES, Humberto Barbosa. **Bumba Boi Maracanã**: belas como toadas – 2011 (CD). Disponível em:<https://m.youtube.com/canaldohobedao>. Acesso em 20 mai. 2019.

MENDES, Humberto Barbosa. **Bumba Boi Maracanã**: touro negro no reino de Guaré – 1996 (CD). Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=WyZjn0-anCU>. Acesso em 27 mai. 2020.

MENDONÇA, Jane Karina Silva. **Uso sustentável de espécies de palmeiras da APA da Baixada Maranhense para controle e recuperação de áreas degradadas por erosão**. 2006. 79f. Dissertação (Mestrado em Sustentabilidade de Ecossistemas) – Universidade Federal do Maranhão, 2006.

MERLEAU- PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Coleção Tópicos).

MERLEAU- PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. (Biblioteca do pensamento moderno).

MONTELLO, Josué. **Os tambores de São Luís**. Ed. especial. São Luís: Edições SECMA/ CCJM, 2019 (volumes 1 e 2).

MORAES, José Benedito Silva. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 09 mar. 2018.

MORAIS, Maria Cláudia. Querido Maracanã (poesia). In: FERRAZ NETA, Raimunda da Silva; FERRAZ, Odelina Lima (Orgs). **Maracanã**: sua história em música, versos e lendas (roteiro de espetáculo teatral). São Luís, 2019 (não publicado).

MTPA – Ministério dos Transportes, Portos e Aviação Civil; UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina; LABTRANS - Laboratório de Transportes e Logística. **Plano Mestre do Complexo Portuário do Itaqui**. Brasília: MTPA, 2018.

MUNTAÑOLA, Joseph. **La arquitectura como lugar**. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.

NASCIMENTO, Antonia Pereira Sobrinho do. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 29 mar. 2018.

NASCIMENTO, José Fernando Baldez do. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 19 jan. 2018.

NASCIMENTO, José Fernando Baldez do. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 19 jan. 2019.

NEVES, Dalcy Maria Baldez. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 15 fev. 2018.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **Genius Loci**: towards a phenomenology of architecture. New York: Rizzoli International Publications, 1980.

NOUSS, Alexis. **Pensar o exílio e a migração hoje**. Tradução de Ana Paula Coutinho. Porto: Afrontamento, ILCML-FLUP, 2016.

NUNES, João Osvaldo Rodrigues. **Práxis geográfica e suas conjunções**. 2014. 150 f. Tese de Livre-Docência – UNESP/ Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, SP, 2014.

OLACEFS - Organiz. Latino-Americana e do Caribe de Entidades Fiscalizadoras Superiores. **Áreas Protegidas América Latina**: auditoria coordenada. Brasília: Tribunal de Contas da União; Contraloría General de la República de Paraguay, 2015.

OLIVEIRA, Alda Maria Santos. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 12 jun. 2018.

OLIVEIRA, Filipe de Souza. **Maracanã-verdadeira**. 2017. 1 fotografia, color. Disponível em: <http://www.wikiaves.com/2624517>. Acesso em: 17 nov. 2020.

OLIVEIRA, José Eduardo Freitas de. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 01 jun. 2018.

OLIVEIRA, L. de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Estudos, 302).

OLIVEIRA, Lívia de. Sentidos de lugar e de topofilia. **Revista Geograficidade**, v. 3, n. 2, inverno 2013, p. 91-93.

OLIVEIRA, Ubiranice Coutinho de. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 19 jan. 2019.

OSM – Open Street Map. **Mapa base e dados de OpenStreetMap e Fundação OpenStreetMap**. Disponível em:<https://www.openstreetmap.org>. Acesso em 24 mai. 2020.

PAIXÃO, Maria José. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 01 jun. 2018.

PENHA, João da. **O que é existencialismo**. 16. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2004. (Coleção Primeiros Passos; 61).

PEREIRA, Edilea Dutra; SANTOS, Jorge Hamilton Souza dos; TELES, Thiago Sousa. **Recuperação das áreas degradadas de recarga e descarga do Aquífero Barreiras da sub-bacia do Rio Maracanã (cartilha)**. São Luís: CNPq; UFMA, 2011.

PEREIRA, Júlia Jansen. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 19 jan. 2019.

PEREIRA, Marlene Jansen. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 19 jan. 2019.

PEREIRA, Rosa Maria. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 01 jun. 2018.

PINTO, F. **Umbanda religião brasileira**: guia para leigos e iniciantes. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

PRAZERES, Maria da Glória dos. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 17 jan. 2019.

QUINTAS, José Silva. **Introdução à gestão ambiental pública**. 2. Ed, revista. Brasília:IBAMA, 2006. (Coleção Meio Ambiente. Série Educação Ambiental, 5).

REIS, José Raimundo. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 16 mar. 2018.

REIS, Rosalva de Jesus dos. Ao som das caixas, à sombra da juçareira, entre matracas e pandeirões. In: SEABRA, Giovanni de Farias; PORTUGUEZ, Anderson Pereira (Orgs.). **Turismo sertanejo:** patrimônio cultural e realidade social em comunidades. Ituiutaba: Barlavento, 2014.

REIS, Rosalva de Jesus dos. Cultura e paisagem como potencialidades econômicas na APA do Maracanã. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; NAZCO, Diamiry Cabrera; ESCALONA, Yulianne Pérez (Orgs.). **Turismo, território e patrimônio histórico-cultural**: experiências cubanas e brasileiras na perspectiva da cooperação para a promoção do desenvolvimento local. Ituiutaba: Barlavento, 2015.

RELPH, Edward C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1 - 25, abr. 1979.

RELPH, Edward C. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?**: geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. (Estudos, 302).

RISSO, Luciene Cristina. **Os conceitos de percepção e território como lentes para o entendimento cultural**. Terr@plural, Ponta Grossa, v.8, n.2, p.309-319,jul/dez. 2014.

RODRIGUES, Eliete dos Prazeres. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 31 jan. 2018.

RODRIGUES, Rosa de Fátima Bernardes. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 31 jan. 2018.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ/ NEPEC, 1996. (Coleção Geografia Cultural; v. 1).

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. p. 73 - 99.

ROSENDAHL, Zeny. **Uma procissão na geografia** (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. Disponível em <http://books.scielo.org/id/wy7ft>. Acesso em: 20 jan. 2020.

SÁ, Fábio Marlos Goes de. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 03 mar. 2018.

SÁ, Flávia Maria do Nascimento de. **Conselho Consultivo da APA de Maracanã.** WhatsApp: Grupo CONAM, 2018b.

SÁ, Flávia Maria do Nascimento de. **Conselho Consultivo da APA de Maracanã.** WhatsApp: Grupo CONAM, 2019.

SÁ, Flávia Maria do Nascimento de. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 03 mar. 2018a.

SANTIAGO, Paula Maria Mesquita et al. **Levantamento dos impactos ambientais antrópicos na trilha baluarte da APA do Maracanã em São Luís do Maranhão**. Anais do V CONNEPI. Maceió: IFAL, 2010.

SANTOS, Aldenor Mendes. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 12 jun. 2018.

SANTOS, Ângela Maria Neves dos. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 03 mai. 2018.

SANTOS, Dalvina Azevedo. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 12 jun. 2018.

SANTOS, Hamilton Mendes. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 22 jan. 2019.

SANTOS, Irecer Portela Figueirêdo. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 12 ago. 2019.

SARAIVA, Luís Augusto Ferreira. Ofício de abatazeiros: a experiência da rua e do terreiro. **Revista Calundu**, Brasília, v. 1, n. 2, jul - dez 2017.

SARNEY, Ivan. A bela Festa da Juçara no Maracanã. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 23 nov. 2011. Disponível em: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2011/10/23/a-bela-festa-da-jucara-no-maracana/>. Acesso em: 18 mai. 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **O imaginário**. São Paulo: Ática, 1996.

SCHIFF, Myra R. Considerações teóricas sobre a percepção e a atitude.Trad. de Lucia Helena de Oliveira Gerardi. **Boletim de Geografia Teorética**. Rio Claro, v. 3, n. 6, p. 47-61. 1973.

SEEMANN, Jörn. Entre usos e abusos nos mapas da internet. In: ALMEIDA, Rosangela Doin de (Org.). **Novos rumos da cartografia escolar**: currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo: Contexto, 2014. p. 163 - 175.

SEEMANN, Jörn. Geografia, geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará). **Ateliê Geográfico (UFG)**, v.1, n.1, p.50 - 13, 2007.

SEMA – Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais do Maranhão. **Arquivos digitais de delimitação das Unidades de Conservação estaduais do Maranhão 2010** (não publicado).

SILVA, Armando Corrêa da. **Fenomenologia e Geografia**. Orientação (São Paulo), Instituto de Geografia – Departamento de Geografia – USP, n.7,p.53-56,1986.

SILVA, Déborah Luisa Lucas da. **Conselho Consultivo da APA de Maracanã.** WhatsApp: Grupo CONAM, 2017.

SILVA, Jackgrayce. Dutra Nascimento. **Análise da Área de Proteção Ambiental do Maracanã**: uma contribuição ao seu Plano de Manejo. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2004.

SILVA, Liliane Lopes da. **A importância sócio-ambiental da Festa da Juçara para a comunidade de Maracanã, São Luís - MA**. 2003. 74f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2003.

SILVA, Maria Raimunda Barbosa. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 22 jan. 2019.

SILVA, Polyana Sá Menezes da; DIAS, Luiz Jorge Bezerra: FARIAS FILHO, Marcelino Silva. Geologia e geomorfologia da microrregião da aglomeração urbana de São Luís. In: FARIAS FILHO, Marcelino Silva; CELERI, Marcio José (orgs.). **Geografia da Ilha do Maranhão**. São Luís, MA: EDUFMA, 2015. (Coleção O espaço geográfico maranhense; vol. II).

SILVA, Wesclen Denves Ferreira de; MARTINS, George Walisson Coutinho. **Desenvolvimento do turismo rural na APA do Maracanã**: uma proposta de formação de guias mirins com estudantes do 5º ano da UEB 21 de Abril. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Estadual do Maranhão, 2011.

SOUSA, Antonio Candido. **Os parceiros do Rio Bonito**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

SOUSA, Raimundo Nonato Rodrigues de. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 31 jan. 2018.

SOUZA, Ivan Oliveira. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 12 jun. 2018.

TEIXEIRA, Celso Márcio (Org.) **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Trad. Celso Marcio Teixeira et al. 3 .ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TEIXEIRA, João Batista Rodrigues. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 29 mar. 2018.

TEIXEIRA, Sheila Gatinho; SOUZA FILHO, Pedro Walfir Martins e. Mapeamento de ambientes costeiros tropicais (Golfão Maranhense, Brasil) utilizando imagens de sensores remotos orbitais. **Revista Brasileira de Geofísica**, São Paulo, v. 27, supl. 1, p. 69 - 82, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 31 jul. 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

TUAN, Yi-Fu. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982, p. 143 - 164.

TUAN, Yi-Fu. Place: na experiential perspective. Geographical Review, v. 65, n. 2, p. 151 - 165, abr. 1975.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place**: humanistic perspective. In: GALE, S.; OLSSON, G. (Orgs.) Philosophy in Geography. Dordrecht, Reidel Publ. Co. p. 387 - 427, 1979.

TUAN, Yi-Fu. Space and Place: humanistic perspective. **Progress in Geography**, v.6, 1974, p. 211 - 252.

TUAN, Yi-Fu.**Paisagens do medo**.Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu.**Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VALLE, Naiara Rabelo. **Conselho Consultivo da APA de Maracanã.** WhatsApp: Grupo CONAM, 2019a.

VALLE, Naiara Rabelo. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 12 ago. 2019b.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio; REINALDO, Telma Bonifácio dos Santos (Orgs.). **IHGM - Perfil dos sócios**: patronos e ocupantes de cadeiras. São Luís: IHGM, 2013. (volumes 1 e 2).

VENTURA, Matilde Neta Baldez. **Entrevista concedida a Fabiana Pereira Correia**. São Luís, 15 fev. 2018.

VERGEZ, André; HUISMAN, Denis. **História dos filósofos ilustrada pelos textos**. Trad. Lélia de Almeida Gonzales. 6. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Universitária Freitas Bastos,1984.

WHO – World Health Organization. **WHO Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard**. Última atualização: 21 de novembro de 2020, 3:47 pm CET. Disponível em <https://covid19.who.int>. Acesso em 21 nov. 2020.

WILSON, Edward Osborne. “Biophilia and the conservation ethic”, In: In: Kellert, S. R.; WILSON, E. O. (eds). **The biophilia hypothesis**. Washington, DC: Island Press, Shearwater Books, 1993, pp. 31- 41.

WOOD, Denis. Introducing the cartography of Reality. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. (Orgs.). **Humanistic Geography**: prospects and problems. Chicago: Maaroufa Press, 1978, p. 207 - 219.

WRIGHT, John Kirtland. ***Terrae incognitae***: the place of the imagination in Geography. Association of American Geographers Annals, v. 37, n. 1, Washington: AAG, 1947, p. 1 - 15.

WWF-Brasil. **Unidades de Conservação**: conservando a vida, os bens e os serviços ambientais. São Paulo: WWF-Brasil, 2008.

YORY, Carlos Mario. La topofilia: una estrategia innovadora de desarrollo sustentable para las grandes metrópolis latinoamericanas en el contexto de la globalización. **Anales de Geografia de la Universidad Complutense**, n.21, 2001, p.119 - 136.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro da entrevista aplicada junto a moradores(as) das comunidades

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
CAMPUS DE RIO CLARO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PESQUISA DE DOUTORADO

Sentidos de lugar e geograficidades nas políticas públicas de conservação da Natureza: elucidações a partir da Área de Proteção Ambiental da Região de Maracanã, São Luís - MA, Brasil

Doutoranda: Fabiana Pereira Correia
Orientadora: Profa. Dra. Luciene Cristina Risso

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Público-alvo: Moradores(as)

Data:___/___/_____

Aplicador(a):_____

Localidade:_____

Coordenadas geográficas da residência:

Latitude:_____Longitude:_____

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome:_____

1.2 Endereço:_____

_____

1.3 Telefone:_____

1.4 Data de nascimento: ___/___/_____

1.5 Local de nascimento:_____

1.6 Tempo de residência nesta localidade:_____

1.7 Motivo da mudança para esta localidade:_____

_____

2 DADOS SOCIOECONÔMICOS

2.1 Escolaridade:
( ) Não escolarizado
( ) Ensino Fundamental incompleto
( ) Ensino Fundamental completo
( ) Ensino Médio incompleto

( ) Ensino Médio completo
( ) Ensino Superior incompleto
( ) Ensino Superior completo
( ) Pós-Graduação (Especialização)
( ) Pós-Graduação (Mestrado)
( ) Pós-Graduação (Doutorado)
( ) Outras. Especifique:_____

2.2 Profissão/ ocupação:_____

2.3 Quantidade de pessoas que moram na residência:_____

2.4 Quantidade de pessoas que contribuem com a renda familiar mensal:_____

2.5 Renda familiar mensal:
( ) Menos de 1 salário mínimo
( ) 1 salário mínimo (R$ 954,00)
( ) Mais de 1 salário mínimo. Valor (R$):_____

2.6 Principal fonte de renda familiar:_____

2.7 Fonte(s) de renda extra:_____

2.8 A família recebe algum benefício social (aposentadoria, bolsa família...)?

( ) Sim. Qual(is):_____

( ) Não

3 SENTIDOS DE LUGAR

3.1 O que esse lugar significa para você?

_____
_____
_____
_____

3.2 O que você sente por esse lugar?

_____
_____
_____
_____

4 GEOGRAFICIDADES

4.1 Quais os principais elementos naturais do lugar?

_____
_____

4.2 Utiliza elementos naturais do lugar? Quais?

4.3 Quais as áreas mais importantes do lugar? Por que são tão importantes?

4.4 Gosta de viver neste lugar? Por quê?

4.5 Percebe mudanças ambientais no lugar? Comente.

4.6 Essas mudanças afetam sua vida? Como?

4.7 Quais as principais manifestações culturais do lugar? Participa de alguma? Qual(is)?

3

5 CONSERVAÇÃO DA NATUREZA

5.1 Elementos naturais do lugar são protegidos? Quais?

5.2 Por que esses elementos são protegidos?

5.3 Quem protege esses elementos? Como é feita a proteção?

5.4 Áreas do lugar devem ser protegidas? Quais? Por quê?

5.5 O lugar onde você vive faz parte alguma Área de Proteção Ambiental? Qual(is)?

5.6 O que você sabe sobre Área de Proteção Ambiental (APA)?

5.7 O que você sabe sobre a APA do Maracanã?

5.8 O que você sabe sobre o Conselho Consultivo da APA do Maracanã (CONAM)?

5.9 Participa ou já participou de reuniões ou outras atividades realizadas pelo CONAM?

( ) Sim

( ) Não

5.10 O poder público realiza ações voltadas à proteção da Natureza do lugar? Quais?

5.11 Tem interesse em participar de atividades voltadas à conservação da Natureza do lugar?

6 OBSERVAÇÕES, SUGESTÕES...

TERMO DE CESSÃO DE DIREITOS DE USO CIENTÍFICO E DIDÁTICO DE ENTREVISTAS, IMAGENS E VÍDEOS

Eu _____,
portador(a) da cédula de identidade nº_____, inscrito(a) no CPF sob o nº _____, residente e domiciliado(a) no endereço _____
nº____, bairro_____, município de_____UF____, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de veiculação de minha entrevista, gravada na data de ___/___/_____ para a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, pela pesquisadora Fabiana Pereira Correia, que poderá utilizá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo terceiros a ouvi-la e utilizá-la em citações, ficando vinculado o controle à UNESP, que tem guarda da mesma, assim como das imagens e vídeos em que apareço, cuja utilização fica autorizada para fins científicos e didáticos.

São Luís-MA, ___ de _____ de _____.

_____
(assinatura)

APÊNDICE B – Roteiro da entrevista aplicada junto a conselheiros(as) do CONAM

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
CAMPUS DE RIO CLARO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PESQUISA DE DOUTORADO

Sentidos de lugar e geograficidades nas políticas públicas de conservação da natureza: elucidações a partir da Área de Proteção Ambiental da Região de Maracanã, São Luís - MA, Brasil

Doutoranda: Fabiana Pereira Correia
Orientadora: Profa. Dra. Luciene Cristina Risso

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Público-alvo: Conselheiros e Conselheiras do CONAM
Data: 12/08/2019
Aplicadora: Fabiana Pereira Correia

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO(A) CONSELHEIRO(A)

1.1 Nome:
1.2 Instituição:
1.3 E-mail:
1.4 Telefone:

2 QUESTÕES

2.1 Na atuação do CONAM (biênio 2017 - 2019) foram considerados aspectos como significados, valores, atitudes, sentimentos, emoções e outras essências humanísticas atinentes às relações geográficas entre habitantes e lugares integrantes da APA? Caso a resposta seja afirmativa, especifique como isso ocorreu. Se a resposta for negativa, fale sobre as possíveis causas.

2.2 Considera importante que, em suas atuações, o CONAM atente para essências humanísticas geográficas (significados, valores, atitudes, sentimentos, emoções e outras relacionadas a lugares, paisagens territórios, etc.)? Justifique.

2.3 Incluir o trabalho com essências humanísticas geográficas poderia ajudar a melhorar a gestão participativa da APA? Justifique.

2.4 Quais as suas sugestões para que, na gestão participativa da APA, sejam contempladas essências humanísticas geográficas?

3 OBSERVAÇÕES, SUGESTÕES...

APÊNDICE C – Roteiro da entrevista aplicada junto à gestora da APA de Maracanã

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
CAMPUS DE RIO CLARO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PESQUISA DE DOUTORADO

Público-alvo: Gestor(a) do território protegido
Data:___/___/_____
Aplicador(a): Fabiana Pereira Correia
Órgão gestor do território protegido: Secretaria de Estado do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais do Maranhão - SEMA
Setor responsável pela gestão do território protegido: Superintendência de Biodiversidade e Áreas Protegida (SBAP)/ Supervisão de Gestão de Unidades de Conservação (SGUC)

1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO
1.1 Nome do(a) gestor(a):
1.2 Cargo:
1.3 Exerce o cargo desde:
1.3 Matrícula:
1.4 Telefone:
1.5 E-mail:

2 QUESTÕES

Acerca da gestão da APA da Região de Maracanã:

2.1 Considera relevante incluir significados, sentimentos, emoções, valores e atitudes relacionados ao lugar em processos atinentes à gestão do território protegido? Justifique.

2.2 Nos instrumentos de gestão foram contemplados fatores ligados às relações intrínsecas entre as pessoas e os lugares onde vivem? Se a resposta for afirmativa, especifique. Caso seja negativa, justifique.

2.3 Foram trabalhados aspectos inerentes aos significados dos lugares para as pessoas que vivem no território protegido? Se a resposta for afirmativa, especifique. Caso seja negativa, justifique.

2.4 Pesquisas sobre significados, sentimentos, emoções, valores e atitudes no contexto da gestão de territórios protegidos subsidiaram intervenções voltadas à gestão da APA? Caso a resposta seja afirmativa, especifique. Se for negativa, justifique.

3 OBSERVAÇÕES, SUGESTÕES...

APÊNDICE D – Roteiro da atividade aplicada durante o workshop

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
CAMPUS DE RIO CLARO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PESQUISA DE DOUTORADO

WORKSHOP
SENTIDOS DE LUGAR E GEOGRAFICIDADES NA APA DE MARACANÃ*

Participante:_____
Data:___/___/_____Local:_____

1 - Indique um lugar, da região onde você vive, que deve ser protegido em função da importância ambiental:_____
(nome do lugar)

1.1 - Símbolo para o lugar indicado

cole o adesivo aqui

1.2 - Dicas para chegar ao lugar indicado (pontos de referência, etc.):

3 - O que o lugar indicado significa para você?

4 - Por que o lugar indicado deve ser protegido?

5 - Quais as principais ameaças à qualidade ambiental do lugar indicado?

*Atividade integrante da pesquisa de doutoramento "SENTIDOS DE LUGAR E GEOGRAFICIDADES NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA: elucidações a partir da Área de Proteção Ambiental da Região de Maracanã, São Luís - MA, Brasil", desenvolvida por Fabiana Pereira Correia sob orientação da Profa. Dra. Luciene Cristina Risso. A referida pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP/ Câmpus de Rio Claro. Agradecemos a todas as pessoas que estão colaborando com a realização da pesquisa, em especial àquelas que vivem nas comunidades da APA do Maracanã, bem como às instituições que a apoiam e a fomentam, como a UNESP, a UFMA, a FAPEMA, a SEMA e o CONAM.

ANEXO

ANEXO A – Cópias das autorizações para realização de pesquisa científica em Unidade de Conservação

ESTADO DO MARANHÃO
SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS
SECRETARIA ADJUNTA DE RECURSOS AMBIENTAIS
SUPERINTENDÊNCIA DE BIODIVERSIDADE E ÁREAS PROTEGIDAS

SEMA

AUTORIZAÇÃO DE ÓRGÃO GESTOR DE UNIDADE DE CONSERVAÇÃO ESTADUAL

Nº da Autorização	**Nº do Processo SEMA**	**Período de Validade**
022/2018	0169626/2018	Até 1 (um) ano a partir de data de autorização

Objeto
( ) Prosseguimento de Processo de Licenciamento Ambiental
(**X**) Pesquisa Científica
( ) Manejo da Natureza
( ) Atividades Didáticas
( ) Atividades Sócio-Culturais
( ) Visitação

Descrição
PROJETO DE PESQUISA: "Sentidos de lugar e geograficidades nas políticas públicas de conservação da natureza: elucidações a partir da Área de Proteção Ambiental da Região de Maracanã, São Luís – MA, Brasil".

Localização
Área de Proteção Ambiental do Maracanã

Responsável (Pesquisador/Coordenador)
Nome: Luciene Cristina Risso
CPF: ; Nº Identidade:
Endereço:
CEP: Celular: - Email:
Profissão: Docente - Registro no Conselho: não se aplica

Instituição
Nome: Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho / UNESP
Endereço: Av. 24ª, 1515, Bela Vista, Rio Claro, SP - CEP 13506-900
CNPJ/CPF: 48.031.918/0010-15 Telefone: 3526-9000
Setor da Instituição: Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE)/Programa de Pós-Graduação em Geografia

Haverá coleta de material biológico? ( ) SIM (X)NÃO

ORDEM	FAMÍLIA	NOME COMUM	QUANTIDADE

Data e Local da Emissão
São Luís, 20 de Julho de 2018

Autoridade Expedidora (Assinatura e Carimbo)
Talissa Rabelo Moraes
Secretária Adjunta de Recursos Ambientais
Matrícula: 843999-1

Marcelo de Araújo Costa Coelho
Secretário de Meio Ambiente e Recursos Naturais
Matrícula: 840856-0

AUTORIZAÇÃO VÁLIDA SOMENTE SEM EMENDAS OU RASURAS
AS CONDICIONANTES DESTA AUTORIZAÇÃO ESTÃO LISTADAS NO VERSO

1ª VIA: INTERESSADO	**2ª VIA: PROCESSO**	**3ª VIA: ARQUIVO INTERNO**

Esta Autorização encontra-se em conformidade com a Portaria n° 31 do dia 07 de março de 2012 desta SEMA publicada no DOE do dia 22 de março de 2012.

ESTADO DO MARANHÃO
SECRETARIA DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS
SECRETARIA ADJUNTA DE RECURSOS AMBIENTAIS
SUPERINTENDÊNCIA DE BIODIVERSIDADE E ÁREAS PROTEGIDAS

AUTORIZAÇÃO DE ÓRGÃO GESTOR DE UNIDADE DE CONSERVAÇÃO ESTADUAL

Nº da Autorização	Nº do Processo SEMA	Período de Validade
022/2018	0169626/2018	Até 1 (um) ano a partir da d autorização

CONDICIONANTES

1 - Devem ser **enviados a esta Secretaria**, para fins de controle interno e documentação, **cóp dos relatórios da pesquisa** com as imagens capturadas, bem como dos **trabalhos científic publicados** (resumos técnicos, artigos, monografias, dissertações, teses), envolvendo temática associadas às Unidades de Conservação estudadas.

2 - A autorização **não permite o uso de fogo**, **o corte indiscriminado** de galhos e ramos da árvores e a coleta de qualquer material biológico que não esteja previsto no projeto de pesquis apresentado.

3 - Os solicitantes deverão se responsabilizar pela **limpeza do local**, caso haja resíduos e decorrência da execução do projeto;

Esta autorização atende aos preceitos contidos na Lei Federal n.º 9.985, de 18 de julho de 2000, Ar 4º, incisos I, III, X e XI, e na Lei Estadual nº 9.413, de 13 de julho de 2011, Art. 4º, incisos I, III, X e X que dispõem sobre a pesquisa científica e contribuições para a preservação/conservação do componentes bióticos das Unidades de Conservação.

EQUIPE TÉCNICA

Nome	Atuação	RG	CPF
Luciene Cristina Risso	Pesquisadora/Orientadora		
Fabiana Pereira Correia	Pesquisadora		

Data e Local da Emissão	Técnico Responsável pela Análise (Assinatura e Carimbo)
São Luís, 20 de julho de 2018	Ludimila Nathasha da Silva Jansen Supervisora de Estudos e Projetos Aplicados a Conservação Matrícula: 867492-00 Janaina Gomes Dantas Superintendente de Biodiversidade e Áreas Protegidas Matrícula: 807013-03

AUTORIZAÇÃO VÁLIDA SOMENTE SEM EMENDAS OU RASURAS

1ª VIA: INTERESSADO	2ª VIA: PROCESSO	3ª VIA: ARQUIVO INTERNO

Esta Autorização encontra-se em conformidade com a Portaria nº 31 do dia 07 de março de 2012 desta SEMA publicada no DOE do dia 22 de março de 2012.

GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO
SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS
SECRETARIA ADJUNTA DE RECURSOS AMBIENTAIS
SUPERINTENDÊNCIA DE BIODIVERSIDADE E ÁREAS PROTEGIDAS

AUTORIZAÇÃO DE ÓRGÃO GESTOR DE UNIDADE DE CONSERVAÇÃO ESTADUAL

GOVERNO DO MARANHÃO
GOVERNO DE TODOS NÓS

Nº da Autorização	Nº do Processo	Período de Validade
45/2019	1910060001/2019	Outubro de 2019 à Outubro de 2020
☐ Prosseguimento de Processo de Licenciamento Ambiental	☒ Pesquisa Científica	☐ Manejo da Natureza
☐ Atividades didáticas	☐ Atividades Sócio-Culturais	☐ Visitação

Localização

APA do Maracanã

Descrição

PROJETO DE PESQUISA: SENTIDOS DE LUGAR E GEOGRAFICIDADES NAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA: elucidações a partir da Área de Proteção Ambiental da Região de Maracanã, São Luís - MA, Brasil

Responsável (Professor/Coordenador)

Nome: Fabiana Pereira Correia

CPF: | **Nº Identidade:**

Endereço: | **CEP:**

Contato: | **e-mail:**

Profissão: Docente

Instituição

Nome: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"/ UNESP

CNPJ: 48.031.918/0010-15 | **Contato:** (19) 3526-9000

Endereço: Av. 24 A, nº 1515 – Bela Vista – Rio Claro-SP. | **CEP:** 13506-900

Haverá coleta de material biológico? ( ) SIM (X)NÃO

ORDEM	FAMÍLIA	NOME COMUM	QUANTIDADE

Data e Local da Emissão | São Luís, 18 de outubro de 2019.

AUTORIZAÇÃO VÁLIDA SOMENTE COM ASSINATURA ELETRÔNICA

Autorização em conformidade com a Portaria SEMA nº 04 de 16 de janeiro de 2015.
Documento assinado eletronicamente, de acordo com a Portaria SEMA nº 194/2019.

GOVERNO DO ESTADO DO MARANHÃO
SECRETARIA DE ESTADO DO MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS
SECRETARIA ADJUNTA DE RECURSOS AMBIENTAIS
SUPERINTENDÊNCIA DE BIODIVERSIDADE E ÁREAS PROTEGIDAS

AS CONDICIONANTES DESTA AUTORIZAÇÃO ESTÃO LISTADAS NO VERSO

AUTORIZAÇÃO DE ÓRGÃO GESTOR DE UNIDADE DE CONSERVAÇÃO ESTADUAL

GOVERNO DO MARANHÃO
GOVERNO DE TODOS NÓS

Nº da Autorização	Nº do Processo	Período de Validade

CONDICIONANTES

1- Devem ser enviados a esta Secretaria, para fins de controle interno e documentação, **cópia dos relatórios da pesquisa** com as **imagens capturadas**, bem como dos **trabalhos científicos publicados** (resumos técnicos, artigos, monografias, dissertações, teses), envolvendo temáticas associadas à Unidade de Conservação estudada;

2- Esta autorização não permite o uso de fogo, supressão de vegetação e a coleta de qualquer material biológico;

3- Essa autorização tem a validade de **1 (um) ano**, prorrogação para igual período mediante ofício de solicitação e recebimento por parte desta SEMA dos resultados parciais da pesquisa em curso.

Esta autorização atende aos preceitos contidos na Lei Federal n.º 9.985, de 18 de julho de 2000, Art. 4º, incisos I, III, X e XI, e na Lei Estadual nº 9.413, de 13 de julho de 2011, Art. 4º, incisos I, III, X e XI, que dispõem sobre a pesquisa científica e contribuições para a preservação/conservação dos componentes bióticos das Unidades de Conservação.

Em face da implementação do nosso banco de dados, os resultados alcançados, adicionalmente, deverão ser tabulados e apresentados em mídia digital, no formato de planilha eletrônica (.xls, .xlsx, ou .ods).

EQUIPE TÉCNICA

Nome	Atuação	RG	CPF
Fabiana Pereira Correia	Proponente		
Luciene Cristina Risso	Orientadora		

Data e Local da Emissão	São Luís, São Luís, 18 de outubro de 2019.

AUTORIZAÇÃO VÁLIDA SOMENTE COM ASSINATURA ELETRÔNICA

Autorização em conformidade com a Portaria SEMA nº 04 de 16 de janeiro de 2015.
Documento assinado eletronicamente, de acordo com a Portaria SEMA nº 194/2019.